

Pe. Leão Dehon

# Memórias

(Notes sur l'histoire de ma vie)

Vol - III

Outubro 1865 - Outubro 1869

Edições Noviciado

# Aveiro 2008

Introdução e notas

de

Pe. Giuseppe Manzoni, scj

-

Versão portuguesa

de

Pe. Ângelo Caminati, scj

## **Apresentação à edição portuguesa**

O Pe. Ângelo Caminati, nos seus tempos de vida "semi-anacorética" junto ao Santuário de Nossa Senhora da Rocha, em Carnaxide, ocupou parte do tempo na tradução para português das "*Notes sur l'histoire de ma vie*", escritas pelo nosso Fundador, o Venerável Pe. Leão Dehon. Pedi-lhe que me cedesse o trabalho. Os noviços lançá-lo-iam no computador, em ordem a uma possível e desejável publicação. Ao mesmo tempo aproveitariam para contactar com uma das mais interessantes obras manuscritas do Pe. Dehon. O Pe. Ângelo entregou-me cerca de duzentos cadernos, escritos à mão por ele, com as traduções. De 1996 a 2000, vários grupos de noviços, nos tempos livres, foram lançando os textos no computador. Ainda em 2000, o então noviço Victor Silva fez o tratamento informático do texto e, com a minha colaboração, a revisão do mesmo, uma revisão muito apressada. A 1 de Setembro do mesmo ano, saiu uma edição provisória. Começando a usar o texto, verifiquei que havia muitos erros e que faltava mesmo, aqui e ali, alguma linha ou parágrafo. Em 2005, pedi ao Pe. António Correia que fizesse uma nova revisão do texto, comparando-o com o original editado pelo Centro Geral de Estudos. O Pe. António fez essa revisão que, informaticamente tratada pelo noviço Antonino Gomes de Sousa, é agora publicada, apesar de subsistirem alguns erros ortográficos, que o computador nem sempre detecta, e mesmo outros de tradução de certas palavras e expressões, nem sempre facilmente traduzíveis. À espera que alguém, com mais tempo e melhor capacidade faça a revisão, à espera que o Centro Geral de Estudos faça uma nova edição crítica da obra, já anunciada, sai mais esta edição provisória, em português. Oxalá sirva àqueles que estão interessados em conhecer "pessoalmente" o Pe. Dehon, e não apenas pelas biografias escritas ou a escrever. Oxalá o Conselho Provincial possa incluir, na sua programação para os próximos anos, uma edição mais cuidada. Os religiosos dehonianos portugueses, ou de língua oficial portuguesa, poderão ler, com maior facilidade e proveito, esta obra tão interessante para conhecermos a caminhada humana e espiritual do Pe. Dehon, bem como os inícios da Congregação.

Aveiro, 12 de Agosto de 2008.

Pe. Fernando Fonseca, SCJ  
Mestre de Noviços

## Introdução

O 5º período da vida do Pe. Dehon abrange os seus anos de estudos no Seminário francês de Santa Chiara em Roma (1865-1871)

Tinha-se decidido por Santa Chiara a seguir à audiência de Pio IX (Junho de 1865) e escreveu nas suas Memórias: "*Agora já era feliz, sentia-me em paz.*" (IV, 98). Agora que começa a sua vida de seminarista (25 de Outubro 1865) num "*velho edifício, com o interior escuro e triste*", Leão Dehon declarava-se feliz. O seu quarto era pequeno, nu, num sótão por baixo do telhado; a cama era dura, mas ele era feliz (IV, 123). Realizava finalmente a sua vocação: entregar-se totalmente a Deus no sacerdócio.

O fim deste importante período da vida do Pe. Dehon será cheio de alegria para todos, mesmo para os seus pais que se tinham oposto, de todos os modos, à sua entrada no Seminário. A sua ordenação sacerdotal será iluminada pelo regresso do pai à prática religiosa (Cf. VI, 82).

É com grande fervor que o jovem seminarista segue os Exercícios Espirituais pregados pelo P. Rubillon, Jesuíta (Cf. IV, 124-138). Experimenta sensações profundas que nunca mais se repetirão em outros retiros da sua vida (IV, 138). Todavia os Exercícios de S. Inácio têm certos aspectos que não estão em harmonia com as exigências espirituais profundas do jovem seminarista. Eles deixam passar dias demais antes de falar no amor de Deus (IV, 125)

Assim aparece já a espiritualidade dehoniana bem típica, tal como foi sintetizada numa fórmula feliz pelo cónego Cristiani: "*O Pe. Dehon nunca amou outra coisa se não o coração*", o coração o Homem e sobretudo o Coração de Cristo. (L. Cristiani, *Le Père Dehon*, pág. 6)

O ambiente do Seminário francês é excelente sob todos os pontos de vista, quanto a superiores e quanto a discípulos. Pensemos no mal-estar que Leão Dehon experimentara no Instituto Barbet de Paris (cf. I, 32rº- 32vº)! Aqui renova-se, mas com mais maturidade, a experiência espiritual e intelectual de Hazebrouck (cf. I, 13rº-30vº).

Os estudos no Colégio Romano são sérios; os professores, em geral, são excelentes (cf. IV, 148-159), mesmo se L. Dehon não poupa as suas críticas negativas ao

método seguido nos estudos da teologia dogmática (cf. V, 53-57), à casuística e aos manuais da teologia moral (cf. V, 62-63).

L. Dehon estuda com zelo e tem resultados excelentes. Além dos numerosos prêmios, menções honrosas e *accessit*<sup>1</sup>, é admitido ao doutoramento em Filosofia, no dia 25 de Julho de 1866, em Teologia, no dia 1 de Junho de 1871, no Colégio Romano, e a 24 de Julho de 1871 alcança no Apollinare o doutoramento em Direito Canónico; isso aparece numa carta escrita a seus pais em 25 de Julho de 1871: "*Fiz ontem, com sucesso, o meu último exame. Hoje, descanso...*" O dia 23 de Julho de que falam as Memórias, sendo um Domingo (NHV IX, 35), não podia ser dia de exame. É uma falha que escapou ao Pe. Dehon.

Chegado a este ponto, seria natural pronunciar-se sobre a cultura, a mentalidade e os pontos de vista que o Pe. Dehon tinha no fim do seu Seminário e que iria conservar durante toda a vida. Contudo, não se deve nunca esquecer que o Pe. Fundador começou as suas Memórias (*Notes sur l'histoire de ma vie*) aos 43 anos, exactamente a 3 de Março de 1886 (cf. NQ III, 10). Se, por exemplo, partilhámos plenamente da sua crítica bastante dura contra o racionalismo (cf. NHV IV, 151-159), é preciso então dizer o seguinte: se ele condena duramente Descartes (cf. NHV IV, 151-159), não pode salvar Francisco Bacon pela simples razão de que tem algumas palavras de louvor para com a teologia (cfr. NHV IV, 158). Estes dois filósofos estão na origem do nefasto e presunçoso individualismo filosófico moderno, que causou tantos prejuízos à cultura e à vida humana.

Compartilhamos a admiração do Pe. Dehon pela Idade Média, época de grande cultura e possuidora duma arte maravilhosa, época animada por um profundo espírito cristão. Embora com os seus defeitos, essa época está longe de ser uma idade de obscurantismo e de barbárie como a caluniou uma certa crítica de origem alemã (protestante), repetida pela crítica maçónica e liberal dos países latinos.

Por outro lado, é-nos difícil aceitar os juízos do Pe. Dehon sobre a Renascença, definida duma maneira demasiado superficial e unilateral, como pagã. Esta ideia está enraizada no Pe. Dehon desde os seus estudos universitários em Paris (cf. NHV 5r<sup>o</sup>-7v<sup>o</sup>) e torna-se uma aversão à Renascença, sobretudo italiana (cf. NHV II, 64r<sup>o</sup>- 64v<sup>o</sup>; 78r<sup>o</sup>-78v<sup>o</sup>; 83V<sup>o</sup>; etc...).

---

<sup>1</sup>Nt. *Accessit*, palavra latina que significa "entrou, foi aprovado"; é o verbo que deu *aceder*, e o substantivo "acesso" = entrada.

Salvam-se, pela tangente, as primeiras obras da Renascença que estão ainda impregnadas de espírito cristão (cf. NHV V, 88-89; 97); mas para ele, já Rafael e Miguel Ângelo abrem o caminho à decadência do espírito cristão; eles estão seduzidos pela beleza pagã (cf. NHV V, 89 e 90) e, com pouquíssimas exceções, eles são pagãos na sua arte (cf. NHV V, 86-96; V, 105-106). Estas apreciações do Pe. Dehon derivam certamente do seu espírito profundamente cristão; na sua crítica da arte, ele é também influenciado pelas doutrinas contemporâneas do Romantismo.

Estas são explicações que não entendem justificar, mas fazer compreender a mentalidade do Pe. Dehon. A complexidade da cultura e da arte da Renascença escaparam ao Pe. Dehon e não ele não é o único. Seria interessante discutir sobre estes aspectos da cultura e da mentalidade do Pe. Dehon; não é este o momento. O leitor que se interessasse por isso poderia consultar o estudo publicado na Dehoniana 1, Jan. 1978 (nº 1 para a edição polaca). O título do artigo é: "*Uma certa mentalidade! - Aspectos culturais do Pe. Dehon - Os nossos juízos e os seus*".

Para a personalidade do jovem Leão Dehon um amadurecimento se vai fazendo, à medida em que ele vai assumindo os cargos inerentes à sua vocação sacerdotal; recebe a tonsura e as ordens menores no seu 2º ano de seminário, o sub-diaconado no 3º; a sua vida espiritual aprofunda-se e caracteriza-se por uma união de amor sempre mais íntima com Deus, por uma alegria e uma paz que se reflectem para o exterior. Ele sente agora que a entrega total da sua vida ao serviço de Deus é a condição da plena liberdade.

Relembrando a tonsura, ele escreve: "*Eu recebia demasiadas graças e luzes para ter a mínima dúvida sobre a minha vocação; sentia uma verdadeira sede de pureza, de oração, de vida interior, de união com Deus*" (V, 66) e conclui "*Meu Deus, renovai cada dia em mim as graças desse belo dia de 22 de Dezembro de 1866*" (V, 68).

Para as ordens menores Leão Dehon revela-nos que abriu "*com fé e simplicidade*" a sua alma "*às graças especiais de cada ordem*" (V 68). Com o acolitado, parece-lhe ter recebido em especial com o cargo de apresentar "*o pão e a água para o sacrifício*", com o consequente compromisso de se oferecer a si mesmo "*em sacrifício a Deus pela castidade da sua vida e pelas suas boas obras... alguma coisa do que seria mais tarde a graça especial da (sua) vocação religiosa*" (V 69).

Também o sub-diaconato é um "*grande dia... o 21 de Dezembro de 1867 foi um dos mais belos e dos melhores dias da minha vida. Eu entregava-me a Nosso Senhor*

*para sempre pelos compromissos do sub-diaconato*” (V 131). Ele descreve assim o estado da sua alma: *“Dia de felicidade e de alegria pura. Começo duma verdadeira liberdade. Servia a Deus é reinar”* (V 131). *“ Pax! Pax! Antes de mais nada, conservar a paz do coração”* (V 129).

Já agora Leão Dehon sentia que tinha realizado o ideal da sua vida, embora a realização plena venha somente com o sacerdócio e com a vida religiosa.

Nos 5º e 6º cadernos das suas Memórias (NHV) o Pe. Dehon transcreve longas citações dos dois primeiros cadernos do seu diário (N.Q.) cujos originais não possuímos porque o próprio autor os destruiu.

Para estes cadernos e para o problema da autenticidade das duas ou três transcrições feitas pelo Pe. Dehon, o leitor pode referir-se ao grande estudo crítico feito pelo Pe. Vassena, SCJ, e que se encontra no início do primeiro volume das *Notes quotidiennes* (Centro studi generali, Roma, 1975) pp. III, L; pode também consultar a *"Synopsis Comparative"* dos dois primeiros cadernos do Diário (N.Q.), redigido pelo mesmo autor, com cuidado, paciência e carinho (Synopsis comparative, CGS, Roma, 1975).

Os pensamentos espirituais de Leão Dehon não brilham pela originalidade. Podemos até ficar decepcionados se os abordamos unicamente do exterior, como pesquisadores e historiadores.

Se, pelo contrário, os penetrarmos desde o interior, vitalmente, como o Pe. Dehon os sentiu e os escreveu, então a figura espiritual do nosso Fundador começa a formar-se aos nossos olhos e veremos aparecer igualmente a espiritualidade de que ele viveu desde o Seminário e se tornará a espiritualidade da nossa Congregação. Por isso mesmo, ele próprio afirma que os anos de Seminário em Santa Chiara foram, no desígnio divino, um longo noviciado em que o Espírito Santo o preparava à sua missão e ao seu carisma de Fundador dos Sacerdotes do Coração de Jesus.

*Pe. Giuseppe Manzoni, S.C.J.*

Roma, 8 de Setembro de 1977



## **Cronologia da vida do Pe. Dehon**

1865 = 14 de Outubro: partida de La Capelle

25 de Outubro: chegada a Roma

1866 = 25 de Julho: doutoramento em Filosofia

22 Dezembro: tonsura

23 e 26 de Dezembro: ordens menores

1867 = 21 de Março: profissão na 3ª Ordem Franciscana;

21 de Dezembro: sub-diaconado

1868 = 6 de Julho: diaconado

19 de Dezembro: sacerdócio

20 de Dezembro: 1ª Missa em Santa Chiara

1869 = 19 de Julho: 1ª Missa solene em La Capelle

8 de Outubro: chegada a Roma

### **Abreviações:**

B. - Bem-aventurado/a

Mme - Madame = S<sup>a</sup>- Senhora

N.S. - Nosso Senhor

S. - Santo

S<sup>a</sup>. - Santa

## 5º Período: Roma, 1865-1871<sup>2</sup>

### A VIAGEM

Esta partida marca uma etapa na minha vida. Ela foi terrivelmente comovedora e dolorosa. Era o dia 14 de Outubro. Eu devia passar por Soissons para ver o Bispo Mons. Dours. Os meus bons pais conduziram-me até Nossa Senhora de Liesse, e mesmo até à estação de S. Erme. Custava-lhes tanto separar-se de mim! Parecia-lhes que me perdiam para sempre. Eu ia portanto começar os meus estudos eclesiásticos sob o auspício de Nossa Senhora de Liesse. Rezei com todo o coração aos pés da humilde Virgem negra. No mistério deste santuário fechado pela sua elegante tribuna, sobre a qual se erguem como sentinelas vigilantes os Cavaleiros da lenda<sup>3</sup>. Depois de ter visitado de passagem e de maneira distraída o castelo dos príncipes de Mônaco, em Marchais, fiz as despedidas da minha família / (102) em S. Erme, às quais não faltaram lágrimas amargas. Meu pai e minha mãe choravam; como não teria eu chorado também? E estes adeuses confirmavam, para mim, uns sacrifícios que não se fazem sem quebrantos de alma, mesmo quando a parte superior dessa alma sente uma alegria sobrenatural.

### REIMS

Eu ia a Soissons por Reims. Extasiei-me diante da mais bonita das nossas catedrais. Admirei os seus três pórticos delicadamente perfurados, escultura impregnada de uma devoção austera, os seus contrafortes poderosos, e no interior a sua nave harmoniosa embora um pouco estreita, os seus vitrais de cores poderosas, particularmente as rosáceas do transepto.

Na Arquidiocese, visitei a sala nobre da sacração e travei conhecimento com o sábio bibliotecário do cardeal Gousset, o Padre Gauthier, velho bretão de humor alegre e de ciência profunda, amigo do historiador Rohrbacher e seu colaborador. Venerei apressadamente o túmulo de S. Remígio<sup>4</sup> na sua velha basílica romântica, e, desejoso /

---

<sup>2</sup> Nota inicial do tradutor: Este caderno não tem interesse nenhum; seco, árido, confuso, com frases incompreensíveis; longa lista de nomes completamente desconhecidos. Custou-me um martírio chegar ao fim!...

<sup>3</sup> Cf. Dictionnaire des noms propres, Notre-dame de Liesse, santuário do Laonês (Laon.), frequentado como meta de peregrinação por Leão Dehon e sua família.

<sup>4</sup> Nt S. Remígio, em Latim Remiguus, remador, deu o nome à cidade de Reims

(103) de fazer reviver na minha fantasia a velha cidade galo-romano, procurei-lhe os restos na porta de Marte, no mosaico dos passeios e no túmulo de Jovim<sup>5</sup>. À noite chegava a Soissons onde, em casa do Sr. Demiselle, recebi uma amável hospitalidade.

### SOISSONS

A catedral de Soissons é uma construção perfeita, simples e austera como as construções do séc. XII. O seu transepto semi-circular com dois andares de galerias é tão harmonioso como original! Ela encerra algumas obras de arte: No altar-mor, a adoração dos pastores, quadro da juventude de Rubens; na nave, Cristo que dá as chaves a S. Pedro, de Filipe de Champagne, tela expressiva e bem desenhada, mas fria nas cores; no transepto, a estátua de Mons. de Simony, obra finíssima de Foyatier.

Depois da função religiosa, fui ao paço episcopal; Mons. Dours recebeu-me com amabilidade. Estava ocupado em vigiar os operários que transformavam um celeiro em capela. Recomendou-me o estudo da teologia moral; achava / (104) que em Roma a transcuravam; falou-me dum vago projecto, que ele desejava expor aos seus colegas, de enviar alguns seminaristas estudar nas Universidades alemãs, donde regressariam bem preparados, pensava ele, para combater as objecções que a impiedade contemporânea tirava da exegese, das ciências naturais e das línguas orientais. Almocei com o P. Péronne, douto cónego e futuro bispo.

Soissons é rica em monumentos e recordações. - Visitei rapidamente as graciosas flechas de S. João das Vinhas, o antigo colégio de S. Léger, as ruínas de um teatro romano no jardim do Seminário e a sede da antiga generalidade<sup>6</sup> que se tornou Paços do Conselho. À noite, estava em Paris.

### DE PARIS A DIJON

Apenas atravessei Paris onde, aliás, imperava a cólera. Apesar da epidemia, a cidade parecia animada. Trabalhava-se activamente no novo Louvre e na avenida da Ópera.

---

<sup>5</sup> S. Jovin ou Juvín. Deste Santo, honrado no baixo vale de Aire (Ardenas), é muito difícil dizer alguma coisa de razoável. Conhecem-se duas tradições lendárias: uma só coisa parece provável: Juvín teria sido pastor e eremita no lugar mesmo onde, à volta do seu túmulo, surgiu a aldeia de S. Juvín (Ardenas). Ele foi padroeiro também de outras aldeias: Jumigny (Aisne), Loisy (Marne). Era venerado com um culto especial em S. Timóteo de Reims, onde era conservada uma parte das suas relíquias.

<sup>6</sup> A "generalidade" era a repartição administrativa essencial do Antigo Regime (Impostos, etc.).

Palustre ia acompanhar-me até à Sabóia. Ele já conhecia / (105) grande parte de França; iríamos visitar juntos o Jura.

Vamos até Dijon numa etapa só. Primeiro, temos como horizonte os parques e as vilas dos arredores de Paris, depois a planície cultivada da Brie. Reconheço, de passagem, a igreja de Melun, edificada no séc XV, que eu já visitara. Atravessamos a floresta de Fontainebleau para subir depois o vale do Sena até Montereau, depois o de Yonne até a Côte-d'Or. A fachada de S. Estevão de Sens faz-me lembrar a de Amiens. Reconheço Tonnerre, disposta em vários semicírculos e dominada pela igreja de S. Pedro, com a sua bela abside do século XIV. Noto também a sala dos doentes, do século XIII, hoje capela do hospital e o modesto solar do Cavaleiro de Eon junto da estrada. Subimos o vale agreste do Loge para passar por um túnel de 4 quilómetros para a vertente do Mediterrâneo, antes de chegar a Dijon.

## *DIJON*<sup>7</sup>

Dijon é uma pequena capital, / (106) cheia de recordações, de monumentos, de obras de arte. É a pátria de S. Bernardo, de S. Joana Francisca de Chantal, de Bousset, de Lacordaire<sup>8</sup>.

Ao entrar na cidade encontra-se a torre arruinada do velho castelo dos seus duques. Mais adiante fica a estátua de S. Bernardo, num bonito lugar. Fica aí bem: S. Bernardo é a personalidade mais gloriosa de Dijon. No pedestal desta estátua estão alinhados, como satélites, os homens notáveis do século XII: Luís VII, Suger, Eugénio III, Pedro o Venerável.

Dijon é rica em igrejas e monumentos civis. Tem a sua catedral, Notre-Dame, S. João, S. Miguel, S. Felisberto. Tem o palácio dos seus duques e o do seu parlamento. O coro da catedral é digno do século XIII. Notre-Dame é no estilo burguinhão do século XIII. É uma igreja interessante e devota. A sua fachada lisa é ornada com arcaturas sobrepostas por curiosas estatuetas que simbolizam as virtudes e os vícios. Reza-se com gosto nesta igreja, aos pés da Virgem negra, tão venerada pelo Borguinhões. A igreja de S. Miguel é do século XV no seu interior, mas a fachada / (107) é do século XVI. É do arquitecto Sambin, aluno de Miguel Ângelo. Coisa estranha, no pedestal da virgem vêem-

---

<sup>7</sup> Nt Dijon, capital do departamento da Côte-d'Or (Costa de ouro), França, ao norte de Lião. Universidade fundada em 1722, igrejas, museus, palácios desde o sec. XIII. Foi capital do Ducato de Borgonha

<sup>8</sup> S. Bernardo e Lacordaire nasceram no departamento da Costa de Ouro, cuja capital é Dijon.

se as estatuetas de Apolo, de Vénus, de Leda e do Amor. É mesmo a Renascença: que alienação!

O Palácio dos Duques de Borgonha é rico em recordações históricas. A sua fachada é do século XVII. Domina-a uma torre do século XV. Mas o grande interesse do palácio está na sala dos guardas. É aí que se vêem hoje os maravilhosos túmulos dos Duques de Borgonha que estavam outrora na igreja da cartuxa perto da cidade. Os túmulos de Filipe, o Corajoso, de João Sem Medo e da sua esposa, são obras-primas de escultura, de uma delicadeza incrível. Um é do século XIV e o outro do século XV. As estátuas dos príncipes em pedra policromada repousam por cima dos seus sarcófagos. Estes são perfurados em forma de graciosos claustros onde passeiam alguns cartuxos rezando, chorando ou lendo. É uma maravilha de variedade e de finura. Mas, para dizer a verdade, são objectos de Museu / (108) mais do que monumentos religiosos, e a Providência colocou-os no seu lugar enviando-os para este museu.

O Palácio do Parlamento tem um pórtico da Renascença e belas salas do século XV.

Na praça de S. João mostra-se o lugar da casa de Bousset e o solar do espiritual presidente de Brosses.

### *DÔLE*

No dia 18 visitámos Dôle e Besançon. Dôle está graciosamente dispersa numa encosta que domina o rio Doubs. Em frente da cidade desenrola-se o panorama do Maine e do Jura. Dôle não é rica em monumentos. Os cercos que ela suportou no sec. XVI pouparam, apesar de tudo, algumas habitações curiosas da Idade média. A Igreja Notre-Dame é da Renascença.

### *BESANÇON*

Besançon encontra-se numa posição única. Está construída num anel do rio Doubs. A cidadela forma o engaste do anel. Fortalezas construídas sobre os rochedos de cada lado do rio defendem-lhe a entrada. Besançon tem uma muito bela apresentação. É exactamente a antiga pequena capital, séria, / (109) envelhecida e um pouco triste. Besançon, como muitas das nossas velhas cidades gaulesas, tem o seu eixo romano, a Porta Negra. Ela tem recordações religiosas dos primeiros séculos; foi evangelizada

pelos discípulos de S. Ireneu. A sua catedral é mais venerável que bonita; é em grande parte românica. Tem duas ábsides. Tem um gracioso túmulo do cardeal de Rohan, uma ressurreição pintada por Vanloo (Van Loo), um soberbo martírio de S. Sebastião por frei Bartolomeu.

Na avenida central, o palácio dos Granvelle é uma importante obra da Renascença; tem as três ordens clássicas sobrepostas. O museu tem algumas belas telas: um Dürer, o Cristo na cruz; um Ticiano, retrato de Granvelle, pai do Cardinal; Ary Scheffer, o retrato do general Baudrand, uma obra-prima; João Gigoux, a morte de Leonardo da Vinci.

À tarde, íamos a Salins pelos frescos vales do Doubs e do Loire.

### *SALINS*

Salins está agradavelmente situada num valezinho, entre o monte S. André e o monte Belin. É dominada pela igreja de S. Anatólio: / (110) monumento histórico meio gótico, meio românico. A grande curiosidade de Salins, são as suas salinas que nos foi permitido visitar. Vastos subterrâneos abobadados contêm os reservatórios, para onde a água é levada por bombas aspirantes. A água fica salgada sobre estratos subterrâneos de sal-gema. Depois é tratada por evaporação, e deixa depositados belos cristais brancos. As águas-mães são utilizadas para os banhos.

### *O JURA - O LISON*

De Salins à Alésia estávamos em pleno Jura. Vales cobertos de carvalhos é de abetos são enquadrados por altos cumes rochosos. O burgo de Nans dominado pelo seu castelo; está no ponto de encontro de quatro vales pitorescos.

O alto vale do Lison mereceria, só ele, uma viagem; é uma das mais bonitas regiões de França. O Lison corre entre rochedos atormentados. O Manto de S. Cristóvão é uma gruta abobadada no fundo da qual as águas perdidas debaixo do rochedo fazem reboar o ruído de uma cascata. Os Gregos e os Romanos teriam lá colocado alguma maravilhosa Sibila. / (111) O Lison sai em cascata de um pequeno lago situado no fundo dum circo de rochedos. Aí perto, um sorvedouro profundo 300 m, na base do qual há um pequeno lago, parece ser a entrada de algum génio das águas. Estas belezas naturais falavam-me do Criador. Sentia-me feliz por encontrá-las a caminho do seminário.

## ALAISE

No dia 19, visitamos Alaise, que disputa com Alise-Ste-Reine, a honra de ter sido a Alésia de César.

O que é certo é que também aí havia uma cidade romana, uma outra Alésia, bem colocada num planalto isolado à margem do Lison, mas não foi aí que sucumbiu o herói gaulês Vercingétorix, o altivo antagonista de César.<sup>9</sup>

Separei-me de Palustre em Salins para ir sozinho para Roma, mas como turista impenitente, ávido de saborear as belezas da natureza e as da arte, e desejoso de conhecer as recordações da religião e as da história, eu iria visitar ainda no meu caminho Bourg, Chambéry e Turim. / (112)

## BOURG<sup>10</sup>

Bourg tem uma antiga catedral, hoje Igreja de Nossa Senhora, com cadeirais que são uma obra-prima de escultura do século XV. Cada painel representa um santo. Os relevos são expressivos e dinâmicos, cada assento tem uma cabeça grotesca. Era a especialidade do século XV, unir assim o sério e o trivial.

Bourg tem monumentos aos seus grandes homens, a Joubert, a La Lande, a Bichat. A estátua de Bichat é de David d'Angers, e é muito expressiva.

Mas a maravilha de Bourg é a igreja do subúrbio de Brou. É realmente a mais bela obra gótica que o século XVI foi capaz de produzir. É um ex-voto da duquesa Margarida de Sabaia após a cura do seu marido Filipe II. Foi Margarida de Áustria, sua nora que a mandou executar pelos artistas mais hábeis da Europa. - É um verdadeiro museu artístico. O interior é bem proporcionado, muito iluminado, com capitéis nas colunas. / (113)

Entre os restos admiráveis dos vitrais, admirei especialmente na capela da Princesa<sup>11</sup> a venerável cabeça de Deus-Pai, a humilde Virgem e os belos retratos de

---

<sup>9</sup> Alésia, antiga cidade da Gália, capital dos Mandubii, o seu nome em céltico significa provavelmente "o rochedo": é a actual Alise-Sainte-Reine (Côte-d'Or). Hesitou-se durante muito tempo, para localizar Alesia, entre Alaise (Doubs) e Alise-Sainte-Reine (Cote-d'Or). As escavações efectuadas entre 1861 e 1865, por ordem de Napoleão III, por Stoffel, à volta do monte Auxois, em Alise-Sainte-Reine, não podem deixar dúvidas. - Sainte Reine (em latim Sancta Regina), mártir (+ por volta de 250) ao tempo de Décio.

<sup>10</sup> É Bourg-en-Bresse, capital do departamento do Ain.

<sup>11</sup> -Margarida de Áustria, viúva do duque de Saboia Filiberto o Belo, Fez construir a igreja de Brou, de 1513 a 1532, no estilo gótico flamejante muito ornamentado, em memória do seu marido. (NT- A igreja e o mosteiro superam



Filiberto o Belo e de Margarida de Áustria. Os três túmulos do coro valem, quanto à escultura, as obras dos mestres florentinos do século XVI. Filiberto o Belo, em especial na postura da morte, está cheio de realismo, de sentimento e de naturalidade. Os génios que levam os emblemas do príncipe e da princesa têm uma grandeza e uma graça encantadoras. Os ramos e folhas nos dósseis que protegem as princesas são duma delicadeza rara.

Diante do alpendre da igreja um relógio solar desenhado sobre o chão é uma obra-prima de cálculo. O espectador serve de ponteiro, colocando-se num círculo inscrito e num ponto diferente para cada mês. O mosteiro anexo é agora um seminário.

Eu voltaria a ver Bourg várias vezes onde tive boas e edificantes relações com o Superior do seminário, o P. Perretant, fundador de uma associação de padres e de piedosas Irmãs da Visitação, favorecidas com graças extraordinárias, que fundaram a obra da Guarda-de-honra do S. Coração.

#### *CHAMBERY*

O interesse principal de Chambery está na sua admirável posição na ribeira do Laisse. A cidade ocupa todo a vale e sobe mesmo um pouco pelas encostas. Ao sul, está o subúrbio dominado pelo convento de Lémenc. Ao norte, o castelo eleva-se sobre a cidade. Ele conservou quatro torres quadradas da sua cerca. A velha morada dos Duques de Sabóia foi substituída por um palácio moderno que serve de prefeitura. A capela conservou a sua ábside ogival do século XVI virada para a cidade da qual é o mais gracioso monumento. A catedral do século XVI é insignificante, as suas abóbadas estão pintadas no género italiano. O monumento do general de Boigne, com as suas cabeças de elefante salientes, faz lembrar o gosto bizarro de / (115) Borromini.

#### *O MONTE CENIS*

Depois de Chambery começamos a subir os Alpes. Saúdo a Virgem que está no alto do campanário de Myans. Já descortino as neves. Ladeamos o monte Granier, cujas escarpas abruptas relembram a sua derrocada da Idade Média. O cone de Montméli

---

realmente qualquer descrição! O lugar escolhido para a construção, o edifício no seu conjunto, a largura, os pormenores, tudo isso é um milagre de harmonia e de arte. Ao lado da porta principal foi erguido um monumento ao senhor, cujo mérito não foi construir o monumento, mas evitar que o monumento fosse destruído pela Revolução Francesa!)

podia outrora barrar a passagem do vale. Transpondo o Isère largo e rápido deixamos a estrada que vai para Grenoble. Depois subimos o Arc durante muito tempo, deixando à direita S. João de Maurienne e o vale do Arvon. O caminho-de-ferro termina em S. Miguel. Aí devemos tomar as diligências puxadas, cada uma, por dez ou doze mulas.

Em Tourneaux é a entrada do túnel. Ainda se duvida do seu êxito; uns tubos conduzem até ao furado o ar comprimido pela cascata do Arc. Passamos o forte de Echaillon no sítio mais estreito do vale do Arc.

Depois de Lons-le -Bourg subimos em zig-zag até às neves. / (116) Atravessamos um planalto árido ao longo dum lago gelado e voltámos a descer para Susa, por uma estrada arrojada, às curvas. Em Susa reencontramos o caminho-de-ferro.

### *TURIM*

22 de Outubro. - Turim tem todas as qualidades das cidades modernas: ruas direitas e alinhadas, alpendres cobertos, colunatas e praças numerosas. Mas faltam-lhe as obras-primas de arquitectura e de escultura que a Idade Média e a Renascença acumularam noutras cidades. O castelo e a catedral construídos no século XV em tijolos, não têm nada de interessante no exterior. A fachada do palácio Madama, erguida em 1720 por Juvara com duas ordens de arquitectura é rica e harmoniosa. A única arte original em Turim está nas tentativas ousadas do padre Guarini, no século XVII, na capela do santo Sudário e na igreja de S. Lorenzo.

Que relíquia preciosa o santo Sudário; como se reza bem diante do seu altar!

O museu de armaduras tem peças / (117) de grande valor, tais como: uma águia romana da VIII<sup>a</sup> legião, uma cabeça de carneiro ou de rosto, uma cimitarra atribuída a Constantino Paleólogo, uma espada de ferro, simples e pesada que se diz vir de S. Maurício, chefe da Legião tebana.

O museu de pintura é um dos belos museus da Europa. Todas as escolas lá estão bem representadas. Notei as telas seguintes: Gaudenzio Ferrari, piemontês, uma Deposição da cruz, fina de desenho e bela de cores; Cesare da Sesto, uma madone, linda de cor e de sentimento; Garofalo, Jesus entre os Doutores, bem ordenada e estudada. A “Virgem da cortina” será mesmo de Rafael? Não será uma cópia? Os

cabelos, o vestuário, o fundo não são bem cuidados.<sup>12</sup> Ticiano tem um retrato bem acabado de Paulo III. Veronese tem três grandes telas: o jantar em casa de Simão é o mais acabado. O Cristo está enegrecido. A Madalena é uma bela veneziana em vestes de seda. Um grupo animado e reverente aperta-se à volta de Cristo. A mesa está posta diante de um alpendre sob / (118) o qual alguns escravos conversam. Que distancia há, entre estas cenas meio-realistas e as puras concepções de Fra Angélico! Guercino tem uma bela Madonna. Caim matando Abel, de Isabel Sirani, é dum tom sombrio e mate. As quatro estações de Albano são obras-primas; graciosos pequenos génios trabalham com Vulcano no Inverno e com Ceres no verão.

Para as Escolas flamenga e holandesa podemos citar: um Lucas de Leyde, Coroação de Henrique IV numa igreja ogival, desenho cuidado, cores encantadoras, grupos animados de pedintes e de monges; de J. Mabuse um tríptico: o calvário, desenho harmonioso, tintas doces, género Van Eyck. É atribuído a Memling, um curioso quadro representando Jerusalém e o Getsémani, visto do alto, com todas as cenas da paixão em seus próprios lugares. As figuras são acabadinhas e cuidadas como nas miniaturas. De Teniers, uma taberna com jogadores de cartas e um estúdio de procurador com consultores. De Dou, uma mulher apanhando uvas à sua janela; de Potter, pradaria e vacas; / (119) de Salaert, uma procissão em Bruxelas vista como que de avião sobre a grande praça no momento da bênção; de Wowerman, batalha do fortim, animada e bem distribuída; de Van Dyck, os filhos de Carlos I de Sabóia-Carignano; graciosas telas de Rubens, uma Sagrada Família, maravilha de colorido e de claro-escuro, mas nada de religioso. Finalmente Rembrandt tem um retrato de velho rabino e dum burgomestre que são obras expressivas e vigorosas.

A Escola francesa tem uma S. Margarida de Poussin, a aurora e o crepúsculo de Cláudio Lorrain, notáveis como tons e como perspectiva, e um belo retrato equestre de Carlos Alberto (1834) de Horácio Vernet.

Visitara Turim como amigo das artes; iria revê-la várias vezes como peregrino e alcançar graças preciosas junto do santo Sudário, de Nossa Senhora Auxiliadora e de Dom Bosco.

À noite, dormi em Placência.

---

<sup>12</sup>A verdadeira "Virgem da cortina" de Rafael encontra-se na Pinacoteca antiga de Munique (Alemanha)

### DE PLACÊNCIA A FLORENÇA

A catedral de Placência é do século. XVI<sup>13</sup>. As suas três naves são vastas mas / (120) simples. Os Profetas e as Sibilas do Quercino na cúpula são de estilo grandioso. Os frescos do Carracci, no coro, têm a grandeza, mas não a graça, dos do Corrégio em Parma. Representam a corte celeste, coros dos anjos e os limbos; na praça, uma bela coluna suporta uma estátua da Imaculada Conceição.

Depois de Placência, já não tenho vagar para parar. Deixo atrás de mim as cidades dos ducados, cujas muralhas recordam as suas desavenças de outrora.

Passo Parma e a sua larga torrente<sup>14</sup>, as planícies férteis da Romanha<sup>15</sup> onde os campos são orlados de olmeiros engrinaldados de vinha, e Bolonha com suas torres empoleiradas ao pé de uma montanha coroada por uma igreja de peregrinação à Virgem Maria.<sup>16</sup> De Bolonha por um arrojado caminho-de-ferro, obra dos Austríacos, subimos a corrente impetuosa do Reno, ora ao longo das suas margens, ora mesmo no meio das suas águas entre altos rochedos misturados de vegetação; e por numerosos túneis, passamos para a outra vertente donde / (121) planamos por cima da Pistoia e do vale do Arno, para o qual descemos correndo.<sup>17</sup>

### DE FLORENÇA A CÍVITA<sup>18</sup> E ROMA

Na manhã de 24 eu estava em Livermo e passei todo o dia na Marema, vasta e triste planície semeada de azinheiras, entre os Apeninos e o mar. O transporte era feito por diligências, na espera do caminho-de-ferro que viria só uns anos mais tarde.

Em Montalto, primeira vilapontifícia, acampada sobre um rochedo, suspeitaram que eu trouxesse a cólera que reinava em Paris. Escapei com dificuldade à quarentena e tive de suportar fumigações desinfectantes. Por pouco teria de fazer aí no bazareto o meu retiro de entrada no Seminário.

---

<sup>13</sup> A catedral de Placência, em estilo romântico lombardo, foi começada em 1122 e terminada em 1233. Ela é muito interessante pela sua arquitectura, obra dos Mestres Comacinos, pelos seus frescos e quadros (telas de L. Carracci, de C. Procaccini, de Quercino, etc.). (Nt: Deve ter havido um engano na leitura do manuscrito: XIII e não XVI (as duas hastes do meio do segundo algarismo romano de "XVI" são mal traçadas)

<sup>14</sup> A torrente Parma.

<sup>15</sup> Melhor, da Emília. A Romanha fica mais para Leste e está, em grande parte, compreendida na Emília.

<sup>16</sup> Santuário de Nossa Senhora de S. Lucas, no alto das colinas que dominam Bolonha.

<sup>17</sup> Leão Dehon viajou pela antiga linha do caminho-de-ferro, chamada "Porretana".

<sup>18</sup> É certamente Cívita Vecchia, no distrito de Roma, distante de Montalto de Castro cerca de 30 km, onde Leão Dehon foi retido alguns dias por causa da cólera que reinava em Paris (de onde ele vinha).

Cheguei a Roma a 25 de Outubro, bem comovido pelo fim da minha viagem e pelo aspecto desta cidade que desperta em nós a história toda. Notei, ao chegar, os principais monumentos, reconheci-me neles e vi-me feliz por ter regressado. / (122)

## **I Ano: 1865 - 1866**

### *O SEMINÁRIO*

Estava finalmente no meu verdadeiro elemento; eu era feliz. O seminário era uma velha residência, estreita, toda na vertical, sombria e triste no seu interior. Não importa, eu era feliz. Deram-me um quarto no quinto ou sexto andar, já nem sei bem, numa água-furtada por baixo do telhado, por cima da capela. O quatinho era pequeno e nu, a cama era dura; pouco importa, eu era feliz. Dois bons condiscípulos instalaram-me. Verloque, do Var, futuro cónego de Fréjus, e Prumetti, da Saboia, futuro ecónomo deste mesmo seminário. O bom Duplessis foi o meu primeiro chefe de passeio. Agora é Director do Seminário. Dos anos passados aí, só guardei doces recordações. Gostaria de revivê-los, esses anos. Tudo aí era bom: o encanto dos estudos sagrados, o piedoso recolhimento da cela e da capela, a santa direcção do Pe. Freuyd, a amizade sincera dos bons / (123) condiscípulos. Após seis anos aí passados, eu gostaria ainda de ter ficado. E quando lá voltei em 1877 com Mons. Thibaudier pedi-lhe muito seriamente para refazer dois ou três anos de Seminário. Quantas graças aí recebi! Nunca o saberei dizer. É um oceano insondável para mim.

### *O RETIRO*

Os primeiros dias foram absorvidos pelo retiro. Era pregado pelo venerável Padre Rubillon assistente do Geral dos Jesuítas. Ele deu-nos do modo mais tradicional os exercícios de S. Inácio. Ele lia-nos o próprio texto dos Exercícios e comentava-os.

Resumi as suas instruções e tenho ainda esse resumo nas minhas notas.

Ele tratou primeiro do fim do homem, é o fundamento de todo o retiro; depois da oração, é um comentário de S. Inácio; depois o uso das criaturas, o pecado, o exame de consciência, a contrição e a humildade, a morte, a luta (ou os dois estandartes), o pecado

venial, o amor de Deus, a imitação de Jesus Cristo, o Nascimento e / (124) enfim as resoluções a tomar.

Era a quinta-essência dos exercícios de S. Inácio; era aliás un assistente do Geral (dos Jesuítas) quem no-los pregava.

Saboreei profundamente esses exercícios, e nunca deixei de amá-los. Eles têm todavia alguma coisa que não quadra nem com o meu temperamento nem com a minha graça: é que eles fazem esperar vários dias antes de nos falar do amor de Deus. Diz S. Inácio: "O homem foi criado para louvar, honrar e servir a Deus e por esses meios salvar a sua alma". Eu não seria capaz de ficar-me nisto e o meu coração diz-me logo que o homem foi criado sobretudo para amar a Deus. Não era este o fim principal que Deus tinha em vista? Não é isso o que Ele nos pede, em primeiro lugar, no decálogo?

Era para mim uma graça da Providência seguir os exercícios dados por um tão eminente discípulo de S. Inácio.

Na *primeira meditação*:

Mostrou-nos Deus suficiente em si mesmo / (125) na sua eternidade, em oposição às segundas majestades cujos servidores são o pedestal; depois Deus que nos cria com um pouco de lama por nosso amor, sem outro tempo nem canseira mais do que uma palavra, em oposição às criações humanas, longas, penosas, e custosas; e finalmente o domínio inevitável de Deus sobre nós, em oposição ao domínio limitado das segundas majestades, cujos sujeitos podem ultrapassar a fronteira dos seus estados.

Na *segunda meditação*:

Mostrou-nos a necessidade da graça para ser homem honesto, para ser cristão, para ser padre. Sem a graça o homem não pode seguir sempre, em toda a parte e nas circunstâncias difíceis, as regras da honestidade natural. Se ele for de uma natureza forte, encher-se-á como uma torrente avolumada pelas águas da chuva e fará grandes destruições. De natureza fraca, apodrecerá como um charco, e corromperá o seu próximo. Sem a graça, não há cristão; a vida cristã é toda sobrenatural. Sem a graça, não há vida sacerdotal: / (126) a vida do padre deve ser super-cristã.

Mas a chave da graça é a oração, com os sacramentos, que também são orações. Mas a oração é uma elevação da alma *ascensio mentis ad Deum*<sup>19</sup>.

Ascensão, desapego da terra, desapego do espírito pelo recolhimento, da vontade pela vitória sobre as inclinações desordenadas que se entrecrocavam na alma como a multidão num mercado.

*Ascensio mentis*, isto é elevação da imaginação pela representação do assunto da meditação; elevação da memória pela lembrança do mesmo assunto e da sua preparação; elevação da inteligência pela contemplação diante de Deus da verdade proposta e da sua utilidade; elevação da vontade pela aplicação da verdade ao nosso progresso espiritual... O padre que não reza será no púlpito um címbalo que ressoa, não fará nada no confessionário, e no mundo sujeitar-se-á ao exemplo em vez de dá-lo.

#### *Terceira meditação:*

As criaturas são instrumento para nosso uso. / (127) Temos nós feito uso delas como servidores diligentes, ou como servidores negligentes, infiéis ou pérfidos: negligentes, não aproveitando para a nossa salvação; infiéis, tomando para nós o incenso devido a Deus, procurando os nossos prazeres antes do que a vontade de Deus; pérfidos, virando contra Deus os instrumentos que Ele nos deu para servi-Lo.

Para regular este uso temos poucas leis, um código bem reduzido, as dez palavras de Deus e os seis mandamentos da nossa Mãe e Santa Igreja. Nós devemos chegar à indiferença, não aquela que transige com as paixões, não a do cínico Diógenes que é simplesmente um amor-próprio refinado, não aquela que se apoia sobre a ruína das faculdades intelectuais, mas o desapego das nossas inclinações, das nossas simpatias e antipatias naturais, usando só para Deus tudo o que d'Ele nos vem.

#### *Quarta meditação*

O pecado de Lúcifer, pecado de orgulho e de escândalo. O pecado de Eva, pecado de cobiça. Há talvez no inferno homens da nossa condição que foram para lá precipitados por um só / (128) pecado mortal. Não temos também nós as nossas faltas e talvez o orgulho de obtermos o pastoral e a mitra? Quando nós pecamos, se Deus não nos esmagou como nós fazemos a um insecto importuno, é porque a paixão do Salvador se apresentava a Ele como um sacrifício expiatório a nosso favor.

---

<sup>19</sup> A definição é de S. João Damasceno: "Oratio est ascensus mentis in Deum" (De Fide Orthodoxa, Livro III, Cap. XXIV, "De Domini oratione", cf. Migne P.G., XCIV, 1099).

### *Quinta meditação*

O exame é necessário em toda a parte. O homem examina a sua situação financeira antes de empreender um negócio, para não se obrigar a compromissos que não conseguiria cumprir. O estudante para alcançar a formatura, revê os seus estudos, as suas definições, as suas teses. O exame deve ser prático e ir à fonte das coisas. Os temperamentos distraídos nunca se vêem a si próprios. Os escrupulosos vêem-se demasiado...

### *Sexta meditação*

Contrição e humildade! 1º Lembrança dos nossos pecados: pecados de infância, das primeiras escolas, da adolescência e outros. 2º -Consideração dos nossos pecados: mesquinhez do orgulho, pobreza da avareza que se apegas à lama, sordidez da sensualidade, etc... 3º -Consideração daquilo / (129) que é a nossa pessoa no mundo: um grão de areia cujo desaparecimento não deixaria nenhum vazio. Que somos nós frente aos santos, aos anjos, a Deus? 4º - O que é a nossa pessoa em si mesma: o corpo é só podridão, a tal ponto que até as pessoas mais queridas rejeitá-lo-ão, depois da nossa morte para não ficarem empestados; a alma vai de queda em queda e de corrupção em corrupção, como essas chagas que em cada penso espalham humores infectos. 5º - Demos graças à misericórdia de Deus que esperou por nós até à penitência, enquanto que S. Miguel tinha abatido Sátanas e a terra tinha engolido Coré, Datão e Abirão.

### *Sétima meditação: A MORTE*

Na eternidade o pleno desenvolvimento do estado de graça é a visão e a posse de Deus; o desenvolvimento do pecado é o inferno. Meditamos sobre a morte, passagem do pecado ao inferno. *Statutum est hminibus semel mori et post ea judicium*<sup>20</sup>(Cf. Heb. 9, 27). É um decreto formal, inevitável, pronunciado pelo próprio / (130) Deus: *Pulvis es, et in pulverem reverteris* (Gn. 3, 19). Decreto publicado, promulgado, lembrado constantemente, pelo cair do dia, pelo fim das estações, pelos nossos vestidos, herança da morte etc... A morte, porta que fecha para o tempo e que abre para a eternidade! Viagem à qual estamos preparados como às viagens de longo curso. A morte toma

---

<sup>20</sup> Statutum est hominibus semel mori, post hoc autem judicium (Heb. 9, 27).



garantias. O jovem já lhe deu por garantia o *puerile decus*<sup>21</sup>. A morte é uma fronteira pela qual não passam nem as honras, nem as riquezas, nem os títulos.

É uma passagem para a luz em que veremos as obras dos homens e a sua pobreza: luz infinita que fotografará num instante toda a nossa vida...

#### *Oitava meditação: A Luta*

Satanás é o inimigo da natureza humana porque ela é a obra-prima de Deus entre os seres visíveis e porque ela exerce a autoridade de Deus sobre as outras criaturas. Satanás reinava no mundo quando Cristo veio derrubá-lo, destroná-lo. Ele é o inimigo de Cristo, o inimigo do cristão, / (131) o inimigo do padre que faz reinar Cristo. A sua raiva não é platónica. S. Gregório e S. Ambrósio dizem que o amor é essencialmente activo e o ódio também.

Sempre tigre, Satanás é às vezes leão, às vezes serpente, às vezes sereia. Leão, ele ruga, revolta os elementos, o ar, os nossos nervos e o nosso sangue. - Serpente deixa-nos a paz e as flores, depois propõe-nos alguma transacção com o dever prometendo-nos vantagens temporais. Sereia, ele enaltece aos religiosos o século, aos padres o mundo. É uma luta sem tréguas; mas coragem! Deus está connosco.

#### *Nona meditação: O pecado venial.*

Graças a Deus, o pecado mortal não entra num seminário bem dirigido, mas o pecado venial encontra-se em toda a parte: 1º- A sua natureza: é uma transgressão da lei de Deus, por exemplo: a negligência nos nossos exercícios de devoção, o deixar correr os nossos sentidos. É uma mancha na alma como uma úlcera numa cara bonita. 2º- Os seus efeitos. É uma chaga / (132) que se for renovada, nos esgota, consome as nossas forças e pode conduzir-nos à morte. É uma suspensão da nossa intimidade com Jesus Cristo: intimidade, união, expansão, confiança, conformidade de espírito e de vontade. 3º- Seus castigos: pena do sentido e pena do dano; o fogo do Purgatório e a privação da visão de Deus. Tenhamos portanto horror do pecado venial e façamos penitência conformando-nos ao regulamento, seguindo o exemplo do B. Berchmans que dizia: "*Vita communis est maxima mea poenitentia*"

---

<sup>21</sup> Cl. Claudianus (v. 370 - 404 d. C.) De IV Consulato Honorii Augusti: Líber, 161.

### *Décima meditação: O AMOR DE DEUS*

Stº Inácio consagra uma semana ao arrependimento, à contrição, e outras três ao amor de Deus. - Há duas coisas que devemos cultivar no seminário: a inteligência e o coração. A filosofia é útil, especialmente a lógica, mas sem o amor de Deus ela não produz nada. A casuística no confessional, o dogma no púlpito, são indispensáveis, mas é preciso juntar-lhes a caridade. Por isso o Beato de Ávila, depois de ter escrito para o seu sermão o que lhe sugeriam / (133) a natureza, a filosofia e a lei, passava longas horas em oração. Nós seguimos no retiro a ordem da missa, na qual o padre começa pela confissão e humilha-se várias vezes ao subir para o altar, no “*Munda cor meum*” e no Ofertório, depois chama Deus para as suas mãos e finalmente para o seu coração. É a ordem dos exercícios de Stº Inácio.

O amor de Deus é a coroação de tudo. O amor de Jesus Cristo deve ser fundado sobre a estima e o conhecimento profundo, como todas as verdadeiras amizades. Ele não teme o exame, como as grandezas do mundo que, descidas do seu pedestal e diante do seu criado de quarto, são bem pequenas. Para chegar a esse conhecimento é preciso meditar a vida de Nosso Senhor.<sup>22</sup>

### *Décima primeira meditação: A IMITAÇÃO DE JESUS CRISTO*

Era o costume da Palestina falar em parábolas; o Senhor conforma-se com isso nos seus discursos. Stº Inácio propõe-nos a parábola dum rei poderoso e sábio que chamaria para a guerra os seus súbitos mais nobres e lhes proporia viver como eles, vestir-se como eles, de combater / (134) com eles e partilhar as recompensas depois da vitória. Este príncipe seria admirado.

Ora bem! Nosso Senhor oferece-nos tudo isso. E todavia um rei, fosse ele poderoso como Alexandre, activo como César, sábio como Salomão, doce como David, esse rei não seria nada ao pé de Jesus Cristo que é rei por direito de nascimento, por direito de conquista e por todos os direitos. E a verdade é que os príncipes da terra não são assim: eles têm boa mesa, andam bem vestidos, não se expõem ao combate, enquanto o pobre soldado sofre a fome e o frio e, quando não sucumbe, não é sequer recompensado. Jesus Cristo viveu pobre com uma túnica só, sem ter onde reclinar a cabeça e vivendo de esmolas. Ele sofreu mais do que qualquer homem e foi humilhado

---

<sup>22</sup> Nt “ *Munda cor meum* ” = purifica o meu coração - é a oração que se reza antes da leitura de Evangelho. No Ofertório lavavam-se os dedos em sinal de purificação, rezando o salmo “ *Lavabo inter. innocentes* ” Agora esta cerimónia é facultativa.

mais de quem quer que seja e ele nos chama à recompensa com Ele e essa recompensa é um trono nos céus. Oh! Desejemos compreender bem o ardor dos santos em procurar a humilhação e a pobreza para imitar o seu Deus e pelo seu Amor.

S. Martinho aos 80 anos pedia para sofrer / (135) ainda pelo seu Deus... Os nossos primeiros pais perderam-se querendo tornar-se semelhantes a Deus; e Jesus Cristo quis fazer-se humilde e pobre para que imitando-O nos salvemos. Imitemo-Lo com a nossa humildade. Não julguemos ser insignes quando muitas vezes somos só nós a ter essa opinião. Sejam seminaristas distintos pela nossa exacta pontualidade ao regulamento, por uma grande actividade no trabalho, por uma grande caridade nas nossas relações.

#### *Décima segunda meditação: O NASCIMENTO DO SENHOR*

José e Maria acompanham com humildade Jesus vivente no seio da sua Mãe. Eles são os nossos modelos nas nossas relações com o SS.mo. Sacramento. - As hospedarias estão fechadas à Sua pobreza; mesmo assim nada de murmurações, nada de queixas. Nós padres teremos igual repulsa pelas honras e pelas riquezas do mundo; imitemos a sua resignação. José presta todos os seus cuidados para a sua instalação, por respeito a Jesus e a Maria. - Façamo-nos nós também humildes servidores de Deus e dos homens no sacerdócio. - Paz na terra: os / (136) anjos não cantam isso no palácio de Augusto, nem em casa dos grandes de Roma, onde reina a guerra das paixões, mas neste estábulo, onde reina a felicidade da união com Deus. - Paz aos homens de boa vontade, porque a graça lhes é assegurada. A boa vontade, diz Stº Agostinho, é tudo o que Deus nos exige de nós.

Aproximemo-nos de Jesus-Menino com a permissão de Maria e de José e peçamos a graça de imitá-Lo.

#### *Décima terceira meditação: RESOLUÇÕES*

Para a nossa profissão, a nossa resolução está tomada; não fomos nós a escolher, foi Cristo que nos escolheu a nós. Tomemos como modelo da nossa vida, neste ano, Jesus em Nazaré e no Templo. Ele obedecia, trabalhava, crescia. Obedeçamos ao regulamento e isso será para nós mais glorioso e até mais útil do que mesmo fazer milagres.

Obedecemos aos superiores; é Deus que nos fala por meio deles. Trabalhemos com zelo. Não se diga que os que trabalham para o mundo e as honras, têm mais coragem do que nós que trabalhamos para Deus e para o Céu. / (137)

Cresçamos em virtude, em ciência, em caridade fraterna e especialmente em amor de Deus. Cresçamos em humildade. No nosso quarto não estamos defendidos dos ataques do demónio, que entra sem bater e dá mais valor à alma de um padre do que a mil almas...

Eu entregara-me com toda a alma a esse retiro. Voltaria a fazer muitas vezes os exercícios de St<sup>o</sup>. Inácio e pregá-los-ia a outros, mas nunca experimentaria impressões mais profundas.

Foi essa a base da minha vida de seminarista. Apliquei-me inteiramente às resoluções que tomara.

Eu fizera o retiro como leigo. No dia 1 de Novembro vesti a batina. Que profunda alegria eu provei! Essa felicidade inefável era um sinal claro de vocação. Mandara benzer a minha batina pelo Pe. Freyd. Desde então, eu beijei sempre a minha batina ao vesti-la de manhã, rezando o *Dominus pars*<sup>23</sup>.

#### *DIRECTORES*

Escolhi logo como meu director o Pe. Freyd. Pio IX chamava-lhe um santo. Era um verdadeiro religioso. Achei-o / (138) durante seis anos, sempre igual na sua direcção, sempre piedoso, sempre unido a Deus e capaz de inspirar essa união com Deus. Alimentava-se da doutrina ascética mais segura. Ele aconselhava o Rodriguez, St<sup>o</sup>. Afonso de Ligouri, Saint-Jure. Gostava que alternássemos as leituras espirituais entre um livro teórico e a vida de um Santo. Recebia-me para direcção espiritual cada 15 dias e eu tirava sempre proveito das conversas com ele. Todas as semanas atendia-me de confissão e mesmo duas vezes se assim o desejasse. Antes de ser religioso ele recebera uma boa formação no seminário de Estrasburgo; compreendera depois e saboreara o genuíno espírito interior do venerado Pe. Libermann. Esta direcção foi uma das grandes graças da minha vida.

---

<sup>23</sup> Dominus, pars haereditatis meae et calicis mei, tu es qui restitues haereditatem meam mihi (Sl 15, 5) (*O Senhor é a parte da minha herança e do meu cálice; és Tu que restituirás a minha herança.*)

O bom Pe. Brechet era ecónomo. Era um bretão tenaz e crente como os seus compatriotas. Achei-o sempre serviçal e dedicado. Diziam-no parcimonioso, mas será isso um defeito para um ecónomo? Eles encontram tantas dificuldades em manter a boa ordem e a prosperidade / (139) nas suas casas!!! O Pe. Eschbach e o Pe. Daum eram directores e explicadores da filosofia e da teologia: ambos inteligentes e cultos, muito treinados na argumentação e bons preparadores para os exames. O Pe. Daum é muito dedicado. Ajudou-me em muitíssimas circunstâncias. Considero-o um amigo.

#### *AULAS E PROFESSORES*

Habituei-me depressa às aulas. Sabia alguma coisa de italiano, isso ajudava-me a perceber o latim pronunciado à romana. Como professores tinha os padres Palmieri e Tedeschini para a lógica e a metafísica, o Pe. Carretti para a moral, os PP. Ferrari e Foglini para as ciências.

O Pe. Palmieri era um trabalhador. As suas aulas eram autografadas. Era perfeitamente claro e metódico. Conhecia a fundo os grandes autores, especialmente Suarez e De Hugo. Mas não os copiava. Assimilava as matérias e fazia-as suas. Eram uma série de teses curtas, claras e perfeitamente ligadas.

O Pe. Tedeschini deixou-me as melhores / (140) recordações. Metia-nos nas mãos o manual de Tongiorgi, mas para as teses que ele aprofundava ditava-nos um resumo. Era tão instruído como modesto. Quando levava uma tese a fundo como a da origem das ideias ou do princípio vital, remexia todos os in-fólios da biblioteca. Classificava os autores, analisava os seus sistemas, reconduzia-os a algumas opiniões principais e dava-nos conclusões empolgantes de lógica e de clareza. Provocava as nossas objecções. Gostava de resolver as nossas dificuldades levantadas pelos escritores contemporâneos. Além disso era um bom e devoto religioso. Demonstrava-nos grande dedicação. Depois das aulas informava-se das nossas dificuldades. Dirigia os nossos trabalhos. Guardei dele a mais edificante lembrança. Ensinava-nos sobretudo a trabalhar e mostrava-nos com o exemplo como se estuda a fundo uma tese. Amava / (141) S. Tomás mas não era escravo dos tomistas. Saboreei a sua tese sobre o princípio vital. Mostrava-nos até nas plantas um princípio vital simples dotado de forças dadas pelo Criador e diferente do organismo. Esta tese bem comprovada reduz a nada a doutrina da evolução.

O bom Pe. Carretti era também muito dedicado. Era um verdadeiro romano. Ele andava “piano” especialmente no verão. O seu curso não avançava depressa e as suas folhas litografadas nem sempre estavam prontas a tempo. Era um espírito elevado. Eu gostava das suas belas teses sobre a base da moral natural que ele colocava na própria ordem das coisas. O seu autor favorito era De Lugo. Não ignorava as opiniões modernas dos ingleses e dos alemães, sobre a moral do útil ou do prazer e gostava de refutá-las. Era um homem de fé e um apóstolo. Ao domingo ia à campanha romana evangelizar os “contadini” e à 2ª feira contava-nos, com emoção, as / (142) misérias morais e físicas que encontrava.

Os padres Ferrari e Foglini eram bastantes ferrados nas ciências. Conheciam a mecânica racional e o cálculo infinitesimal e diferencial e ensinavam-nos as suas principais noções. Por outro lado eram modestos e cheios de admiração pelo progresso das ciências matemáticas do nosso tempo.

#### *CONDISCÍPULOS*

Guardei a melhor e a mais edificante recordação dos meus condiscípulos. Nós éramos seis do Seminário francês em filosofia, três antigos e três novos. Os antigos eram o Bernard de Cambrai, o Le Tallec de Vaunes, o Guichen de Montpellier. Os primeiros dois tinham sido zuavos pontifícios. Dois novos, o Perreau de Chambéry e o De Rivoyre de Roanne, tinham frequentado Direito em Paris comigo. O Perreau era doutor; tinha uma alma suave. Era mesmo um discípulo de S. Francisco de Sales; tinha-o visto comungar / (143) muitas vezes em S. Sulpício. Estava maduro para o céu; morreu pouco tempo depois da sua ordenação sacerdotal. Para mim era um amigo, um confidente, um conselheiro. É uma das belas almas que eu conheci. Os outros quatro entraram na vida religiosa após o seu seminário. Isso mostra até que ponto o Pe. Freyd sabia excitar em nós o desejo da perfeição. O Pe. Tallec e o Pe. Guilhen são jesuítas. O Pe. De Rivoyre é capuchinho. O Pe. Bernard está com os padres do Espírito Santo.

O Tallec era um bretão ardente e cheio de fé. Tinha deixado o seu colégio de Vannes para alistar-se nos zuavos onde fora sargento. Fez sete anos de estudos no Colégio Romano. Depois defende as teses públicas no ano do Concílio. Está agora à cabeça das obras da juventude da Universidade Católica.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Provavelmente de Paris

O Bernard pertencia a uma das melhores famílias de Lila. Era o católico integral do Nord, devotadíssimo ao Papa e inimigo do liberalismo; tinha um verdadeiro culto do Pe. Freyd. Entrou no Espírito Santo e / (144) é professor no Escolasticado.

O De Rivogre era um homem de imaginação, piedoso como uma criança, liberal convertido e que nunca fazia os sacrifícios a meias. Agora é capuchinho. Foi prior e Mestre de noviços.

O Pe. Guilhen da Companhia de Jesus foi depois missionário na ilha Maurícia.

Eu estava também em boas relações com vários teólogos desse ano.

Dijon enviara-nos De Bretenières e Poiblanç, ambos de boa família e muito edificantes. Bretenières era licenciado em Letras e particularmente distinto. Fundaram mais tarde em Dijon uma sociedade de missionários diocesanos e um colégio. De Bretenières era o irmão de Justo De Bretenières, o mártir da Coreia que será um dia colocado nos altares. Às vezes passava-me umas cartas do seu irmão e estas cartas encantavam-me. Copiei mais do que uma passagem na minha recolha de textos escolhidos (pp. 66)<sup>25</sup>, que alma apostólica! Que amor ardente da mortificação / (145) e do sofrimento. É de admirar que uma alma desta têmpera tenha obtido a graça do martírio?!

A Saboia não nos dera somente o querido Pe. Perreau. Ela também estava representada pelo Sr. De Costa de Beauregard; de Chambéry, os srs. Carlos e Bullier de Tarentaise, Petit de Chambéry, Durand de Maurienne. Muitos tornaram-se professores nos seus seminários diocesanos. O Sr. De Costa era de família de alta-roda e a nobreza da alma não ficava atrás da nobreza de nascimento. Fundou um orfanato em Chambéry, onde as crianças se dedicam à horticultura.

O bom e santo bispo de Bauvais, Mons. Gignoux, enviara-nos três estudantes, o Gossin futuro frade dominicano, o Renaud, o Philippet futuro arcipreste de Compiègne.

A Bretanha tinha também o Peyron, futuro secretário douto e zeloso da diocese de Quimper e o Le Goff, director do seminário de S. Briec.

---

<sup>25</sup> Há nos arquivos Dehonianos um manuscrito encadernado (33 cm.x5x22,5) em forma de registo alfabético no qual Leão Dehon consignou sob diferentes títulos os textos que lhe interessavam, no tempo do seu seminário e dos primeiros anos de sacerdócio. O título é “EXCERPTA - Extractos de leituras - notas diversas”. A recolha foi começada a 20 de Novembro de 1865. São 216 páginas quase todas do punho de Leão Dehon. As datas indicam a época da transcrição, de 1865-66 a 1893. Nas pp. 66-67 pode-se ler sobre a rubrica “um mártir” as “Cartas do Pe. Bretenières”. São colocadas em apêndices pp. 257, deste volume. Nas notas citamos o manuscrito do Pe. Dehon, sob o título “Excerpta”.

Mons. Pie, de Poitiers, enviara-nos / (146) o Pe. Dorvan, oblato de St<sup>o</sup>. Hilário e os dois irmãos Pineau. Estes dois senhores tinham começado os estudos de direito e de medicina. Sofriam muito pela oposição da família à sua vocação. O mais novo fez-se capuchinho.

Tínhamos 2 canadianos muito distintos: o Sr. Bégin, futuro bispo e coadjutor do cardeal arcebispo do Quebeque. Tinha-me ligado muito a ele. Ele tinha um temperamento muito amável e uma inteligência de eleição. O Sr. Paquet, outro canadiano tornou-se reitor da Universidade do Quebeque.

O Sr. Caelho, do Pará, representava a América do Sul. Tinha passado por S. Sulpício. Veio a ser superior do seminário do Pará no Brasil.

O Sr. Gilbert de Troyes estudara Direito em Paris comigo. Tornou-se um dos fundadores da Congregação dos Oblatos de S. Francisco de Sales.

O Sr. Bernard de Lyon é professor dos Cartuxos.

O Sr. Cognard de Cambrai e o Sr. / (147) Roserot de Troyes, estão com os padres do Santo Espírito.

O Sr. Duponchet de Paris está com os Jesuítas e o Sr. Thouille, de Verdun, é pároco na Mosa.

São estes os que eu melhor conheci. Por aquilo que vieram a ser, podemos avaliar do seu valor como piedade e como estudos. Este meio foi para mim muito animador e muito edificante. Dou graças ao Senhor por isso.

#### *OS ESTUDOS*

Considero como uma grande graça da Providência ter feito os meus estudos teológicos no colégio Romano. Esta universidade é hoje para Igreja o que era a de Paris no século XIII, no tempo de Pedro Lombardo, de S. Tomás de Aquino, de S. Boaventura. Está aí o cume dos estudos teológicos contemporâneos. Aí paira a recordação e a influência dos Belarmino, dos Tolet, dos Lugo, dos Pallavicini. Pio IX assinalou esta superioridade no seu breve de 1875 ao bispo de Poitiers. Felicitando-o por ter entregue aos padres da Companhia de Jesus a faculdade de Teologia estabelecida na sua cidade / (148) episcopal, recomenda aos que serão encarregados de organizar, em França, o ensino católico, de tomar como exemplo do seu trabalho as universidades romanas,



particularmente as escolas dirigidas pelos Jesuítas e especialmente o colégio Romano que, de resto, é seu centro e seu modelo e de adoptar o plano de estudos seguido nesta grande escola e consagrada por uma tão longa e feliz experiência.

Este plano de estudos, a *Ratio Studiorum*, é de facto o código do ensinamento cristão. É para os estudos o que o livro dos Exercícios espirituais de St<sup>o</sup>. Inácio é para a vida espiritual. Ele fornece a base mais sólida para uma casa de estudos. Todavia, tem de se acrescentar uma parte para os autores cristãos nas Humanidades.

Possam as nossas Universidades católicas inspirar-se nela! Mas, ai de mim, parece-me que elas até hoje não tenham influência nenhuma nos nossos seminários. E é só por aí que elas poderiam ter uma forte influência e levar a uma renovação dos / (149) estudos. Os nossos seminários deveriam ser agregados às Universidades. Seriam como suas sucursais. Eles apresentariam nelas os seus alunos às licenciaturas. Infelizmente não podemos esperar uma tal organização no estado em que se encontra hoje a Igreja de França.

Roma conservou em toda a sua integridade o grande método escolástico em Filosofia e em Teologia. É o método de exposição e de demonstração tirada das fontes veneráveis da antiguidade eclesiástica, fiel ao espírito daqueles que a Igreja chama seus “Padres” e às regras consagradas pelo uso tradicional. Nada impede que ela se coloque ao nível e ao alcance das inteligências de hoje, que se enriqueça de tudo o que foi feito de bom e foi pensado de consistente nos tempos modernos. Ela aproveita deste belo trabalho de desenvolvimento filosófico e dogmático que se vai continuando sob a influência da fé, através dos progressos das descobertas, das agitações, e dos próprios erros da sociedade. / (150)

É ao Cartesianismo que nós devemos o abandono da Escolástica, em França. Ela incomodava esta escola da dúvida sistemática, que queria procurar sozinha o seu caminho nas trevas, sem a ajuda da fé e da tradição.

Foi dito com muita injustiça, que a escolástica era antipática ao estilo francês. Mas foi na França que ela teve o seu crescimento mais maravilhoso. S. Anselmo<sup>26</sup>, o Pai da escolástica, como doutor é nosso, pois à Inglaterra deu só os últimos anos de vida. Pedro Lombardo, S. Bernardo, que deram à escolástica os primeiros desenvolvimentos. O próprio Alcuino e a sua escola palatina que produziram os seus primeiros gérmenes, não

pertencem eles à França? S. Tomás e S. Boaventura, embora nascidos em Itália, pertencem-nos também como Doutores; a vida deles passou-se a educar a mocidade parisiense, e este contacto deve ter contribuído para desenvolver neles as belas qualidades do espírito francês: a concisão, / (151) a plenitude de ideias, a clareza de pensamento e de expressão e a ordem que põe cada coisa no seu lugar, com nobre sobriedade e agradável harmonia.

O que estragou o espírito francês foram os nossos pretensos filósofos, inimigos da fé e da teologia. É Descartes, e a sua escola, o grande inimigo da escolástica e o pai do racionalismo que é uma simples consequência do princípio protestante<sup>27</sup>. Seja restituída ao espírito francês esta grande formação católica, esta educação poderosa que recebia nessa Idade Média tão estultamente desacreditada, e que as outras nações não tiveram, como nós, a desgraça de perder; restitua-se-lhe tudo isto e ver-se-á como o espírito francês é superficial.

Até aos nossos dias, nós fomos sufocados pelo século. XVII. O P. Gratry fez dele este elogio ditirâmico: “O que era o séc. XVII? Um doutor em Teologia em primeiro lugar; e mais, sobre o aspecto intelectual, o ponto mais luminoso da história. O séc. XVII, só ele, é o pai das ciências, o criador / (152) dessa grande ciência moderna de que andamos tão orgulhosos. De lá para cá, foi aperfeiçoado, deduzido e aplicado, mas foi ele que criou tudo. Houve nele como que uma aspiração do Verbo, para o aparecimento das ciências. Esse século, aliás era o mais exacto, o mais completo dos séculos teológicos, o maior sem comparação dos séculos filosóficos e o maior dos séculos literários”.

Uf!... O P. Gratry dá-nos aí um exemplo de hipérbole mais literária que verídica.

Eu prefiro partilhar o juízo do meu discípulo e amigo, o qual, aliás, no seu “*Ensaio sobre o método dos estudos eclesiásticos*” exprime o que todos pensávamos em Roma. Reproduzo alguns extractos.

O mal que foi feito ao espírito francês vem em grande parte de Descartes, desse movimento anti-escolástico e anti-católico que vinha do protestantismo e que Descartes não inventou, mas ao qual ele próprio obedecia, e que teorizou / (153) e formulou, do qual ele foi o herói e a personificação, eu queria dizer o heresiarca.

---

<sup>26</sup>N.T.- Santo Anselmo - Pedro Lombardo, pelo próprio nome indica ser natural da Lombardia; na verdade nasceu numa aldeia ao pé de Novara, que actualmente pertence ao Piemonte.

<sup>27</sup> O princípio do livre exame (cfr. a introdução).

O que é bastante estranho é que o clero francês, durante dois séculos, abrindo-lhe todas as portas do ensino, se tenha rendido, por assim dizer, de mãos e pés amarrados, a um homem de que a Santa Sé condenou o espírito e os princípios, condensados por ele próprio no famoso *Discurso do Método*<sup>28</sup>.

Os homens de génio são geralmente grandes espíritos que personificaram num grau superior as ideias de uma época. Eles formularam as tendências dos seus contemporâneos e, sustentados por uma missão divina ou diabólica, fizeram-se os campeões dessas tendências. Lutero não inventou o livre exame em Teologia. Descartes não inventou o livre exame em Filosofia; Rousseau que é talvez o representante mais completo, o *heresiarca* da Revolução Francesa, não inventou o livre exame em Política. Estes três homens são os representantes das três principais épocas dessa imensa corrente / (154) de independência e de revolta que apoquento o mundo e arrasta a sociedade desde há três séculos; verdadeira heresia e a mais espantosa que ameaça coroar a sua obra, invadindo a esfera política para tomar posse do governo do mundo.

A obra de Descartes, que muitos filósofos, mesmo católicos, tomaram como ele por uma renovação, é simplesmente uma perturbação, uma reforma, no sentido de Lutero e da mesma espécie, o segundo período da grande heresia protestante ou revolucionária.

Não é insuportável ver Descartes declarar muito simplesmente que, antes dele, nunca ninguém possuiu a verdadeira certeza nem a verdadeira filosofia, e que até ele a ciência nunca existiu por não ter sido fundada sobre o seu método.

Este imenso desprezo que Descartes professava pelo passado não é somente uma mania funesta e o sinal evidente do pouco valor da sua teoria, mas um contágio que se espalhou; ele engendrou e enfunou na França esse ridículo / (155) desprezo da Idade Média que durou até aos nossos dias. A pretensão que ele proclamava de ser o inventor não *duma Filosofia*, mas *da Filosofia*, é pura charlatanice.

Ele pretendia, é verdade, respeitar o domínio da Fé, mas pondo em dúvida todas as verdades racionais não abalava ele ao mesmo tempo, o edifício da fé, cujas bases são

---

<sup>28</sup>“Discurso do Método”. Lembramos que foram postas no Index as seguintes obras de Descartes: “Meditationes de Prima Philosophia” (decreto de 10 de Outubro de 1663); “Les passions de l’âme” (decreto de 20 de Novembro de 1663, donec corrigatur). Pessoalmente, Descartes considerou-se sempre católico, apesar da sua posição à escolástica. Mais tarde, Voltaire viria a ironizar a obra do filósofo, tratando de “romance” a sua física e a sua metafísica. Isso contribuiu para fazer perder à sua obra o interesse espiritual. Conservou-se só o seu racionalismo, que o Iluminismo do século XVIII usaria contra o dogma católico.

as verdades fundamentais da religião natural, a existência e os atributos de Deus, a existência, a espiritualidade e a imortalidade da alma?

Ele pretende eliminar todos os conhecimentos humanos, salvo o próprio facto do pensamento, e partir desta base, para reconstruir o edifício da ciência. Mas a pobre luz do homem não é suficiente para este trabalho e este jogo e fatal.

A dúvida não é somente uma arma terrível, mas considerando o estado do espírito humano enfraquecido e toldado pela queda, ela é um veneno mortal e insinuante que não se espalha impunemente na inteligência. Ela constitui uma espécie / (156) de segundo pecado original que se junta ao de Adão, para tornar ainda mais fácil para o homem a descida para o cepticismo.

Os apologistas e os escolásticos usaram por vezes a dúvida fictícia como um argumento *ad hominem*, mas isso não tem nada a ver com a dúvida metódica de Descartes. Era só de passagem e para mostrar como a própria razão confirma a fé e reclama as suas luzes.

Para dizer a verdade, este método da filosofia é absurdo e contra natura, tão anti-filosófico como anti-cristão. Porque excluir a maior parte dos meios naturais de conhecimento e fundamentar tudo sobre um silogismo que além do mais supõe várias verdades básicas: a possibilidade de chegar à verdade, o princípio da causalidade, etc.! O espírito humano precisa de apoiar-se sobre provas de outro género. Ele prefere a evidência aos raciocínios. Ele encontra, tanto no simples bom senso, como no testemunho de Deus ou dos homens, / (157) muito mais convicção e segurança do que nessas subtis argumentações próprias para lhe fazer perder o fio da verdade.

A grande ilusão moderna, aquela que constitui o fundo do racionalismo, aquela que arruinou a filosofia, é a tese cartesiana do poder e da suficiência da razão para chegar à posse completa e sem mistura da verdade filosófica. A pretensão de chegar à verdade completa pela simples razão, sem a ajuda da fé, ao menos como preventivo é desmentida pela história, que nos mostra o espírito humano, em todo o lugar onde ele é privado, por sua culpa ou por qualquer motivo, da luz da fé, sempre e fatalmente condenado ao erro, e a erros vergonhosos até à própria negação da certeza, da verdade e da razão.

A teologia, como disse Bacon, é o aroma das ciências humanas; ela impede-as de se corromperem. Privada do seu aroma, a ciência descaiu até onde a vemos, e foi

Descartes que lhe abriu / (158) esse caminho. Ela secularizou-se. Estranha ao cristianismo, não tardou em tornar-se-lhe hostil, e gerou o racionalismo. Os tímidos pararam no liberalismo que é uma mistura de doses diversas de racionalismo e de fé, uma redução da fé ao seu mínimo, uma diminuição da verdade.<sup>29</sup>

Todo o séc. XVII está afectado por esta secularização do antigo espírito cristão. O nosso admirável Fenélon exaltava Descartes e aproveitava as suas ideias; Boileau vedava às verdades cristãs a poesia e os ornamentos graciosos das letras. Molière, e mesmo Corneille e Racine, reconduziam o teatro ao paganismo<sup>30</sup>.

É o *pecado de espírito* que devia conduzir-nos ao laicismo de hoje.

#### TRABALHOS PESSOAIS

Apesar do trabalho absorvente que as aulas de filosofia me impunham, consegui entregar-me já neste ano escolar a alguns estudos pessoais. Pude ler algumas obras filosóficas e literárias, alguns tratados dos Padres e dos Escolásticos, / (159) várias obras de economia social e diversos autores ascéticos.

Em filosofia, estudei de Maistre: *Du Pape e Soirées de St. Pétersbourg*; Oudot: *Du devoir*; Maret: *Philosophie et religion*<sup>31</sup>; Gratry: *Les sources e Les Critiques*<sup>32</sup>.

A literatura e a história eram sacrificadas; li apenas uns capítulos de Thiers e de Guizot, vários artigos de Dom Guéranger e a *Rome Chrétienne* de Mons. Gerbet<sup>33</sup>.

Quanto aos Padres da Igreja, li St<sup>o</sup>. Agostinho *A cidade de Deus* e as *Cartas*; de S. Crisóstomo, o *Tratado do Sacerdócio* e umas *Homilias*; de S. Jerónimo, umas *Cartas*; de St<sup>o</sup>. Ambrósio, o *Tratado da virgindade*.

Eu já gostava dos estudos de Economia social e política. Além da *Cidade de Deus* de St<sup>o</sup>. Agostinho e de *A Política*<sup>34</sup> de Bossuet, eu li sobre estes assuntos Belarmino no *Tratado da Igreja*<sup>35</sup>; de Maistre passim e as *Considerações sobre a França*<sup>36</sup>.

---

<sup>29</sup> Apesar da estima de Bacon pela Teologia deve-se-lhe julgar com severidade a sua recusa radical do pensamento anterior e a sua pretensão de considerar-se como o iniciador da verdadeira filosofia “*ab imis fundamentis*”. Cf. Introdução.

<sup>30</sup> O juízo do Pe Dehon é demasiado severo, e mesmo parcialmente injusto. Parece ser alérgico a qualquer forma de arte aparentada com a Renascença. Cf. Introdução.

<sup>31</sup> Maret publicou um “*Essay sur le panthéisme*”, em 1839 e uma “*Théodicée chrétienne*”, em 1844.

<sup>32</sup> “*Les Sophistes et la Critique*” e “*Petit manuel de critique*”, duas obras publicadas em 1864.

<sup>33</sup> “*Esquisse de Rome Chrétienne*” (1843-1850), dois volumes que conservam a recordação fresca e penetrante dos 10 anos que Mons. Gerbet passou na Cidade eterna, de 1839 a 1849.

Peltier, *De la puissance ecclésiastique*<sup>37</sup>; Fauchet, *De la religion nationale.* / (160)

Entre os escolásticos, consultei muitas vezes S. Tomás na sua *Summa* e os seus opúsculos; Lugo, *De rerum divisione* e passim; Leibnitz, *Systema theologicum* e Suarez, em diversos pontos.

Como leituras espirituais, tomei este ano S. Francisco de Sales, a sua vida e obras, Saint-Jure, *L' homme spirituel*, St<sup>a</sup>. Gertrudes, as suas revelações; Dom Guéranger, as suas obras; e a vida de S. João de Berchams.

Normalmente, eu anotava o que mais me impressionava nas minhas leituras. Mantive esse costume de então para cá e o meu caderno de extractos diversos é para mim um tesouro, onde pus em depósito todos os pensamentos mais elevados e mais acertados dos grandes espíritos, com quem estive em relação pela leitura, durante toda a minha vida.

Quero reproduzir aqui alguns pensamentos que notei no meu primeiro ano de filosofia. / (161)

Gratry indica-me o fim dos estudos filosóficos: “Encontrar a unidade dos espíritos da primeira ordem; frequentar como uma só sociedade, por meio de comparação contínua, Platão e Aristóteles, St<sup>o</sup>. Agostinho e S. Tomás de Aquino, Descartes, Bossuet e Fénelon, Malebranche e Leibnitz; chegar a compreender em que sentido geral e comum, Deus inspira os grandes homens e o que ele quer do espírito humano. Compreender em Aristóteles e Platão a grandeza do espírito do homem e os seus limites, e nos outros a imensidade que a luz revelada de Deus acrescenta à razão humana” (*Les sources*)<sup>38</sup>

Ele dá-me a nota cristã das férias: “Retemperar-se no espectáculo da natureza, na luz das artes, no trato com os grandes espíritos, nas peregrinações para visitar os ausentes, nas amizades santas, nas associações sagradas a favor do bem, e finalmente

---

<sup>34</sup> “*Política tirada das próprias palavras da Sagrada Escritura*”, obra escrita para o Delfim de França por Bossuet seu preceptor. Estão expostos nela os deveres dos príncipes, a grandeza da sua missão, na qual são os instrumentos da Providência. Bossuet insiste sobre a divisão entre o poder temporal e o poder espiritual. Defende a monarquia absoluta.

<sup>35</sup> Trata-se certamente da obra-prima de Belarmino “*Disputationes de controversis christianae fidei adversus huius temporis haereticos*”. A segunda parte é um verdadeiro tratado sobre a Igreja.

<sup>36</sup> As “*Considerações sobre a França*” foram escritas por Joséph de Maistre, em 1796 e tiveram ressonância em toda a Europa. O escritor preconizava, depois da Revolução francesa, uma restauração monárquica não violenta. A Revolução, segundo dele, não é um “acontecimento”, mas uma “época”, um sinal negativo, mas visível, da obra de Deus no mundo. Ela “guia os homens” enquanto Deus quiser.

<sup>37</sup> “*Traité de la puissance ecclésiastique*”.

<sup>38</sup> “*Les sources*”, p. 75, Excerpta, p. 1.

em alguns dias de severa solidão, sozinho diante de Deus, não seria isso um bom repouso?”<sup>39</sup>

Ele indica-me as mais nobres virtudes da alma e a sua influência sobre o próprio corpo: “ A expressão do rosto do homem é simplesmente a consequência dos seus hábitos. Cuidai, então, desse pobre corpo; transfigurai-o, se for possível, pela serenidade, a pureza, a paz, pela coragem, pela inteligência e pela nobreza decidida dos desejos, dos hábitos e das resoluções”<sup>40</sup>

*Mons. Maret* expõe superiormente a necessidade de uma religião positiva. Diz ele: “Abandonareis vós as massas a si mesmas, diz ele? Isso seria entregá-las à ignorância, ao vício, a uma verdadeira barbárie. Conduzi-las-eis vós às escolas da filosofia? Mas para filosofar é preciso vagar e competência, e estas condições faltam-lhes. De que precisam então? Que auxílios requerem as suas necessidades? Um ensino seguro, fácil e contudo revestido de uma autoridade capaz de orientar o seu assentimento e de justificar a sua adesão. Esse ensinamento luminoso, santo, uniforme, invariável, leite para as crianças, pão para os fortes, simples e profundo, temperado / (163) e sublime, proporcionado a todas as idades, a todas as condições, a todas as necessidades da humanidade; este ensino, necessário para arrancar a humanidade às superstições degradantes, à ignorância embrutecedora e aos vícios vergonhosos; esse ensino, sem o qual a humanidade nunca alcançará todos os seus fins naturais, a filosofia com a sua linguagem culta, os seus métodos difíceis, os seus sistemas numerosos e diferentes, a filosofia com as suas variações e as suas contradições, é capaz de o dar? Ela nunca o deu, ela nunca o poderá dar! Há aí uma lacuna imensa que acusa a sua insuficiência” (*Philos. et relig., t.I*)<sup>41</sup>.

O *Sr. Oudot*, meu antigo professor de Direito, mostra-se verdadeiro filósofo, no seu livro “*Du devoir*”. Ele não é suficientemente apreciado. Ele caracteriza em poucas palavras o erro capital de Descartes: “Submeter verdades indispensáveis a um meio de provas incapaz de dá-las, é comprometê-las. Tal foi o erro da filosofia de Descartes. Ela continha o gérmen do / (164) regresso ao cepticismo”.

*Joseph de Maistre* tão perspicaz, tão superior ao seu tempo em todas as coisas, não adivinhou porém a renascença da arte cristã, tão grande era o fascínio da arte pagã.

---

<sup>39</sup> “*Les sources*”, p. 48, Excerpta, p. 1.

<sup>40</sup> “*Les sources*”, 2ª parte, p. 101, Excerpta, pp. 1-2.

<sup>41</sup> “*Philosophie et religion*”, tomo I, pag.481, Excerpta, p. 13.

Fico surpreendido, ao ler no seu belo livro “*Du Pape*”, as linhas seguintes: “As letras e as artes foram o triunfo da Grécia; num e noutro campo, ela descobriu o belo, e fixou-lhe as características; ela transmitiu-nos uns modelos tais que apenas nos deixaram o mérito de imitá-los. Deve-se fazer sempre como ela, sob pena de fazer mal”<sup>42</sup>. Evidentemente, J. De Maistre, quanto à arte e às belas letras, partilhava ainda a ilusão do século XVII. Era um clássico. Para ele, o século XVIII era bárbaro.

Como o Sr. Guizot julga equilibradamente a questão de Roma, no seu “*Discurso de recepção de Prévost-Paradol na Academia*”? O Sr. Vitet que me honrava com a sua amizade, dizia-me que o Sr. Guizot lhe parecia ser um cristão de boa fé e / (165) profundamente virtuoso. Nesse discurso, o Sr. Guizot fala de Ampère: “Ele assistia com tristeza, diz ele, ao estado actual de Roma e à incerteza dos seus destinos. Ele tinha a peito este grande feito, que é uma das glórias da história dos homens, a cidade soberana do mundo pagão feita capital independente do mundo cristão, e o direito de asilo assegurado a todas as grandezas terrenas decaídas, sob a protecção da cruz e sobre os túmulos dos seus mártires. Ele perguntava com ansiedade afectuosa o que viria a ser Roma se deixasse de ser o que é há tantos séculos, a cidade única entre as grandes cidades da terra, atraente e poderosa unicamente por força das crenças e das recordações. Os espíritos *elevados e equilibrados* não querem acreditar que direitos diferentes não possam obter o mesmo respeito, nem que o futuro dos povos exija a destruição do seu passado, nem que seja impossível assegurar aos Romanos a sua justa parte do progresso social e de liberdade, sem que a / (166) situação europeia do chefe da Igreja católica venha a ser desnaturada e destruída.<sup>43</sup>” Que católico teria dito estas coisas com mais justiça e nobreza?

O Sr. Thiers não tinha sido menos categórico sobre a mesma questão num discurso à Assembleia Nacional, em Outubro de 1849. “Para o Pontificado, dizia ele, o único modo de independência é a soberania. E é esse um interesse universal da mais alta importância, diante do qual os interesses particulares das nações devem calar-se. Sem a autoridade do Sumo Pontífice, a unidade católica seria desfeita; sem essa unidade, o mundo moral, já tão fortemente agitado, seria destruído de cima abaixo<sup>44</sup>.”

*Mons. Gerbet* aprecia na sua *Roma cristã* (tomo II) as várias formas de Governo. “Se a natureza humana pudesse produzir um regime perfeito, diz ele, o poder social seria

---

<sup>42</sup> “*Du Pape*”, l. IV, Excerpta, p.5.

<sup>43</sup> M. Guizot: “*Discours de réception de M. Prévost-Paradol*”. Excerpta pp.2-3.



atributo não do nascimento, mas do mérito reconhecido. A perpetuidade / (167) hereditária do poder, destinada a remediar a causas da instabilidade social, tem a sua razão de ser na própria fragilidade da nossa natureza. A ordem contrária, que marca a dignidade da natureza humana, brilha duma maneira eminente na Igreja<sup>45</sup>.”

O que *Dom Guéranger* escreveu sobre o perigo social e seus remédios é também tão actual hoje como então.

“Não ignoro, dizia ele, que é expor-se a passar por retrógrado não ver a salvação da sociedade no emprego de tais ou tais formas políticas, não ter confiança nas grandes vantagens que a civilização retirou das conquistas do século passado; mas, visto que nós temos a liberdade de pensar e de falar, seja-me também permitido usá-las e apontar as verdadeiras necessidades do século e os seus verdadeiros perigos. É verdade que vemos reinar na sociedade uma certa ordem exterior, uma certa prosperidade material. Mas como dizia Donoso Cortez, há outras ruínas além das que são acumuladas pela revolta, / (168) a pilhagem e a guerra civil. Bem podeis vós sulcar o país com caminhos-de-ferro, concluir tratados de comércio, construir estações e armazéns, multiplicar as fábricas, elevar com altos custos monumentos sumptuosos. O que é todo este esplendor, toda esta riqueza, se a verdade não habita no seio desta sociedade embriagada de voluptuosidades? Que é isso senão a veste de seda da imunda cortesã? E quem ousaria dizer que as verdades não diminuem entre nós? Nós ouvimos insultar tudo, blasfemar tudo, negar tudo, os dogmas mais augustos, as verdades mais santas, a Igreja, o cristianismo, o próprio Deus. O que não podemos esperar do homem, nós o esperamos de Deus. Ele fez as nações sanáveis, Ele ressuscitou os mortos do túmulo, Ele saberá então também levantar-nos da podridão moral, em que estagnámos. Não o esqueçamos todavia, esta regeneração só pode efectuar por um milagre, e os milagres, tanto na ordem / (169) moral, como na ordem física, são graças extraordinárias. É preciso obtê-los pela oração, por uma oração ardente e perseverante. É preciso obtê-los também, colaborando na humilde esfera da nossa acção para a realização do plano divino...<sup>46</sup>.”

Eu gostava de ler as palavras ardentes de S. *João Crisóstomo* sobre o zelo; elas inflamavam-me na minha bela vocação. Dizia ele: “O quê?! Se vós vedes um ceguinho à beira de um abismo, vós apressais-vos a estender-lhe a mão, e ao ver os vossos irmãos

---

<sup>44</sup> Excerpta, p. 12.

<sup>45</sup> Mons. Gerbet, “*Rome Chrétienne*”, vol. II, pp. 58-59. A última frase é um pouco diferente nos *Excerpta*, p. 2: “A ordem contrária que marca a dignidade humana brilha duma maneira eminente na sociedade espiritual (a Igreja), da qual ela é parte essencial.”

cair na voragem do inferno, podereis vós hesitar em correr até eles para salvá-los?!<sup>47</sup> “Vede, diz ele ainda, aqueles que navegam na vasta extensão dos mares; embora avancem ao sopro dum vento favorável e em plena segurança para si mesmos, se o seu olhar descobre ao longe um navio em naufrágio, ficam eles indiferentes sobre a sorte que o ameaça? Não. tomados de compaixão, eles fazem força de remos no seu próprio navio, lançam a âncora, / (170) amainam as velas, lançam tábuas ao mar, estendem cordas aos naufragos para ajudá-los a escapar a uma morte iminente. Todos nós andamos embarcados no mar perigoso da vida, mar semeado de escolhos e fecundo em naufrágios. Quando então passeando os vossos olhos sobre essa superfície agitada, a vossa vista descobre ao longe um companheiro de viagem exposto ao furor das ondas ou próximo de chocar contra um recife, deixai imediatamente qualquer cuidado ou negócio e voai em socorro do desgraçado que está para perecer”.

*Stº. Agostinho* traçava-me as regras do reino social de Jesus Cristo. “Os reis servem a Deus como reis, como devem servir, se ordenam o bem, se proíbem o mal não somente nas coisas humanas mas no que diz respeito à religião” (*Ad cresc, L. III, 57*) - “Eles servem a Deus como reis, quando fazem para O servir o que só os reis podem fazer” (*Ed. 185, ad com. Bonif., 19*). Nós consideramos / (171) felizes os imperadores não se eles governam longamente ou se deixam a seus filhos a posse pacífica do trono, mas se põem o seu poder ao serviço de Deus, empregando-o em dilatar o seu culto” (*Lib. V, De Civ. Dei*)<sup>48</sup>.

Encontrei no mesmo autor um encorajamento a escrever. Diz ele: “O que está escrito não vai cair na mão de toda a gente. Pode haver leitores que encontrem os nossos livros e aproveitam. É portanto útil que muitos escrevam sobre o mesmo assunto, livros de estilo diferente, salvando a boa doutrina. Um livro chegará a um e outro a outro” (*De Trinitate, L. 1, c. 5*).<sup>49</sup>

Gosto muito de um juízo de *S. Jerónimo* sobre as leituras dos autores profanos. Diz ele: “Ainda agora, vemos ministros de Deus abandonar o Evangelho e os profetas, para ler comédias, cantar os versos leves das bucólicas e deliciar-se com Virgílio: o que

---

<sup>46</sup> Excerpta, pp. 13-14.

<sup>47</sup> A citação de S. João Crisóstomo (hom. 16, ad pop.) é intercalada numa citação de Afraato, tirada da História Eclesiástica de Eusébio. Excerpta, pp.3

<sup>48</sup> As citações no Excerpta, pp. 4 são em latim.

<sup>49</sup> A citação de Excerpta, pp. 5 é em latim.

é um dever para as crianças, é para esses um pecado de volúpia” (*Ep. 3 ao papa Dâmaso*).<sup>50</sup>

*Stº. Agostinho* sobre o mesmo assunto diz: / (172) “Deixemos as bagatelas do teatro; alimentemos o nosso espírito com o estudo e a meditação das divinas escrituras, saciemos delas as nossas almas cansadas pela sede duma curiosidade vã e pelos vãos esforços que fizeram para se alimentarem de imagens ocas parecidas a alimentos pintados” (*De vera religione, c. 51, 100*).<sup>51</sup> É a impressão que sempre experimentei, a vã literatura, o romance, as obras onde o falso brilho da forma esconde o vazio de fundo sempre me pareceram alimentos pintados; nem pude prová-los.

Precisaria citar todo *Stº. Ambrósio* sobre a virgindade. Contento-me de solicitar com ele um olhar de Maria, vendo como a sua presença confirmou S. João Baptista na pureza.

*Fauchet*, no seu livro *De la religion nationale* indica claramente a base de todas as leis: “As leis civis nunca podem criar a moral, elas devem sempre segui-la e torná-la obrigatória. Vós tendes como a primeira das / (173) vossas leis, que é a base de todas as outras, *uma religião*. É preciso que toda a vossa legislação se conforme com ela, senão vós estais em contradição convosco mesmos e o vosso governo fica no caos por falta de concordância entre as leis de Deus e as leis dos homens. - A doutrina sobre a usura, sobre os contratos, sobre todas as relações com a moral, como sobre o dogma e os sacramentos, pertence só à Igreja. - Há sacramentos onde a Igreja diz que há sacramentos; há bons costumes onde a Igreja católica diz que há bons costumes. Todas as potências temporais juntas não poderiam mudar uma vírgula à verdade desses princípios”.<sup>52</sup>

Li e reli o tratado de *Peltier* sobre o *poder eclesiástico*. Não conheço outro autor que trate mais completamente das relações entre Igreja e Estado. Para o poder coercitivo da Igreja ele invoca a propósito S. Tomás de Aquino (*2ª 2ae, 9. 12, a. 2*). “A Igreja não tem de castigar a infidelidade daqueles que nunca receberam a fé, / (174) como diz o Apóstolo (*1 Cor. 5, 12*): “que tenho eu a julgar dos de fora?” Mas ela pode punir e julgar a

---

<sup>50</sup> A citação em Excerpta, pp. 7 é em latim

<sup>51</sup> A citação nas Excerpta, pp. 7 é em latim

<sup>52</sup> A citação em Excerpta, pp. 11.

infidelidade dos que tinham recebido a fé e ela assim faz para impedir que eles governem súbditos fiéis”.<sup>53</sup>

Ninguém melhor que S. Tomás me fez compreender a inteligência humana e o seu funcionamento. A sua questão 79 sobre esta matéria, na 1ª parte da *Suma* (especialmente nos art. 2.5.12.13) é um tratado completo de filosofia. Ele mostra-nos o *intelecto agente* como uma potência, derivada de uma potência superior, do Intelecto separado, do Intelecto divino e pronta a iluminar as imagens da nossa imaginação, para torná-las inteligíveis. - Ele dá o nome de Razão ao conjunto dos princípios primeiros e conhecidos naturalmente, que nos servem para julgar sobre todas as coisas, e o nome de consciência aos princípios que / (175) tendem à prática e que ditam as nossas acções e avaliam-lhes a moralidade. Com S. Tomás, quanto estamos longe de Descartes que esquece este rico domínio da nossa alma e baseia tudo sobre o seu famoso silogismo!<sup>54</sup>

Encontrei em *De Lugo* a defesa da propriedade contra o comunismo e o socialismo. “A propriedade existe de facto, diz ele, e isso não só é lícito mas é útil e mesmo necessário para a vida social. Se tudo fosse comum, como as coisas comuns são facilmente descuidadas, veríamos desaparecer todo o zelo pela cultura da terra, pela conservação das colheitas e pela distribuição de tudo o que é necessário para a vida. Há bem pouca gente que queira trabalhar para a comunidade sem esperar nada a mais do que os que não trabalham; daí mil brigas e dissensões, pois cada um tomaria o que achasse e os mais poderosos apoderar-se-iam do que quisessem.

Todavia a vida comum é possível / (176) entre alguns homens de bem, que escolhem os administradores dos seus bens. É o que acontece nas ordens religiosas. O mesmo aconteceu entre os primeiros cristãos de Jerusalém. Mas a perfeição é o quinhão do pequeno grupo; por isso, aumentando o número dos cristãos, foi preciso deixar aos fiéis a propriedade dos seus bens. É o que acontece também entre os sacerdotes. Na origem levavam vida comum. Tendo aumentado o seu número, foi preciso deixar-lhes a propriedade dos seus bens e a vida comum ficou para os religiosos” (*Disp. 6*)<sup>55</sup>.

---

<sup>53</sup> A citação em Excerpta, pp. 5-6 é em latim. O título da obra de Peltier é: “Traité de la puissance ecclesiastique”

<sup>54</sup> cf. Excerpta, pp. 7-8; apesar da sua fórmula “Cogito, ergo sum”, Descartes sustentou sempre que o “cogito”, afirmação fundamental da sua filosofia, é uma percepção imediata, uma intuição. O ser não é deduzido do pensamento, mas é o objecto de uma intuição no acto de pensar. Ela viria a substituir a sua primeira fórmula pela seguinte: “Cogito et sum”; “sum substantia cogitans”.

Nt. (Cogito ergo sum = penso logo existo

cogito et sum = penso e existo

sum substantia cogitans = sou uma substância pensante).

<sup>55</sup> A citação em Excerpta, pp. 10, é em latim

Como *Leibnitz* fala bem dos religiosos! “Confesso, diz ele, que sempre gostei e estimei as ordens religiosas, as pias confrarias e outras instituições do género. É como uma milícia celeste sobre a terra, contanto que se tirem os abusos e os relaxamentos, que as regras dadas pelos fundadores sejam observadas e que / (177) o Sumo Pontífice determine a sua organização a bem da Igreja. O que pode haver de mais belo do que levar a luz da verdade às nações afastadas, desafiando o oceano, o fogo e a espada, e procurar unicamente o bem das almas; proibir-se as alegrias do mundo e mesmo as doçuras da conversação para entregar-se à vida contemplativa; dedicar-se à educação da mocidade, socorrer os infelizes, os desesperados, os doentes, sem se deixar amedrontar, nem mesmo pelos perigos do contágio? Aqueles que ignoram ou desprezam isso têm da virtude um sentimento bem vulgar e medem estupidamente os deveres dos homens para com Deus pela sua vida glacial sem alma e sem zelo” (*Systema theologicum*)<sup>56</sup>.

*Bossuet*, num sermão sobre a caridade fraterna, diz-nos como se deve escutar ou ler a palavra de Deus. “*Verbum sapiens quodcumque audierit, sciens laudabit et ad se adjiciet*”. / (178) - É o seu texto. - O homem sábio que ouve alguma palavra sensata, louva-a e aplica-a a si próprio (*Ecl. 21, 18*). Veja-se bem que ele não se contenta em achá-la bonita e em gabá-la; ele não faz como muita gente que olha à direita e à esquerda para ver a quem ela convém e a quem ela podia ser aplicada. Ele não brinca a adivinhar o pensamento daquele que fala, ou fazer-lhe dizer coisas que nem sonha. Ele entra profundamente na própria consciência e aplica a si mesmo tudo o que se diz (*ad se adjiciet*). Aí está todo o fruto dos discursos sagrados: enquanto o Evangelho fala a todos, cada um deve falar a si em particular, confessar humildemente as suas faltas, reconhecer a vergonha das suas acções, tremer à vista dos perigos que corre”<sup>57</sup>.

Chego agora às leituras espirituais.

O *Venerável Belarmino* mostrou-me como S. Paulo traçara em poucas palavras todo um programa de direcção espiritual. / (179) “Nunca, diz ele, chegareis à arte de viver felizes e bem, se não fordes à escola de Jesus Cristo, que é o único verdadeiro mestre (Mt. 13, 8), se sobre as suas palavras e exemplos não vos formardes a essa justiça que ultrapassa em muito a dos escribas, dos fariseus e dos filósofos, *a essa justiça cujo fim é a caridade, fruto de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera*” (I

---

<sup>56</sup>A citação de *Excerpta*, pp. 8-9 é em latim

<sup>57</sup>*Excerpta*, pp. 11

Tm. 1, 5). “Finis autem praecepti est charitas, de corde puro et conscientia bona et fide non ficta”. Posso dizer que essa foi para mim uma luz definitiva. Foi essa a regra dominante desse ano e de toda a minha vida. O rumo da minha vida interior, estorvada, é verdade, por inumeráveis falhanços, tem sido sempre o amor a Nosso Senhor, mantido pela fé e pela pureza de coração e de consciência.

O querido *S. Francisco de Sales* falava-me, de passagem, da união necessária entre a Igreja e o Estado. “Salomão, diz ele, sabendo por inspiração divina / (180) que a república se liga à religião como o corpo à alma, dispôs pessoalmente de todas as leis requeridas tanto para o estabelecimento da religião como da república.” (T. IV, 221)<sup>58</sup>.

Recolhi de *Busson* estes dois pensamentos do mesmo Santo, que se tornaram a minha regra e a minha bússola: “se podemos julgar bem dos objectos unicamente pela avaliação dos entendidos, será coisa sábia medir a nossa estima das diferentes virtudes pela estima que lhes dá o mundo, ele tão pouco avançado na ciência dos santos, tão cheio de cobiça e de orgulho? - A bússola mais exacta não se dirige com mais exactidão para o norte, do que a sua alma para o bem. Só Deus era o polo que atraía a sua alma” (*Espírito de S. Francisco de Sales*)<sup>59</sup>.

Acho ter sido *St<sup>a</sup>. Brígida* quem me falou das vantagens da estadia em Roma. “As ruas aí estão calcetadas de tesouros, foram enrubescidas pelo sangue dos mártires. Aí, pelas indulgências e pelos perdões que os Santos nos mereceram, / (181) alcança-se a salvação por atalhos”<sup>60</sup>.

Com o *B. João Berchmans* resolvera aplicar-me em especial neste ano à humildade e à abnegação, “Eu orientarei para a aquisição destas virtudes todas as minhas orações, os meus desejos, as minhas acções, os meus exames. Afastarei imediatamente os pensamentos elogiosos de mim mesmo. Não direi nada em meu louvor. Os louvores ser-me-ão um motivo de confusão. Olharei para os meus confrades como sendo superiores a mim e tratá-los-ei com respeito. Aceitarei as humilhações com paciência; mesmo com prontidão, como Nosso Senhor; com alegria, e será então como o paraíso na terra”<sup>61</sup>.

Assim, com a ajuda das minhas leituras, eu organizava no meu pensamento as opiniões mais nítidas sobre uma multidão de temas importantes.

---

<sup>58</sup> “Oeuvres”, T. IV, p. 221. Cf. Excerpta, p. 12.

<sup>59</sup> Excerpta p. 4

*ESTADO DE ALMA - DIRECÇÃO*

Acabo de dizer a história da minha inteligência durante este ano; vou dizer a do meu coração e da minha vontade. / (182) Nosso Senhor apoderou-se muito rapidamente do meu interior e aí estabeleceu as disposições que deviam ser a nota dominante da minha vida, apesar de mil falhanços; a devoção ao Seu Coração Sagrado, a humildade, a conformidade à Sua vontade, a união com Ele, a vida de amor, tal devia ser o meu ideal e a minha vida para sempre. Nosso Senhor mostrava-mo, e levava-me a isso incessantemente e preparava-me assim à missão que me destinava para a obra do Seu Coração.

Começava desde então a anotar quase dia a dia as minhas impressões; isso permite-me reencontrar de uma maneira segura os sinais da acção divina e do plano divino sobre a minha pobre alma.

Reproduzo aqui alguns fragmentos dessas notas. Continua a ser uma graça voltar a lê-las conformando de novo a elas o meu coração<sup>62</sup>

*“Jesu, lux vera. Jesus é a minha luz. O seu nome lembra-me os seus preceitos / (183) e os seus exemplos e a sua invocação atraindo-me a sua graça. – Jesu, fortitudo martyrurum: Jesus é a minha força; a sua invocação dá-me confiança lembrando-me a redenção e a sua vontade de nos salvar. Jesu, refugium nostrum - Jesus é o meu remédio nas minhas fraquezas e misérias. Ele me levanta inspirando-me sucessivamente sentimentos de amor e de temor.*

- É no Coração de Jesus que eu quero fazer os exercícios da vida purgativa. É n'Ele e com Ele que eu quero ponderar nos meus pecados e chorá-los, pedir deles perdão a Deus, detestá-los, combater os meus defeitos e as minhas más inclinações, praticar a mortificação e a penitência, sofrer as aflições, as penas, os aborrecimentos.

- É n'Ele e com Ele que eu quero fazer o bem e praticar a virtude. Tenho fé na Sua sabedoria, confiança no Seu amor. Com Ele quero praticar a humildade, a paciência, a obediência, a castidade. Com Ele quero fazer a oração e a acção de graças. Com Ele

---

<sup>60</sup> “Révélations de St<sup>a</sup>. Gertrude ou de St<sup>a</sup>. Brigide”. Cf. Excerpta pp. 7.

<sup>61</sup> A citação é a síntese duma longa passagem em latim, Excerpta pp. 9-10

<sup>62</sup> De 1865 a 1873, isto é 2 anos após o fim dos seus estudos em Roma, Leão Dehon tomou sempre notas espirituais. Com essas notas ele encheu os dois primeiros cadernos das suas “Notas quotidianas”. Foram publicadas no I<sup>o</sup> volume do Centro de Estudos. Essas notas começam a 13 de Dezembro de 1867 e acabam a 20 de Fevereiro de 1870 (Cf. Introduction critique do Pe. Angelo Vassena ao volume I das Notes quotidiennes, 1975, Centre Général d'Études, Roma)

quero / (184) amar o próximo com amor verdadeiro, com cordialidade, compaixão, afabilidade, doçura, condescendência, paciência.

Com Ele e n'Ele quero fazer todas as minhas ações com moderação, doçura, suavidade.

- É n'Ele que quero praticar a união com seu Pai, com actos frequentes de amor, de adoração, de gratidão, de oblação, de homenagem, de abandono, de aniquilamento de mim mesmo, de desapego das criaturas”.

Meditei longamente sobre a humildade e considerei-a sob todos os aspectos. Contemplei o seu modelo em Nosso Senhor, reconheci as suas vantagens.

“A humildade é o fundamento de todas as virtudes. O homem humilde é levado à fé, reconhecendo a fraqueza da sua razão; à esperança, reconhecendo a sua indigência e miséria; ao amor de Deus, comparando os dons de Deus com a sua própria indignidade; à caridade para com o próximo, considerando só / (185) os seus defeitos e as qualidades dos outros. O homem humilde será paciente: ele sabe que não há castigo de que as suas iniquidades não o tornem digno. Ele terá facilmente o espírito de abnegação, de pobreza e de obediência. Ele reza de boa mente e Deus ouve as suas orações.

O conhecimento da nossa fraqueza conduz-nos à confiança em Deus. Vendo a nossa profunda inclinação ao pecado, só temos de nos apoiar unicamente em Deus, fazer unicamente a Sua vontade, sempre santa e santificante”.

“Eu faço o que Meu Pai me ordenou”, dizia Nosso Senhor. Mas é pelo Salvador que nós vamos ao Pai “Ide a meu Pai por mim, Eu sou o caminho. Se alguém Me ama, guardará a minha palavra, Meu Pai o amará e Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada. Se guardardes os Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor; enviar-vos-ei o Espírito de verdade. Meus irmãos são aqueles que guardam a Palavra de Meu Pai” / (186).

Queria que não ficasse nada em mim da minha própria vontade e que ela fosse toda absorvida e vivificada pela vontade de Deus que vive em mim. E o meio para isso é a união com Nosso Senhor. “Permanecei em mim, diz-nos Ele, para que Eu permaneça em vós. O ramo não poderá dar fruto por si mesmo, se não permanecer unido ao tronco. Aquele que permanece em mim e Eu nele, produz abundante fruto, porque sem mim nada podeis fazer. Se permanecerdes em Mim e as minhas palavras permanecerem em vós,



tudo o que quiserdes pedir vós será concedido. Permanecei no meu amor. Observai os Meus mandamentos. Que a minha alegria permaneça em vós e a vossa alegria seja perfeita.

São esses os pensamentos com os quais o Senhor conquistou o meu coração durante esse primeiro ano. - Tive de lutar muito; eu procurava a união com Deus às vezes com tensão de espírito e ganhava assim umas / (187) dores de cabeça. É que eu tinha de fazer violência sobre a minha má natureza e os meus longos hábitos de deixar correr na vida interior para viver seriamente a união com Nosso Senhor.

Esta união era o fim que o meu santo director, o Pe. Freyd, propunha constantemente aos meus esforços. Eu sentia que o Senhor aceitava o meu desejo, em princípio, mas Ele punha condições à sua realização, ou melhor era Ele mesmo a fazer o trabalho de preparação para a sua vinda ao meu coração. Devia primeiro purificar esse coração, depois colocar nele algumas disposições e hábitos próprios para agradar ao seu divino hóspede.

O trabalho de purificação foi sobretudo obra desse ano. Nosso Senhor fez-me procurar as mais pequenas faltas da minha vida passada. Em cada uma das minhas confissões eu encontrava alguma velha dívida esquecida a pagar. Geralmente eu tinha uma contrição muito viva; chorava muitas vezes. Gostava de fazer a via-sacra ou alguma outra mortificação. São estas as graças de todo o levita / (188) que começa a entregar-se a Nosso Senhor. Agradeço-vos, meu Deus, de não mas terdes recusado, apesar da minha indignidade.

Na primavera desse ano (1866) entrei na ordem terceira de S. Francisco, a 21 de Março. Já tinha tentado em Paris, mas não tinha perseverado. Desta vez fui fidelíssimo, até ao dia em que os meus votos religiosos fizeram cair os meus laços anteriores com a Ordem Terceira. Fui recebido noviço pelo Reverendo Pe. Geral dos Capuchinhos, num oratório interior do convento da praça Barberini. Deu-me como penitência, em troca dos dias de jejum, 5 Pai-Nossos, Avé Marias e Glórias em cada dia. Devo muitas graças de preservação e de reparação à Ordem Terceira. Amei sempre muito S. Francisco de Assis. À vestição tinha tomado o seu nome. Invoquei-o todos os dias da minha vida. Tomei-o como um dos patronos secundários da nossa Obra e tenho razões para / (189) crer que ele muito contribuiu para ela com a sua intercessão. / (190)

*MÉTODO E MEIOS DE SANTIFICAÇÃO - 1866*

Eu notava, para poder relê-los, os meios de santificação que achava serem os melhores e eles tornaram-se realmente o “directório” da minha vida, com a mistura de imperfeições que a natureza põe em todas as coisas.

Eis os princípios que eu achei os mais fecundos para o progresso espiritual:

1º fazer em cada instante a vontade de Deus, tanto quanto ela nos é conhecida.

2º na oração unir-se ao Coração de Nosso Senhor.

3º nas orações vocais unir-se ao pensamento íntimo do autor das oração.

4º na conversação, nunca abandonar-se totalmente à natureza, à alegria, à dor, às paixões; segurar sempre o travão e vigiar. / (1)

5º em toda a parte evitar de preocupar-se por um futuro incerto: “non curare de futuris contingentibus”.

Reparei que os Santos tinham geralmente, como os membros da nobreza feudal, um mote que lhes servia para se estimularem ao combate espiritual. Para Stº. Inácio era *Ad maiorem Dei gloriam* (=Para maior glória de Deus); Para S. Luís Gonzaga: *Quid hoc ad aeternitatem?* (=Que serve isto para a eternidade); Para Stª. Teresa *Una anima, una aeternitas* (=Uma só alma, uma só eternidade); Para S. Francisco Xavier *Vince teipsum* (=Vence-te a ti mesmo); Para mim, eu adoptei este: *Domine, quid mis vis facere?* (=Senhor que queres que eu faça?) - Não encontrava nenhum outro melhor, para cimentar e manter a união com Deus.

Parecia-me e ainda me parece, que todos os princípios de espiritualidade se concentram nas sete grandes virtudes. Sentia a necessidade de ler o que diziam sobre estas virtudes, os grandes autores: S. Tomás, Rodriguez, St. Jure, Grenade e S. Francisco de Sales. / (2)

Eu ardia no desejo de me tornar um santo sacerdote. Comecei desde então a invocar cada dia os principais modelos da santidade sacerdotal: S. Jerónimo, S. Inácio, S. Filipe Neri, S. Francisco Xavier, S. João Francisco Regis, S. Francisco de Sales, S. Vicente de Paulo, S. Afonso Maria de Ligório.

Notava o cuidado com que Deus tem sempre santificado os seus sacerdotes. O Êxodo e o Levítico dizem-nos como Ele interveio para santificar Aarão e os seus filhos e

os levitas da antiga lei. Os capítulos 28, 29 e 30 do Êxodo, os capítulos 16, 21, 22 do Levítico e muitos outros passos do Antigo Testamento mostram isso de uma maneira impressionante. E Nosso Senhor não preparou os seus Apóstolos ao sacerdócio com três anos de cuidados assíduos? Mais ainda, é por eles principalmente que Ele se santificava e sacrificava. Ele mesmo no-lo disse: *“Et pro eis / (3) sanctifico meipsum ut et ipsi sancti sint in veritate”* (Cf. Jo. 17, 19).

Excitava-me ao zelo e à mortificação pensando que os pobres pecadores submersos na sua ignorância e nas suas faltas não têm nenhum mérito a oferecer para obter a primeira graça do seu regresso a Deus: é preciso que seja outro a merecê-la por eles e a atraí-la.

Para me afigurar a presença de Deus gostava de ver o meu interior aberto como em pleno sol diante do olhar divino. Aliás, é a expressão do próprio Espírito Santo: *Et omnia opera illorum velut sol in conspectu Dei et oculi ejus sine intermissione inspicientes in viis eorum* (=Todas as suas obras estão diante dele como o sol, e os seus olhos observam continuamente o seu proceder) (Ecli. 17, 19).

Nada me parecia marcar melhor a união íntima da alma com Deus, do que a comparação desta união com o casamento, segundo o ensino de S. Paulo aos Efésios: “Maridos, amai as vossas mulheres como também Cristo amou a Igreja e se entregou por ela. - Os maridos devem amar as suas mulheres, como aos seus próprios corpos, como Cristo amou a Igreja e nos fez membros do Seu corpo e quase que uma parte da sua carne e dos seus ossos” (Ef. V. 25, 28-30).

Finalmente eu tinha já uma inclinação muito marcada, uma verdadeira vocação para a vida religiosa. Notava este passo de Belarmino: “Fora dos mártires, há pouquíssimos santos canonizados que não tenham saído dos mosteiros” (*L. de mon Prof.*). Portanto a santidade é maravilhosamente facilitada pela vida religiosa. Uma visita aos salões do Cardeal Vigário fez-me fazer a mesma reflexão de Belarmino. Há lá os retratos dos cardeais canonizados; quase todos saíram dos mosteiros. Como eu gosto da lógica, concluí que entraria em religião não para ser canonizado mas para me fazer santo e para melhor amar e servir a Nosso Senhor. / (5)

## *ESTADO DE ORAÇÃO*

O bom Pe. Freyd entregou-me, para me guiar na oração, os escritos inéditos do venerável Pe. Libermann. Ele tinha uma cópia. Nada me poderia ser de maior proveito. Desde então nunca mais encontrei um tratado de oração mais claro, mais exacto e mais prático. Há, diz o venerável Padre, três estados de oração, a oração mental, a oração de amor e a contemplação. - A primeira é a mais comum. É a que se faz segundo as regras normais. É uma aplicação do espírito a uma verdade sobrenatural para convencer-se dela profundamente e decidir-se a tornar-se melhor tomando as resoluções convenientes. - O método é conhecido. Há uma preparação remota que, aliás é comum a todas as espécies de oração e que inclui a pureza de coração, a mortificação das paixões e a vigilância habitual sobre os sentidos. A segunda e a terceira preparação consistem na previsão do argumento e no recolhimento.

A oração propriamente dita compreende: / (6) a adoração, a meditação do argumento intercalada de afectos (actos de amor), a introspecção sobre nós mesmos, as resoluções e os pedidos. O argumento pode ser uma verdade abstracta ou um mistério da vida do Senhor ou da SS. Virgem.

Apliquei-me primeiramente a este método de oração mental ou de meditação, como toda a gente deve fazer; mas, seguindo o conselho que o Pe. Freyd me tinha dado de tender à união com Nosso Senhor, escolhia de preferência argumentos relativos aos mistérios do Senhor. Quando o argumento que nos era lido se referia a alguma virtude, eu só poderia considerar essa virtude no próprio Senhor. Este hábito levou-me pouco a pouco à oração de amor.

A oração de amor é um estado em que a alma, movida por uma impressão sobrenatural e sensível, se atira violentamente para Deus e para tudo o que / (7) lhe pertence.

Há dois estados diferentes na oração de amor.

No primeiro, a impressão sensível é doce, suave e tranquila. Ela produz mais o recolhimento do que a expansão. A alma está ao pé do Senhor que vive nela, como uma criança no colo da mãe. Estas almas gozam, alimentam-se com o leite da graça, descansando, no seu interior, sobre o peito do Senhor.

Essa impressão doce e suave mantém-se durante todo o dia. Trabalha-se sem perder a presença de Deus, sem sair do seu recolhimento. Se acontecer às vezes que se perca a presença sensível de Deus, volta-se a ela facilmente. Os que permanecem neste estado conservam-se doces e moderados em todo o seu comportamento. O importante é que estas almas não desanimem na aridez, que não façam consistir toda a sua perfeição nesta doce paz e que não ensoberbeçam. / (8)

O segundo estado é aquele em que a impressão é viva e ardente. Muitas vezes está relacionada com as festas que se celebram. Há frequentemente uma atracção dominante, por exemplo a contrição, o amor, etc... Estas impressões são vivas e sensíveis e a alma desfruta neste estado duma felicidade imensa.

Isso não impede que muitas vezes neste estado a alma experimente dores interiores fortíssimas, dores que se relacionam com diferentes objectos.

Há uma dor que provém dos pecados passados. Ela tortura especialmente as almas que a bondade divina acaba de retirar do pecado. A sua violência mede-se pela violência do amor. Ela acompanha as almas dia e noite. Essa situação dura às vezes um ano inteiro.

Outra dor vem do desejo de alcançar uma graça, de adquirir uma virtude que se suspira incessantemente. Então são gemidos, aspirações, desejos / (9) violentos que crucificam a alma, sem todavia secar a sua alegria interior.

Uma terceira dor vem da visão da cruz e dos sofrimentos de Nosso Senhor. Os frutos dessas dores são grandiosos e desejabilíssimos.

Este estado de oração tem também os seus dons particulares: o desfalecimento do coração, o dom das lágrimas, o ardor do espírito e da memória, atracção para Deus, etc...; não os descrevo aqui.

Neste estado de oração a alma faz tudo por amor. Ela está cheia do desejo de agradar a Deus e de O fazer amar. Ela refere tudo a Deus e despreza o mundo; obedece docilmente ao seu director e aos seus superiores; tem grandes desejos de mortificação; gosta de cumprir em tudo a vontade de Deus; pratica com perfeição a caridade para com o próximo.

Nos desígnios de Deus, este estado conduz a alma à contemplação. Ela purifica-se, liberta-se cada vez mais de tudo, confirma-se no desejo de se unir a Deus e de lhe agradar/ (10) e tende directamente para Ele.

Descrevendo estas graças divinas eu descrevi, se não estou a iludir-me, o que a infinita misericórdia de Deus operou na minha alma, por fases e com algumas lacunas que lhe opunham as minhas resistências e as minhas imperfeições.

A graça de Deus conduziu-me em breve à oração de amor, que me consumiu de um grande amor para com o Senhor e derramou no meu coração uma profunda dor pelos meus pecados. A recordação dessas graças confunde-me e humilha-me.

Eu chorava também frequentemente o estado de indiferença religiosa do meu pai, mas iria conservar esse espinho ainda dois anos, antes de obter o seu completo regresso a Deus.

Ó meu Deus, recebi aqui mais uma vez o meu ardente agradecimento por todas essas graças e perdoai-me todo o abuso que delas fiz.<sup>63</sup>

## ROMA E AS SUAS FESTAS

Neste primeiro ano deixei adormecer um pouco os meus gostos / (11) artísticos, visitei muito pouco ou pelo menos muito superficialmente os monumentos de Roma, mas segui com o maior encanto, com o mais vivo interesse, toda a série de festas religiosas.

Não conheço nada, aliás, que melhor fale à imaginação e ao coração, do que o espectáculo do Sumo Pontífice e especialmente dum pontífice ternamente amado como Pio IX, rodeado pelo seu cortejo sacerdotal e real, presidindo a uma festa cristã e popular, nesse quadro que é Roma ou, ao menos, um monumento venerável da Roma católica.

Para as solenidades de primeira classe, o Papa oficiava pontificalmente em S. Pedro, rodeado pelo Sagrado. Colégio, por príncipes, embaixadores e por uma multidão

---

<sup>63</sup> (N. do T.) Para compreendermos tudo o que a seguir se lê, devemos lembrar que quando o Pe. Dehon estudava em Roma, 1865-1870, o Papa ainda era a autoridade única de Roma, espiritual e política. A capital da Itália unida passara de Turim para Florença, 1861-1870; todo o estado pontifício unira-se à Itália, mas a cidade de Roma não fora conquistada porque havia um regimento de soldados franceses, os zuavos lá mantidos pelo imperador Napoleão III, que queria (e obteve) o favor dos católicos para a sua política. Derrotada a França na guerra de 1870 contra a Prússia, Napoleão foi feito prisioneiro, a França proclamou a república e retirou os seus soldados de Roma. No dia 20 de Setembro do mesmo ano de 1870 as tropas italianas entraram em Roma pela “brecha da Porta Pia” e Roma foi declarada capital da Itália.

imensa, com esse conjunto imponente de cerimónias que recordarei adiante. Nas festas de segunda classe, o santo padre tinha capela Sistina, quer dizer que assistia a uma missa cardinalícia na Sistina e recebia a homenagem do Sagrado. Colégio. Várias vezes / (12) por ano ele ia numa peregrinação tradicional a algum santuário da cidade Santa. Roma tem, na verdade, os seus Santos preferidos. São os principais Apóstolos e alguns protectores que lhe valeram nas circunstâncias mais críticas da sua história.

Gosto de me lembrar aqui toda a série destas festas.

A 4 de Novembro, o Santo Padre dirigia-se com grande gala à igreja de S. Carlo-al-Corso. S. Carlos é um dos grandes Santos de Itália. É invocado para que proteja a cidade contra as epidemias.

Não há nada tão majestoso como esses cortejos de gala. A cidade é embandeirada, a estrada é coberta de areia, dragões a cavalo sulcam as ruas. A multidão forma alas numa espera ansiosa. Quando o Santo Padre chega é um delírio. Todos se inclinam, lançando ao mesmo tempo um olhar ávido. Gritam todos: “Viva o Papa; Viva Pio IX; a sua bênção!” - Pio IX era tão bom! O seu sorriso paterno comovia-nos profundamente.

Que cortejo imponente, o dessas trinta ou quarenta carruagens douradas que relembavam a pompa das cortes do século XVII! Os Papas tinham-se submetido a este luxo, era a etiqueta das cortes. Restabelecer-se-á toda esta pompa? Claro que não. A tormenta revolucionária que passa arrebatá-la-á. O espírito democrático transborda por todos os lados.

Essas peregrinações pontifícias repetem-se várias vezes por ano.

A 25 de Março e a 26 de Maio, o Santo Padre vai rezar sobre os sepulcros dos dois padroeiros secundários de Roma, Santa. Catarina de Sena e S. Filipe Néri.

Ele vai a S. João de Latrão nas festas da Ascensão e de S. João Baptista e a Santa Maria Maior, no dia 15 de Agosto.

Muitas vezes também havia capela papal na Sistina, isto é o Papa assistia à missa sobre o seu trono, rodeado pelo sagrado Colégio: os coros da Sistina faziam ouvir os trechos escolhidos do grande compositor Palestrina e / (14) um certo número de fiéis dotados com um bilhete assistia a ela. Estas capelas papais realizam-se em todos os domingos do Advento e da Quaresma, na Circuncisão, na Epifania, nos últimos dias da

Semana Santa, no Pentecostes e noutras festas ainda. Nós no Seminário obtínhamos frequentemente licença para um grupo. Com que avidez corríamos para lá! Era tão bom gozar da vista de Pio IX durante uma hora inteira. Às vezes o ofício era precedido ou seguido pela obediência dos Cardeais. Os príncipes da Igreja avançavam um por um, deixando arrastar majestosamente a sua “cappa magna”. Ajoelhavam-se aos pés do Papa e beijavam-lhe os joelhos.

Tudo isso, visto com um grãozinho de fé, parecia-me sublime. Não era isso a homenagem das nações, a homenagem da ciência, a homenagem da virtude ao Vigário de Cristo?

Há em Roma uma festa que é perpétua, a das *quarenta horas*<sup>64</sup>. O Santíssimo Sacramento está exposto / (15) cada dia numa igreja diferente para a adoração reparadora e a oração em favor das nações católicas. As igrejas rivalizam de zelo. Muitas vezes para a adoração é erguido um altar especial e muito decorativo; a iluminação é rica, a igreja é enfeitada com tapeçarias de seda, um prelado preside aos ofícios, cantores famosos são convidados, a procissão faz-se dentro da igreja ao canto da ladaíinha dos santos, do Parce Dómine e do Miserere. É solene e comovedor ao mesmo tempo. No Seminário tínhamos o programa das Adorações; todas as comunidades o têm. Frequentemente era a meta dos nossos passeios.

Que bons momentos eu passei lá, e quantas graças lá recebi! Uni a essas adorações do Lausperene a bênção do SS. Sacramento no “Gesú”<sup>65</sup> no dia 31 de Dezembro; o Papa lá ia. Era uma oração de reparação e de agradecimento pelo ano findo. Era mesmo bom fazer este acto em união com o Chefe da Igreja.

Outra festa toda romana / (16) é a das Estações; não é todos os dias, mas é frequente.

Todos os dias da Quaresma, durante o Advento e em certas festas do ano, há Estação em alguma Igreja. - As estações da Quaresma são as mais seguidas. Nesse dia todas as relíquias estão expostas na igreja designada, as criptas estão abertas, os altares iluminados, os corpos santos cobertos de flores. Há indulgência plenária. Todos

---

<sup>64</sup> NT: É o que se chama em português o *Lausperene*. Lembro-me bem que havia isso em Lisboa e a nossa igreja do Loreto tinha os seus dias cada ano; ao começo do Advento saía um grande cartaz que se expunha em todas as igrejas; nele se indicavam as igrejas onde havia o Lausperene. Não sei se isso continua ainda!... e era dia e noite, a igreja não fechava. Na nossa igreja do Loreto Acho que havia Lausperene duas vezes por ano.

<sup>65</sup> Nt: O “Gesú” é a mais famosa igreja dos jesuítas em Roma; quase como o “Gesú”, é famosa a outra igreja dos jesuítas - “S. Ignazio”



os fiéis piedosos de Roma lá vão. Certas Estações, sobretudo são mais populares que outras. Alguns antigos santuários falam mais à alma e alguns Santos são mais amados. Nós íamos muitas vezes às estações nos nossos passeios. Só no céu saberemos quantos frutos espirituais colhemos nesse verdadeiro jardim místico de Roma dos mártires onde florescem as ossadas e os sepulcros

Natal, Páscoa e S. Pedro tinham o seu cortejo de festas, / (17) que atraíam sobretudo os estrangeiros e os peregrinos.

A festa do Natal era preparada pelas Capelas papais e pelas Estações do Advento e pelos oratórios da “ Chiesa Nuova”<sup>66</sup> e pelas pregações das paróquias.

No Natal, o Santo Padre celebrava pontificalmente em S. Pedro. Não há nada de mais majestoso do que estes ofícios pontificais. O Santo Padre era levado na “Sédia”<sup>67</sup> desde o Vaticano até à Basílica. Os Guardas Nobres, os Palatinos e os Zuavos faziam alas. À sua entrada o Pontífice era saudado pelo canto entusiasta do *Tu es Petrus!* O Santo Padre celebra num altar reservado, que faz face e o povo. Está rodeado por numerosos prelados. O Sagrado. Colégio está nos seus banquinhos. As tribunas têm um aspecto único. Há a dos reis e príncipes peregrinos ou exilados, a do corpo diplomático, a da nobreza romana. O coro é maravilhoso. É tão notável pelo talento como pela escolha das vozes como pela dos trechos. Nesse tempo o soprano Mustaphá / (18) era o encanto dos Romanos. O toque das trombetas de prata nas galerias da cúpula tinha qualquer coisa de celestial<sup>68</sup>.

Mas a alegria de Natal no que ela tem de original e de interessante em Roma é limitada à Basílica de S. Pedro. Ela tem mais do que um teatro e prolongamento por quinze dias.

---

<sup>66</sup> Nt: A “Chiesa Nuova” é a igreja onde viveu e ensinou S. Filipe Neri, que aí introduziu este espectáculo de mística sacra chamado “oratório”.

<sup>67</sup> Nt “Sédia gestatória” era a “cadeira para o transporte” do Papa; era um trono sobre suporte com longas varas à frente e atrás que 12 homens carregavam aos ombros. Isso foi usado até há poucos anos; João XXIII, considerando o aumento do peso, aumentou logo o soldo dos portadores. O Papa actual nunca o usou, prefere dar a volta ao povo sob um “jipe”

<sup>68</sup> Este entusiasmo pelas festas religiosas poderia parecer exaltação, exaltação de tipo clerical, de estilo “seminarístico” (da época). E todavia, a título de exemplo, citamos o que escreve um grande músico russo ortodoxo, nas suas recordações em 1881, P. J. Ciaikovski. Quinze anos após o acontecimento ele diz: “Domingo próximo assistiremos a uma missa solene em S. Pedro, celebrada pelo Papa. Não se pode imaginar nada de mais grandioso do que o cortejo pontifical com os cardeais, os bispos, os camarlangos, em trajes medievais enquanto se fazem ouvir os coros de Palestrina” (Carta a Nadjeshda von Meck). O célebre músico era também grande admirador da majestosa liturgia ortodoxa como também dos cantos russos antigos. Podia portanto fazer a comparação com conhecimento de causa (cf. Kurt von Wolfurt, Ciaikowski, pp. 247)

Em Santa Maria Maior a Manjedoura do Salvador é exposta ao público. São algumas tábuas bem veneráveis guardadas num belo relicário de prata e de cristal. Outrora, celebrava-se a missa da meia-noite diante desta relíquia. Esta basílica é uma nova Belém e tem todas as graças da antiga. Ela possui juntamente com a manjedoura, a imagem maravilhosa de Jesus e de Maria pintada por S. Lucas, as relíquias dos Santos Inocentes e o corpo de S. Jerónimo o grande ermitão de Belém.

Em Santa Anastácia, nesse dia venera-se o véu de Santa Verónica e a capa de S. José. / (19) A capa de S. José é cinzenta e unida como os albornozes dos árabes. O véu de Maria tem graciosos desenhos, como as sedas de Damasco e de Aleppo.

Como Roma é rica em relíquias!

Estas festas do Natal e Epifania, em Roma põem em movimento, todas as classes da sociedade. O povo vai à *Ara Coeli*, a igreja dos Franciscanos do Capitólio. Há lá um presépio enorme que enche uma capela inteira, e ainda o *Bambino* milagroso, a estatuinha do menino Jesus feita em madeira do Oriente e coberta de pedrarias pelos ex-votos dos fiéis. A pequenina estatua é uma personagem, ia a dizer é um cidadão importante de Roma. Ela espalha os seus benefícios sobre toda a cidade. É conduzida numa carruagem a visitar os doentes de categoria, e no dia da Epifania dá a bênção ao povo do alto da escadaria do Capitólio.

Há também nesta igreja, as pregações das crianças. / (20) Todas as tardes, durante a Oitava, as criancinhas levadas por seus pais, sobem a um trampolim e declamam um sermãozinho ao povo e uma oração a Jesus. - Nada de mais comovedor e de mais ingénuo. Isso dá também lugar a um curioso estudo dos caracteres. Uma tal criança é simples e devota como um anjo; outra sente vaidade no seu sucesso; outra amua e vira a cara para a coluna. Claro que pais e avós foram também convocados, e tomam parte com muita ingenuidade no sucesso do bebé.

Em St<sup>o</sup>. André della Valle, as festas têm outro cariz; é o mimo, e dos mais delicados. Durante toda a Oitava, há cada dia uma missa num dos ritos do Oriente e um sermão numa das línguas da Europa. Frequentemente ouvem-se oradores de fama, cardeais, bispos, ou pregadores de renome, chegados a Roma em / (21) peregrinação.

No dia da Epifania, ou na sua Oitava, há também, na *Propaganda (Fide)*, a Festa das línguas. Os alunos da *Propaganda* recitam, diante de uma selecta assistência,

poesias ou cantos nas línguas dos países de missão a que pertencem. Esta festa tal como as de St<sup>o</sup>. André constitui a homenagem das nações ao Salvador que nos nasceu.

Outra graciosa homenagem a Jesus, que a Revolução italiana estupidamente suprimiu, foram esses cantos de gaita-de-foles e cânticos que os pastores da campanha romana vinham oferecer todas as tardes, à hora da Avé-Maria, durante o tempo do Natal, às “Madonas” das ruas da cidade.

A maior parte das vezes iam dois a dois, um pastor e uma criança, em traje pitoresco, e tocavam ou cantavam os seus natais populares.

A máquina niveladora maçónica passou sobre tudo isso. A Revolução / (22) matou a poesia. Conservou-se a feira da epifania, a Befana.

Se o novo regime tivesse gosto, era essa que ele teria suprimido. É uma feira de brinquedos, mas o povo acrescentou-lhe uma chinfrineira tradicional que dura toda a noite da Epifania, e que é uma maneira de escarnecer o rei Herodes, enganado pelos Magos. Nunca achei que isso fosse um divertimento muito distinto.

É preciso ainda aproximar do tempo do Natal a festa de 2 de Fevereiro. O Santo Padre benzia os círios em S. Pedro. Os cardeais, os bispos, os príncipes, os embaixadores iam receber os seus círios das mãos do Papa; era uma procissão. Era um simbolismo magnífico da luz divina que veio iluminar todas as nações: “*lumen ad reveltationem gentium*”<sup>69</sup>. Os superiores gerais, os reitores das basílicas, dos capítulos, das Igrejas nacionais, dos seminários, iam em audiência levar ao Santo Padre a homenagem / (23) com os seus emblemas pintados. O P. Freyd iria levar-me com ele no ano seguinte e proporcionar-me assim a alegria que eu tive, aliás, várias vezes de passar alguns momentos aos pés de Pio IX.

Janeiro tinha outras festas que já não estavam em relação directa com o Natal. - A 17, dia de St<sup>o</sup>. Antão; todos os cavalos de Roma iam desfilarem diante da escadaria do mosteiro de St<sup>o</sup>. Antão-ao-Viminal<sup>70</sup> para receber a bênção do capelão. Havia uma hora para as parelhas da aristocracia, uma outra para os cavalos do povinho. Todos estes cavalos levavam porém na testa uma medalha de St<sup>o</sup>. Antão e o grande santo defendia-os dos acidentes.

---

<sup>69</sup> N.T.- “Luz para se revelar às nações” são palavras do cântico de Simeão “*Nunc dimittis*”, no dia da apresentação do Menino Jesus no Templo (Lc. 2, 29-31).

<sup>70</sup> N T - **Viminal** é uma das **sete colinas** de Roma: Cpitólio, Quirinal, Viminal, Esquilino, Aventino Célio e Palatino.

A 20 e 21, nas festas de St<sup>a</sup> Inês e de S. Sebastião, as catacumbas<sup>71</sup> destes santos tão populares em Roma, eram abertas e iluminadas. Nós corríamos para lá tanto quanto os nossos passeios no-lo permitiam.

Mas o período mais comovedor e mais solene das festas de Roma / (24) é a Semana Santa. Ela começava no Domingo de Ramos, com a capela papal em S. Pedro, a bênção e a distribuição dos Ramos ao Sacro Colégio e à corte pontifícia. Cantavam-se os coros de Ávila na bênção dos Ramos, o *Stabat Mater* de Palestrina no Ofertório, o *Benedictus* de Baini à Elevação. No seminário não podíamos participar nestas cerimónias nem noutras da Semana Santa, senão com licença especial.

Na Quarta, Quinta e Sexta-feira Santas, para o Ofício das trevas, capela papal na Sistina: canto das Lamentações de Palestrina e de um dos três famosos *Miserere* de Allegri, de Bai, ou de Baini. Estes salmos são uma alternância de versículos a 4 ou 5 vozes, onde o sentimento e a harmonia se aliam admiravelmente. Terminam com um versículo mais solene a 8 ou 10 vozes. São as obras-primas da música religiosa.

À noite desses três dias / (25) podia-se ver no hospício da Trindade uma cena enternecedora. Recebiam-se aí os pobres peregrinos, vindos a pé da Itália, do Tirol, da Alemanha para as festas da Páscoa. Os confrades do S.-Coração vestidos com o seu modesto dominó<sup>72</sup> cinzento, praticavam heroicamente a hospitalidade lavando os pés desses pobres peregrinos e servindo-os à mesa. É uma confraria totalmente aristocrática onde entram só cardeais, prelados, príncipes e nobres romanos. Podia ver-se a sua púrpura ou a sua batina roxa passar sob o dominó. - Conservo uma lembrança emocionada destes serões.

A Quinta Feira Santa era dos melhores dias da grande Semana. As cerimónias sucediam-se quase sem interrupção. De manhã, havia a capela papal na Sistina, canto dum motete de Palestrina, procissão do Santíssimo na capela Paulina magnificamente iluminada. Ao meio-dia, bênção *Urbi et Orbi* / (26) dada pelo Papa da *loggia* da basílica de S. Pedro. Estas grandes bênções eram na verdade o perfume das grandes festas de Roma. Eram dadas cinco vezes por ano: em S. Pedro, na Quinta-feira Santa, no dia de Páscoa, na festa de S. Pedro (29 de Junho); em S. João de Latrão, no dia da Ascensão;

---

<sup>71</sup> N T - As catacumbas mais extensas, mais profundas (chegam a ter sete túneis sobrepostos) e mais visitadas são as de S. Calisto. Seguem-se as de S. Sebastião que ficam na mesma Via Appia, mas mais longe da cidade. As de St<sup>a</sup>. Inês são as menos conhecidas por serem as mais pequenas e as mais escondidas, na Via Nomentana. As catacumbas se fossem alinhadas dariam uns 900 Km!!!

<sup>72</sup> N T. - Dominó - túnica provida de capuz e mangas, usada por mascarados no Carnaval (LISA, I, 916).

em St<sup>a</sup>. Maria-Maior, na Assunção (15 de Agosto). Nós assistíamos todos os anos às quatro primeiras, mas estávamos ausentes na Assunção. Uma vez prolonguei a minha estadia em Roma até 1 de Setembro, mas infelizmente era o ano de 1871, a Revolução triunfava em Roma; e as bênçãos papais estavam interrompidas desde há muito.

Não conheço nada de mais grandioso do que estas bênçãos. O quadro geral é tão bonito: a praça de S. Pedro com a sua prodigiosa colunata. Uma multidão imensa cobria esta praça. Contavam-se então 80.000 peregrinos para as festas da Páscoa; e os Romanos acorriam / (27) também para a bênção. As carruagens estavam alinhadas em ordem no fundo. Alas de soldados formavam mais um piquete de honra que um policiamento para esta multidão pacífica. Todos os olhares se viravam ansiosos para a tribuna de S. Pedro. Conversava-se, mas timidamente. De repente, Pio IX aparecia, rodeado pela sua corte. Uma exclamação geral, mas meio abafada, explodia; depois era o silêncio. Os próprios cavalos impressionados por esta calma geral deixavam de relinchar. Então, Pio IX cantava a bênção com uma voz tão cheia que se ouvia até ao fundo da praça; depois levantava os olhos e os braços para o céu para invocar a bênção divina, e todos os joelhos se dobravam e toda essa multidão se abaixava, sob a mão do pontífice. A bênção do céu vinha alegrar e confortar os corações. Logo depois, o canhão anunciava à cidade a feliz bênção. Todos os sinos se punham em badalada. Os clarins davam as suas notas e os tambores os seus ribombos / (28) na praça de S. Pedro, e cem mil vozes comovidas misturavam-se, gritando em várias vagas, em todas as línguas: “*Viva o Papa! Viva Pio IX*” Era uma santa embriaguez.

As bênçãos da Quinta-feira Santa e da Páscoa tinham a mesma classe. A da festa de S. Pedro tinha menos estrangeiros, mas mais romanos e mais peregrinos da região.

Após o Ofício da Quinta-feira Santa, o papa fazia o *mandatum*<sup>73</sup>. Lavava os pés a doze padres pobres, vestido, creio eu, com o dominó branco das confrarias; depois servia-os à mesa. Eles eram mesmo treze, acho eu, em recordação do anjo que se juntou aos doze pobres servidos por S. Gregório Magno. Só uma vez assisti ao *mandatum* e com profunda emoção.

---

<sup>73</sup> N.T.- *Mandatum* dizia-se da cerimónia do lava-pés, citando a 1<sup>a</sup> palavra, em Latim pronunciada por Jesus: “*Mandatum novum vobis*” (Dou-vos um mandamento novo).

Na Sexta-feira Santa, capela papal, canto dos dois coros de Ávila e dos *Impropérios*<sup>74</sup> de Palestrina. De tarde, o papa descia à basílica para venerar as grandes relíquias da Paixão. / (29)

No Sábado Santo, cantava-se em S. Pedro a *Missa do Papa Marcelo*, a obra-prima de Palestrina.

O dia de Páscoa era o mais solene entre todos. Às 10 horas, o Papa, com a tiara na cabeça, descia pela escadaria real, precedido por todo o seu cortejo. Era levado na Sédia gestatória por 12 palafreiros vestidos de damasco de seda vermelha brasonada.<sup>75</sup> Os flabelli, ou leques de plumas de pavão, eram levados por dois camareiros. O cortejo entrava pela porta maior do alpendre, ao som das trombetas e ao canto do *Tu es Petrus*. A Missa tinha ainda mais solenidade que no Natal. Ao meio-dia, o papa dava a bênção no balcão exterior. À noite realizava-se a iluminação da cúpula, da fachada e da colunata de S. Pedro, que não só alegrava a cidade, mas até os habitantes dos montes albanos, a 8 ou 10 léguas de distância; eram empregados 360 homens para acender com uma rapidez surpreendente / (30) os 5.000 lampiões desta fantasmagoria e para renovar as chamas depois da 1ª hora.

Na segunda à noite, havia fogos no Píncio<sup>76</sup>. Povo e clero iam para lá em boa companhia, sem que houvesse acanhamento ou desprezo duma parte ou doutra. Era a grande família cristã que se alegrava pela Ressurreição do Salvador.

O dia 12 de Abril era a festa popular toda pessoal para Pio IX. Era o dia aniversário do seu regresso da Gaeta<sup>77</sup>. Ele ia a Stª. Inês Extra-Muros. Pio IX gostava tanto desta querida Santinha! Atribuía-lhe o milagre de ter escapado, em 1854, no mosteiro anexo a essa basílica, ao perigo do desabamento de um soalho. O povo tinha guardado uma lembrança comovida deste regresso de Gaeta; por isso na noite deste dia aniversário, toda a cidade era magnificamente iluminada. / (31)

Nessa ocasião, o S. Padre tinha capela papal em S. João de Latrão. Dava a bênção ao povo do balcão exterior. Esta bênção tinha cunho diferente da de S. Pedro. A

---

<sup>74</sup> N.T.- *Impropérios*, na Sexta-Feira Santa, são as lamentações que Jesus dirige aos homens ingratos e especialmente ao povo judeu - “*Ó meu povo, que te fiz Eu*”.

<sup>75</sup> N.T.- Eles traziam vestida uma dalmática que tinha bordado o braço de Pio IX (*brasonada*), igual de frente e de trás.

<sup>76</sup> N.T.- *Píncio* é uma colina de Roma, ao Norte, mas não é das sete antigas. Faz parte da *Villa Borghese* que é um parque imenso.

multidão aí era mais original, era Roma e a campanha romana. O quadro era mais variado e o horizonte mais vasto. Em primeiro plano a Scala Santa<sup>78</sup>, o Triclinium de Leão VII e de Carlos Magno, a grande avenida de azinheiras e a basílica da Santa Cruz<sup>79</sup>; ao longe era a campanha romana com as suas ruínas e as montanhas da Sabina, com as suas recordações: Tiburi, Frascati, Tusculum, Alba e o monte onde reinava Júpiter. Como o papado é grande no seu reino pacífico!

O Corpo de Deus também tem em Roma uma grandeza particular. As procissões das paróquias partilham-se a semana; elas são enobrecidas pelas confrarias e pelas ordens religiosas. Mas a de S. Pedro é única. O Santo Padre / (32) está ajoelhado na Sédia para levar o Santíssimo Sacramento. O cortejo segue a colunata de S. Pedro; reúne os cardeais, os patriarcas, os arcebispos, bispos e prelados presentes em Roma. Alguns bispos orientais aumentam a variedade com os seus trajes majestosos. A multidão é numerosa e recolhida. Que contraste entre este triunfo pacífico do nosso rei Jesus e o que Nero recebia da multidão ébria de sangue e de volúpia neste circo do Vaticano.

As festas de S. Pedro tinham a mesma solenidade que as da Páscoa: missa papal, bênção, iluminação e fogo-de-artifício. Os peregrinos estrangeiros afluíam de novo.

São esses os grandes dias de Roma, mas para dizer a verdade, cada dia de Roma tem o seu encanto e as suas emoções próprias. O calendário litúrgico leva-nos cada dia a um santuário onde o / (33) Santo ou o Mártir festejado tem o seu sepulcro, as suas relíquias, os instrumentos do seu suplício, às vezes o seu quarto, e diversas lembranças da sua vida.

Como é santificante um ano passado assim em Roma! Quantos alimentos, suaves e fortificantes ao mesmo tempo, a fé e a devoção encontram aí! E como é fria e insípida qualquer outra permanência, quando se viveu em Roma!

---

<sup>77</sup> N.T.- **Regresso do Papa de Gaeta.** Em 1848, toda a Europa foi sacudida por Revoluções liberais. Na Itália foi a primeira guerra da Independência contra a Áustria, que sacudiu todas as cidades; Pio IX teve de fugir de Roma para a Fortaleza de Gaeta, que fica ao Sul, no então reino de Nápoles.

<sup>78</sup> N.T.- A Scala Santa (Escada Santa) seria a escadaria do petório de Pilatos que Jesus subiu e desceu como acusado e condenado.

<sup>79</sup> N.T.- A basílica da Santa Cruz é assim chamada porque foi construída por St<sup>a</sup>. Helena (*mãe do imperador Constantino*) expressamente para guardar a cruz de nosso Senhor que ela tinha trazido de Jerusalém. O Nome completo da Basílica é mesmo "*della Santa Croce di Gerusalemme*", mas está em Roma!

## EXAMES

Entretanto chegara o fim do ano lectivo. Os meus professores encorajaram-me a apresentar-me ao doutoramento com alguns dos meus condiscípulos: os Tallec e Guilhen que tinham feito três anos de filosofia, e os Perrean e Rivoyre, que tinham feito um ano só como eu, mas que tinham passado também pela escola de Direito. Consegui responder convenientemente em forma escolástica, sobre as principais teses da filosofia. Tive de responder também em italiano sobre a física, a astronomia, a mecânica racional e os elementos do cálculo integral e diferencial. O exame foi satisfatório.

O P. Freyd desejava que eu tomasse parte no concurso do final do ano, mas os grandes calores tinham chegado, eu estava mais que cansado; entrei só no concurso de moral natural. Consegui o primeiro *accessit*<sup>80</sup>. Éramos uns sessenta concorrentes.

## FÉRIAS

As minhas férias começavam por uma grande privação. Meu pai ainda não estava familiarizado com a minha vocação; escrevera-me que não me queria ver de batina. O P. Freyd pensou que eu não devia irritar nada, nem ninguém; voltei portanto à civil. Custou-me muito deixar o hábito eclesiástico ao qual me tinha afeiçoado. É uma defesa preciosa que me ia fazer falta. Graças a Deus, não creio que a minha alma tenha sofrido com isso. Nosso Senhor dera-me tantas graças nesse ano. Vivi como seminarista com o hábito secular, durante esses três meses de férias. A missa / (35) e a comunhão diária, o ofício de Nossa Senhora e os meus outros exercícios de piedade sustentavam-me. Passei bons momentos na nossa velha igreja. Eu organizava os meus passeios de modo a fazer a visita ao Santíssimo Sacramento pela tarde.

Via muitas vezes o meu bom Deão, o Sr. Demiselle. Minha mãe estava já ganha para a minha vocação e eu passava bons momentos com ela. Ela acompanhava-me à missa e muitas vezes à comunhão. Eu gostava da minha pequena celazinha na torre da casa. Estudava as antiguidades cristãs da diocese. Conservei uma doce recordação das horas passadas a passear no jardim, fazendo os meus exercícios de piedade.

---

<sup>80</sup> Palavra latina que significa “*Chegou, aproximou-se*”. Distinção escolar concedida aos que mais se aproximaram do prémio!



*Nota.* Em Junho, tornado anémico pelo trabalho, tivera de tomar oito dias de descanso. Passei-os em Genzano, na casa dos Franciscanos, onde o ar puro e as sombras frescas retemperaram as minhas forças.

### Roma - 2º Ano lectivo: 1866-67

#### REABERTURA

Fora feliz por rever a minha família, mas quanto me alegrava por reencontrar a vida devota e regulada do seminário e o santo hábito eclesiástico, que tivera de deixar por três meses.

Não era a viagem fácil de agora! O Monte-Cenísio ainda não tinha deixado abrir os seus flancos<sup>81</sup>. Por estrada, eram precisos cinco dias. Não fiz longas paragens. Passei por Orléans e almocei com Mons. Dupanlong. Desgardes levou-me a passear em Bourges. Segui a estrada da costa<sup>82</sup> e passei por Loreto.

Depressa retomei os meus hábitos apenas interrompidos. Este ano tive alojamento no quarto andar. Vejo ainda em pensamento esse quarto, bastante amplo, mas pobre, mobilado com uma cama de *zostera*<sup>83</sup>, com uma escrivaninha enegrecida e duas cadeiras onde eu passaria tão bons momentos.

Fizemos o retiro. Não conservei dele nenhum apontamento. Mons. Gignoux, bispo de Beauvais, estava / (37) em Roma por alguns dias. Era um amigo da casa; ele aí mantinha alguns alunos à sua custa. Convidaram-no a fazer-nos a pregação. E ele pregou com uma simplicidade e bondade, absolutamente apostólicas. A sua grande fé, a sua piedade, o seu zelo pregavam ainda mais eficazmente do que a sua bela palavra. As suas instruções eram riquíssimas de Sagrada Escritura. Conservei o costume do Memento que ele nos aconselhou para a nossa missa diária:

---

<sup>81</sup> N.T.- O Moncenísio tem um túnel de Fréjus ou de Bardonecchia, onde passa o caminho de ferro Turim-Lião; é a ligação mais curta entre Roma e Paris, por comboio.

<sup>82</sup> N.T.- *Estrada da Costa* marítima do mar Adriático, quer dizer que de Bolonha não atravessou os Apeninos para Florença, mas seguiu até ao mar Adriático, Rímimi, Ancona, Loreto,...

<sup>83</sup> N.T.- *Zostera* é a palavra veneziana, vinda do grego que designa várias plantas que vivem na água; a espécie típica é a *zostera marítima*, usada pelos venezianos para empacotar os vidros (*alga vitrariorum* = alga dos vidreiros) e para estofos, colchões (é o caso aqui), sofás, etc.

“Rezai, dizia ele, pelo clero, pelos seminários, pelas comunidades religiosas, pelos fiéis, pelos indigentes, pelos doentes, pelos agonizantes, especialmente pelos que vão morrer dentro das 24 horas” Este Memento revela todo o coração deste bom bispo.

### *CONDISCÍPULOS*

Reencontrei os meus bons condiscípulos do ano passado; alguns eram-me particularmente íntimos, como os Perreau, Dugas, Le Tallec, de Rivoivre, de Bretenières, Poiblanç.

Os novos eram numerosos. / (38) Um deles, o Desaire de Tarentaise, ía tornar-se para mim um amigo que partilhou por longo tempo as minhas vistas e projectos, sem todavia unir até agora os seus esforços aos meus.

Tinha grande simpatia por Lucas du Coudray, um bretão piedoso, delicado, modesto. Ele iria morrer uns meses depois, como um Luís Gonzaga. Velei ao pé dele na última noite. A sua fé, a sua resignação, o seu desejo do céu deixaram-me uma impressão profunda. - O Baron, de Blois, era activo, inteligente; tinha têmpera de apóstolo; fez-se jesuíta. O Deville, de Lião, é o professor grave, distinto, letrado do Instituto dos Cartuxos de Lião; o Sr. Massabuan, um tipo desse clero de Rouergue que tem o espírito sacerdotal, o espírito paroquial e que faz dessa diocese uma das regiões mais francamente cristãs da França. Tornou-se pároco do S. Coração em Milhau. O sr. Maindreville, delicado e artista, / (39) nosso organista em Santa Chiara, agora pároco de S. Germain em Compiègne. - O sr. Molard era já um teólogo grave; é vigário-geral de Châlons; o sr. Revol de Lião, a bondade em pessoa, Mestre das Cerimónias na Primacial, depois deão de Ampuis; o sr. Rossi de Quimper, alma delicada e bom coração, agora capelão das Damas da Misericórdia e, creio eu, homem de confiança do bispado.

È o encanto desta casa, o de oferecer boas e piedosas amizades. Aprende-se aí a conhecer, através dos seus melhores, esse clero francês que partilha das qualidades e dos defeitos do carácter nacional, mas que guarda sempre alguma coisa da devoção do Pe. Olier e da caridade de S. Vicente de Paulo.

Quase todas as dioceses de França estavam representadas entre nós. Cada um de nós gostava de citar as figuras ilustres da sua diocese, os padres gloriosos ou santos que essa diocese tinha produzido. Eis alguns dos nomes que apareciam mais vezes. Cito-os / (40) remontando o curso dos séculos: Lacordaire, Ravignan, Frayssinous, - Jean

Baptiste Vianney, Libermann, - Belsunce, Boudon, - Bossuet, Fénelon, Bourdaloue, - Olier, de Bérulle, - João Eudes, S. Francisco de Sales, - Grignon de Monfort, S. Vicente Ferrer, - S. Inácio, S. Domingos, S. Feliz de Valois, - S. Bernardo, S. Bruno, S. Ivo, S. Norberto, - S. Paulino, S. Martinho, S. Ouen, S. Elígio, - S. Hilário, S. Ireneu, - S. Lázaro. - E deixo uns melhores. Que coroa venerável tais homens devem formar em redor do nosso Divino Pontífice, no céu!

Judas Macabeu viu uma vez em sonho o sumo-sacerdote Onias e o profeta Jeremias que rezavam pelo povo de Israel e lhe obtinham a vitória. Todos os nossos santos sacerdotes no céu rezam pela Igreja de França; eles alcançar-nos-ão a salvação.

### *OS NOSSOS PROFESSORES*

Apliquei-me com fervor à teologia. Tinha professores excelentes. O Colégio Romano<sup>84</sup> raramente juntou um tal escol. Os PP. Franzelin / (41) e Cardella ensinavam dogma; o Pe. Ballerini, moral; o Pe. Patrizi, Sagrada Escritura; o Pe. Sanguinetti, história; o Pe. Tarquini, direito canónico. O primeiro e o último foram pouco depois honrados com a púrpura cardinalícia. O card. Franzelin é conhecido. Deixará o seu nome na história. Ele teve o maior trabalho na redacção das Constituições do Concílio (Vaticano I). Era um bávaro e a única censura que se lhe pode fazer era de ter conservado alguma coisa da fraseologia um pouco longa e obscura dos Alemães. Conhecia maravilhosamente a Escritura e os Padres, e tirava deste profundo conhecimento o mais espantoso proveito. Os seus tratados eram mesmo seus. Ninguém saberia encontrar um autor que ele tenha copiado ou imitado. Voltarei mais tarde sobre o seu método, ao avaliar o ensino da Teologia em Roma.

O bom padre Cardella não chegava a essas alturas. Comentava o texto do Pe. Perrone. Era um santo religioso, / (42) um apóstolo, professor por obediência. Visava mais a apologética que a Teologia especulativa. Tinha prazer em dar-nos a refutação do protestantismo inglês que ele conhecia a fundo. Religioso exemplar, tinha a confiança dos seus superiores maiores. Foi sucessivamente director da Civiltà Cattolica, reitor da casa de retiros, e reitor do Colégio Romano.

O pe. Ballerini deixou também um nome honrado. Faz autoridade. Era erudito. A sua memória era prodigiosa. Conhecia admiravelmente a S. Escritura e os Escolásticos.

---

<sup>84</sup> NT O Colégio Romano é agora a Universidade Gregoriana.

A *Summa* de S. Tomás era-lhe familiar. Além disso, era um letrado delicado. Falava elegantemente o latim clássico. Brincava com os textos de Horácio e de Juvenal. A sua edição de Gury foi fortemente combatida pelos Redentoristas, mas ele tinha garras para se defender. Ele tinha controlado as suas afirmações e consultado as suas fontes, e não foi apanhado em falta. / (43)

O Pe. Patrizi, professor de Sagrada Escritura, descendia da velha nobreza romana! A sua família pretende remontar até ao patrício João, fundador da Basílica de S. Maria Maior. Era humilde e piedoso até ao escrúpulo. Era um exegeta eminente. Falava as línguas orientais e gostava de adornar com palavras gregas o seu latim de estilo rebuscado. Os Alemães têm em alta estima os seus comentários dos Evangelhos.

Eu seguia todos os cursos com ardor e avidez. O meu ano de Filosofia tinha-me exercitado. Eu tinha tanta facilidade como gosto pela Teologia. Tomava parte também no curso de Hebraico. Deixava para o 2º e 3º anos os cursos de História e de Direito Canónico.

#### *A TEOLOGIA- O DOGMA*

A Teologia é realmente a ciência das ciências. É a ciência do céu, a ciência divina, a ciência dos anjos, da qual Deus nos fez participar. / (44) Outros preferem as ciências humanas ou a literatura. Devemos ter pena deles; não conheceram ou não compreenderam a Teologia.

A Teologia é o depósito sagrado da Revelação, cuja guarda foi confiada por Nosso Senhor ao sacerdócio. E este depósito não é letra morta, um tesouro arcaico e sem vida. Se Deus revelou, desde as origens até Jesus Cristo, todas as verdades que são objecto dos nossos estudos sagrados, tudo o que compõe o tesouro das tradições católicas, ele administra pouco a pouco o seu desenvolvimento, e cada época descobre oportunamente a porção desse tesouro que deve ser posto em luz. A Revelação é semelhante a essas cartas seladas que nos foram dadas em depósito, e das quais só nos é permitido tomar conhecimento pouco a pouco e em tempos escalonados. A fé é para todos os tempos e todas as situações. Na vida dos povos há mudanças contínuas, um avançar incessante / (45) que nada pode fazer parar e que exige da Igreja, do sacerdócio, uma nova efusão da luz evangélica em cada uma das suas fases. O progresso na unidade é uma das belezas da Igreja e da sua doutrina na terra.

A Teologia completa-se constantemente por via da explicação e do desenvolvimento subjectivo. E a parte demonstrativa aperfeiçoa-se e enriquece-se de século em século, segundo as necessidades da luta.

Este desenvolvimento histórico teve três fases principais:

1º- o período apostólico, ou da fundação, personificado por S. Paulo;

2º- o período dos Padres da Igreja, ou da exposição, personificado por S. Agostinho;

3º- o período escolástico, do qual S. Tomás de é o mestre incontestado.

O período inicial dá somente o enunciado e os elementos da fé, mas tem o concurso dos milagres e é fecundado pelo sangue dos mártires.

Na época dos Santos Padres ou da / (46) exposição da fé, frente às heresias que surgem, os apologistas, os Padres e acima de todos S. Agostinho empreendem essa majestosa investigação das razões profundas do dogma que produz as obras mais sublimes.

Depois de vir a paz, os espíritos estudiosos sentem a necessidade de inventariar as riquezas da fé, e de organizar o seu ensinamento. Então aparece S. Tomás ao qual pertence a glória da grande síntese teológica, fruto dum trabalho colossal e de uma penetração ajudada por uma graça especial.

As heresias foram, a maior parte das vezes, a ocasião para a explicação e desenvolvimento dos dogmas. Como bem observa S. Vicente de Lerins, os dogmas são primeiro aceites pela Igreja duma maneira sumária ou implícita. Depois aparece uma dúvida, uma controvérsia, uma heresia. Os dogmas são estudados, discutidos, perscrutados até às suas fontes. / (47) E saem vencedores da luta. São finalmente definidos pela Igreja; já não são discutíveis.

Foi assim que, com os Concílios, os principais dogmas foram sucessivamente postos em luz e como que autenticados pela Igreja. Em Niceia, é a divindade de Jesus Cristo, indicada contra os Arianos. Em Constantinopla, é a consubstancialidade divina do Espírito Santo defendida contra os Macedónios. Em Éfeso, é a dignidade de mãe de Deus reconhecida a Maria, contra Nestório. Em Calcedónia, em Constantinopla num segundo e terceiro concílio, ficam justificadas as condições da Encarnação do Verbo. A Igreja reconhece duas naturezas em Jesus Cristo, uma só pessoa e duas vontades. Ela

condena Eutiques e Teodoreto. No segundo Concílio de Niceia, é reivindicada a honra devida às santas imagens. No 4º de Constantinopla é o primado da Sé de Roma, defendida contra Fócio. Nos primeiros 4 concílios / (48) de Latrão é a distinção dos poderes que é defendida contra as usurpações do poder civil. É reformada a disciplina do clero, é regulada a eleição dos Papas, é condenado o erro dos Maniqueus. Nos dois concílios de Lião, afirma-se o direito Canónico pela organização dos tribunais eclesiásticos; é negociada a reunião das Igrejas cismáticas do Oriente. O concílio de Viena condena os Templários e os falsos místicos. O de Florença decreta uma nova reunião das Igrejas orientais. O 5º concílio de Latrão condena alguns erros sobre a alma, e justifica a hierarquia eclesiástica. O concílio de Trento tem uma amplidão particular. Ele, só por si, dá quase toda a síntese da fé. Todavia ele reforça sobretudo a autoridade da Tradição e da Sagrada Escritura e a instituição divina dos Sacramentos contra os Protestantes. O concílio Vaticano só pôde / (49) esboçar o seu trabalho. Definiu a infalibilidade do Papa. Faltava-lhe condenar o liberalismo e dar as bases da sociedade civil cristã.

Depois de cada concílio, parece que o trabalho da Igreja fica esgotado e que a sua doutrina está completa pois, nesse momento, já não há mais erros que levantem a cabeça com suas pretensões. Mas as ocasiões dum nova explicação e dum ulterior desenvolvimento não tardam a nascer.

S. Tomás veio depois dos principais desenvolvimentos do dogma; assim, foi-lhe possível dar-lhe uma síntese quase completa. E visto que ele remontou aos princípios e deduziu com uma lógica incomparável toda a doutrina da Igreja sobre Deus, sobre o homem e sobre as relações do homem com Deus por Cristo, não há assunto que ele não tenha tratado. Depois dele, não surgirá mais erro algum (50) cuja refutação não se encontre, pelo menos em gérmen, na sua *Summa*.

Compreende-se todavia que para estar a par com os progressos conseguidos, ao lado de S. Tomás é preciso hoje estudar algum Teólogo moderno que dê mais relevo à demonstração positiva, que tenha em conta os progressos da exegese e das pesquisas patrísticas e históricas e que acrescente ao plano de S.Tomás os tratados que se tornaram necessários pelo progresso do dogma desde o século XIII.

E é isso mesmo que se está a fazer no Colégio Romano. S.Tomás está nas mãos dos alunos. A *Summa* está na base dos estudos teológicos, mas as lições do professor são dela o complemento necessário.

Sob o impulso do Colégio Romano, estes cursos modernos sabem unir os dois métodos: a teologia positiva que estabelece o dogma sobre a tradição, e a Teologia especulativa que perscruta as suas profundidades e as suas razões íntimas. Eles acrescentam também ao / (51) programa da Escolástica outros tratados agora necessários: os da Teologia Geral, os Lugares teológicos, a Igreja, a Tradição, a Religião. Alguns tratados enriqueceram-se com teses importantes, como a do Sagrado Coração, da Imaculada Conceição, da Infalibilidade. Faltam ainda os tratados da política cristã, da constituição cristã dos Estados, da vida social cristã. Leão XIII prepara-os com as suas encíclicas. Os teólogos do futuro acrescentá-los-ão aos seus cursos.

Quanto a nós, entrevemos no horizonte do futuro outro progresso, do qual o Cardeal Pie já nos deu o prognóstico, é a Teologia do Coração de Jesus: A teologia reconduzida toda ao Coração do Jesus e iluminada pelos seus raios.

O Sagrado Coração de Jesus, princípio e objecto do nosso amor, é toda a teologia. “*Christus dilexit.*” (cf. Gal. 2, 20), Cristo amou, eis todo o símbolo. / (52) Deus, a Encarnação, a Redenção, a Igreja, a Graça, os Sacramentos: “*Christus dilexit me*” (cf. Gal 2,20)

“*Diliges*” (Dt. 6,5; Mt. 22, 37), tu amarás. Amarás o teu Deus, amarás o teu próximo como a ti mesmo, eis toda a moral.

“*Deus charitas est*” (1Jo. 4, 8), “*Et nos credidimus charitati*” (cf. 1Jo. 4, 16) - Deus é amor, nós acreditamos no amor, eis todo o objecto da nossa fé!

“*Qui diligit, legem implevit*”<sup>85</sup>. - Fazer as obras do amor, eis toda a perfeição dos preceitos.

#### *PERRONE E FRANZELIN*

Eu tinha por professores os PP.Cardella e Franzelin. Mas o Pe. Cardella era um simples suplente do Pe. Perrone, então reitor do Colégio. Ele explicava e comentava os tratados do Pe. Perrone.

Perrone era um autor de transição entre os nossos pequenos tratados de Teologia positiva e a magistral exposição do dogma de Franzelin, Schrader e Moelher.

---

<sup>85</sup> Qui enim diligit proximum, legem implevit” (Rm. 13, 8).

Os nossos pequenos tratados dividem-nos / (53) a doutrina numa infinidade de bocados sempre temperados com três argumentos clássicos. Nem é Escolástica, nem é Teologia especulativa, é um catecismo para uso do clero.

Ao Pe. Perrone falta ainda grandeza. As suas teses são curtas e secas. Dá excessivo espaço às objecções. Falta-lhe método e profundidade. Ele só aflorou a Escolástica. Todavia a sua erudição e a sua rectidão de vistas são preciosas. É ainda a Teologia positiva que domina nele, como em Belarmino e Petau.

Franzelin iria abrir um caminho novo. Ele ensinou gloriosamente durante 15 anos no Colégio Romano, renovando os belos dias de Suarez, de Lugo, de Cornelius. As suas aulas foram para mim uma das grandes graças da minha vida. Ele dava tão claramente o sentido teológico! Fazia-nos / (54) entrar na vida do dogma e mostrava-nos o seu desenvolvimento e o seu progresso. Conhecia maravilhosamente os Padres e extraía-lhes toda a substância na sua exposição. Tudo o que ele escreveu, foi meditado e pensado, não copiou nada. O seu tratado da Tradição é todo pessoal. Ele dá à Tradição toda a sua amplitude. Coloca-a à frente da Escritura, que é só um dos seus instrumentos. Este tratado é para ele a verdadeira filosofia do dogma e o estudo das regras e do caminho seguido pela Igreja no seu trabalho de desenvolvimento dogmático através dos séculos.

Ele sabe unir num mesmo quadro a teologia positiva e a teologia especulativa. Sabe pôr a funcionar as provas de tradição, arrumadas num conjunto filosófico e harmonioso. Não se contenta em aproximar-se materialmente dos textos; ele sabe fundi-los na sua / (55) explicação. E como nos faz bem sentir o trabalho de desenvolvimento dogmático que se processa através da Igreja, remontando até aos gérmenes da fé dos tempos apostólicos.

O seu ensino profundo e poderoso cativava-nos. Era amado pelos seus alunos. Tinha o dom de entusiasmar. Sentia-se vibrar na sua palavra a alegria da Verdade recebida do Céu, a santa chama da ciência de Deus. Nós o venerávamos, não só como um sábio, mas como um santo.

Estudei com ele os tratados da Trindade, da Tradição, da Eucaristia, dos Sacramentos, da Encarnação. Pena que ele não tenha dado o tratado da Igreja! Ele tinha uma ideia tão elevada da Igreja, da sua doutrina, da sua missão, da sua autoridade! Pelo menos, ele deu-nos um antegozo desse tratado no da Tradição; do mesmo modo, ele



tocou ao de leve o tratado da Graça no / (56) dos Sacramentos. Ele pôde assim formar em nós o sentido teológico sobre o conjunto do dogma católico.

Eu vi no pe. Perrone, sob a direcção do Pe. Cardella, os tratados da Igreja, da Penitência; e com o Pe. Palmieri os tratados da Criação e da Graça.

#### *A TEOLOGIA MORAL*

Os dogmas são os princípios: a moral é a sua explicação. A moral encontra a sua autoridade e a sua sanção nos dogmas. Nada de mais falso e de mais funesto do que a separação dos dogmas e da moral, inaugurada pelo Jansenismo e continuada até hoje.

Os dogmas são o coração dos estudos sagrados; mais se estudam os dogmas, mais se fortifica a moral. Foi a fé, foram os dogmas que tiveram a parte mais activa na transformação das nações e no estabelecimento da civilização cristã. Lá onde a fé está fortemente enraizada, a moral reina facilmente.

E é ao abandono do dogma que se / (57) devem fazer remontar as ruínas morais e intelectuais da nossa pobre sociedade.

Se a formação dogmática do sacerdócio for forte, a sua acção moralizadora e social será poderosa, porque saberá comunicar à nação convicções que acarretem consequências práticas. Por isso pensamos que na preparação dos sacerdotes se deve deixar uma parte muito grande, a parte melhor, ao estudo do dogma; como se faz em Roma. É a maneira de formar homens de princípios, e de melhor compreender e aprofundar a moral, que se apoia inteiramente sobre o dogma.

Remonta ao século XVII esta infeliz tendência de separar a moral do dogma, ou pelo menos a de diminuir o dogma e de dar a parte preponderante à moral nos estudos teológicos. A razão disso é que os nossos teólogos franceses, imbuídos ora de Galicanismo, / (58) ora de Jansenismo, não se encontravam à vontade no estudo dos dogmas, porque chocavam com a autoridade da Igreja e com a ideia do sobrenatural que eles tendiam a enfraquecer.

Foi desta moral fundada mais sobre o sentimento do que sobre o dogma, que saiu o Quietismo.

Tive a graça de ter um professor de moral eminente, o Pe. Ballerini. Fazia-nos seguir o manual de Gury, mas de longe. Desenvolvia principalmente os princípios e

apoiava-se sempre em S. Tomás, que ele conhecia admiravelmente. Tinha, aliás, uma erudição espantosa e uma grande experiência do ministério. Perseguia incessantemente, com ironia acerba, as opiniões dos Jansenistas que só servem para desanimar as pessoas e conduzi-las à perdição. As suas aulas eram agradavelmente semeadas de observações filosóficas e de exemplos práticos.

Como ele sabia ir ao fundo das coisas! Como sabia, / (59) numa controvérsia, desenredar o verdadeiro princípio, o princípio filosófico e escolástico que dava uma solução clara e definitiva.

Na famosa polémica do Probabilismo, por exemplo, chegava a esta conclusão lógica e fácil: «Se a Igreja tolera que uma opinião seja professada por vários autores de algum valor sem os condenar, esta opinião pode ser seguida, mesmo que ela tenha contra si autores muito mais numerosos». O seu raciocínio era este: “É pelo seu ensino, pelos seus doutores que a Igreja promulga as suas leis morais” Sobre este princípio fundava o seu raciocínio: «Toda a lei, para obrigar, deve ser suficientemente promulgada; ora, se uma lei é expressa em termos contrários pelos seus promulgadores sem que o legislador reclame, ela não está suficientemente promulgada; portanto...». É esta a base da tese, e é uma base sólida.

Quanto à questão do empréstimo a juros, derramaram-se rios de tinta / (60) e usaram-se montanhas de papel: parece-nos que ele a simplificou muito bem.

O *mutuum*, ou empréstimo de dinheiro, o *commodatum* ou empréstimo de coisas, devem ser gratuitos. É essa a lei divina e humana. Todavia o empréstimo com juros tem entrado nos costumes dos melhores cristãos e a Igreja não quer que sejam incomodados neste assunto; como explicar isso? Muitos dizem que se trata de uma excepção à lei. Há um motivo novo que justifica a excepção: motivo de riscos que se correm, proveitos que se perdem ou ganham, etc... É esta a verdadeira solução? Não, diz o Pe. Bellarini. O princípio é absoluto: o empréstimo é gratuito. - Mas então? - Ora bem, o que se chama erradamente um empréstimo a juros, já não é um empréstimo. É um contrato sem nome, é uma colocação de dinheiro. O empréstimo é gratuito *por sua natureza*, como o dom é gratuito. Se o dom é compensado, já não é um dom, mas uma troca ou uma venda. Se o empréstimo é indemnizado por um juro, já não é um empréstimo, é uma locação, uma colocação, um contrato sem nome.

Quando se trata de um verdadeiro empréstimo, de um empréstimo de dinheiro a título de serviço a uma pessoa em apuros mas que pode pagar, sem que o prestador sofra perdas ou riscos, não há lugar a juros, o juro seria uma usura. Mas este caso é raríssimo hoje. O dinheiro tem-se tornado um objecto de colocação habitual; raramente é objecto de verdadeiro empréstimo. E não há outras justificações a procurar para o empréstimo a juros. E o bom Pe. Ballerini mostrava-nos a fonte destas soluções lógicas nos melhores autores clássicos, nos escolásticos de boa marca.

Os nossos pequenos manuais se elevam até a filosofia dos princípios da vida cristã. Eles param numa casuística chicaneira e fria. Eles nos dão como que um quadro de misérias / (62) da vida humana, pesadas e numeradas. É um procedimento acanhado e mesquinho.

S. Afonso inaugurou a casuística. É verdade; mas ele fê-lo com mais amplitude. Ele como que encarnou os princípios em casos de consciência e determinou a sua aplicação prática por meio de exemplos escolhidos e soluções claras. Mas depois dele, caiu-se neste perigo de passar demasiado rapidamente sobre os princípios, sobre essas grandes teorias que são a alma da teologia moral e que preparam todas as soluções.

Os casos que acontecem na prática nunca são idênticos aos dos manuais, e o padre que não possua os princípios cai a cada passo em confusão e no erro.

O manual de Gury, que reinou longamente nos seminários, dá muito pouco espaço aos princípios. Enuncia-os secamente e sem os desenvolver. O Pe. Bellarini aplicava-se sobretudo a encher esta lacuna. / (63) De resto, ele seguia muito de perto a *Summa* de S. Tomás, que é ainda o melhor método tanto para a moral como para o dogma. Em Lovaina, o programa da Universidade ordena ao professor de teologia moral que tome como texto das suas explicações a *Summa Teológica* de S. Tomás e este método produz os melhores frutos.

O Pe. Ballerini gostava de estigmatizar os erros dos Jansenistas, que só servem para perder as almas, desencorajando-as. Mas também sabia colocar-nos em guarda contra a escola do relaxamento, que parece preocupada só em insistir nas circunstâncias atenuantes do pecado e que chega assim a opiniões escandalosas. Esta tendência

justificaria, ou pelo menos, escusaria, talvez, algumas das páginas do perigoso opúsculo de Pascal<sup>86</sup>.

Enfim, para caracterizar completamente o método do Pe. Ballerini, é preciso assinalar a importância que ele dava / (64) aos tratados fundamentais dos *Actos humanos* e da *consciência*. Desenvolvia-os com cuidado e apoiava-se solidamente sobre a psicologia. Antes de tudo, na Moral, não se deve determinar bem o carácter essencial do acto humano, a teoria e as condições da liberdade, os princípios da elevação ao sobrenatural, as bases da doutrina do mérito e as leis do funcionamento da consciência?

Um curso de Teologia moral bem firmado sobre estes princípios desenrola-se depois com facilidade e clareza.

#### *A TONSURA - A ORDEM TERCEIRA - AS ORDENS MENORES*

Eu não tinha podido receber a tonsura com os meus condiscípulos no fim da filosofia, porque meu pai exigia que eu voltasse para as férias em hábito laical. Isso tinha sido para mim um grande sacrifício. Eu desejava tanto realizar a minha separação do mundo, dar-me a Nosso Senhor, pôr-me ao serviço dos seus altares e entrar na santa tribo dos levitas! Nosso Senhor recompensou-me. O bom Pe. Freyd chamou-me ao mesmo tempo à tonsura e às ordens menores<sup>87</sup> no mês de Dezembro de 1866. Fui fazer os exames no Vicariato. Li e meditei com emoção os tratados do Pe. Olier sobre a vida clerical e as Ordens Menores. Recebia imensas graças e luzes para ter a mínima dúvida sobre a minha vocação. Sentia uma verdadeira sede de pureza, de oração, de vida interior, de união com Deus. O grande dia chegou. Recebi a tonsura a 22 de Dezembro, Sábado das quatro-temporas de Advento, na basílica de S. João de Latrão, das mãos do Cardeal Vigário, que era então o Cardeal Patrizi. Tinha como companheiro Casimiro de Popil, um piedoso polaco aparentado com famílias reais, que não sobreviveu ao seu sacerdócio. Nós tínhamos feito a tonsura preparatória depois de ter rezado e durante muitos anos continuaríamos a fazê-la um ao outro todos os sábados.

---

<sup>86</sup> De Janeiro de 1656 a Março de 1657, sob o pseudónimo de «Montalte», Pascal publica as dezoito «Cartas Provinciais», em que ataca a Sorbona, os Jesuítas, e especialmente os abusos dos casuístas.

<sup>87</sup> Nf As Ordens Menores eram 4:

1-Ostiariato, de ostium-porta; ancilla ostiaria era a escrava porteira.

2-Leitorato, encarregado de ler, o leitor.

3-Exorcistato, com poder de fazer exorcismos.

4-Acolitado, já ao serviço do altar e dos celebrantes nas cerimónias.

Com a reforma do Vaticano II ficaram só o Leitorado e o Acolitado (leitores e acólitos).

Essas grandes ordenações em S. João de Latrão são realmente emocionantes. A cerimónia é / (66) feita no coro da Basílica, ao pé da mesa da Ceia, testemunha da primeira ordenação do Cenáculo, junto das sagradas cabeças de S. Pedro e de S. Paulo, que depois de Jesus, são a nascente do sacerdócio, e nesta igreja que é a cabeça e a mãe de todas as igrejas. Sobre estas lajes prostraram-se, depois de S. Silvestre e de Constantino, tantos milhares de padres que vinham receber a unção sacerdotal ou a consagração episcopal. Daí partiram os apóstolos de tantas nações. Aí renova-se cada ano a nascente do apostolado pelas ordenações de clérigos de todas as nações. Experimentei aí as mais profundas e as melhores emoções da minha vida. Recebendo a tonsura, deixei cair muitas lágrimas juntamente como meu cabelo na bandeja do bispo. Tinha esperado e lutado tanto para realizar a minha vocação! Eu encontrava na Terra Prometida. Tomava posse dela com estas palavras que pronunciei com / (67) tanto ardor como emoção. *Dominus pars haereditatis meae et calicis mei, tu es qui restitues haereditatem meam mihi* (Sal.15, 5)<sup>88</sup>.

Vestindo a sobrepeliz eu sentia que me tornava um homem novo enquanto dizia a fórmula sagrada: *Induat me Dominus novum hominem (qui) secundum Deum creatus est in iustitia et sanctitate veritatis* (=Que o Senhor me vista dum homem novo que foi criado à imagem de Deus na justiça e na santidade da verdade)<sup>89</sup>. Todos os dias, vestindo a batina, eu repito o *Dominus pars* e quando ponho a sobrepeliz repito o *Induat me*. Meu Deus, renovai cada dia em mim as graças desse belo dia 22 de Dezembro de 1866.

Recebi as ordens menores em duas vezes, segundo o uso de Roma, das mãos do arcebispo vice-gerente do Cardeal Vigário e na sua capela privada. Foi a 23 e a 26 de Dezembro. Eu abria com fé e simplicidade a minha alma às graças especiais de cada ordem. O Pe. Olier, um pouco exagerado às vezes, é todavia fácil de ler. Ele / (68) inspira a devoção, a pureza e sobretudo a virtude da religião. Compreendi que o Ostiário deve abrir os corações a Deus com as suas palavras e os seus exemplos, marcando toda a sua vida com o sinal da fé e da caridade. - O Leitor deve pôr toda a sua vida em relação com as coisas unicamente celestiais e sobrenaturais que é chamado a ler. - O Exorcista não deve deixar na sua alma nenhum poder ao diabo, se quiser mandar nele com sucesso. - O Acólito deve brilhar como a tocha que empunha. Deve ser um filho da luz e os frutos da luz, diz S. Paulo, consistem em toda a bondade, justiça e verdade. E assim

---

<sup>88</sup> Nt O Senhor é a parte da minha herança e do meu cálice; és tu que merestituis a minha herança.

<sup>89</sup> Cf. Ef.4,24 "Induite novum hominem, qui secundum Deum creatus est in iustitia et sanctitate veritatis".

como ele apresenta o vinho e a água para o sacrifício, deve oferecer-se a si mesmo em sacrifício a Deus pela castidade da sua vida e pelas suas boas obras.

Parece-me ter já recebido nesta ordenação alguma coisa do que seria a graça especial da minha vocação religiosa.

Aqui, quero agradecer também ao Senhor as graças sem número que devo / (69) à ordem Terceira de S. Francisco. Fui admitido à profissão no dia 21 de Março de 1867 e fui sempre um terciário dedicado e cumpridor até ao decreto com o qual a Santa Sé declarou que não se podia ser ao mesmo tempo membro de uma ordem Terceira e religioso de uma Congregação. Amei sempre muito a S. Francisco. Considerei-o sempre, como um dos meus bons protectores e estou convencido que lhe devo muito; tanto para a Obra fundada, como para mim pessoalmente.

#### *ESTADO DE ORAÇÃO*

Nosso Senhor dignou-se conservar-me durante todo esse ano na oração de amor, conduzindo-me pouco apouco a uma união sempre mais íntima com Ele. O objecto habitual dos meus affectos era Jesus crucificado. Fazia a via-sacra todos os dias; era o meu recreio da noite. O meu crucifixo era o meu confidente e o meu companheiro, na minha cela. Conservava no meu coração uma tristeza habitual e profunda ao pensar que o meu Jesus não é amado. / (70) Nosso Senhor acabava assim de purificar a minha alma. Eu precisava de praticar habitualmente algumas mortificações, de me confessar frequentemente e com grande cuidado, de procurar e de expiar algumas faltas esquecidas da minha mocidade.

Realizava-se na minha alma um trabalho de pacificação e de recolhimento. As pessoas do mundo nem chegam a duvidar do infeliz estado de dissipação e de dispersão em que vive a sua alma com as suas faculdades. E dá um grande trabalho recolher-se perfeitamente sob o olhar de Nosso Senhor, para receber as suas comunicações íntimas. Eu concluía neste ano esse trabalho de recolhimento começado no ano precedente.

Eu não perdia pelo dia fora a união com Deus. Mas sofria muitas vezes, no recreio, pelo vazio das conversas e pelas faltas de caridade que nele se cometem tão facilmente.

## ESTUDOS E LEITURAS

Neste ano alarguei-me muito menos nas minhas leituras do que no ano precedente. Fiquei dentro dos programas das aulas, completando-os somente / (71) com os grandes autores. Lia a *Summa* de S. Tomás e alguns dos seus opúsculos. Aprofundava alguns assuntos com Suarez, Lugo, Lessius, Belarmino. Suarez é o tipo do escolástico abundante, rebuscado, florido. Ele está para S. Tomás como a arte ogival decadente está para as formas sóbrias e másculas do século XII. Gosto muito de Lugo como filósofo. É duma grande clareza. Em mais ninguém encontrei os princípios do Direito natural tão claramente expostos. Lessius é o teólogo correcto e piedoso. Ele estuda rezando e faz rezar os seus leitores. Deveria ser um santo. Belarmino está completamente na corrente do Concílio de Trento. Ele inaugura a teologia positiva. Desenvolve os tratados da Igreja e dos Sacramentos, dos quais S. Tomás só tinha dado os princípios.

Eu ia-me tornando, como disposição de espírito, cada vez mais romano. Estava precavido contra o liberalismo. / (72) As conferências do P. Jacinto eram-me suspeitas e por bons motivos.

Em política, eu começava a perceber que as formas de governo têm só uma importância secundária. A Igreja sempre ensinou isso. O P. Perrone, no seu opúsculo *Da regra da Fé*, formula assim esta doutrina: “Procurai primeiro o reino de Deus e tudo o resto vos será dado por acréscimo. - E o reino de Deus são precisamente os bens supremos do homem: a fé, a religião, a moralidade. São esses os bens que todas as nações devem procurar antes do resto; porque, em última análise, toda a nação se compõe de indivíduos e porque ela não pode desprezar ou sacrificar o bem supremo dos indivíduos sem dar-se a morte a si mesma. É da conservação desta espécie de bens que depende naturalmente a ordem pública, a observância das leis, o respeito de todos os direitos dos outros, as relações de benevolência entre os cidadãos, a confiança mútua / (73) dos príncipes e dos súbditos, a paz, a segurança, a estabilidade, verdadeiros fundamentos de toda a prosperidade social, sejam quais forem as formas políticas de governo. Porque é um princípio muito falso, o de fazer depender a perfeição social, a prosperidade e a segurança pública, duma única forma de constituição política, enquanto que mesmo os publicistas menos suspeitos, tais como Bentham, Ahrens e muitos outros foram obrigados a confessar que as formas de governo não têm a importância que se lhes atribui nos tempos modernos.”

Como leituras espirituais, eu li Rodriguez, que é o verdadeiro catecismo da perfeição; Saint-Jure que desenvolve tão bem os motivos para amar a Nosso Senhor; S. Afonso de Ligório e as suas deliciosas meditações; o tratado da paz interior<sup>90</sup> do P. Lehen, tão útil para as almas agitadas e atormentadas.

Eu tinha uma pequena recolha de frases de S. Inácio, anotei uma que correspondia à principal necessidade da minha alma; ei-la: / (74) “Não nos devemos deixar seduzir por um certo zelo que nos torna inquietos com as desordens do mundo; devemos começar por nos reformar a nós mesmos, e ver depois, no que respeita aos outros, de que é que Deus nos pedirá conta no dia do juízo”.

### A ARTE EM ROMA

O meu amigo Palustre veio passar o inverno a Roma. Consegui estar com ele em alguns passeios, em alguns feriados. Voltámos a ver Roma juntos sob o aspecto artístico. Publicou as suas impressões em 1868 num volume intitulado: *De Paris a Sybaris*<sup>91</sup>, *Estudos artísticos e literários sobre Roma e a Itália meridional*. Mas, neste livro, ele mostra-se demasiado duro e demasiado severo para com Roma e os Romanos. A arte grega e a arte ogival encantaram-no de tal modo que ele já não tem olhos para a arte romana.

A arte é a expressão das ideias e dos costumes de uma época e de uma nação.

A Grécia gosta da linha recta. / (75) Nos seus tempos tudo se resume à arquitrave sustida por elegantes colunas. Ela não pensa em elevar-se; os seus deuses têm costumes humanos e terrenos. Ama a beleza das formas e a pureza dos contornos. Sabe assentar os seus monumentos e cuida tanto do interior como do exterior deles. A natureza deu-lhe o mármore puro e fino do Pentélico, lugares graciosos e variados que muitas vezes têm por fundo o azul do mar. Eles têm um céu azul e brisas perfumadas. A Acrópole é como o museu central destes monumentos, que foram reproduzidos até as margens de Poestum, de Sejestra e de Agrigento.

Roma dotou a arquitectura de elementos novos e preciosos. Deve-se ao seu génio o desenvolvimento do arco, da abóbada e da cúpula. Roma gostava de trabalhar à

---

<sup>90</sup> “O caminho da paz interior” (Paris 1855; 2ª ed. Aumentada, 1858): conselhos dum director prudente para chegar à verdadeira devoção e para lutar contra os seus obstáculos: desânimo, tentações, escrúpulos.

<sup>91</sup> Síbari era cidade grega da Calábria, no mar Jónio, rica, pacífica, gaudente, luxuosa, toda dada aos prazeres, aponto que, sibirita “diz-se daquele que vive na voluptuosidade e no ócio” (LISA, Euc. Vol. III).



grande. Abrigava as multidões sobre as suas abóbadas e as suas cúpulas, tal como dobrava os povos sob o seu império. Roma não tinha nem a nossa pedra / (76) branca e fina do Norte, nem os mármore abundantes do Pentélico. Os seus tijolos e os seus cimentos prestavam-se ao arco e à abóbada. Muitas vezes desleixa o exterior dos seus edifícios, mas decorava ricamente o interior com pinturas, mosaicos, estuques e placas de mármore trazidas da Sicília, da África e dos Pirenéus.

Quando a Igreja organizou o seu culto público, ela tinha de escolher alguma forma arquitectural para os seus santuários. Primeiro a basílica pareceu-lhe a mais favorável. A sua planta é copiada das salas de tribunais e de reuniões. Vários dos seus elementos ficaram e conservam-se em todos os estilos, como as vastas naves sustentadas por colunas e tão apropriadas para receber a multidão dos fiéis, e a ábside em abóbada, sobrelevada e separada por uma grade, lugar reservado ao altar e ao clero e onde se vê muitas vezes sobre a abóbada, simbolizando o céu, / (77) a imagem de Cristo e dos Apóstolos.

Mas o pensamento cristão tende sempre a elevar-se. Os tectos da basílica pareciam-lhe pesar e sufocar o seu impulso. A arte cristã adaptou logo para cobrir as suas naves a abóbada e a cúpula. Os ousados arquitectos de S. Sofia de Constantinopla<sup>92</sup>, Antémio e Isidoro, pareciam ter atingido o ideal. Entre nós a escola de Cluny e do Reno deram-nos essas vastas igrejas românicas de grandes abóbadas arqueadas que se aperfeiçoavam pouco a pouco e ganhavam mais amplitude, mais luz, mais delicadeza e mais riqueza. Mas em breve algum anjo do céu revelou a um dos nossos piedosos monges arquitectos a arte de quebrar a curva antiga e de levantar o arco e a abóbada em ogiva. A necessidade de santuários arrojados como a oração e a beleza desta nova forma de arquitectura produziram um movimento irresistível. Os séculos XII, XIII e XIV / (78) cobriram a Europa de igrejas ogivais. As nações mais afastadas do centro, a Suécia, a Inglaterra, a Espanha, a Grécia, a Hungria, pediram-nos os nossos “mestres de pedras vivas”. As crónicas assinalam-nos de Úpsala à Batalha, de Lincoln a Cálcida<sup>93</sup>.

---

<sup>92</sup> Nt Os arquitectos de S. Sofia foram de facto Artémio de Trabes e Isidoro de Mileto. A cúpula tem 30m de diâmetro (S. Pedro de Roma tem 42). A 1ª desmoronou-se. Isidoro reconstruiu-a com material sete vezes mais leve: e esta ainda se aguenta, após 1300 anos!

<sup>93</sup> Úpsala na Suécia; Batalha em Portugal; Lincoln na Grã-Bretanha; Cálcida na Grécia (ilha da Eubeia), onde a Igreja de Há Paraskévi, antiga basílica bizantina, foi transformada em catedral gótica do século XIV (colunas de cipolino e capitéis interessantes; ábside estilo Champanhês).

Os nossos templos representavam enfim o pensamento ascético e etéreo da nossa fé. Ao mesmo tempo, a epopeia cristã desenrolava-se sobre os arcos de volta dos nossos portais e sobre os nossos vitrais de ricas cores. As nossas torres esguias com as suas flechas mostravam-nos o céu. Os nossos belos toques de sinos variavam os seus tons para nos convidar a cantar os triunfos de Cristo e dos Santos, ou a chorar os nossos mortos. Os nossos ourives e os nossos esmaltadores renovavam os nossos vasos sagrados; os nossos fabricantes de imagens ornavam os nossos missais com miniaturas. A Itália, cujo céu é mais clemente e cujo sol é mais vivo, decorava com pinturas a fresco e a óleo os muros dos seus santuários. / (79)

Roma não adoptou a ogiva. A mística do Norte aspira unicamente a subir ao céu. A Igreja de Roma é mais bem simbolizada pelas abóbadas e pelas cúpulas, por esses altos pavilhões que abrigam sob os seus arcos os peregrinos do mundo inteiro.

A Renascença aperfeiçoou a arte romana. Ela excedeu-se em delicadeza, com Bramante e Rafael, em grandeza e nobreza com Miguel Ângelo. Ela deixou-se conquistar pelo mau gosto do séc. XVIII.

A situação da França e o seu carácter etnográfico entregaram-na sucessivamente aos diversos desenvolvimentos da arte cristã. Pelos Francos, ela aproxima-se das raças germânicas, pelos galo-romanos, ela é toda latina. Não é ao génio dos francos que ela deve a sua primazia na mais pura e na mais delicada arte ogival? Pelos galo-romanos ela é um ramo dos mais dotados da grande família latina. Por isso a Renascença nela se expande como / (80) em seu solo natural, e os monumentos deliciosos com que os reinos de Luís XII, Francisco I, Henrique II e Henrique III cobrem a França não têm nada a invejar à Renascença italiana.

O meu amigo Palustre gostava de reivindicar a originalidade da nossa arte nacional. Ele fê-lo vitoriosamente na sua grande obra sobre a Renascença Francesa.

Mas voltemos a Roma.

Os tempos anteriores ao Império não deixaram monumentos. Os reis são representados unicamente pela Cloaca máxima e por algumas bases do *Agger*<sup>94</sup> de Sérvio Túlio.

Os tempos heróicos da República são representados pelos restos da ponte Sublucius, pelo gracioso pequeno templo da Fortuna e pelo sepulcro dos Cipiões. As

recordações suprem os monumentos. Para visitar as zonas arqueológicas de Roma, é preciso ter na mão o livro do Sr. Ampère: *“Histoire Romaine à Rome”*. Era assim que fazíamos eu e Palustre. Pode-se assim seguir / (81) a revolta dos gracos, as grandes lutas da aristocracia e da democracia dirigidas por Sila e Mário e as intrigas da época de César, Pompeu, Catão e Cícero.

É no Capitólio que Tibério Graco sucumbe; é no Aventino que seu irmão Caio suporta a luta até que se vê obrigado a fugir para encontrar a morte num bosque sagrado.

É no Esquilino que Mário, apoiado pela democracia, é vencido por Sila que dirige a aristocracia. Sila, como mais tarde César e Augusto, manda construir no Campo de Marte um rico mausoléu. Após Sila, é a última idade da República, é a época de César, de Pompeu, de Catão e de Cícero. É o tempo da luta dramática das ambições. O Forum é o teatro principal desta luta. O corpo de César e de Clódio<sup>95</sup> são aí queimados aos pés dos rostos. Catão é para aí arrastado pela multidão. Cícero é sucessivamente aplaudido e insultado. Ele aí profere / (82) as suas Filípicas contra António. Este vingá-se, mandando colocar nessa mesma tribuna a cabeça cortada do grande orador.

É também a época em que começam as grandes construções. Esses ambiciosos que aspiram à popularidade ganham as boas graças da multidão, construindo-lhe teatros, basílicas, pórticos, fóruns. Ficam algumas ruínas do Teatro de Pompeu, do Teatro de Marcelo começado por César, da Basílica Júlia, da Basílica Emília.

O Império deixou-nos o Panteão de Agripa, as ruínas do Palatino, os aquedutos de Cláudio, o Arco de Tito e as suas termas, o Coliseu, o Fórum de Domiciano, a Coluna e a Basílica de Trajano. Adriano marcou a sua passagem com o templo de Vénus e de Roma, com o Mausoléu<sup>96</sup>, com a ponte Élia que veio a tornar-se a ponte do Santo Anjo.

Devemos aos Antoninos o Arco de Setímio-Severo, a Coluna Antonina, / (83) as Termas de Caracala. Diocleciano ergueu as suas termas; nas ruínas das quais Miguel Ângelo encontrou os elementos de uma das mais belas igrejas de Roma<sup>97</sup>. Entre os últimos monumentos da Roma antiga, resta ainda o Arco de triunfo de Constantino e a

---

<sup>94</sup> Agger = muralha.

<sup>95</sup> Clodius (Pubius Appius) é um demagogo romano (93-52 a.C.). Annius Milon, outro agitador, tendo encontrado Clódio na Via Appia, fê-lo matar pelos seus homens.

<sup>96</sup> N.T.- O mausoléu Adriano é a agora o castelo do Santo Anjo.

<sup>97</sup> Trata-se de **Santa Maria dos Anjos**, igreja construída numa ala das termas de Diocleciano, com desenho, diz-se, de Miguel Ângelo. Pensa-se que essa planta seja de atribuir a um dos seus discípulos

sua majestosa basílica. Basta-me citar todos estes edifícios. O que mais me interessa no seu conjunto, são os elementos que a arte cristã vai encontrar neles para adaptá-los, purificando-os, aos seus usos e ao seu fim sobrenatural.

Durante três séculos, os cristãos não tiveram outros santuários senão os oratórios das catacumbas. Aí, eles contentam-se de imitar sobre as paredes lisas, talhadas no tufo e cobertas de cimento, as graciosas pinturas dos seus apartamentos. Mas a mitologia é banida. Ao máximo, pede-se-lhe um Orfeu modesto e pio que representa o Salvador. Os assuntos pintados mais vezes são pequenas cenas que simbolizam a / (84) pregação e os sacramentos. Os pagãos não podiam adivinhar-lhes o sentido religioso. Os processos materiais são exactamente os mesmos dos das pinturas profanas de Pompeia, do Palatino ou dos sepulcros da via Latina. Mas aqui, tudo o que podia cheirar a paixão ou vaidade desapareceu. Os assuntos são modestos, simples. As atitudes são nobres, devotas. É outro mundo, é uma arte nova que se revela. São os começos da arte cristã.

Os cemitérios da Via Nomentana, da Via Salária, da Via Ardeatina têm os mais graciosos quadros do segundo século, nos quais, o nascente génio cristão usou, purificando-a, a habilidade da arte romana. As primeiras figuras hieráticas e tradicionais de Cristo estão no cemitério de S. Ponciano. É o tipo que nos ficou.

Todavia com Constantino, a arte cristã vai dar um passo enorme e vai aproximar-se, de um golpe só, à sua forma / (85) definitiva. Aparecem dois tipos bem determinados: as basílicas de três naves com uma ábside e as igrejas ortogonais ou redondas com um recinto circular em abóbada. As basílicas Constantinianas não duraram até nós, pelo menos inteiras. Mas temos um grande número de basílicas dos tempos sucessivos construídas pelos mesmos sistemas com algumas variantes e alguns acrescentos. Citemos St<sup>a</sup>. Maria Maior, S. João de Latrão, S. Clemente, St<sup>a</sup>. Maria-in-Transtevere, St<sup>a</sup>. Inês, S. Martinho, Santos Nereu e Aquileu, S. Pedro-in-Vunculis, S. Praxedes, St<sup>a</sup>. Pudenciana, St<sup>a</sup>. Sabina, S. Lourenço, St<sup>a</sup>. Cecília, St<sup>a</sup>. Maria in Ara Coeli, S. Jorge, S. Bartolomeu, St<sup>a</sup> Maria in Cosmedin.

Os primeiros modelos das igrejas redondas e octogonais são os Baptistérios de Constantino e de Constança. Há neles os elementos das abóbadas e das cúpulas. Este

tipo terá o seu pleno desenvolvimento em St<sup>a</sup>. Sofia de Constantinopla, S. Vital de Ravena, na cúpula de Aguisgrana<sup>98</sup> e igrejas similares.

Mas é a basílica que domina em Roma, do século V ao XII. Ela recebia, pouco a pouco, uns acréscimos que a completavam e a adaptavam mais perfeitamente aos usos cristãos, como o ambão, as grades, as criptas dos mártires, por vezes as galerias superiores, os tectos e especialmente os mosaicos, que preludiam aos frescos e às pinturas das igrejas modernas.

Em certos períodos a arte tomava um desenvolvimento mais rápido. Roma ressentiu-se pouco da influência bizantina e do impulso dado às artes pela escola de Ravenna nos séculos VI e VII. Mas no tempo de Carlos Magno, o Papa Adriano partilhava dos gostos do imperador. Devemos a esta época vários dos mosaicos antigos e provavelmente os de St<sup>a</sup>. Pudenciana, que ultrapassam todos os outros pelo desenho, cor e expressão. / (87)

A arte ogival, tão fecunda em todo o resto da Europa, mal é representada em Roma. O século XII todavia deixou nela dois claustros ricos e graciosos, ao lado das basílicas de S. João de Latrão e de S. Paulo. Só a Igreja de Santa Maria-sopra-Minerva é ogival. É bastante harmoniosa, mas não tem nem a altura, nem a riqueza dos nossos grandes edifícios góticos. A arte ogival não era feita para Roma. A Renascença reina sem rivais no século XV. Primeiro, ela é sóbria, modesta, delicada, toda impregnada de espírito cristão, com alguma mistura de ciência pagã. Bramante é o seu corifeu na arquitectura; Fra Angélico e Pinturicchio, na pintura; Ghiberti e Donatello, na escultura. Bramante é representado em Roma pelo Palácio da Chancelaria, a igreja de S. Lourenço-in-Dâmaso e o pequeno templo de S. Pedro-in-Montório. Ele imprime em todas as suas obras um cunho de graça severa e pura. Com ele a antiguidade aparecia purificada pelo / 88) espírito cristão. Fra Angélico, pintou com a sua graça e devoção habituais, a vida de Santo Estêvão e de S. Lourenço na capela de S. Lourenço, no Vaticano. Pinturicchio está mais bem representado. Ele pintou as salas do apartamento Borgia no Vaticano e uma capela da igreja de santa Maria-do-Povo. Já lhe escapam alguns assuntos pagãos, mas como o tom geral da sua obra é ainda cristão! A vista destas pinturas eleva o espírito, em vez de impressionar os sentidos. As alegorias das sete artes liberais estão totalmente nas tradições da Idade Média. As figuras das virtudes falam pela sua própria

---

<sup>98</sup> N.T.- Aguisgrana - Aix-la-Chapelle - Aachen (em alemão) era a capital de Carlos Magno. Ficou na Alemanha ao pé da Bélgica.

expressão sem precisar do simbolismo pagão. A Renascença não podia ir mais longe, sem exceder a medida. Rafael e Miguel Ângelo marcam-lhe o apogeu e abrem o caminho à decadência do espírito Cristão. Eles ficaram seduzidos pela beleza pagã<sup>99</sup>. Pouco a pouco esquecem a grande missão apostólica da arte cristã, que só deveria / (89) produzir obras puras, modestas, edificantes como as de Fra Angélico; eles procurarão falar aos sentidos; voltarão atrás quinze séculos na história para tornarem a ser pagãos. As “*Madonas*” de Rafael edificam, as suas “salas e Loggias” agradam e instruem, a sua Virgem da Cadeira assombra; a sua Fornesina, a sua Fornarina são mundanas e pagãs. Miguel Ângelo é ainda cristão na abóbada da Sistina: a fé e a contemplação animam as figuras das suas personagens. No seu Juízo Final, eu admiro um estudo de autonomia, mais do que a expressão de um pensamento cristão. É uma obra-prima, de acordo; mas para rezar prefiro não a ver.

Júlio II, Leão X e Paulo III levaram bem longe o movimento da Renascença pagã. A decoração dos apartamentos do castelo do Santo Anjo conviria muito mais aos costumes de um Imperador Romano do que aos dos Papas.

Paulo III mandou apagar três frescos de / (90) Perugino para dar lugar ao Juízo Final de Miguel Ângelo<sup>100</sup>.

Em Literatura, Paulo III também gostava e favorecia alguns ultra-renascentistas, Erasmo e Sadoleto.

Todavia este movimento pagão suscitava vivas contradições. Houve um momento de reacção. Savonarola gastou nisso toda a sua fogaosidade. O Aretino lançou contra Miguel Ângelo as mais vivas críticas. Paulo IV pensou por algum tempo em mandar apagar o Juízo Final da Sistina.

A Renascença sobreviveu, mas tornou-se mais sóbria e mais modesta com Pio IV, Pio V, Gregório XIII e Sisto V.

É aqui o lugar para dizer a minha opinião sobre a basílica de S. Pedro. Li e ouvi sobre esta igreja as apreciações mais contraditórias. Muitos, especialmente os Italianos, vêem nela o templo mais belo do mundo. Eles, por outro lado, só têm desprezo para os nossos edifícios góticos. Outros, como o meu amigo Palustre, caem sobre / (91) S. Pedro sem dó nem piedade. Fazem notar que o efeito da cúpula fica perdido à entrada de S.

---

<sup>99</sup> Cf. Introdução.

Pedro; que o interior não tem unidade; que as amplas proporções da basílica não se fazem valorizar e não se apreciam senão após longo tempo; que há pouca correspondência entre o interior e o exterior e que o exterior é simplesmente um amontoado (de pedras).

Eles acrescentam que a arte ogival mostra mais génio e mais sentimento, que dá melhor a ideia do insondável e do infinito, que eleva mais o pensamento.

Temos de admitir que as críticas estão certas e que a comparação dos estilos dá vantagem ao gótico.

Do ponto de vista puramente natural eu daria o galardão a Atenas. A arte aí é tão acabada, tão delicada. Há uma harmonia, uma nobreza, uma pureza de formas tão grandes!

Do ponto de vista sobrenatural, coloco a arte ogival no primeiro lugar. Ela eleva / (92) tão fortemente as almas! Ela tem tanta harmonia, ousadia, grandeza! As suas grandes abóbadas, as suas flechas lançadas, as estátuas dos seus portais, as imagens transparentes dos seus vitrais, tudo é inspirado no ascetismo cristão.

A História mostrou-nos os povos convertidos formando-se pouco a pouco na vida cristã. Mas é somente após várias gerações que os hábitos pagãos são desenraizados e que a virtude cristã domina plenamente as almas. Assim acontece com a Renascença; ela é como um pagão recém-convertido e que tem pouca seiva cristã. Mas a arte ogival nasceu duma inspiração totalmente cristã. Julgar-se-ia que foi trazida à terra pelos anjos.

Contudo, se eu prefiro a arte ogival à Renascença, não quero por isso ser injusto para com a basílica de S. Pedro. Ela sempre me maravilhou. Que abóbadas majestosas! Que cúpula imponente!

Mas essa cúpula ficaria melhor com uma igreja mais curta. Miguel Ângelo / (93) percebeu isso. Para julgar a sua obra, é preciso avançar duas arcadas na basílica. Daí então, vê-se a igreja em toda a sua grandeza e compreende-se a ideia do arquitecto. A cúpula só ficaria bem com a cruz grega. Os Bizantinos tinham compreendido isso. Soufflot pensou o mesmo no Panteão. S. Pedro teve de ser alongado pata as necessidades do culto. Mas foi uma necessidade desastrosa para a arte da arquitectura na Itália. Desde então foi às centenas que se construíram, sobretudo na Itália e mais

---

<sup>100</sup> Para pintar o Juízo Final de Miguel Ângelo foi preciso pintar por cima de dois frescos de Perugino e cobrir duas lunetas do próprio Miguel Ângelo.

tarde em todos os países cristãos, igrejas com cúpula e de cruz latina. É impossível que elas tenham no interior a harmonia e a unidade que têm as igrejas ogivais, as basílicas primitivas ou as igrejas bizantinas.

A arte da escultura em S. Pedro é também pouco cristã. Essas estátuas das virtudes nos sepulcros dos papas são bem monótonas com os seus atributos pagãos. A procura do nu contrasta muito com as devotas e ingênuas estátuas / (94) dos nossos portais góticos.

Resumindo, eu gosto da basílica de S. Pedro. Ela é a igreja mais linda *no seu gênero*; mas gosto mais da arte ogival, da arte realmente cristã, nas suas maravilhosas obras-primas em Reims, em Paris, Amiens, Chartres, Bourges, Colónia.

A época imediatamente anterior a Miguel Ângelo deixou várias igrejas interessantes, em que a sobriedade cristã domina ainda, com graciosos detalhes da primeira Renascença. Tais são as igrejas de S. Agostinho, de Santa Maria da Paz, de Santa Maria-del-Popolo, as três do arquitecto Baccio Pontelli.

Santa Maria-del-Pópolo tem graciosos sepulcros do século XV e vitrais franceses feitos a pedido de Bramante. Mas que esquisita ideia teve Rafael de pintar na capela Chigi: Júpiter, Diana e Mercúrio, com nudezes mais gregas que cristãs! O artista acomodou-se sem dúvida aos gostos do banqueiro Chigi, que / (95) pagava as suas doidades.

A igreja de S. Marcelo, de Sansovino, é sóbria e graciosa.

Jaime della Porta e Vignole têm a pretensão de dar às suas obras o cunho mais clássico. Eles construíram o “Gesù”, S. João dos Franceses

Carlos Maderno é ainda bastante puro em S. André-della-Valle e em Santa Maria-della-Vitória.

Pedro de Cortona vai caminhando para a decadência com S. Carlos-al-Corso, Santa Martina e com a fachada de Santa Maria da Paz.

Depois caímos no maneirismo, no rococó, nas novidades faustosas, nas ornamentações maneirísticas e de mau gosto, com Borromini e Bernini<sup>101</sup>. Desta época datam S. André do Quirinal, Santa Inês da Praça Navona e o campanário de S. André-delle-Fratte.



Pobre século XVIII! Quanto pouco sentido cristão tem! É caracterizado pela arte de Borromini e de Bernini<sup>102</sup> na Itália; Boucher, Watteau e Fragonard, na França. Lá é o maneirismo / (96) e o mau gosto; cá entre nós, é o erotismo e a depravação.

Com Palustre estudei também a escultura e a pintura moderna, em Roma. Pio IX foi de facto um mecenas. Ele encontrou verdadeiros artistas e encorajou-os. Assim foi com o escultor Tenerani, o ilustre émulo de Canova e de Thorwaldsen. Ele possuía em alto grau o espírito cristão. Devia-o ao seu próprio génio e ao estudo dos primeiros mestres toscanos. Sem descuidar a graça do modelo ele soube, como os nossos artistas da época ogival, dar às suas obras o cunho das suas fortes convicções e o sentimento ascético. Possa ele fazer escola e reconduzir a arte contemporânea às tradições da primeira Renascença! A sua obra-prima é a Descida da Cruz que se admira na capela de Torlónia em S. João de Latrão. Deu-nos aí o belo tipo de Jesus, que ele reproduziu no sepulcro de Pio VIII em S. Pedro.

Outro escultor, Giacometti, revelou-se em duas obras / (97) magistrais. O seu *Ecce Homo* e o *Beijo de Judas* na Scala Santa foram profundamente meditados antes de serem expressos pelo cinzel. Que contraste entre as duas faces, do Salvador e do traidor! Dum lado a doçura e a resignação, do outro a baixeza e a duplicidade.

Infelizmente outra escola anda mais na moda e que dominará, procura o divertido e o gracioso, o novo e o efeito, o ousado e o naturalismo. Esta escola de que Benzoni parece ser o chefe, tem a seu favor a voga e as encomendas. Ela povoará com as suas obras os salões e os cemitérios. Será mesmo arte, ou não será antes ofício, ou arte industrial?

A pintura tem também a sua falange de renovadores. Mariani pintou a igreja de Santa Maria-in-Aquiro, com grande pureza de desenho, de expressão e de tintas bem graduadas. O conjunto dessas pinturas é a glorificação de Maria nos seus mistérios e na história. A Visitação é deliciosa de graça e de piedade. Os doutores da Igreja sobre os pilares / (98) têm uma grande majestade e uma fisionomia inspirada.

Mariani contribuiu também para a decoração de Santa Maria-in-Trastévere.

---

<sup>101</sup> Bernini e Borromini são os dois maiores arquitectos do barroco que não deve ser confundido com o maneirismo, nem com o rococó, de data mais recente.

<sup>102</sup> Nem Borromini, nem Bernini pertencem ao séc. XVIII. Borromini nasceu em Brissona, Lombardia, em 1599 e morreu em Roma em 1667. Bernini nasceu em Nápoles em 1598 e morreu ele também em Roma, em 1680.

Autor dos frescos de Santo Agostinho é Gagliardi. Eles são dum trabalho fácil e abundante. Mesmo assim têm graça, mas o colorido é fraco. Estas pinturas têm um pouco da miniatura. Gagliardi decorou também a igreja de S Jerónimo-degli-Schiavoni onde pintou com animação e realismo a cena do Gólgota.

Scacioli (?) imitou o género de Rafael na igreja de S. Roque. Ele inspirou-se também em Dürer. É devoto, mas falta-lhe originalidade.

A igreja de S. Nicolau-in-Carcere tem belos frescos de Pascaloni.

Finalmente S. Lourenço-fora-dos-muros foi decorada por Fracassini de que alguns frescos são realmente magistrais.

Pio IX, apesar das grandes provações do seu pontificado, gostava de encorajar esses grandes trabalhos destinados a renovar a arte cristã. / (99)

#### *MUSEUS E GALERIAS*

Com Leão Palustre, voltei a ver também os museus, os palácios, as galerias particulares.

Sinto sempre um pouco de tristeza ao ver nos nossos museus essa multidão de imagens sagradas feitas para igrejas ou santuários particulares, por exemplo essas deliciosas “madonas” de Fra Angélico, do Francia, de Perugino, de Rafael, de Carlos Dolci, de Carlos Maratta, de Murillo, de Sassoferrato, de Garofalo. No museu pode-se avaliar bem o desenho, a perspectiva, a cor, o claro-escuro; mas para apreciar a expressão e o sentimento não se deve fazer abstracção desse bazar em quem são classificadas e numeradas, e representar-nos a alma do pintor, a sua oração e o santuário ao qual se destinava o seu trabalho?

Que direi eu das três obras-primas do Vaticano: a Transfiguração, a Madona de Foligno, a Comunhão de S. Jerónimo? Que grupo sublime o do Tabor! O Salvador, Elias, Moisés, é a tripla revelação, a lei, os profetas e o Evangelho. Pedro, Tiago e João, é a fé, a esperança e o amor. / (100) Jesus é todo etéreo, luminoso e radiante. Ele é maior do que ao natural. É o rei do céu e da Terra. Elias e Moisés descidos do céu podem contemplar Jesus no rosto. Os três apóstolos privilegiados, embora elevados acima dos outros pela vida contemplativa, não podem suportar com o seu olhar o esplendor do

Salvador glorificado. Em baixo, vários apóstolos olham curiosamente para o Jovem possesso, outros indicam que está lá em cima aquele que pode curá-lo.

Mas nada iguala a naturalidade e ao mesmo tempo o sentimento religioso e puro, do grupo superior.

Como é linda também a Virgem de Foligno. Como a sua feição é santamente bonita! Como é comovedor e misericordioso o seu olhar! Na expectativa de ver Maria face a face, não é uma alegria cá na terra ver as mais belas imagens que a arte e a devoção inspiraram aos artistas cristãos?

Na Comunhão de S. Jerónimo, tudo é harmonioso e acabado. O santo velhinho faz-se transportar à igreja / (101) para receber o seu Deus, que o Bispo S. Efrém lhe traz tão devotamente<sup>103</sup>

Que citarei ainda do Vaticano? Gosto do martírio de S. Erasmo, de Poussin, no estilo vigoroso de Caravaggio, a crucifixão de S. Pedro de Guido Reni, tratada tão largamente e tão firmemente, a visão de S. Romualdo, de André Sacchi, quadro tão religioso e tão expressivo.

Depois destes quadros, o Vaticano tem as suas estátuas e as suas curiosidades. Só duas palavras. A estatuária antiga tem lá obras maravilhosas: o Apolo, o Laocoonte, o Perséu, o Torso de Belvedere. E o belo natural, em todo o seu esplendor. Além da elegância das formas e a força da musculatura, vejo uma vida, uma atitude nobre, altiva, inspirada como no Apolo. É o paganismo no que ele tem de mais bonito e de mais puro. Falta-lhe o baptismo. Uma bela Virgem gótica do século XIV fala mais à minha alma.

As curiosidades etruscas interessaram-me / (102) vivamente. Fiquei muitas vezes impressionado por este pensamento: que a arte nos seus inícios tem uma forma única. Os mais antigos monumentos do Egipto, da Etrúria, da Grécia, da Palestina e da Índia, mostram-nos formas muito parecidas nos seus pés-direitos, nos seus lintéis, nas cornijas e colunas primitivas. Comparem-se os sepulcros egípcios de Beni-Hassan, os monumentos da Etrúria, as ruínas de Micenas, de Argos e de Tírinto, e os sepulcros dos reis em Jerusalém e chegar-se-à a esta conclusão. A arte vem duma nascente comum, e diversificou-se sob a influência dos climas, das raças e de mil circunstâncias que nos deram tantos estilos, e escolas tão variadas.

---

<sup>103</sup> É a obra mais conhecida de Domenico Zampieri, dito Domenichino, que ele pintou em 1614.

No Capitólio, acho que a estátua de Marco-Aurélio é demasiado honrada. Mas Paulo III, que a colocou lá, tinha um fraco pela Antiguidade pagã. Ele era um ultra-renascentista. O Capitólio tornou-se o panteão de / (103) Roma. Ele reúne as estátuas e os bustos de todas as celebridades antigas e modernas, é verdade! Oferece curiosidades, mas poucos objectos de edificação. Vê-se com interesse os quadros dos fastos consulares, a antiga Loba de bronze, descrita por Cícero, os bustos dos imperadores e dos filósofos, a célebre Vénus, o Gladiador gaulês, o lindo mosaico das Pombas parecido com o que Plínio descreveu. Eu voltaria com mais gosto a ver a Madonna da capela pintada por Pinturícchio. É uma dessas Virgens chamadas *Maestà*, imagem da rainha do céu e do seu divino Filho, diante das quais os magistrados das repúblicas e das cidades prestavam juramento e ofereciam vassalagem. É um testemunho vivo do reino social de Jesus Cristo.

Roma tem tantos museus como palácios principescos. Visitei os palácios Borghese, Colonna, Corsíni, Dória, Barberini, e outros mais. Esses grandes de Roma eram outros tantos reis pela riqueza e pela magnificência. / (104) Vários desses palácios estão hoje em ruínas e várias galerias foram vendidas. Esses museus particulares têm também bons quadros religiosos e dos melhores mestres, ao lado de coisas profanas e levianas como a Farnarina e a Cenci de Rafael, o Amor de Ticiano, etc, etc... Notei as riquezas desses museus em obras francesas. Poussin e Claude Lorrain estão aí como em casa. Toda a mitologia é representada no Palácio Farnese pelos pincéis fecundos de Carracci e do Dominiquino. O que tinha a fazer todo este olimpo impudico e incestuoso no palácio de Paulo III? Em que ilusão tinha caído a Renascença! Na Farnesiana, para onde o banqueiro Chigi convidava Leão X e os cardeais, todas as honras da decoração são para Psique, Vénus e Galatéia. Rafael teria podido empregar melhor o seu talento. E João de Údine teria feito bem em deixar no seu pincel as suas fantasias licenciosas.

Foi o cardeal Cipião Borghese / (105) que mandou pintar a bela Aurora de Guido Reni no palácio Respigliosi. A Renascença tinha dado volta a todas as cabeças. Há trezentos anos que nós sofremos disso e ainda não acabou. A Renascença tem mais que uma ligação com o protestantismo, o filosofismo, a Revolução, o naturalismo contemporâneo e mesmo com a franco-maçonaria.

---

Representa S. Jerónimo, próximo da morte, que recebe a comunhão do bispo de S. Efrém, na igreja do convento por ele mesmo fundado em Belém.

### *AMIZADES - OS ZUAVOS*

Os Franceses, infelizmente, tinham abandonado o seu posto de honra, o de guardas e defensores da Santa Sé, no mês de Novembro de 1866. O S. Padre viu-se obrigado a aumentar o seu pequeno exército. Os Zuavos tinham-se multiplicado. Moços cheios de fé e de ardor vieram de Flandres, da Vandeia, do Poitou, da Bretanha, da Bélgica, da Holanda, do Canadá. Nesse grande número havia alguns defeituosos, mas a maior parte eram excelentes. Muitos representavam mesmo a flor da humanidade. Jovens e belos, eles traziam para o serviço da Igreja um nome honrado, um coração puro e ardente, tradições de virtude, de / (106) nobreza, de devoção. Faziam-me lembrar os Macabeus. A sua recordação ficou como uma das melhores da minha vida, como uma das mais adequadas para elevar a minha alma e nobilitá-la.

Alguns vinham ver-nos ao parlatório ou passear connosco. Palustre fizera-me conhecer Mirabel e Goutepagnon. Via também Lallemand e o excelente capitão Wiart, que se tornou trapista e abade-geral da Trapa. O piedoso Wibaut cuja biografia é tão edificante, estava também em relação connosco. - Como seria bonita a mocidade francesa se a educação cristã pudesse ser-lhe dada livremente na nossa pobre pátria entregue aos franco-maçónicos!

### *A OBRA DE S. CATARINA*

Vários de nós tinham tomado alguma parte nas actividades de Paris; patronatos e conferências de S. Vicente de Paulo. Custava-nos, agora, não podermos fazer nada para as crianças e os pobres. Organizámos uma pequena acção de catecismo. / (107) Elegeram-me presidente. Reuníamos-nos todas as semanas para falar um pouco de piedade e todos os dias no recreio fazíamos recitar o catecismo a algumas crianças que nos eram enviadas pelo pároco de Minerva. Mais tarde houve concursos, festas, prémios para essas crianças.

A pequena associação foi posta sob o patrocínio de S. Catarina de Sena, uma das padroeiras de Roma. Ela continua ainda; ficou como um exercício de zelo apostólico para os caros alunos de S. Clara. Todos os dias rezávamos uma pequena oração pelo Papa e pela pequena associação. Eu rezo-a ainda fielmente. - Os primeiros associados foram os nossos excelentes condiscípulos Perreau, Dugas, Bretannières, Gilbert, Le Tallec, Guilhen e Bernard.

## O CENTENÁRIO DOS SANTOS APÓSTOLOS

Pio IX tinha convocado todos os bispos do mundo para festejar o 18º centenário dos Apóstolos SS. Pedro e Paulo. Eu não vi na minha vida cerimónia mais imponente: / (108) 512 bispos responderam ao apelo de Pio IX, incluindo um certo número de Orientais; 20. 000 padres e 150.000 fiéis fizeram nesta ocasião a sua peregrinação ao túmulo dos Apóstolos.

Era como um ensaio do Concílio. Pio IX, vendo essa facilidade dos bispos irem a Roma, anunciou a sua intenção de convocar em breve um Concílio geral.

Era bem comovedor ver 500 bispos que vinham dar contas das suas igrejas ao sucessor de S. Pedro. Eles vinham honrar o sepulcro dos Apóstolos e fortalecer-se com novo zelo e novas graças.

Na festa do Corpo de Deus que precedeu o centenário, que majestosa procissão se desenrolou na praça de S. Pedro! 300 Bispos já lá estavam precedendo o SS. Sacramento. Nos dias 29 e 30 de Junho que bela comitiva tinha Pio IX nas basílicas de S. Pedro e S. Paulo! A 30 de Junho, festas da canonização de S. Germana Cousin<sup>104</sup>, de S. Paulo da Cruz, de S. Leonardo de Porto-Maurício, dos mártires de Gorcum<sup>105</sup>, de S. Pedro de Arban, de S. Josafat, de S. Maria-Francisca das Cinco Chagas<sup>106</sup>. Pio IX entrava no apogeu da sua popularidade. Nosso Senhor permitia / (109) esses triunfos do Pontífice para confirmar a fé da Igreja antes das provas que deviam humilhá-la.

Generosos dons eram trazidos pelos bispos. Pio IX precisava de recursos para sustentar o seu pequeno exército. Os bispos de França ofereceram-lhe alguns milhões. Mons. Manning, Mons. Deschamps e Mons. Arcebispo de Posen deram-lhe 500.000 cada

---

<sup>104</sup> Nt S. Germana Cousin, a santa do sofrimento. Nasceu em Pibrac, perto do Tolosa, Sul de França. Um pouco disforme, quase paralítica da mão direita, perdeu a mãe ao nascer. O pai detestava-a, a madrastra odiava-a. Obrigada a dormir no curral, proibida de falar aos meio-irmãos, alimentada a pão seco. Guardou as ovelhas do pai até à morte, aos 22 anos. Fixava uma estaca no chão e dizia às ovelhas que não a ultrapassassem. Ela ia então à missa todos os dias, sempre de terço na mão. E Jesus vinha auxiliá-la mesmo com milagres. Milagres que se multiplicaram após a morte, sendo beatificada em 1854 e canonizada pouco depois, 1867, por Pio IX.

<sup>105</sup> Nt Em Gorcum, Holanda do Sul, os Calvinistas prenderam 19 sacerdotes, atormentaram-nos da maneira mais bárbara, fecharam-nos num subterrâneo imundo, insultados horrendamente pela população. Enforcados nas traves dum convento em ruínas a 9/ 7/ 1572: 11 Franciscanos, 1 Dominicano, 2 Premonstratenses, 1 agostinho, 4 Diocesanos.

<sup>106</sup> Nt Nascida em Nápoles em 1715; aí morreu a 6/ 10/ 1791. Linda e inteligente, aos 16 anos o pai queria casá-la com um nobre cavalheiro; choros e ameaças não serviram. Na mesma idade entrou na Ordem Terceira de S. Francisco, continuando a viver em casa, submetida pelos pais às mais duras provas. Na peste de 1764 esteve durante meses em perigo de morte. Visitava os doentes mais repugnantes dos hospitais; a sua compaixão pelos pobres era sem limites. E sempre crucificada com dores; a sua vida quase sempre uma contínua agonia.

um francos. Mons. Arcebispo do México deu 300.000 francos. Todas as dioceses tinham feito uma abundante colecta. A Providência provia às necessidades da S. Sé.

A 7 de Julho teve lugar a beatificação dos mártires do Japão. A Igreja glorificava os missionários e os fiéis martirizados no Japão em 1617. Talvez nunca tenha havido maior fausto na canonização dos Santos. A basílica de S. Pedro estava resplandecente de Luz. Conservei destas festas a mais edificante e comovedora lembrança.

### OS CONCURSOS

Chegara o fim do ano lectivo. Eu entrara nos concursos. / (110) Obtive o segundo prémio de teologia dogmática para o curso da manhã, uma menção honrosa para o curso da tarde, o primeiro *accessit* em hebraico, o primeiro prémio de teologia moral, uma menção honrosa em história eclesiástica e o primeiro *accessit* para os casos de consciência. Éramos cerca de 200 concorrentes. O Senhor quisera abençoar o meu trabalho<sup>107</sup>.

### O REGRESSO

Desta vez quis voltar por mar. Embarquei em Civitavecchia para Marselha. Coitado de mim. Houve tempestade. Como o navio não conseguia dobrar o cabo Corso, fez-nos perder 24 horas em Bastia. Aproveitei para descer a terra e visitar a antiga capital da Córsega, a velha *bastilha* genovesa. A sua catedral de S. João Baptista tem alguns belos mausoléus antigos, mas o que a cidade tem de mais interessante, é o seu belo passeio do Norte ao longo do mar, e os pontos panorâmicos que se desfrutam dos seus lugares altos. A estátua de Napoleão está lá / (111) na avenida, para lembrar a todos os que chegam à Córsega que ele é a glória da ilha.

Antes de chegar a Bastia eu tinha pago o meu tributo ao mar. A segunda parte do percurso foi um passeio delicioso. Passámos em vista das ilhas de Hyères e da enseada de Toulon. Essas costas são tão graciosas.

Marselha deve ser vista do mar. Ela oferece um esplêndido panorama. O castelo de If, a sua fortaleza avançada banha-se nas ondas. A cidade espalha-se como um formigueiro à volta do seu velho porto. Está semeada de campanários. Uma floresta de

---

<sup>107</sup> Cf. Cahier V, p. 35, nota 1.

mastros enche as docas. O santuário de Maria guarda tudo sob a sua materna protecção<sup>108</sup>.

### *AS FÉRIAS*

As minhas férias foram o que tinham sido as precedentes: um devoto repouso em La Capelle: passeios, leituras, reuniões de família, nenhum incidente memorável. Eu procurava pregar, pelo exemplo, a modéstia e a oração. Retomava forças para um novo ano de trabalho. Visitei a exposição no mês de Agosto, em Paris. Sobretudo a pintura me atraiu. Constatei nela habilidade, realismo, mas bem poucos sentimentos elevados ou cristãos.

### *A CAMPANHA DE GARIBALDI*

O plano das seitas executava-se na Itália. Garibaldi organizara um pequeno exército que o governo secretamente favorecia. O “Condottiere” avançava sobre Roma. Os pequenos presídios pontifícios fizeram prodígios de valor e durante algum tempo detiveram o inimigo. Lutou-se em Acquapendente em Bagnorea<sup>109</sup>. Em Montelibretti 80 zuavos lutaram contra 1.200 garibaldinos. Aí foi morto o valente e pio capitão Guillemmin. Em Monterotondo, a 26 de Outubro 1867, os garibaldinos fugiam ignóbilmente diante dos zuavos dez vezes menos numerosos.

Mas a 29 de Outubro um exército francês desembarcava em Civitavecchia. Não era sem tempo.

A 3 de Novembro os bandos de Garibaldi, que aumentavam sempre, avançavam sobre Mentana. Contavam com 12.000 homens. / (113) Um corpo de armada italiana seguia-os às ordens do general Cialdini. O general Kanzler avançou contra os bandos de camisas vermelhas, com 3.000 pontifícios e 2.000 franceses. Os garibaldinos foram totalmente desfeitos em Mentana. Era o fim da campanha.

Infelizmente um grande número dos nossos bravos cruzados tinha sido ferido.

---

<sup>108</sup> Nt No alto da colina há um famoso santuário mariano que é mesmo de Nossa Senhora da Guarda.

<sup>109</sup> Bagnoregio, no Lácio, era chamado Bagnorea até 1922.



### *O MEU REGRESSO*

Todas estas notícias chegavam-me no momento em que me preparava a partir para Roma. Os meus pais estavam na maior inquietação. Todavia chegavam de Roma cartas tranquilizadoras. Escreviam-me do seminário: “Nós voltamos; as tropas francesas garantem-nos a tranquilidade”.

E não era tudo. Em Marselha e em Paris havia a cólera. Não se devia voltar por mar, sob a pena de fazer quarentena em Civitavecchia. Viajei pelo Moncenisio, Turim, Génova e a costa (tirrénica). Fiquei despachado na fronteira romana com / (114) algumas fumigações.

### *ROMA DEPOIS DE MENTANA*

Nunca esquecerei pela vida fora, as emoções desse Inverno em Roma.

A cruzada de Mentana tinha feito centenas de feridos. Os hospitais estavam cheios. Pio IX foi visitá-los várias vezes. Nós íamos ver os que conhecíamos. Ficávamos sabendo cada dia que um ou outro ia aumentar o número dos mortos. Eram outros tantos mártires e confessores da fé. A maior parte deles eram tão edificantes no seu leito de sofrimentos! Não estavam só resignados, estavam orgulhosos das suas feridas.

Celebrámos no seminário um ofício fúnebre pelo capitão Guillemin. A capela estava ornada em preto e branco. Era um triunfo, mais que um luto. Guillermin morrera como herói e como mártir. O serviço realizou-se só em Maio de 1868, antes que o seu corpo fosse levado para a França. Oficiava Mons. de Mérode, assistido por Mons. Bastide. Rezando por ele, pedíamos-lhe que ele também rezasse por nós.

### *AS AULAS*

As nossas aulas tinham retomado o seu curso normal. Eram os mesmos professores do ano passado. As aulas de / (115) Teologia já não me custavam; estava familiarizado com o método romano. E pude assim dirigir a minha atenção para cursos acessórios e compreender melhor o seu valor.

## A SAGRADA ESCRITURA

Como o P. Patrizi tratava superiormente a sagrada Escritura! As suas aulas alternavam-se: uma vez ensinava a teoria *de interpretatione Bibliorum*; outras vezes aplicava os princípios e fazia a exegese de um livro ou de um texto.

Noutros lugares, nos seminários, contentavam-se em dar algumas noções sobre a Sagrada Escritura e as suas diversas partes. É um quadro sinóptico ou um catecismo da Escritura Santa.

Mas em Roma não é bem assim. As aulas de Sagrada Escritura aí são empregadas de maneira a pôr os alunos em condições de fazerem eles próprios a exegese.

O curso teórico dava-nos todas as regras da interpretação literal e espiritual.

Para a inspiração literal, por ex., / (116) o P. Patrizi indicava-nos as regras remotas e as regras próximas. Entre aquelas: a disposição do espírito, a doutrina apostólica, a autoridade da Igreja e dos Padres, o conhecimento das línguas, o estudo das ciências e das artes liberais. E isso mostra-nos que preparação e que conhecimento deveria ter quem quer abordar o estudo científico da Sagrada Escritura.

Entre as regras próximas ele citava: a leitura de toda a Bíblia, o conhecimento do escritor e do argumento, o estudo do contexto, a comparação dos textos, o conhecimento das figuras de retórica e de gramática, a comparação da Bíblia com as suas traduções, a comparação dos manuscritos e das diversas lições, o estilo do escritor.

No curso prático o professor fazia a aplicação destas regras. Num ano ele tentava um livro determinado: por ex. o evangelho de S. João ou de S. Marcos, ou os salmos, e seguia a interpretação deles passo a passo tanto quanto o tempo permitia. / (117) Noutro ano, tomava um texto dogmático importante e controverso, como a profecia da Imaculada Conceição no Génesis, ou as profecias messiânicas de Zacarias e de Malaquias, e levava até ao fundo esta discussão com uma erudição profunda e um conhecimento espantoso dos próprios livros dos Judeus.

Um estudo tão elevado e tão cheio é uma grande alegria para o espírito.

## O DIREITO CANÓNICO

Era o P. Tarquini que ensinava o direito canónico. No colégio Romano tratava-se só dos Institutos. Deixava-se o estudo dos textos às faculdades canónicas de At. Apolinário ou da Sapiência.

O P. Tarquini mandou imprimir o seu manual em 1868.

O estudo do direito canónico não é, como se pensa em França, um estudo de pura arqueologia. É o estudo da organização da Igreja, da sua vida, da sua acção social.

A teologia mostra-nos a Igreja instituída pelo seu divino Fundador em forma de uma sociedade perfeita, / (118) dotada, de poder legislativo e coercitivo. Esta tese é o fundamento doutrinal do direito canónico, que nos mostra a organização social no seu funcionamento prático e nas suas leis. Onde o direito canónico é desprezado, como na França, a vida social da Igreja diminui e o ateísmo social toma a prevalência.

O P. Tarquini mostrava-nos no Syllabus uma porção de erros que eram como corolários do abandono do direito canónico em França. O direito canónico é o código das leis do reinado social de Cristo na sociedade.

O professor alargou-se particularmente neste ano sobre as concordatas. Mostrou-nos as concordatas como concessões concedidas pela Igreja, rainha e mãe das nações aos seus filhos e súbditos extraviados, em favor dos quais ela suspende o exercício de alguns dos seus direitos ajeitando-se às conveniências dos tempos e dos lugares. Ele tendia a considerar as concordatas, como constituições revogáveis por vontade do / (119) Sumo Pontífice. Mas esta tese era combatida nas aulas do Apolinário pelo cónego De Angelis, que reconhecia às concordatas o carácter de tratados propriamente ditos.

Das concordatas modernas pôde-se dizer, infelizmente! que trazem na sua história, a história das dores da Igreja. Elas foram admitidas pela Igreja *ad duritiam cordis*, e para nós é a morte.

São feitas algumas tentativas na França para fazer renascer a organização canónica. Foram fundados jornais e uma academia de S. Raimundo de Penafort. Fui solicitado muitas vezes para prestar o meu concurso, mas falta-me o tempo.

O concílio provincial reunido em Puy no ano de 1873 prescrevia a restabelecimento dos concursos e das oficialidades, mas as suas prescrições foram muito imperfeitamente cumpridas.

## *A HISTÓRIA ECLESIASTICA*

O P. Sanguinetti ensinava história. Punham-nos nas mãos o manual latino de Wouters, professor de Lovaina, mas o professor tratava ele pessoalmente / (120) das fontes da história e do método histórico; depois, cada ano, abordava alguns pontos especiais de história, por vezes tirados das circunstâncias. Assim em 1867 desenvolveu uma tese magnífica de lógica e de erudição sobre a estadia e o apostolado de S. Pedro em Roma.

A história da igreja é a história do reino de Jesus Cristo. Ela mostra-nos o desenvolvimento do dogma e os progressos do apostolado.

O Antigo Testamento não é o Cristo anunciado, esperado, figurado, preparado?

O Novo Testamento, não é o Cristo incarnado, vivo, sofredor e agonizante por nós; o Cristo ressuscitado e continuado na Igreja, o Cristo que se continua na Eucaristia e que age pelo Espírito Santo; o Cristo pregado pelos apóstolos e testemunhado pelos mártires; o Cristo conquistador de Roma e do império, vitorioso das heresias reinando sobre as nações, lutando contra o Islão, sofrendo pelas dilacerações / (121) do protestantismo e pela traição do racionalíssimo, e levando cada vez mais longe, até aos extremos da terra, a luz da sua doutrina e a santidade da sua graça?

Numa palavra, a história da Igreja é a história do dogma e a história do apostolado.

O dogma, que está todo em germen na Revelação evangélica, desenvolve-se e manifesta-se sucessivamente pelo ensino da Santa Sé e dos doutores, pelas definições dos concílios. As heresias são sempre uma ocasião para estes progressos.

Em Niceia, é aclamada a divindade de Cristo; em Constantinopla é a consubstancialidade do Espírito Santo com o Pai e o Filho; em Éfeso, é a dignidade da virgem Maria, Mãe de Deus.

Em Calcedónia e no segundo e terceiro concílios de Constantinopla, completa-se a doutrina da Igreja sobre Cristo: Ele tem duas naturezas, uma só pessoa, duas vontades.

Em seguida, no segundo concílio / (122) de Niceia, é reivindicada a honra devida às santas imagens; no quarto concílio de Constantinopla, a autoridade da Sé se Roma sobre os patriarcados do Oriente; no primeiro concílio de Latrão a distinção dos poderes eclesiástico e civil.

O segundo e terceiro concílios de Latrão regulam a disciplina do clero e a eleição dos Papas. O quarto de Latrão convoca a cruzada e condena os dois princípios maniqueus.

Em Lião, Viena e Florença, trata-se do direito canónico e dos tribunais eclesiásticos, dos Templários e dos falsos místicos, da reunião dos Gregos, dos Arménios e dos Jacobitas.

No 5º concílio de Latrão são rejeitados os erros sobre a alma e a hierarquia eclesiástica.

O protestantismo provoca um desenvolvimento considerável da teologia sacramental no concílio de Trento e, ao mesmo tempo, um lançamento de uma nova luz sobre as fontes da fé, a Escritura e a Tradição e uma vasta reforma da legislação e dos costumes.

O concílio Vaticano tinha / (123) por missão definir o reino social de Cristo. Só lhe foi possível pôr o princípio, a autoridade doutrinal do Vigário de Jesus Cristo. O resto será feito com ou sem concílio. Leão XIII começou e em cada uma das suas encíclicas colocou algumas pedras neste edifício cuja realização esperamos seja próxima, apesar de todos os motivos de desalento que as tristezas contemporâneas nos possam sugerir.

É o que se vê. Os primeiros a serem postos foram os fundamentos do dogma; depois ao mesmo tempo que o dogma se desenvolvia por obra dos concílios, a moral afirmava-se, o direito canónico organizava-se e o próprio ascetismo recebia a sua verdadeira direcção.

Ao progresso das doutrinas deve-se unir a história do apostolado, os seus desenvolvimentos, as suas conquistas. Devem-se apontar as lutas da Igreja, as suas provações, as suas vitórias. Deve-se mostrar a acção do Espírito Santo que se manifesta pela civilização cristã, pelas letras e pelas artes e especialmente pelo / (124) florescimento da santidade heróica nas almas sob todas as suas formas e em todas as épocas.

A visão da história tem, por certo, a sua importância. O curso deve ser dividido em algumas grandes épocas teológicas, cuja conclusão será algum grande acontecimento doutrinal, tais como a Reforma e o concílio de Trento; algum movimento de conjunto da cristandade, como as Cruzadas; algum acontecimento decisivo, como a conversão de Constantino ou a coroação de Carlos Magno.

Uma palavra ainda sobre as escolas históricas. Desconfiemos da escola liberal, do Sr. de Broglie, do Correspondente e dos que neles se inspiram. Eles não dão espaço suficiente ao sobrenatural e à acção do Espírito Santo nas almas e nas sociedades.

Darras está bem escrito, as suas narrações são atraentes, mas falta-lhe filosofia. Escapa-lhe muitas vezes a ligação teológica dos factos. É uma compilação.

Rohrbacher é-lhe muito superior / (125) pela excelência de vistas e pela inteligência do plano divino.

Entre os autores elementares, Huter e Alzog têm as vistas mais elevadas. O primeiro em teologia, o segundo em história e em patrologia continuam os mestres mais autorizados dos nossos cursos elementares.

Bossuet é maravilhoso na filosofia da história. Numa síntese superior, ele mostra a acção divina na história. Mas não faz ressaltar suficientemente o Cristo. Não mostra suficientemente o Cristo a dominar toda a história, a redenção a preparar-se e a elaborar-se, e a vida sobrenatural respirando em tudo o que há de bom mesmo nos pagãos, trabalhando nas veias, no sangue e no coração da humanidade, mesmo sem esta saber, e desabrochando na santidade da Igreja.

Bossuet, por grande que fosse o seu génio, não sofreu um pouco a influência do seu tempo? Não era ele demasiadamente / (126) clássico e renascentista, demasiadamente grego e romano para conservar a sua plena liberdade de espírito e de vistas? Todavia exprimo estas ideias com as devidas reservas.

#### *O SUB-DIACONATO - 21 DE DEZEMBRO 1867*

Meu pai quisera adiar indefinidamente o meu compromisso definitivo. Para lhe agradar, tinha eu adiado uns meses. O P. Freyd pensou que se devia cortar o nó de górdio. Fez-me avançar no mês de Dezembro.

Eu tinha boa vontade. Reencontro as minhas disposições apontadas nas minhas notas de 13, 14 e 15 de Dezembro. - “Não me preocupar com o futuro; santificar-me no presente pela fidelidade ao meu regulamento e pedindo instantemente a Deus os dons da prudência e da sabedoria. Fecundidade do Caminho da Cruz e do amor de Jesus” – “Tender à perfeição pelo amor de Deus e especialmente da santa humanidade de Jesus. O silêncio é o meio mais fecundo da perfeição. A língua é como um cavalo indómito que

é necessário enfrear pela razão, a prudência e o silêncio” – “A santidade / (127) consiste na união com Deus e na conformidade com a sua vontade. No futuro, Deus fará de mim o que quiser. Possa eu procurar só a posição mais humilde e a menos apetecida. Por agora, Deus pede-me claramente que eu seja um estudante perfeito. Imitar os meus modelos, S. Luis de Gonzaga e S. João Berchmans em particular. Reegrar o meu trabalho pela prudência, moderá-lo pela temperança, animá-lo pela fortaleza, dirigi-lo pela fé e a caridade.

De 16 a 21, fiz o meu retiro. Eu seguia os argumentos normais, mas encontrava neles luzes para as minhas necessidades actuais. “A Santa humanidade de Jesus, escrevia eu, santificada pela união apostólica e pela infusão dos dons mais excelentes é o modelo da nossa santidade e da nossa união com Deus. *A oblação de si mesmo* e a sua intercessão constante desde o seio materno é o modelo da nossa intercessão por meio do ofício divino a favor de toda a Igreja” - “Jesus é nosso modelo de oração. / (128) Ele intercede por nós durante toda a sua vida, com humildade e sacrifício, e ele interpela ainda em nosso favor estando à direita do Pai e na Santa Eucaristia. Maria e José ensinam-nos a rezar em união com o Coração de Jesus.”

Para minhas resoluções, eu escrevia: “Desconfiar do demónio que sob a aparência do bem me faz divagar na oração pensando no meu ministério futuro, ou na vocação a um estado mais perfeito. Tender somente à perfeição do meu estado actual – Quanto aos defeitos de carácter, vencê-los enfrentando abertamente as dificuldades e não julgar de as ter vencido fugindo às ocasiões. - Paz! Paz! Antes de tudo, conservar a paz do coração.”

Nosso Senhor conduzia-me pouco a pouco à união com o seu divino Coração, preparando-me assim à vocação que Ele queria dar-me mais tarde. Eram as disposições do fim do meu retiro. Eu escrevia: “*Jesus in quo plenitudo gratiae substantialiter inhabitat*”. Jesus tem em Si todas as graças, para Ele mesmo e para no-las comunicar. / (129) Ele é para nós o modelo e a fonte de todas as virtudes e especialmente de toda a pureza de intenção. Ele só procura a glória do seu Pai. Mantenhamo-nos perto do seu Coração para adquirirmos essa pureza.” - “*Jesu, zelator animarum*”. O seu zelo pelas almas, pela minha alma, é *gratuito*: *Prior dilexit nos!* (1Jo.4,10). Nós não Lhe demos nada e nem podíamos mesmo dar-Lhe nada. *Cum inimici essemus, Deus misit Filium suum*

*unigenitum*<sup>110</sup>. O seu zelo é generoso. Ele não desanima por causa das nossas recusas, dos nossos abandonos, das nossas misérias. *Ecce ad ostium pulso, aperi mihi, soror mea, amica mea*<sup>111</sup>. O seu zelo é magnífico. O mínimo sofrimento era suficiente, mas Ele quis ser saciado de dores até à morte de cruz. Rendamos-Lhe amor por amor; e o nosso zelo pelas almas seja gratuito, generoso, magnífico. Que Jesus se torne o irmão da nossa alma, que ela seja toda para Ele e não ame nada senão por Ele e n'Ele. - *Ecce Homo*. (Jo.19,5). Consideremos Jesus esgotado / (130) pelos sofrimentos e reparando, pelo sacrifício total de Si mesmo, as manchas de todas as nossas culpas. *Consumatum est* (Jo 19, 30). Todos os recursos do amor são esgotados. Ele entreabre os olhos pela última vez para nos perguntar: - amei-te o suficiente? Procuremos no seu Coração uma lição de amor e de sacrifício. - Jesus no sepulcro convida-nos a morrer com Ele e a tornarmo-nos homens novos. Escondamo-nos dentro do seu Coração como num sepulcro novo para morrermos para as honras, as riquezas e os prazeres. - O Coração de Jesus é uma fonte de delícias, um jardim fechado, uma cidade de refúgio, uma parte de salvação, uma fortaleza inexpugnável. *Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei* (Sal.86,3).

O grande dia chegara. O 21 de Dezembro 1867 foi um dos mais belos e dos melhores dias da minha vida. Eu entregava-me a Nosso Senhor para sempre pelos compromissos do sub-diaconato. Eu descrevia o estado da minha alma com estas palavras: “Dia de felicidade e de alegria pura. Começo de uma verdadeira liberdade. Servir a Deus é reinar”. / (131)

### O BREVIÁRIO

O Senhor deu-me a graça de saborear e de amar o breviário com uma santa paixão. Dedicava-lhe o melhor do meu tempo e recitava-o de joelhos. Os meus estudos não sofriam com isso. Rezar em nome da Igreja, rezar com Jesus por todas as almas que Lhe são queridas, é uma missão tão bonita!

Esta união com Jesus na oração era muitas vezes o objecto dos meus propósitos e tinha eu a graça de falhar raramente. Encontro isso recordado nas minhas notas. - “União constante com Jesus. Recitar as nossas orações com o pensamento de que Jesus as vai repetindo ao Seu Pai Celeste”. - “Unamo-nos às orações de Jesus no templo. Não

---

<sup>110</sup> Sendo nós inimigos, Deus mandou -nos o seu filho unigénito. “Cum inimici essemus” (Rm.5,10) *Filium suum unigenitum misit Deus* (I Jo. 4,9).



sejamos frios nem distraídos nas audiências que Jesus ou a Santa Trindade nos concedem. Nós temos de louvá-Lo, adorá-Lo, dar-Lhe graças por tantos benefícios naturais e sobrenaturais concedidos por Ele ao mundo e a nós em particular; e ainda temos tantas graças a pedir!” “Unamo-nos à oração de Jesus no Jardim das Oliveiras. Ele rezou para nos obter todas as / (132) graças de que nos cumula, tanto exteriores como interiores. Ele chorava ao pensar nos nossos inumeráveis pecados, nas nossas resistências à sua graça, e na glória de que nos privamos. Rezemos com Ele!”

#### *UNIÃO COM DEUS - UNIÃO AO S. CORAÇÃO DE JESUS*

Este ano foi realmente um dos melhores da minha vida. Parece-me que o Senhor quis que eu fizesse o meu noviciado de vida religiosa e que Ele mesmo foi o mestre. Creio perceber hoje o motivo disso. Nessa mesma época começava na Alsácia essa querida comunidade que nos estaria tão unida e que exerceria a nosso respeito uma missão maternal. As nossas primeiras Madres tinham tomado o véu a 21 de Novembro de 1867. Elas também faziam o seu noviciado. Nosso Senhor comprazia-Se certamente, na Sua bondade, em preparar ao mesmo tempo as duas Obras. As luzes que Ele me dava em todas minhas orações deste ano eram tão conformes à nossa vocação de Sacerdotes-oblatos do Coração de Jesus, que as minhas próprias notas poderiam servir de tema a um Directório espiritual da Obra. Como deveria eu estar grato a / (133) Nosso Senhor, apreciando melhor hoje a bondade que Ele me testemunhava então! Ele conduziu-me pouco a pouco à união habitual com o Seu Divino Coração. Encontro toda esta acção da graça assinalada nas minhas notas.

#### NOTAS DE MEDITAÇÕES - UNIÃO COM DEUS

22 de Janeiro. “Deus elevou a nossa natureza a uma dignidade sublime, unindo-a a Si mesmo. Tornemo-la digna dessa honra. A graça que nos une a Deus é o selo da nossa adopção; vigiemos e mantenhamo-nos sob a sua influência para aumentar sempre mais esta íntima relação com Deus. A união com Nosso Senhor na Eucaristia faz-nos semelhantes a Ele pondo a nossa alma e todas as nossas faculdades e potências sob a direcção e a influência do mesmo espírito que santificava a sua humanidade”.

---

<sup>111</sup> Eis que estou a bater à porta; abre-me ó minha irmã, ó minha amiga. – “Ecce sto ad ostium et pulso” (Ap.3,20). “Aperi mihi, soror mea, amica mea” (Cânt.5,2)

15 de Fevereiro. “ Para vivermos em Deus sem interrupção, atermo-nos aos três princípios da união com Ele, isto é à sua presença, à conformidade com a sua vontade, e ao abandono completo à sua graça que é a nossa única força.”

18 de Fevereiro. “ A graça de Deus não produz / (134) frutos quando ela encontra os nossos corações endurecidos pela negligência ou distraídos pelas futilidades do mundo ou da curiosidade. Vigiemos firmes em manter-nos na união com Deus e pratiquemos a pobreza do espírito e a obediência afastando todo o pensamento e preocupação inúteis.”

19 de Fevereiro. “Afastemos os obstáculos à graça de Deus e ela encherá o nosso coração como uma torrente. Estes obstáculos são a distração, a inquietação, a vontade própria, a afeição natural. Deixemos imediatamente os pensamentos e as procuras curiosas que nos afastam da paz do coração e da presença de Deus. Seria melhor apontar as dificuldades para pedir esclarecimentos na devida ocasião, do que perturbar-se ou preocupar-se com elas. Desconfiemos sempre da fraqueza da nossa razão e da nossa inteligência”.

31 de Março - “Veni et vive in famulis tuis, in spiritu sanctitatis tuae” (Vem e vive nos teus servos, no espírito da tua santidade). Só Deus pode e deve encher o nosso coração. Ele é infinitamente amável. Amemos as criaturas unicamente Nele e por Ele. Que o nosso fim seja sempre a sua glória, a nossa luz o seu Espírito que nos fala na paz da alma, e a nossa / (135) meditação as suas perfeições e a sua lei”.

19 de Março “Nós estamos diante de Deus, dos anjos e dos santos, com uma venda sobre os olhos, porque não percebemos directamente o que não cai sob os nossos sentidos. Não esqueçamos que temos essa venda que só nos será arrancada na morte, e não actuemos como se somente existisse o que vemos. Todas as nossas afeições e as nossas acções estão escritas no livro da vida: nós mesmos as escrevemos: sejam então escritas com as letras de ouro do amor de Deus e as páginas que ainda nos são concedidas sejam bem preenchidas!”

- *Sobre a vida interior*

23 de Maio. “Trabalhemos para adquirir o hábito de dirigir as nossas acções com a razão iluminada pela fé. A imaginação tende a arrastar a razão. Ela deve ser um instrumento para melhor conhecer a verdade e não para as ficções que podem excitar momentaneamente ao bem, mas não criam virtudes sólidas. As paixões tendem também

a cegar a inteligência e a esconder à alma o bem verdadeiro e ordenado, para levá-la ao bem desordenado dos seus apetites inferiores e brutais.” / (136)

1 de Maio. “Vivamos a vida interior com Nosso Senhor e com Maria, que reflectia na sua alma as virtudes do seu divino Filho. O lugar desta vida é a imensidade de Deus, a sua Luz, o grande dia do sol de Justiça, luz que nós recebemos por enquanto só pelo espelho da fé. Testemunhas disso são Deus e os seus anjos. O seu alimento é o Espírito Santo com os seus dons, as suas graças e as suas virtudes”.

10 de Maio. “*Vado ad patrem meum*”<sup>112</sup>. Nosso Senhor durante toda a sua vida ia para o Pai: com os seus pensamentos e os seus louvores íntimos, *ego te glorificavi* (Jo 17,4); com as Suas palavras, *verba quae dedisti mihi, dedi eis* (Jo. 17,8); com as Suas acções, *opus consumavi quod dedisti mihi ut faciam* (Jo 17, 4). Que o nosso espírito esteja sempre cheio de Deus, para não deixar lugar à distração e ao amor-próprio. Que as nossas palavras sejam regradas, edificantes, humildes e caridosas. Que as nossas acções sejam reguladas pela prudência e produzam a nossa santificação e a dos outros tanto quanto isso nos é pedido por Deus em relação às amizades que a sua Providência nos dá. Regulemos, tanto quanto possível, as nossas acções no exame / (137) particular ou num curto exame preventivo, para que o nosso espírito fique bem livre durante o resto do dia.”

- *Sobre a união com Jesus.*

2 de Janeiro. “União constante com Jesus. Digamos as nossas orações com Jesus. Digamos as nossas orações com o pensamento de que Jesus as repete inteirinhas ao seu Pai Celeste.”

4 de Janeiro – “*Sobrie et juste et pie vivamus in hoc saeculo. Semper gaudete quia copiosa est merces vestra in coelo*”<sup>113</sup>. Que a vossa alegria seja sóbria e gostosa e tal que Nosso Senhor a possa oferecer a seu Pai, porque Ele oferece sem cessar a seu Pai as obras dos justos em união com as suas”

11 de Janeiro. “Dispor-nos aos dons de prudência e de conselho, prevendo e regulando as nossas acções sob a assistência do Espírito Santo, e abstando-nos de todo o pensamento e palavra temerária. Que Jesus seja o nosso conselheiro, o nosso amigo e o esposo da nossa alma”.

---

<sup>112</sup> Vou ao Pai. “Vado ad Patrem” (Jo 14,28; 16,16-17. 16,28). “Ascendo ad Patrem meum” (Jo 20,17)

29 de Janeiro. “ *Unus est magister, Christus*” (Mt. 23, 8). Jesus é o nosso único mestre. Ele faz-nos ouvir a sua palavra suave na oração, na leitura da Sagrada Escritura, na comunhão. Ele fala-nos também / (138) pelos nossos mestres e pelos escritos dos Santos. Na conversação com os homens, é mais difícil ouvir a sua palavra. Permitamos a sua vaidade como Ele a permite, mas não entremos nela. Se a sua conversação é útil, aproveitemos dela; se não é, esforcemo-nos para que se torne tal”.

30 de Janeiro. “*Medicus es, aeger sum; Misericors es, miser sum*<sup>114</sup>”. Aproximemo-nos de Deus e dos Santos como um mendigo à porta dum palácio. Nós não vemos o benfeitor, mas temos a certeza de sermos ouvidos”.

5 de Abril. “Jesus é o nosso rei, um rei de paz. A Ele pertence reinar sobre as nações e sobre as almas. A sua lei é o Evangelho. O seu reino é doce, sem ostentações, sem violência. A sua misericórdia é inseparável da sua justiça. Ele foi o primeiro a sofrer o jugo da sua lei. Ele cumula de graças os seus súbditos; quando castiga, é para curar.”

- *Sobre a vida de Jesus em nós.*

24 de Dezembro. “*Jam non ego vivo, sed Christus in me vivit*<sup>115</sup>, *in me orat, studet, loquitur*. Jesus vive em nós pela Sua imitação e pela / (139) influência da sua graça”.

3 de Janeiro. “Que Jesus viva em nós, que Ele dirija a nossa vontade e mande nos nossos sentidos. As preocupações do espírito e da fantasia são tentações de que fugir”.

16 de Fevereiro. “Deus-Filho quis durante 33 anos interceder, sofrer e oferecer-Se como vítima por nós. Ele continua a sua acção no céu e na Eucaristia e deixou-nos o seu Espírito. O Espírito Santo está incessantemente ocupado em aplicar-nos os méritos de Nosso Senhor transformando e divinizando a nossa alma”.

28 de Fevereiro. “Estabeleçamos em nós o reino perfeito de Nosso Senhor. Seja Ele o princípio e o fim de todas as nossas acções, Que todas tenham como ponto de partida e como base a sua inspiração e a sua vontade, e como fim a sua glória. Que elas sejam feitas com essa paz de coração que Ele nos recomenda tantas vezes. Por nós mesmos só podemos produzir o nada e o pecado”.

---

<sup>113</sup> «Sobrie, et juste, et pie vivamus in hoc saeculo» (Tit 2,12). «Semper gaudete» (1Tes 5,16) «quoniam merces vestra copiosa est in coelis» (Mt 5,12).

<sup>114</sup> Confessionum S. Augustini, Liber X, caput XXVIII

<sup>115</sup> “Vivo autem iam non ego, vivit vero in me Christus” (Gal 2, 20) = Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim, em mim reza, estuda, fala.

25 de Abril. “Deixemos o Senhor viver em nós. Ele continua a viver na terra em cada um dos seus membros. Trabalhem sob as influências da sua graça, como ele mesmo faria / (140) nas condições em que nos encontramos. Unamo-nos à sua perfeita humildade diante do seu Pai, que é tudo n’Ele; diante dos homens e especialmente diante dos seus sacerdotes dos quais Ele Se faz conselheiro, amigo, irmão, até servo e instrumento da sua santificação e alimento da sua alma”.

- *Sobre as amabilidades de Jesus*

23 de Fevereiro. “Nosso Senhor desejava ver chegar o momento da sua paixão, por nosso amor, porque Ele desejava purificar-nos, repor-nos em graça com o seu Pai, santificar-nos e abrir-nos os tesouros da sua graça e da sua glória. Várias vezes ele conversa com os seus apóstolos sobre a sua paixão. “*Ascendamus Jerosolymam, ubi consummabuntur quae scripta sunt. Surgite, eamus. Desiderio desideravi manducare hoc Pascha vobiscum*”<sup>116</sup>.

24 de Fevereiro. “*Veni mittere ignem, ad quid nisi ut accendatur*”<sup>117</sup>. “Nosso Senhor, para excitar o nosso amor e a nossa gratidão, cumulou-nos de benefícios e prometeu-nos outros ainda mais sublimes. Para excitar a nossa ternura, a nossa piedade, a nossa compaixão, / (141) Ele fez-Se pequeno, pobre, e sofredor”.

23 de Março. “Desde toda a eternidade Deus resolvera incarnar-se e vir habitar entre nós. O coração humano sentia necessidade de ver a Deus face a face. Daí talvez a tendência para o politeísmo. O próprio homem era a imagem de Cristo. *Adam, forma futuri. Et Verbum caro factum est, et habitavit in nobis. Ipsum vidimus, audivimus, contrectavimus*<sup>118</sup>. No Seu amor Ele permitiu a Maria e a José de possuí-Lo durante trinta anos; à Palestina de ouvi-Lo durante três anos; às crianças de vir a Ele e de receber os seus ternos beijos; à Madalena de derramar sobre os seus pés as suas lágrimas e os seus perfumes; a Lázaro de apertá-Lo sobre o seu coração; a João de repousar sobre o seu peito e de extrair dele um ardente e terno amor”.

27 de Abril. “Como é grande a misericórdia de Deus, que nos destinou a sermos elevados, depois de uma curta prova, a uma felicidade que está acima da nossa

---

<sup>116</sup> “Ecce ascendimus Jerosolymam, et consummabuntur omnia quae scripta sunt”(Lc 18, 31). “Surgite, eamus” (Mt. 26, 46).

“Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum” (Lc. 22, 15).

<sup>117</sup> “Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur” (Lc. 12, 49)

<sup>118</sup> “ In similitudinem praevaricationis Adae, qui est forma futuri” (Rm 5,14). “Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis” (Jo 1,14). “ Quod audivimus, quod vidimus...et manus nostrae contrectaverunt de verbo vitae” (1Jo 1,1).

natureza. Os céus e a terra serão renovados. Os nossos corpos serão incorruptíveis, ágeis, luminosos, e as nossas almas verão a Deus e estarão unidas a Deus: *similes / (142) ei erimus* (1Jo 3,2). Na espera desta coroação, Deus dá-nos tudo o que era possível dar-nos sem nos tirar a dignidade do mérito livre. Ele cumula-nos das graças que nos preparou desde o começo. Ele guia-nos como pela mão e dá-Se-nos a Si próprio, como se o seu amor não pudesse esperar o momento da união beatífica.”

- *Sobre a união ao Coração de Jesus.*

7 de Janeiro. “ *Vidimus stellam et venimus* (Mt 2,2). Sejamos fiéis à graça. A estrela que nos deve guiar sempre é o Coração de Jesus. Todas as nossas acções sejam tais que Ele possa oferecê-las ao seu Pai. Seja Ele o nosso refúgio e a nossa paz.”

12 de Janeiro. “*Reformamini in novitate sensus vestri; ut probetis quae sit voluntatis Dei*” (Rm 12,2). Não deixar nenhuma saída à nossa própria vontade: agir conforme o Coração de Jesus (Imit. Liv. 4, c.15,v 3 e 4). *Statim ut te Deo ex toto corde credideris, nec hoc nec illud pro tuo libitu seu velle quaesieris, sed integre te in ipso posueris, unitum te invenies et pacatum, quia nihil ita bene sapiet et placebit sicut beneplacitum / (143) divinae voluntatis*”<sup>119</sup>.

20 de Janeiro “*Spe gaudentes, in tribulatione patientes, orationi instantes*” (Rm 12,12). Conservemos o nosso coração numa santa alegria, pensando nas graças imensas e inumeráveis que temos recebido e pensando que Deus nos socorre, nos protege, nos ama e que portanto não seremos confundidos. Sejamos pacientes nas dificuldades que às vezes temos de nos mantermos em união com Deus; seja quando o obstáculo vem de fora, seja quando vem de nós. Escondamo-nos livremente no Coração de Jesus, *in domum refugii*. Para conhecer o caminho, procuremos a nossa estrela. *Orationi instantes*: mantenhamos aceso no nosso coração um fogo perene, “*holocaustum perpetuum: laus, adoratio, gratiarum actio, petitio, oblatio.*”

28 de Janeiro. “*Nolite esse prudentes apud vos-metipsos*”(Rm 12,16). Não nos apoiemos sobre a nossa prudência e forças naturais, mas sobre Deus. Consultemos o anjo do grande conselho. Nas dificuldades recorramos ao Coração de Jesus e esforcemo-nos por fazer a cada instante a vontade / (144) de Deus, mesmo nas coisas

---

<sup>119</sup> “Statim namque, ut te Deo ex toto corde credideris, nec hoc vel illud, pro tuo libitu seu velle quaesieris, sed integre te in ipso posueris, unitum te invenies et pacatum; quia nil ita bene sapiet et placebit sicut beneplacitum Divinae voluntatis” = “Logo que te abandones a Deus e te confies a Ele inteiramente não procurando esta ou aquela coisa, segundo o teu capricho ou vontade, encontrar-te-ás unificado e em paz, porque nada te será tão doce e aprazível como o que agrada à vontade divina.” (De Imit. Christi, I. IV; c. XV, 3)

mais pequenas, para tornarmo-nos aptos a fazê-la nas grandes coisas e a servir-Lhe de instrumento.

6 de Março. O Coração de Jesus está aberto para nos receber. Seja Ele o nosso refúgio em todos os perigos. Aí encontraremos as consolações e os conselhos que Ele nos deu na oração. Que Deus ocupe todo o nosso coração, e tudo o resto fique somente à superfície e o deixe indiferente. Tudo o que toma posse do nosso coração é um obstáculo e uma fonte de confusão.”

7 de Março. É aos pés da Cruz que, com Santo Tomás, devemos procurar a ciência e a sabedoria. Encontraremos no Coração de Jesus lições inesgotáveis e as mais sublimes. Cada pulsação desse Coração Divino é um acto de infinita justiça, de infinita misericórdia, de infinito poder, de infinita sabedoria. Unamo-nos a este Coração divino, todas as vezes que estivermos tentados ou perturbados”.

- *Sobre As Grandes Verdades:*

*Exercícios Espirituais / (145)*

- *Preparação:* Deus procura-nos. - 6 de Abril. “*Dignos se (ipsa) circuit quaerens et in viis ostendit se illis hilariter, et in omni providentia occurrit illis*” (Sab 6,17). - Nosso Senhor procura-nos para nos elevar até ele. A sua Providência é infinita e Ele tem para cada um de nós a mesma atenção como se fôssemos únicos no mundo. A que alta perfeição Ele nos quer conduzir! O seu olhar é dirigido sobre nós, benevolente e amoroso, o seu olhar que arrasta Zaqueu a segui-Lo, o seu olhar que faz correr as lágrimas de Pedro, e que sustentava a esperança de Estêvão no seu martírio. - Ele intercede continuamente por nós, sentado à direita do seu Pai, a quem Ele apresenta as suas chagas gloriosas, e no SS. Sacramento do altar onde Ele quer ficar sempre para rezar por nós dia e noite”.

- O fim da vida: 7 de Abril. “Indicabo tibi, o homo, quid sit bonum et quid Dominus requirat a te: utique facere gaudium (iudicium) et diligere misericordiam et sollicitum ambulare cum Deo tuo” (Miq. 6, 8). - Julgar-te honestamente, tendo o teu corpo por vil, rebelde e corrupto; tendo a tua alma por grande, feita à imagem / (146) de Deus, redimida com o sangue de Jesus Cristo, ungida pelo Espírito Santo; estimando no seu verdadeiro valor a tua sublime vocação e a responsabilidade que tens por ela diante de Deus e diante dos homens, coisa que te obriga a uma santidade altíssima e a uma pureza angélica. Praticar

misericórdia para com o próximo nos teus pensamentos, nos teus juízos, nas palavras e nas acções. Caminhar em união com Deus colocando n'Ele toda a tua força”.

- *Presença de Deus*: 19 de Março “Nós estamos diante de Deus, dos anjos e dos santos, com uma venda sobre os olhos, porque não percebemos directamente o que não cai sob os nossos sentidos. Não esqueçamos que temos essa venda que só nos será arrancada na morte, e não actuemos como se somente existisse o que vemos. Todas as nossas afeições e as nossas acções estão escritas no livro da vida: nós mesmos as escrevemos: sejam então escritas com as letras de ouro do amor de Deus e as páginas que ainda nos são concedidas sejam bem preenchidas”

- *Sobre o pecado*: 6 de Abril. “Motivos para tomar a firme resolução de evitar todo o pecado venial deliberado. 1º Motivos comuns com pecado mortal: é uma contradição à vontade clara de Deus e uma injúria feita a Deus; é uma ingratidão para com Deus que tinha direito ao nosso amor e que o pedia; é uma cobardia e uma infidelidade às promessas do nosso baptismo renovadas tantas vezes, especialmente nas ordenações; é um esquecimento da Paixão do Senhor que sofreu também pelos pecados veniais, sobretudo pelos pecados dos padres -2º Motivos especiais: as penas do purgatório tão terríveis; a dificuldade de distinguir as faltas veniais das mortais (S. Agostinho); o perigo de cair pouco a pouco em faltas graves (qui *spernit modica...* Ecli. 19, 1); a necessidade de obter a graça de uma boa morte pelos nossos esforços e pela perfeição das nossas orações; o amor de Nosso Senhor que tanto nos ama e que nos testemunha esse amor de mil maneiras. - Depositemos esta resolução no Coração Imaculado de Maria.

- *Sobre a morte*: 26 de Março. O pensamento da morte é fecundo para nos afastar do pecado, e nos desapertar das vaidades / (148) deste mundo. “*Quotidie morior*” (1Cor 15,31). A nossa vida é uma morte contínua. Cada instante nos escapa, até que tenhamos esgotado todos os que Deus nos destinou. Na eternidade, a nossa vida aparece como uma curta série de relações com Deus, com os homens e connosco próprios, obras que subsistirão se forem segundo Deus e que serão destruídas se forem contra Deus. As nossas acções têm um valor quase infinito se são feitas na graça de Jesus Cristo, porque assim são unidas com as suas. De facto, Ele era esperado como rei das almas e das nações. As nossas boas acções eram esperadas com Ele, e confirmam a sua missão e a sua glória.

- *Sobre o abandono, a fidelidade à graça, o bom uso das criaturas*: 9 - 11 de Janeiro. A obediência e o abandono à Providência são as fontes da paz do coração: meditar o



exemplo da Sagrada Família na fuga para o Egito. “*De (ab) oriente et occidente venient*” (Mt 8,11). As graças que os Judeus recusaram às instâncias da / (149) misericórdia divina, foram dadas às nações. Sejamos fiéis à graça que nos urge e que superabunda. “*Aperi mihi*” (Cant 5, 2). Dispor-nos ao dom da prudência e do conselho prevendo e regulando as nossas acções sob a assistência do Espírito Santo e abstendo-nos de todo o pensamento ou palavra temerária. Jesus seja nosso conselheiro, nosso amigo e esposo da nossa alma”.

- *Sobre as tentações*: 6-7 de Fevereiro, 2-3 de Março. As tentações são úteis para nos lembrar a nossa fraqueza e para nos levar a recorrer a Deus e rezar-Lhe. Seja nosso refúgio o Coração de Jesus e o Coração de Maria. Apoiando-nos sempre sobre Deus e sobre a sua santa vontade, escaparemos facilmente às tentações. “*Quid timidi estis, modicae fidei?*” (Mt 8,26). Nas tentações, entreguemo-nos inteiramente a Deus: “*turris fortitudinis, a facie inimici*” (Sal 60,4). Nós somos nas suas mãos menos do que o insecto nas nossas. Por nós mesmos não podemos nada, mas Ele quer o nosso triunfo e no-lo alcançou pela Redenção: “*confidite, ego / (150) vici mundum*” (Jo 16,33). Nas desolações, continuemos cheios de esperança. Digamos ao Senhor: “*Quid me dereliquist?*” (cf. Sal 21,2; Mt 27,46). Estas penas são úteis para nos humilhar e nos merecer as alegrias do céu. - Nosso Senhor quis ser tentado para nos instruir, animar e consolar, dar-nos o exemplo. Seremos tentados; temos de nos preparar para isso. O demónio agitará os nossos sentidos e sugerirá ao nosso espírito pensamentos perversos, vãos ou pelo menos estranhos às nossas ocupações. Todas as vezes que ele no-los propõe e que nós damos por isso, elevemos docemente o nosso pensamento para Deus e para o Coração amável de Jesus, se não for fácil mantê-lo pacificamente no trabalho que fazemos para glória de Deus. - As tentações são-nos propostas pelo demónio, o mundo e a carne. Satanás apresenta ao nosso espírito pensamentos que nos afastam dos nossos deveres e do amor de Deus. Nosso Senhor ensina-nos a resistir-lhe usando a palavra de Deus, o espírito de oração, a união com Deus. O mundo afasta-nos de Deus com as suas distrações, com a lembrança e a imagem / (151) de coisas estranhas e vãs. Nosso Senhor ensina-nos a vencer o mundo pelo silêncio, o recolhimento, a solidão interior. Mortifiquemos a carne, sobretudo interiormente, afastando da nossa imaginação e do nosso pensamento tudo o que os lisonjeia. Aproximemo-nos do Coração de Jesus para encontrar n’Ele a luz e o calor com que Ele ardia nas suas orações no deserto.

- Sobre a oração: 20 - 21 de Fevereiro; 5 de Março, 7 - 24 de Abril. “*Si quid petieritis Patrem meum in nomine meo, dabit vobis*” (cf. Jo 16,23). Rezemos incessantemente porque nós precisamos do socorro de Deus. Na paz, peçamos-Lhe que ela persista e que possamos louvar dignamente o seu nome. Na perturbação, peçamos-Lhe a paz do coração, a luz do espírito, a fidelidade ao nosso regulamento. - Rezemos com confiança e em nome do Senhor. “*Petite et accipietis*” (Jo 16,24). Nós temos tanta certeza de sermos ouvidos quanto a criança que pede pão ao seu pai. Que se Deus nos recusa, no momento, a virtude que Lhe pedimos, é porque há perigo que ela nos ensoberbeça; mas então Ele aumenta em nós a graça por outra maneira. Peçamos-Lhe / (152) sempre a humildade para sermos capazes de receber depois todas as outras virtudes. A humildade é a base do edifício. Quanto maior ela for, mais fácil será construir sobre ela. - Invoquemos o Senhor com fé, com confiança, com perseverança, como fez a Cananeia. Cada uma das nossas orações alcança os seus frutos, mesmo quando nós não o vimos imediatamente. Nunca se invoca Deus em vão. As penas que Ele nos manda, como à filha da Cananeia, são para nós ocasião de grandes graças; saibamos aproveitá-las. “*Exerce... teipsum ad pietatem*” (1Tim 4,7). ). A meditação é o principal exercício de piedade. Ela é quase tão necessária como a oração vocal, pois sem meditação não sabemos nem o que, nem como devemos pedir (S: Afonso Maria de Ligório; Sta Teresa). Ela é para os padres a nascente única e indispensável para o espírito de fé e para a unção da caridade. Só ela pode tornar fecundo o nosso apostolado. Ela alimenta a caridade. “*In meditatione... exardescit ignis*” (Sal 38,4). É inútil pretender que não se tem tempo. Deve-se ter o tempo / (153) para Deus e encontra-se-o abundantemente. Se alguém diz que a meditação não serve de nada, ou isso é involuntário e o mérito é igual, ou é voluntário e então não se deve abandonar a meditação mas corrigir-se. Os métodos não faltam. Se o assunto for uma virtude, devemos meditá-la em Nosso Senhor; depois perguntar a nós próprios como temos praticado essa virtude no passado, como estamos agora diante de Deus, o que devemos ser para o futuro, e o que quereríamos ter sido em ponto de morte. A nossa meditação seja sempre preparada, mas não nos apeguemos rigidamente ao método adoptado, se o Espírito Santo nos comunicar as suas luzes sem nos pedir uma grande actividade. *Domine, ecce desiderium meum et gemitus meus ante te*<sup>120</sup>. Conservemo-nos em oração contínua diante de Deus, como mendigos: *nihil possumus ex nobis tanquam ex nobis*<sup>121</sup>. A Liturgia das Horas é mais uma graça do que

<sup>120</sup> “*Domine, ante te omne desiderium meum, et gemitus meus a te non est absconditus*” (Sal 37,10)

<sup>121</sup> Cf. “*Summa Theologica*” de S. Tomás de Aquino: 2ª.-2ae, q.5,1, 2m. In secundo Sententiarum, d.12, q.2,1,11m.

uma obrigação, pois nos obriga a pedirmos Àquele que disse: *Petite et accipietis* (Jo 16,24). Nunca Lhe pedimos com coração sincero, sem ficarmos mais ricos. / (154)

- *Sobre a cruz: 27 de Janeiro; 1 – 10 de Abril; 3 de Maio.* “A cruz do Salvador nos ensina a penitência e a aceitação das penas que nos vêm de Deus e do próximo. 1º - As nossas cruces são um sacrifício de expiação pelos nossos pecados e uma satisfação que aumenta o tesouro da Igreja. 2º - É um contrapeso e um remédio contra a tendência funesta e desordenada da nossa natureza para o orgulho, a carne e o mundo; é um remédio para os outros, pelo exemplo e pelo bom odor das nossas virtudes. 3º - É um holocausto e um reconhecimento do poder de Deus e do Seu direito sobre nós, holocausto oferecido em comunhão com a Igreja. 4º - É um sacrifício de impetração: Deus vencer-nos-á em generosidade. - A cruz adorável do Salvador afasta-nos de todos os vícios e leva-nos a todas as virtudes. Mostrando-nos a vergonha infinita do pecado e o preço da Redenção, ela aumenta indefinidamente o horror que nós temos pelo vício, principalmente pelas faltas graves, e estende esse horror a tudo o que nos pode levar ao vício e a nos sujar de qualquer maneira. - A cruz conduz-nos a todas / (155) as virtudes e fá-las crescer marcando-as com o seu sinete, o sinete do sacrifício para reparar a honra de Deus ultrajada pelos pecados do mundo, para vencer a concupiscência e as paixões e, finalmente, para elevar a alma até Deus e abri-la às suas comunicações pela separação completa das criaturas. - *Humiliavit semetipsum, factus obediens usque ad mortem*” (Fil. 2, 8). Deus-Pai entrega o Filho à morte por nosso amor. Misericórdia infinita que é testemunhada por todos os sofrimentos de Nosso Senhor, destinados na sua sabedoria a reparar todos os nossos pecados e a fortalecer-nos para todas as provações. Modelo de obediência perfeita que devemos imitar consagrando a Deus a nossa vida e a nossa morte tão insuficientes para reparar tantos pecados que nos causariam horror, se pudéssemos ver a sua extensão e a profundidade. A cruz triunfa desde toda a eternidade nos destinos de Deus. No Calvário ela é vencedora do inferno e do pecado. Ela triunfa desde o quarto século sobre os nossos altares. E desde o Calvário, ela triunfa moralmente nos corações nobres. Para oferecer a Deus / (156) todas as nossas acções em união com Jesus crucificado, realizemo-las de tal maneira que elas sejam um sacrifício de louvor”.

- *Sobre a Sagrada Escritura*: 27 de Janeiro. “A Sagrada Escritura é um ensinamento e uma fonte de graças. É um tesouro que contém toda a sabedoria natural e sobrenatural. É um alimento e um remédio para todas as necessidades da alma. S. Paulo é o sobretudo o mestre da doutrina espiritual: é preciso aprendê-la dele”

- *Sobre o zelo da perfeição*: 6 de Abril. “*Estote... perfecti sicut... Pater vester qui est in coelis perfectus est* (Mt 5,48). Nosso Senhor dirige estas palavras mesmo aos simples fiéis, que devem abster-se de todo o pecado e fazer o bem. Com muito mais razão elas dirigem-se aos padres: eles devem ser ainda mais santos do que os religiosos que, pelos votos, se comprometem somente a tender à perfeição. A santidade que os padres devem ter, é-nos indicada pela S. Escritura: *Sancti estote quia ego sanctus sum* (Lev 11,44). E contudo, o sacerdócio da antiga lei era somente a sombra do da nova lei. / (157) S. Paulo a Timóteo e a Tito descreve a santidade dos bispos e dos padres: *irreprehensibilem, sanctum...* (cf. 1Tim 3,2; Tt 1,8). Os Padres exaltam-no até aos céus em mil passagens. A Igreja, sem nada exagerar, exige dos próprios clérigos uma grande perfeição: *quis ascendet in montem Domini?...* (Sal 23,3). Na verdade, o padre deve falar aos fiéis a palavra de Deus; ele trata com Nosso Senhor no altar com uma intimidade mais que fraterna; Ele é o modelo do povo, *luceant opera vestra bona*<sup>122</sup>. - Defeitos a evitar no caminho da santidade: a procura da consolação, consideremos a agonia de Nosso Senhor; o voltarmos para nós mesmos, para constatar os nossos progressos, humilhemo-nos continuamente; o desânimo nas tentações, *sufficit tibi gratia mea* (2Cor 12,9); o desânimo depois das faltas, *dixi, nunc coepi* (Sal 76,11), recomeçar sempre com coragem e perseverança.

- *Sobre a escritura e a comunhão*: 13-24 de Março; 10-14-22-31 de Janeiro. Na sagrada comunhão, Nosso Senhor está em nós: com o seu corpo santo e puro, cujo contacto elevou Maria a uma admirável pureza; com a sua alma iluminada pela sua Sabedoria infinita que vê / (158) com um só olhar todos os nossos caminhos, o nada da nossa vida e a glória do céu; com o seu amor fecundo que purifica, santifica, eleva e fortifica os que Ele ama; - *Non relinquam vos orphanos* (Jo 14,18). O amor de Nosso Senhor não teria ficado satisfeito se apenas tivesse roçado a terra. A sua união connosco teria sido

---

<sup>122</sup> “Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona” (Mt 5,16)

demasiado limitada pelo tempo, pelo espaço e pela forma. Ele quis ser nosso em toda a parte e sempre no mistério da Eucaristia, e na forma mais íntima de união, tornando-se o alimento das nossas almas. Para que a nossa afeição para com Ele não tenha nada de humano, é melhor que não O alcancemos pelos sentidos. Nosso Senhor é, no mistério da Eucaristia, o esposo, o amado das nossas almas. *Vinum germinans virgines* (Zc 9,17): só Ele explica e sustenta a virgindade cristã, porque o nosso coração é feito para amar. Ele reserva-nos para a eternidade uma união ainda mais íntima e mais maravilhosa com Ele na sua divindade. *Consortes divinae naturae*<sup>123</sup>. E esta mesma união começa já nesta vida. *Jam non ego vivo* (cf. Gal 2,20). Diz S. Agostinho: *Nobis datur substantia Dei vegetari, illuminari et beari. Da mihi, Domine, in amore tuo liquefieri et natere. Et spiritus et sponsa dicunt: veni. Et qui audit dicat: veni. Et qui sitit veniat. Et qui vult accipiat aquam vitae gratis... Amen, veni, Domine Jesu* (Ap 22,17. 20). - Deus elevou a nossa natureza a uma dignidade sublime unindo-a a Si mesmo. Mostremo-nos dignos desta honra. A graça que nos une a Deus é o selo da nossa adopção, velemos e mantenhamo-nos sob a sua influência para aumentar sempre esta íntima relação com Deus. A união com Nosso Senhor na Eucaristia torna-nos semelhantes a Ele pondo a nossa alma e todas as nossas faculdades e capacidades sob a direcção e influência do mesmo Espírito que santificava a sua humanidade. - Que amor infinito o Senhor testemunha a seu Pai e aos homens no admirável mistério da Eucaristia. No sacrifício, Ele oferece em toda a terra a seu Pai uma homenagem e um culto infinitamente dignos, ao mesmo tempo que continua a nossa redenção. No Sacramento, Ele santifica-nos para oferecer ao seu Pai uma Igreja imaculada. / (160) *Qui manducat meam carnem... habet vitam aeternam* (Jo 6,55). Nosso Senhor na sagrada Eucaristia dá às nossas almas o pão da inteligência: é aí que nós O compreendemos melhor e que aprendemos a conhecer-nos. Ele dá-nos o pão do coração inspirando-nos um grande amor para com Ele; e o pão da vontade dirigindo e fortificando a nossa vontade. - A sagrada. Eucaristia une-nos sempre mais intimamente a Nosso Senhor e enche-nos de graças, quando estamos bem vazios de nós mesmos. Sejamos vigilantes para purificar bem os nossos pensamentos e as nossas afeições, para não deixar entrar neles nada de estranho quando possuímos o Senhor. - *O sacrum convivium*: festim, bodas sagradas onde as nossas almas são as esposas de Jesus Cristo, que pureza Vós exigis! *In quo Christus sumitur*. somos alimentados com a medula do leão. A nossa deve encontrar aí a saúde, a força e a alegria. *Recolitur memoria passionis eius*: lembramo-nos da Redenção, e Jesus também se lembra para nos aplicar os seus

<sup>123</sup> “Divinae consortes naturae” (2Pd 1,4)

méritos. *Mens impletur / (161) gratia*. Esperemos com confiança, como a Cananea, e alcançaremos as graças e um acréscimo de virtudes. *Futurae gloriae nobis pignus datur*. Este é o noivado; que será quando veremos o esposo? *O res mirabilis! Manducat Dominum pauper, servus et humilis*. Como é misericordioso o Senhor! Quanta confiança, esta condescendência inspira a este pobre mendigo, nu, esfomeado, escravo da concupiscência. Nosso Senhor livrá-lo-á e revesti-lo-á da força do homem novo. Na Sagrada Eucaristia a nossa alma é unida ao Senhor pela união mais íntima, representada pela assimilação dos alimentos. Mas, como Nosso Senhor, diz S. Agostinho, não é Ele que nos é assimilado, é a nossa alma que é assimilada pela força e pela dignidade deste alimento divino. - Unamo-nos cada vez mais praticamente com o Coração Sagrado de Jesus. Como está longe o nosso interior da pureza, da dignidade, da santidade, dos pensamentos, dos desejos e das afeições do Senhor! Para deixá-Lo viver em nós, suprimamos os obstáculos, o amor-próprio e qualquer concessão aos sentidos”./ (162)

- Sobre a vocação e as ordens sagradas

4 de Março, 29 de Maio e sg., 30 de Março, 6-7-8 de Junho; 9-22 de Abril. “*De stercore origens pauperem* (Sal 112,7). O meu Deus cumulou-me de graças chamando-me ao estado eclesiástico e para ele me guiando com a sua suave providência, apesar de tanta miséria e indignidade da minha parte. Ele elevou-me já por várias ordens a uma participação admirável do seu sacerdócio, especialmente pela recitação do Ofício Divino. Eu devo corresponder a estas graças unindo-me cada vez mais a Nosso Senhor, para me conformar a Ele, e vivendo sobrenaturalmente em união com Deus e com a corte celeste através dos véus da fé. - O Senhor continua o seu sacerdócio na terra na pessoa dos seus ministros. Ele continua na pessoa deles a sua tríplice função de ensinar, de santificar, de rezar. O sub-diácono participa já destas funções: no ensino, pelo exemplo, o estudo, a leitura da Sagrada Escritura; na santificação dos fiéis pela parte que toma na preparação do Sacramento da Eucaristia; na oração, pelo Ofício divino. Por todos / (163) esses motivos, ele deve santificar-se. - Nosso Senhor convida-nos a receber d’Ele uma nova graça. Nós nada podemos, para responder a tão grande dignidade. Deixemos agir o Senhor, dando-lhe todo o nosso espírito e todo o nosso coração. Nós tivemos de progredir cada dia, desde a recepção da tonsura, na renúncia e na abnegação, na estima da nossa vocação e na aquisição das virtudes. O desapego teve de suprimir em nós todo

o pensamento, toda a afeição, toda a acção que não seja animada pelo Espírito Santo. Somos chamados a ser instrumentos de graça pela nossa vocação. Todos os nossos actos devem santificar as almas, seja *ex opere operato* nos sacramentos, seja pela nossa missão providencial que nos faz mestres e modelos daqueles que nos rodeiam. - *Suscitabo mihi sacerdotem fidelem...juxta cor meum* (1Re 2,35). Chamá-lo-ei, diz o Senhor, para mim, segundo o meu Coração. Nós tivemos de demonstrar já esta fidelidade nas ordens menores. O espírito destas ordens deve permanecer em nós. Ele consiste em tomar conta das coisas do Senhor e de todas as funções / (164) do seu culto, em ler e meditar a palavra de Deus, interpretada pela voz interior do Espírito Santo, em tornarmos-nos vencedores do demónio, e especialmente em manter-nos unidos a Deus; em nos oferecer a Deus sem cessar como vítima que Lhe seja agradável e em edificar o próximo com o nosso exemplo e as nossas boas obras. - *Tuli levitas de filiis Israel et erunt levitae mei*<sup>124</sup>. Deus nos escolheu e elegeu para sermos dele. Pelo sub-diaconado comprometemo-nos a servi-Lo com pureza de alma e de corpo. Sustentaremos esta pureza por meio da união com Deus, do desapego do mundo e da oração. Para que a nossa oração seja sincera, recolhida, religiosa é preciso que sejamos homens de oração, que nos fixemos num estado habitual de oração diante de Deus. Como levitas, devemos ser também homens de fé e de zelo pelas coisas de Deus e pelo seu culto. *Considerate... viros... boni testimonii...plenos Spiritu Sancto et sapientia* (Act 6,3). Sejam puros como convém àqueles que se aproximam do / (165) Santo dos Santos, e que tratam familiarmente com Deus. Estote nitidi, mundi, puri, casti": sem sombras, totalmente iluminados por Deus, pela sua luz sobrenatural. Sejam vasos puros e cheios de Espírito Santo, purificados pelo fogo do amor divino e cheios da graça, das virtudes e das boas obras. - *Emitte Spiritum tuum et creabuntur* (Sal 103,30). Nosso Senhor escolhera apóstolos pobres e ignorantes e alguns mesmo grandes pecadores. Durante três anos eles ouviram a sua palavra e viram os seus exemplos, mas não compreendiam. Mas quando veio o momento de pregar a sua ressurreição e de levar aos povos a palavra da salvação, revestiu-os da força do alto. Roguemos a Maria e aos apóstolos que peçam para nós esta nova criação das nossas almas, a força, a pureza, o zelo, a sabedoria e um ministério fecundo. *Et coeperunt loqui* (Act 2,4). Os apóstolos, os diáconos e os primeiros cristãos começaram a falar no Espírito Santo, seguindo os deveres do seu estado, uns pela pregação, todos pelo bom exemplo. Regulemos todas as nossas palavras segundo o Espírito Santo; sejam elas edificantes doces e zelosas. Eles começaram a praticar todas

---

<sup>124</sup> "Tuli levitas a filiis Israel..., eruntque levitae mei".(Nm 3,12)

as virtudes sem fraqueza e sem relaxamento. Imitemos a sua fé, a sua caridade, a sua humildade. E eles seguiram Jesus até à morte. Para nós, possa uma pia mortificação e uma perfeita resignação à vontade de Deus substituir o martírio. - O diácono deve deixar-se penetrar pelo espírito de Nosso Senhor e dispor-se a exercer as suas funções no mesmo espírito com o qual o Senhor cumpria os seus deveres para com o Pai e santificava as almas. São funções divinas. O estado habitual da nossa alma deve ser conforme esse espírito. *Quid est dignitas in indigno, nisi ornamentum in luto? Elegit nos Deus in ipso ante constitutionem mundi ut essemus sancti et immaculati* (cf. Ef 1,4). Deus elegeu-nos eternamente no seu Filho, pelos seus méritos, na sua Igreja, em união com os seus santos discípulos, para que sejamos santos. Desde o nosso nascimento somos marcados com este sinete e Deus dignou-se perdoar-nos de termos violado o Templo do Espírito Santo. Ele chama-nos à santidade da vida n'Ele, / (167) na contemplação dos seus mistérios de amor, na união com Ele pelas nossas acções... *Rape ad amorem quos potes et dic eis: amemus et redamemus, meliorem invenire non possumus.* Contemplemos o Senhor com amor. Façamos tudo para que seja amado. Trabalhem para isso com os nossos exemplos, com as nossas conversas, com a nossa união com Ele que torna fecundas todas as nossas obras.

A dignidade do sacerdote no santo Sacrifício é superior à dos Anjos, e a sua santidade deve ser proporcionada a ela. As suas mãos seguram familiarmente o próprio Senhor. Os seus lábios pronunciam palavras que têm uma virtude divina. Para no preparar a essa dignidade, deixemos o Senhor viver em nós e renunciemos a qualquer vida própria. O padre é comparado a uma cidade construída sobre uma montanha, a uma luz posta no alto dum candelabro. Ele deve ser o exemplo e o modelo dos fiéis. *Esto exemplum fidelium. Esto bonus odor Christi* (cf. 2Cor 2.,5). As nossas forças não têm nenhuma proporção com as suas grandezas, mas Deus está connosco. Com a ajuda de Deus os apóstolos / (168) converteram o mundo, Agostinho arrancou a África à heresia. Carlos, Borromeu reformou e conservou a fé no Milanês, Francisco Xavier converteu 20 reinos, S. Francisco de Sales converteu 70 000 hereges. Como eles deixemo-nos conduzir pelo Espírito Santo... A união interior com o Senhor é o começo da vida do céu. Mantenhamo-nos nesta união do coração e da vontade com Ele. Alimentemo-la contemplando muitas vezes os seus actos interiores e os de Maria. *Quis stabit in loco sancto eius? Innocens manibus et mundo corde* (Sal 23,3-4). Como esta pureza é bem conveniente para aqueles que vivem ao serviço de Deus... *Sicut misit me Pater, et ego*



*mitto vos* (Jo 20,21). É a mesma missão, o mesmo sacrifício a oferecer, a mesma doutrina a pregar. E o Senhor não escolheu anjos para este ministério, mas uns fracos homens. Mas tenhamos confiança, Ele dar-nos-á a sua força. *Induamini virtuti ex alto* (Lc.24,49). Foi Ele quem nos chamou. *Non vos me elegistis; sed ego eligi vos* (Jo 15,16). Mostremo-nos dignos, ajudados pela sua graça, deste ministério mais que angélico. / (169) Nós representamos o Senhor! Que Ele viva em nós, que Ele pense, ame, reze, fale e trabalhe em nós. - *Santificamini, cras enim Dominus faciet mirabilia inter vos* (cf. Jos 3,5). O ministério do diácono no altar é muito parecido com o de José em Nazaré. O diácono aproxima-se de Nosso Senhor, cobre e descobre o seu precioso sangue e transporta-o nas suas mãos. Este ministério requer uma pureza angélica, sobre a qual é preciso velar dedicadamente, e que é preciso defender como uma verdadeira mortificação. *Quam magna Dei charitas! Quam alta sacerdotum dignitas!* Nosso Senhor chama-nos a conversar com Ele, a nos alimentarmos d'Ele, a representá-Lo no seu sacrifício. Ele submete-Se à nossa autoridade. Como isso nos obriga a estabelecer a sua vida em nós, a deixá-Lo dono absoluto e único possuidor do nosso coração! Demos graças pelo Coração de Jesus destes dons admiráveis”.

- *Sobre as virtudes*

*Sobre a humildade:* 7 de Abril. “*Discite a me, quia mitis sum et humiles corde*” (Mt 11,29). A humildade é necessária como a graça, para a salvação. *Superbis resistit, humilibus... dat gratiam* (Tgo 4,6). Ela é necessária como a oração; porque / (170) a verdadeira oração é uma humilhação: *Oratio humiliantis se, nubes penetrabit* (Ecli 35,17). Ela é a base de todas as virtudes que, sem ela, são somente exteriores e mesmo perigosas. Ela é necessária especialmente para os padres, porque orgulhar-se das graças e dons sobre naturais de Deus é mais odioso ainda do que orgulhar-se dos dons e vaidades da natureza. Para nos entranharmos de humildade, consideremos o que nós fomos, o que somos e o que poderíamos vir a ser. No passado, quantas misérias, quantas revoltas contra Deus! No presente, incertezas sobre o nosso estado, embora tenhamos de confiar sempre, o nada de nós mesmos, a corrupção da nossa natureza. No futuro nós podemos cair muito em baixo... Na prática, humilhar-se diante de Deus como S. Francisco de Borja; em nós mesmos, afastar as tentações de amor-próprio, aproveitar ocasião disso para nos humilhar; diante dos homens, evitar primeiro a maledicência, fruto

do amor-próprio, saber calar-se e duvidar de si mesmo... mas não se privar do bem por falsa humildade: *videant opera vestra bona* (Mt. 5,26). *In omni Christi ministro, / (171)* necessaria sunt duo: *humilitas, qua se suo ministerio iudicat indignum; fiducia in Dei virtute, qua libere et audacter agat in Dei nomine et auctoritate.*

*Sobre a obediência:* 15-16 de Janeiro. “*Erat subditus illis* (Lc 2,51). Jesus, durante a Sua vida escondida, dava-nos o exemplo da obediência, do trabalho e do recolhimento. Ele pedia ao seu Pai celeste graças para nós. *Vir oboediens loquetur victoriam* (Prov 21,28). A obediência é uma homenagem constante dada a Deus. Eu obedecerei ao meu Salvador escutando-O na oração, oferecendo todas as minhas acções, através do seu divino Coração, ao seu Pai, que é também o meu”.

*Sobre a mortificação* 6 de Janeiro; 27 de Fevereiro. “*Magi obtulerunt Domino aurum, thus et myrrham* (cf. Mt 2,11). Ofereçamo-nos incessantemente: *hostiam... sanctam, Deo placentem* (Rm 12,1). Sejamos mortificados. Cortemos mesmo algumas vezes um pouco do necessário. Todos os Santos fizeram isso. - A vista dos pecados do mundo, que são uma epidemia mais terrível que a peste e o incêndio, convida-nos à penitência, tal como a recordação das nossas faltas que tão pouco expiámos até ao presente. Pratiquemos sobretudo a mortificação interior, que pode crescer / (172) indefinidamente, a renúncia a qualquer vontade e afeição próprias, a união constante com o Coração de Jesus”.

*Sobre as conversas:* 5 de Janeiro, 5 de Abril. “As nossas conversas sejam tais que o Senhor possa oferecê-las directamente a seu Pai. Orientemo-las sobre assuntos edificantes e instrutivos. Um esforço generoso no princípio dará um grande resultado. Procurai aqueles que vos edificam. Estai prevenidos com as conversas daqueles que não são fervorosos. Evitai os que se divertem com conversas frívolas e mundanas. Tomai muito cuidado convosco nos dias de férias grandes. Passeai, distraí-vos moderadamente, ocupai-vos tranquilamente, não vos ligando e associando com ninguém se não para as conversas de devoção. Guardai o vosso espírito livre, sereno, aberto. Sede abertos, simples e doces com todos. Tende sempre só Deus em vista e o vosso espírito guardará sempre a sua liberdade. No decurso da conversação: moderação, paz, doçura. Com o

esquecimento de vós mesmos, com a moderação e a paz diante de Deus, podereis / (173) avançar. Que a paz, a doçura e a santa alegria, que devem habitar no vosso coração, se espalhem no vosso comportamento, nas vossas palavras e nas vossas acções...”

*Fazer as nossas acções em Deus: 5 de Janeiro. “Bene omnia fecit (Mc 7,37). Nós valem unicamente o que valem as nossas obras. As nossas luzes não nos salvarão, mas sim as nossas obras. Cada acção feita em Deus aumenta em nós a graça santificante e o nosso tesouro de glória no céu. Se os Santos tivessem remorsos, seria por estas perdas irreparáveis! Sejam então todas as nossas acções feitas em Deus, segundo a sua vontade manifestada por sua inspiração ou pelos nossos superiores. A união com Deus, com o Coração de Jesus, que será para nós *domus refugii et turris fortitudinis* (cf. Sl.30,3; 60,4), se nós fizermos todas as nossas acções de modo que o seu Pai as aceite, *cum intentione recta, cum ordine, cum gaudio...*”*

*Da conformidade à vontade de Deus: 28 de Janeiro. 1 de Fevereiro. “Nolite esse prudentes apud vosmetipsos (Rom 12,16). Não nos apoiemos sobre a nossa prudência e sobre as nossas forças naturais, mas sobre Deus. Consultemos o anjo do grande conselho. Nas dificuldades, recorramos ao Coração de Deus e esforcemo-nos para fazer a cada instante a / (174) vontade de Deus, mesmo nas coisas mais pequenas, para nos tornarmos aptos a fazê-la nas grandes coisas. *Quis nos separabit a Christo?* (Cf. Rom 8,35). Que nada nos separe da conformidade à vontade de Deus. É esta a fonte de toda a santidade. Deus obtém mais honra e nós mais proveito do acto mais simples feito conforme a sua vontade do que de uma acção de estrondo que Ele não nos pede”.*

*Sobre o trabalho. 12 de Fevereiro. “Cur otiosi estis tota die?”<sup>125</sup>. O trabalho é um dever natural para os filhos de Adão. Ele é uma obrigação por causa dos nossos pecados. Pelo trabalho nós imitamos Jesus e realizamos a missão que nos deu na sua vinha. O trabalho daqueles que tendem à perfeição é o de deixar agir neles o Espírito Santo. Seja só Deus o nosso apoio e a nossa força, e a sua glória o nosso fim. As obras mais excelentes são: a oração, em que a alma louva a Deus de maneira mais sublime; o*

---

<sup>125</sup> “Quid hic statis tota die otiosi” (Mt 20,6)

sacrifício de nós mesmos, voluntário ou aceite, pelo qual nos unimos à morte do Salvador, a mais perfeita homenagem oferecida a Deus: louvor, acção de graças, / (175) propiciação, oração”.

*Da prudência:* 28 de Abril. “Nosso Senhor fazia servir todas as virtudes da sua humanidade santa para a glória de seu Pai. A prudência é uma dessas virtudes. Ele mostrou-a no ordenamento da sua vida, conforme as suas várias funções de redentor, de doutor, de modelo; na partilha do seu tempo entre os louvores de seu Pai, a oração e a vida activa; na instituição da sua Igreja e dos seus sacramentos. Ordenemos com prudência as nossas orações, o nosso trabalho, as nossas relações com o próximo”.

*Da vigilância:* 11 de Abril. 12 de Junho. “*In finem dilexit nos* (Cf. Jo 13,1). *Usque ad mortem* (Fil 2,8) Perseveremos com Jesus no amor, até ao fim. Conservemos sempre acesa no nosso coração, a lâmpada da caridade ao abrigo dos ventos da distracção, dos afectos naturais, da dissipação. Cuidemos bem do óleo do Espírito Santo, que levamos em vasos frágeis: *spiritualis unctio*. - Não concedamos nada à natureza corrompida, que está sempre pronta a acordar. Para mantê-la submetida, é preciso estar vigilante e perseverante na mortificação, e manter / (176) o nosso pensamento e a nossa vontade unidos a Deus”

*Da modéstia:* 13 de Junho. “Como os anjos estão compenetrados da grandeza de Deus! Eles cobrem a sua face e tremem na sua presença. *Columnae coeli contremiscunt et pavent ad nutum ejus* (Job 26,11) Conservemo-nos diante d’Ele com o mesmo respeito, com gravidade e modéstia constantes tanto no interior como no exterior. Que os nossos mesmos pensamentos sejam regulados, modestos graves”.

*Da confiança:* 29 de Fevereiro “Este mundo é parecido com um mar agitado, cujas ondas são as paixões, as tentações, as vaidades que nos rodeiam por toda a parte. Tenhamos uma grande fé e Nosso Senhor nos conduzirá sobre as águas e nos guardará do perigo. Não esperemos nada das nossas próprias forças. O Senhor censurou os seus Apóstolos pela sua falta de confiança durante a tempestade. *Ecce motus magnus afctus est in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus... et suscitaverunt eum dicentes: Domine salva nos, perimus. Et dicit eis Jesu: Quid timidi estis, modicae fidei?* (Mt 8,24-26). Pedro

também tinha medo: / (177) *Videns ventu validum timuit et, cum coepisset mergi, clamavit dicens: Domine salvum me fac... Jesus... ait illi: modicae fidei, quare dubitasti?* (Mt.14,30-31).

*Da doçura:* 13 de Fevereiro. “*Discite a me quia mitis sum et humilis corde et invenietis requiem in cordibus vestris.* (Cf. Mt 11,29). A doçura faz-nos parecidos com Nosso Senhor que veio ao mundo como um cordeiro no meio de lobos. Ele está no céu diante do trono de seu Pai como um cordeiro imolado por nós, sacrifício e vítima, origem de todos os bens e do qual correm os rios da vida. Na Eucaristia, Ele é um cordeiro humilde e doce. A doçura para conosco próprios consiste em evitar toda a inquietação e toda a procura de nós mesmos. A nossa alma é como um jardim: se um lobo aí entrou e fez nele devastações, não saímos para ir persegui-lo, porque durante esse tempo o jardim ficaria sem guarda e sem cultivo. Recomeçemos imediatamente a plantar e a cultivar; o mal mais depressa será reparado”.

*Da pureza:* 4 de Junho. 19 de Dezembro. “*Jesus in quo plenitudo gratiae substantialiter inhabitat*” (cf. Col 2,7). / (178) Jesus tem em si todas as graças, para Si mesmo e para no-las comunicar. Ele é para nós o modelo e a fonte de toda a virtude e especialmente da pureza: pureza nas suas intenções, pureza nas suas acções. Mantenhamo-nos perto do seu para adquirirmos a pureza. - *Quis stabit in loco sancto ejus? Innocens manibus et mundo corde*” (Sal 23,3-4). Como esta pureza se ajusta perfeitamente aos que vivem ao serviço de Deus! Aqueles que já nesta vida amam unicamente o cordeiro sem mancha segui-Lo-ão no céu em toda a parte para onde Ele for *O quam pulchra est casta generatio cum claritate!* (Sap.4,1).

*Da gratidão:* 4 de Fevereiro. 9 de Abril - “*Quid retribuam Domino?* (Sal 115,12). De nós próprios só temos o nada e o pecado. Recebemos tudo de Deus, na ordem da natureza e da graça, no ser, no conhecer e no agir. Todavia Deus quer igualmente aceitar como meritório o que nós já Lhe devemos por justiça. Ele nos oferece muito e incessantemente, e dá-nos continuamente o seu próprio Filho, que é um dom de um valor infinito. / (179) Ó maravilha de misericórdia! Deus convida-nos a tirar sem medida dos seus tesouros, para depois Lhe emprestar a Ele com usura.

*Do amor de Deus:* 25 de Janeiro. 8 de Abril. “ Amemos a Deus, Ele no-lo manda, e para nós é uma graça e uma honra. Amemo-Lo por gratidão: nós devemos-Lhe tudo, o conhecimento d’Ele mesmo o das criaturas, o uso destas mesmas criaturas, a razão, todas as nossas faculdades e todas as nossas graças sobrenaturais interiores ou

exteriores. É justo que Lhe retribuamos tanto quanto Ele nos deu, oferecendo-Lhe o nosso tudo, levando-O, e consagrando-nos ao seu serviço. Amemo-Lo com um amor de preferência e de complacência, porque Ele é o único bom, o único infinitamente belo e amável. *Manete in dilectione mea* (Jo 15,9) *Diligamus Deum quia prior ipse dilexit nos* (1Jo, 4,19). Meditemos a paixão de Nosso Senhor, as suas ignomínias, a sua cruz, o seu amor por nós no céu *semper vivens ad interpellandum pro nobi* (Heb 7,25) e na Eucaristia. Amemo-Lo para repararmos o ódio dos Judeus contra Ele, o esquecimento dos próprios cristãos e dos maus padres, e para reparar todo o esquecimento e a frieza da / (180) nossa vida passada. Amemo-Lo, Ele é a fonte de todo bem. “Se vós Me amardes, Meu Pai vos amará e vos abençoará e nós faremos em vós a nossa morada” (cf. Jo 14,23). Amemo-Lo observando os seus mandamentos, pensando n’Ele muitas vezes. A meditação da sua paixão seja o nosso alimento. Amemo-Lo fazendo tudo para sua glória e sofrendo de boa mente por Ele. Amemo-Lo pelo seu próprio Coração que é o nosso; somente através do seu Coração poderemos louvar e amar o seu Pai.

*Do amor do próximo: 26-29 de Dezembro. 5 de Fevereiro.* “A exemplo de S. Estêvão, amar a Jesus crucificado. Amar também o nosso próximo em Deus, com uma caridade inteligente, igual, ardente. *Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis*” (Jo.10,11). Até ao dia em que eu tenha o encargo de almas, os meus deveres para com o próximo limitam-se à edificação dos meus confrades pelo exemplo e por uma boa conversação, e às relações especiais de afecto, de gratidão, de conselho, de paciência, que a Providência de Deus me preparou pelas minhas relações de família ou outras. Deus convida-nos / (181) a amar os homens. É o segundo mandamento, mas é igual ao primeiro, porque amando os homens nós procuramos a glória de Deus. Nosso Senhor na sua agonia chorava de amor por nós. Ele via o mundo mergulhado nas trevas com algumas raras claridades. Via os homens dominados pelo fogo das suas paixões apesar do orvalho da sua graça, e gelados na indiferença apesar do fogo do seu amor. Deus é um sol espiritual que aquece, fecunda, vivifica; sem noite, sem inverno, sem nuvens. A luz das criaturas, particularmente a dos Santos é uma luz recebida do sol vivo como a da lua. Quanto mais o reflector estiver voltado exactamente e constantemente para o sol, tanto mais luz e calor receberá.

*Da paz do coração: 25 de Fevereiro. 15 de Março.* “A fonte de toda a perfeição está na paz do coração. *Beati pacifici, beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt* (cf. Mt.5,8-9). A graça de Deus age em nós somente na paz do coração. O fundamento

desta paz é o conhecimento do nosso / (182) nada e a vida em Deus. Procuremos fazer sempre a sua vontade e Ele no-la fará sempre conhecer. *Discite a me quia mitis sum et humilis corde et invenietis requiem in cordibus vestris* (cf. Mt 11,29). *In patientia vestra possidebitis animas vestras* (Lc 21,19). *Oportet semper orare et numquam deficere*. (Cf. Lc 18,1). O nosso coração deve viver na paz e na alegria interior durante os recreios como em qualquer outra parte. A nossa verdadeira presença de Deus deve consistir nisto: que os nossos desejos e afectos estejam unicamente n'Ele; se O amarmos assim, vivemos diante d'Ele, mesmo quando não pensamos n'Ele! Um homem que preserva continuamente no único desejo de ser agradável a Deus em todas as coisas e de nunca se contentar com nada de terreno, este homem vive numa oração contínua. Todos os seus desejos e toda a sua vontade vão sempre directamente só para Deus. Como somos grandes diante de Deus e dos seus anjos, se procuramos praticar estas palavras: *abnega te metipsum et sequere me* (Mt 16,24). Não é necessário / (183) inquietar-se nem apertarse o espírito, para conservar a presença de Deus. Estejamos sempre prontos a ser agradáveis aos nossos irmãos. Uma alegria modesta e temperada traz a devoção e o contentamento ao coração de todos os que nos rodeiam. A paz, a doçura e o amor de N. S. Jesus Cristo estejam sempre na nossa boca e no nosso coração. Um motivo de alegria à vista do nosso nada e da nossa miséria é que só o nosso Deus é grande. Só Deus é belo, digno de todo o louvor e amor. Outro motivo de grande alegria e de grande paz para nós é que, vendo-nos tão incapazes e nulos, podemos por isso mesmo ficar convencer que o próprio Deus quer intervir para operar, em nós e por nós, todas as grandes obras a que nos destina. Mas um motivo de alegria maior que isso tudo é que a nossa extrema miséria e abominação nos coloca na necessidade absoluta de recorrer sempre a Deus e de nos mantermos unidos a Ele em todos os momentos e em todas as circunstâncias da nossa vida. Nós dependemos / (184) d'Ele mais do que o nosso corpo depende da nossa alma. E como por esta união a vida do nosso corpo é mais nobre e mais elevada, do mesmo modo a nossa alma adquire, pela união com Deus, uma grandeza, uma beleza e uma glória sublimes. *In infirmitatibus meis gloriabor* (cf. Cor 12,9).

*Da oblação de si mesmo: 25 de Dezembro.* “Jesus no presépio oferece a seu Pai um sacrifício de expiação, um sacrifício de adoração. Ele alegra o céu satisfazendo a justiça divina, *Gloria in excelsis Deo*, e levantando os homens da sua queda, *pax hominibus*. Sejamos uma vítima perene, para acrescentar com cada acto de sacrifício uma

flor à nossa coroa e para oferecer a Jesus pelo ministério do nosso bom anjo outras tantas flores belas e perfumadas”.

*Consagração:* 14 de Março. “Começo um novo ano da minha vida. *Surgam, et ibo ad Patrem* (Lc 15,18). O meu Deus se digne receber-me nos seus braços como o filho pródigo e restituir-me a sua graça, minha herança que eu tantas vezes dissipei. Renuncio a mim mesmo e quero viver desde agora / (185) só para a glória do meu Deus. Consagro-Lhe tudo o que tenho, corpo, alma, inteligência, vontade, bens exteriores, amizades. Tudo agora deve servir só para a sua glória e para alegria dos anjos e dos santos. Para isso, eu quero viver em Jesus, na sua presença, no seu amor; por Ele, por sua inspiração, pela sua graça; para Ele, para a sua glória, para o seu reino”.

#### *SOBRE OS MISTÉRIOS DA VIDA DE NOSSO SENHOR*

*A Incarnação:* 16 de Dezembro. 16-25 de Março - “*Verbum caro factum est et habitavit in nobis* (Jo 1,14). O conselho supremo da SS. Trindade decidiu a nossa redenção por nosso amor. *Exinamivit semetipsum* (cf. Fil 2,7). O Filho de Deus incarna-se em Nazaré no seio de uma virgem, esposa dum pobre artesão. Assim, pela humildade, Ele prepara-se para o seu sacerdócio. Maria, que deverá ser-lhe associada, fica perturbada ao descobrir a grandeza a que é chamada, mas em face às penas a sofrer, ela aceita: *fiat!* - Consideremos no mistério da Anunciação o amor de Deus por nós, a dignidade de Maria, a nossa própria dignidade. Deus, na sua / (186) misericórdia, queria resgatar-nos, e digna-Se pedir a nossa livre adesão: *aperi mihi* (Cant.5,2). Ele interroga a humanidade representada pela sua flor mais suave e pede-lhe o seu consentimento a este conúbio misterioso e divino. Maria rezava, chorava o desvario dos homens, e nos seus êxtases de amor chamava por Aquele que devia vir. O Verbo envia-lhe um mensageiro celeste, Gabriel, um dos sete espíritos que contemplavam de mais de perto a face de Deus. *Missus est... a Deo...ad Virginem. Et ingressus ad eam dixit: Ave gratia plena* (Lc.1,26-28). Maria ficou perturbada, não pela aparição dum anjo; ela estaria sem dúvida habituada a isso e reconheceu-o pelo sentido que ela tinha das coisas celestes. Mas ficou perturbada na sua humildade por uma saudação tão elogiosa: *turbata est in sermone... et cogitabat qualis esset ista salutatio* (Lc.1,29). O anjo explica-lhe a dignidade à qual é chamada Ela hesita ainda e pergunta a si mesma como isso poderá conciliar-se com a sua virgindade, e pronuncia enfim esse *fiat* onipotente que faz descer / (187) o Verbo de Deus ao seu seio, e com Ele as ondas da graça divina. Então abrem-se as



portas de ouro do Templo, que Ezequiel vira fechadas diante da glória de Deus. As portas de marfim levantaram-se e o rei da glória entrou. Nosso Senhor continua misticamente a sua encarnação na sua Igreja e nos seus fiéis. Abramo-nos às suas insistências e recebamos nos nossos corações o Senhor das virtudes. - A Encarnação do Verbo é o princípio de toda a redenção, de todo o mérito e de toda a ordem sobrenatural, e é também o seu fim. Deus fez tudo pelo seu Filho; e também fez tudo para Ele. E como a ordem da natureza é subordinada à ordem sobrenatural, o Verbo é o centro de toda a criação: *Pater futuri saeculi* (Is.9,6). Adoremos, demos graças; humilhemo-nos: *sentite in vobis, quod et in Christo Jesu* (Fil.2,5). Maria é o instrumento desta encarnação, instrumento sublime e poderoso: *Mater misericordiarum*. Sejamos devotos da Rainha dos Céus e confiantes na mediadora de todas as graças. Preparemo-nos para a graça, como Maria, pela / (188) pureza: *missus est angelus... ad virginem* (Lc.1,38); pela humildade: *ecce ancilla Domini*; pela fé: *fiat mihi secundum tuum*" (Lc.1,38).

*Jesus que vive em Maria*: 17 de Dezembro. "A santa humildade de Jesus santificada pela união hipostática e pela infusão dos dons mais excelentes é o modelo da nossa santidade e da nossa união com Deus. A oblação de Si mesmo e a sua intercessão constante desde o seio da sua Mãe é o modelo da nossa intercessão pelo ofício divino para toda a Igreja."

Natal: 17 - 25 de Dezembro. "*Vidi opera tua, Domine, et expavi*<sup>126</sup>. No presépio: *Deus Pater immensus, Filius immensus, Spiritus S. immensus, et non tres immensi sed unus immensus*. E Ele fez-se pequeno. *Aeternus*, e Ele tem apenas um dia de vida. *Omnipotens*<sup>127</sup>, e é a própria fraqueza. Humidade, desapego, despojamento. *Invenietis infantem*; silêncio, recolhimento, *pannis involutum, ... positum in proesepio* (Lc.2,12). Jesus no presépio alegre o céu satisfazendo a justiça do seu Pai / (189) e resgatando os homens. Ele oferece-Se a seu Pai como vítima de adoração, de reparação e de oração. Ofereçamo-nos com Ele".

*Circuncisão*: "Jesus testemunha-nos o seu amor, começando a sofrer por nós, isto é, a reparar as nossas faltas e os nossos males, e a merecer para nós a graça e a glória".

*Epifania*: "*Vidimus... stellam... et venimus* (Mt.2, 2). Sejamos fiéis à graça. A estrela que nos deve guiar sempre é o Coração de Jesus. Que todas as nossas acções sejam

---

<sup>126</sup> Esta citação é atribuída normalmenet ao profeta Habacuc: "Domine audivi auditionem tuam et timui, Domine, opus tuum" (3,2).

<sup>127</sup> O Símbolo dito de S. Agostinho.

feitas na sua luz! Que elas sejam tais que Ele as possa oferecer ao seu Pai. *Obtulerunt... aurum, thus et myrrham* (Mt.2,11). Ofereçamo-nos a nós mesmos sem cessar: *hostiam... sanctam Deo placentem* (Rm.12,1): ofereçamo-nos como vítimas de amor, de louvor, de reparação”.

O Santo nome de Jesus: 19 de Janeiro. “*Jesus, nomen adorabile, nomen Dei, nomen misericordiae, nomen auxilii; Jesus nomen Salvatoris, nomen reparationis et salutis*. Invocamos, Senhor, o vosso nome, e vós não o desmentireis, temos a certeza. Nós o invocamos com fé nos mistérios que Ele resume, e com o amor com que Maria o pronunciava. *Jesu, nomen amatoris, nomen dilecti et sponsi; nomen ejus qui dixit: qui faciunt voluntatem Patris mei, hi sunt fratres mei et mater mea.- Oleum effusum nomen tuum: oleum lucit, roborat et linit*<sup>128</sup>.

Apresentação no Templo: 2 de Fevereiro. “*Positus / (1) est hic in ruinam et in resurrectionem multorum* (Lc. 2,34). Jesus oferece-se para a salvação de todos. Ele toma sobre Si todos os nossos pecados; mas deixa-nos livres de aproveitar da nossa redenção unindo-nos a Ele, amando-O, cumprindo a sua vontade”.

Jesus no templo aos 12 anos: 13-14 de Janeiro. “Unamo-nos às orações de Jesus no templo. Não sejamos frios e distraídos nas audiências que a augusta Trindade nos concede. Nós temos de louvá-La, adorá-La, dar-Lhe graças por tantos benefícios naturais e sobrenaturais concedidos ao mundo e especialmente a nós. E temos tantas graças a pedir! Jesus separa-se dos seus pais no Templo. Ele deixar-nos-á também às vezes para nos castigar ou para nos provar; nós reencontramo-Lo-emos na oração, no seu próprio Coração. *In his quae Patris mei sunt oportet me esse* (Lc.2, 49). Não ter contactos com os homens senão segundo Deus e em Deus. Regular as nossas relações segundo a sua vontade”.

Vida escondida de Jesus em Nazaré: 15-16 de Janeiro. “*Et erat subditus illis* (Lc.2, 51). Jesus, durante a Sua vida escondida pedia a seu Pai graças para / (2) cada um de

---

<sup>128</sup> Cf. S. Bernardo, serm. 15, super Cant. (Cf.Migne P. L., 183, p.843-848); (cf. Mt 12,48-50; Cant 1,2-3).

nós e dava-nos o exemplo da obediência, do trabalho e do recolhimento. Ele pedia ao seu Pai celestes graças para nós. *Vir oboediens loquetur victoriam* (Prov 21,28). A obediência é uma homenagem constante dada a Deus. Eu obedecerei ao meu Salvador escutando-O na oração, oferecendo todas as minhas acções, através do seu divino Coração, ao seu Pai, que é também o meu”.

*Batismo de Nosso Senhor:* “Pelo Batismo, Deus nos adoptou como seus filhos no Senhor Jesus; no Espírito Santo encheu a nossa alma com os seus dons e renova essas graças especialmente pelos sacramentos. Unidos ao Senhor, desapeguemo-nos de todos os bens criados. Que eles sejam para nós, unicamente, instrumentos para louvar só a Ele, o objecto de todo o nosso amor”.

*Oração e agonia do Senhor:* 11 de Fevereiro. “Nosso Senhor no Jardim das Oliveiras rezou para nos obter todas as graças tanto exteriores como interiores, de que nos cumula hoje. Ele chorava pensando nos nossos inumeráveis pecados, nas nossas resistências à sua graça e na glória de que nos privávamos. Unamo-nos à sua oração. Para conservarmos a humildade e a paz de coração, reconheçamos / (3) a nossa ignorância e a nossa fraqueza”.

*A Paixão de Nosso Senhor:* 10 de Abril. “*Humiliavit semetipsum factus oboediens usque ad mortem* (Fil.2,8). Deus Pai entrega o seu Filho à morte por nosso amor. Infinita misericórdia que se manifesta em todos os sofrimentos do Senhor, destinados, na sua sabedoria, a reparar as nossas faltas e a fortificar-nos para todas as provas. Modelo de obediência perfeita que devemos imitar consagrando a Deus a nossa vida e a nossa morte, muitos insuficientes para reparar tantos pecados que nos causariam horror se pudéssemos ver-lhes a extensão e a profundidade”.

*As Cinco Chagas, o precioso Sangue:* 20-27 de Março. “O Senhor, pelas suas Chagas adoráveis, confirma a nossa confiança e o nosso amor. Ensina-nos a renunciar a nós próprios e a entregar nas suas mãos todas as nossas faculdades, para que Ele as dirija e delas use para maior glória do seu Pai. Bebamos nas ondas da graça que correm

da chaga do seu Coração. O Sangue precioso de Nosso Senhor intercede por nós. Aproximemo-nos frequentemente dele com pureza, mansidão e amor e bebamos / (4) tesouros de graças sobretudo na chaga do seu Coração.

*Páscoa: 12-21 de Abril. “Ego sum qui sum. Consilium meum non est cum impiis, sed in lege Domini voluntas mea* (ofício)<sup>129</sup>. Ao chegar à terra, o Senhor diz “Sou Eu”, e os anjos anunciam a sua vinda aos pastores, e a sua estrela aos reis magos. *Sou Eu* (Jo.18, 5-6), diz Ele aos soldados que vão prendê-Lo no Getsêmani, e a afirmação da sua pessoa derruba e deita ao chão os traidores. *Sou Eu que sou aquele que sou* (cf. Ex 3,14), diz-nos pela sua Igreja no dia da sua ressurreição: sou Eu que faço estremecer a terra e abre os túmulos: sou Eu que vos cumulo de bênçãos e que vos ressuscito comigo para a vida da graça. Sou eu que vos admito, especialmente a vós meus sacerdotes, à minha intimidade e ao meu banquete celeste já desde a vossa vida mortal. Mas Eu não admito os ímpios no meu conselho; Eu sou para eles escândalo e loucura: reservo as minhas graças para os humildes, para aqueles que, como Eu e Comigo, preservam / (5) no cumprimento da vontade de meu Pai. - Para preparar os nossos corpos para a ressurreição, façamos deles um instrumento dócil do espírito e não um ídolo. Os actos que têm como fim só a satisfação do corpo tornam-nos escravos da podridão e dos vermes. Desapeguemos o nosso coração de tudo o que é carnal e passageiro. *Beati mundo corde quoniam ipsi Deum videbunt* (Mt.5,8). - As cicatrizes gloriosas de Jesus ensinam-nos o caminho que conduz à ressurreição. O homem, sem pecado, teria louvado, amado e servido unicamente a Deus; depois da queda ele deve, além disso, reparar e sofrer, domar a concupiscência e merecer sofrendo. As chagas de Jesus intercedem continuamente por nós e são para nós um refúgio onde encontramos sempre um tesouro infinito de reparações e de méritos para oferecer a seu Pai. Imitemos a solicitude e a confiança das santas mulheres. Elas preparam os seus perfumes e dirigem-se ao sepulcro, entregando-se à ajuda de Deus para abrir a sua entrada. Façamos o que depende de nós para agradar a / (6) Deus e ponhamos n’Ele toda a nossa confiança: Ele proverá a todas as necessidades da nossa alma. No seu adorável sacramento Nosso Senhor prepara o nosso corpo para a imortalidade: “*qui manducat meam carnem et bibit...ego resuscitabo eum in novissimo die*” (Jo.6,55), e isso pela dignidade que lhes

---

<sup>129</sup> Antifona do 1º nocturno, do Ofício de Páscoa no Breviário romano d S. Pio V revisto por Celestino VII e Urbano VIII (cf. Is.3,14; Sal.1,1-2).

confere com a sua preserverança e o seu contacto. A nossa permanência no sepulcro será só um sono. Os nossos corpos ressuscitarão semelhantes ao corpo do Senhor, *corpus spirituale, in incorruptione, in virtute, in gloria* (cf. 1 Cor.15,42-44). *Et qui manducat me et ipse vivet propter me* (Jo.6, 58). Nosso Senhor, no seu sacramento, comunica-nos também o seu espírito, a sua vida, a luz sobrenatural, a unção da graça e do amor e a força da vontade. *Quem quaeritis? Nos est hic* (cf. Mc.16,6). Todas as nossas esperanças estão no céu. *Quae sursum sunt quaerite* (Col.3,1). É lá o termo da nossa peregrinação, o nosso descanso, o nosso fim. É lá que está a nossa luz e a nossa força, ubi *Christus sedet ad dexteram Dei* (cf. Col. 3,1). Procuremos aí, nos estigmas / (7) sagrados de Jesus, o nosso caminho e o nosso refúgio. É aí também que deve estar o nosso amor e nosso coração, porque é aí que está Jesus, o nosso tudo. *Quae sursum sunt sapite non quae super terram.* (Col. 3,2)... *Dicite apostolis et Petro quia surrexit*<sup>130</sup>. O Senhor manda anunciar a sua ressurreição em especial a Pedro, não somente por causa da sua primazia, mas porque Pedro O amava mais que os outros e porque ele chorava ainda, cheio de contrição. São estas as condições para estarmos aptos a receber as comunicações do Senhor: amar e chorar as nossas faltas; amar agindo segundo a inspiração do Espírito Santo e os caminhos da Providência. Como Pedro e João, corramos para o Senhor ressuscitado. Esta corrida durará tanto quanto a nossa curta vida, com umas paragens dispostas pela misericórdia de Deus e pelo amor do Senhor no S. Sacramento do altar e pela oração aos pés do Calvário. Corramos, deixemos tudo para o bem infinito. Não olhemos para trás; tudo o que nós damos ser-nos-á restituído cem vezes mais”.

*Ascensão*: 21 de Maio. “Adoremos o Senhor que sobe aos céus abençoando-nos na / (8) pessoa dos seus apóstolos: bênção fecunda, sobretudo para os seus ministros e que está permanente no céu: *benedicens ferebatur in coelum* (cf. Lc.24,51). Nosso Senhor vai retomar no céu a claridade que lhe é devida: *clarifica me in veritate* (cf. Jo.17,5.17). Ele tinha-se privado dela só por um momento, para nos resgatar e nos fazer participar dela. *Vado parare vobis locum* (Jo.14,2). Nós somos os seus membros e seremos reunidos à nossa cabeça para sermos glorificados nele. Quanto mais estivermos unidos a Ele desde esta vida, mais entraremos na sua glória. *Advocatum habemus* (I

---

<sup>130</sup> “Dicite discipulis eius et Petro, quia praecedit vos in Galileam” (Mc.16,7). “Dicite discipulis eius, quia surrexit (Mt.28,7).

Jo.2,1). A nossa causa está ganha. Respondamos somente às suas graças, e o Senhor nos glorificará com Ele”.

*Pentecostes:* 31 de Maio. “*Cum complerentur dies Pentecostes*” (Act.2,1). No mesmo dia em que a antiga lei foi dada a Moisés sobre tábuas de pedra, a nova lei é gravada no coração dos discípulos de Jesus. É assim que Deus prefere falar-nos, desde a Redenção. Os apóstolos prepararam-se no recolhimento e na oração. O Espírito Santo apareceu sob a forma / (9) de línguas de fogo. Como o fogo, Ele ilumina, aquece, purifica, consome o que não é puro; Ele estende-se e dilata-se...”

#### *SOBRE OS MISTÉRIOS DA VIDA DA SANTÍSSIMA VIRGEM*

*Da Imaculada Conceição:* 17 de Março, 2 de Maio “O Verbo de Deus, para nos resgatar, dignou-Se tornar-Se nosso irmão pela natureza e pela comunidade de origem. O seu sangue atravessou todas as gerações durante 4.000 anos. Era preciso que Ele pertencesse totalmente, segundo a carne, à família pecadora de Adão. A Sua genealogia enumera, além de Maria, quatro mulheres, três delas grandes pecadoras e a pobre Moabita Rute que era uma gentia. Mas era preciso também que aquela em cujo seio foi formado o seu corpo, fosse digna d’Ele pela sua pureza. Não podia acontecer que o Coração de Maria tivesse outro afecto que não fosse para Deus e por conseguinte que ela conhecesse o pecado mesmo venial. Mais ainda, não podia acontecer que ela fosse escrava da vergonhosa concupiscência que continua em nós mesmo depois da remissão / (10) do pecado original e que mancha todas as nossas justiças: “*justitiae vestrae sicut pannus menstruatae*” (Cf. Is. 64, 6). Por isso ela foi preservada do pecado original. Ela é toda bela e, no excesso do seu amor a Deus, ela contribuiu para formar Deus no seu seio. Ela era no meio dos homens como um lírio no meio de espinhos, *sicut plantatio rosae in Jericho* (Ecli. 24, 18), *tamquam liliun inter spinas* (cf. Cant. 2, 2). - Maria pela sua Imaculada Conceição foi preparada para se tornar templo de Deus. O seu corpo era puro e o dócil instrumento da sua alma. A sua imaginação era auxiliar das suas virtudes. Todas as suas faculdades eram naturalmente inclinadas à mais alta perfeição e as suas paixões estavam sempre na ordem. O sacerdote, que como Maria se torna templo de Deus, deve imitar tanto quanto lhe é possível esta perfeição”.

*Maria no templo:* 4, 5 de Maio. “Maria vivia no templo uma vida simples e retirada com as suas companheiras. Ela louvava a Deus cumprindo a Sua vontade indicada pelo regulamento. Dividia o seu tempo entre a oração, o trabalho e o estudo. Unamo-nos à pureza das suas intenções e à sua prudência em dispor do uso das suas faculdades para maior glória de Deus.”

*O seu voto de castidade:* 4 de Maio “Julgando-se indigna de dar a vida ao Messias, Maria não procurou o casamento como faziam as outras filhas de Israel, mas fez voto de castidade e consagrou-se toda a Deus. As criaturas só lhe serviam para se elevar a Deus. Via nelas a imagem de Deus, embora desfigurada”.

*O noivado:* 23 de Janeiro. “Maria e José são dois lírios, *Pascitur inter lília (Cant. 2, 16)*. Émulos na virgindade, na pureza, na humildade. As virtudes de Maria iluminam José com o seu brilho e guiam-no”.

*Maternidade de Maria:* 18 de Março. “A maternidade de Maria convida-nos a louvá-la e a pôr nela toda a nossa confiança. Pela sua maternidade divina, Maria adquiriu uma autoridade sobre todas as criaturas e sobre o próprio Jesus. A criança não recebe da mãe só o corpo e o sangue, mas a mãe forma moralmente / (12) a alma do seu filho. Ela dá-lhe o seu sangue vivo e conforma a alma dele à sua. Ela continua a sua formação moral na educação. Jesus dignou-se receber de Maria a educação e, por ela, crescer diante dos homens e mesmo diante de seu Pai: *crescebat sapientia coram Deo et hominibus et erat subditus illis (Cf. Lc. 2, 40.51-52)*. Foi-lhe submisso durante 30 anos. Mas além dos ternos beijos da infância deixarem uma impressão inapagável, é certo que a maternidade é uma relação real que continua na eternidade. E Jesus, incessantemente e com amor, dá graças a Maria do sangue que dela recebeu e com o qual resgatou os seus irmãos e com o qual os inibia diariamente no altar”.

*A Anunciação;* 7 de Maio. 16 de Março. “Maria fica perturbada pela aparição e anunciação do anjo. Esta saudação parece comprometer a sua virgindade e a sua humildade. Renovemos frequentemente os nossos protestos de amor exclusivo pelo esposo da nossa alma, que é Deus, amor de / (13) predilecção ao qual todos os outros devem ser subordinados. Renovemos frequentemente a nossa confusão e a nossa

humilhação à vista das bênçãos com que Deus nos cumulou... *De stercore erigens pauperem* (Sal. 112,7). Nós somos indignos de todas as suas graças. Esforcemo-nos pelo menos para corresponder-lhes - *Ecce Ancilla Domini* (Lc. 1,38). Era esta a disposição do coração de Maria: servir humildemente e seguir todas as suas aspirações e a sua vontade. *Fiat mihi secundum verbum tuum* (Lc 1,38). Esta correspondência à vontade de Deus é a fonte de toda a grandeza e de toda a dignidade” (ver Incarnação, Cahier V, pág.186).

*Jesus que vive em Maria*: 8 de Maio. “Maria, tornada Mãe, vive toda em Jesus. A influência das almas assim unidas é já sensível na maternidade normal. Quanto ela foi maior em Maria! Jesus, desde a sua concepção, santificava a sua Mãe com essa santidade sublime que devia ser digna de influenciar por sua vez a alma de Jesus. Moralmente, eles tinham uma só alma, um só espírito, um só coração. Na sagrada Comunhão realiza-se igualmente uma união íntima das nossas almas com Jesus e uma grande influência de Jesus sobre as nossas / (14) almas. Esta comunicação não é exterior, como no repouso de João sobre o Coração do Salvador, no terno olhar de Jesus a Pedro, no doce beijo que Ele dava às criancinhas, mas nem por isso o seu amor é inactivo. Ele transforma as nossas almas pela graça e, encontrando-as bem vazias de si próprias, enche-as do seu espírito e do seu amor.

*A Visitação*: 9-11 de Maio. “Maria deixa a contemplação do seu Salvador para ir pôr-se ao serviço de Isabel, ou melhor, ela une o amor do seu Deus ao amor do próximo. Como a arca da Aliança, ela é revestida de ouro no interior e no exterior. A seu exemplo, dêmo-nos aos homens sem deixar a Deus. Tenhamo-nos em união com Deus, união constante, intensa, sempre igual, união que se realiza pela fé, esperança e caridade, mas sobretudo pela caridade. *Magnificat anima mea Dominum* (Lc 1,46). Entremos nos sentimentos de profunda humildade de Maria. Ela exalta o Senhor e abaixa-se diante d’Ele. Ela louva o Senhor, Salvador das nações, e considera / (15) dom gratuito as graças de que o Senhor a cumulou. Quanto mais o nosso coração estiver vazio do todo o amor-próprio e de toda a vaidade, tanto mais ele estará pronto para receber as graças de Deus. O padre pode dizer como Maria: *fecit mihi magna qui potens est* (Lc. 1,49). Ele deve considerar esta graça com a mesma humildade e com a mesma gratidão. - Maria manifesta na casa de Isabel uma caridade generosa e perseverante. Ela doa-se toda e



por todo o tempo em que possa ser útil, mas não deixa entretanto de contemplar o Salvador que transporta no seio. Ela adora aquele que é chamado pelos profetas. “*Deus fortis, immortalis, Emmanuel*” (Cf. Is. 9. 6-7). Ela arde de amor para com o esposo místico do Cântico dos Cânticos e leva-o em seu seio como um raminho de mirra”.

*Belém*: 13-14 de Maio. “Deus serve-se do curso normal da sua Providência para conduzir Maria a Belém. Deixemo-nos conduzir por esta suave Providência, que tem os seus fins ocultos, mas sublimes. Estudemos em Belém a pobreza do Salvador e de Maria. / (16) Maria em Belém contemplava amorosamente Jesus e oferecia-lhe o seu leite virginal e Jesus acariciava-a. Todas estas relações maternais eram graças para Maria, que a elevavam acima dos Serafins e de todos os Santos juntos. Maria levava até um grau sublime a sua união com Deus e a sua renúncia às criaturas pela pobreza, pela castidade perfeita, que ama só a Deus, e pela humildade, que atribui a Deus todo o bem que ela possui”.

*Recogitabat omnia verba haec* (Cf. Lc 2,19): 15 de Maio “Maria revia e meditava em seu coração os primeiros mistérios da infância de Jesus. Ela mantinha assim e aumentava o seu amor. Ela unia as suas adorações às que Deus inspirava aos pastores e aos magos. Ela unia o seu amor pelos homens e o seu zelo pela sua salvação ao amor de Jesus.

*A Purificação*: 16 de Maio. “Maria submete-se sem discutir à Purificação. A sua vontade é levada à observância da lei e dela não se afastaria senão por ordem expressa de Deus. Ela não tem de / (17) purificar o seu corpo, mas o Espírito Santo aumenta ainda mais a pureza da sua alma. Ela purifica-se unindo-se ainda mais intimamente a Deus, que é a própria pureza. Ela vê as coisas e os homens unicamente em Deus, só em Deus os ama e só age segundo Deus”.

*A fuga para o Egito*: 18 de Maio. “Maria vai para o Egito sem discutir, sem se queixar, com uma perfeita resignação à vontade de Deus. Mais ainda ela abraça com

amor essa vontade, convencida que o que Deus quer e permite, Ele o quer para sua maior glória e para nosso maior bem”.

*Maria em Nazaré - Vida simples e modesta, silêncio, vida interior, oração: 20-25 de Maio* “Maria em Nazaré levava uma vida simples e modesta. Toda a sua santidade estava no interior: ela já não se manifestava por milagres e profecias, e contudo ela era perfeitamente agradável a Deus. A santidade e a perfeição consistem em cumprir em Deus as acções simples do nosso estado. No nosso coração e nas nossas orações, louvemos e adoremos Deus, e alimentemos a nossa fé e o nosso amor / (18) pela meditação das perfeições de Deus e das suas obras. - Maria amava o silêncio. Durante os seus trabalhos manuais ela ocupava o seu espírito no que era útil para alimentar o seu amor a Deus, nas perfeições e benefícios de Deus, nas perfeições de Jesus, no exemplo dos Santos... Ela sabia quebrar o silêncio para satisfazer aos deveres do zelo, da caridade e da conveniência, como podemos ver em casa de Isabel e em Caná. Mas os seus discursos tendiam sempre a glorificar a Deus e a edificar o próximo. - Maria tinha frequentemente no seu coração o que os profetas tinham dito de Jesus, e o que tinha dito o anjo, Simeão, Ana e Isabel. Ela meditava também no seu coração toda a vida e as acções de Jesus, para fazer com Ele um só coração e unir-se aos seus pensamentos e às suas afeições. Com esta união ela elevava-se à mais alta santidade. - A preocupação de Maria era a execução do seu trabalho e, sempre que este lho permitia, a oração. A sua oração era alimentada pelos / (19) mistérios das festas do ano, pela leitura dos Livros Sagrados e por todos os mistérios da vida de Jesus. Os seus julgamentos eram pesados diante de Deus e conformes à verdade das coisas e a uma sábia prudência. Os seus afectos eram para Deus e para as criaturas somente enquanto procuravam a glória de Deus”.

*Maria nas bodas de Caná: 21 de Janeiro. “Non habent vinum”* (cf. Jo 2,3). Maria vê as nossas necessidades melhor do que nós próprios e intercede por nós. Agradecemos-lhe e, em todas as nossas necessidades, voltemos para ela o nosso pensamento. Ela nos dirá: “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5), e se apresentarmos ao Salvador o nosso coração vazio de amor, Ele enchê-lo-á. O Coração de Jesus bate sempre por nós; recorramos a Ele por Maria.”

*Maria no Calvário:* 3-8 de Abril. 27-28 de Maio. “*Stabat*. Louvemos Maria que participou na nossa redenção pela sua santa compaixão. Ela foi amparada na sua dor pela sua resignação à vontade de Deus e pelo seu amor aos homens. Consolemo-la com o nosso amor. *Fulcite me floribus, stipate me malis* (Cant 19,26). Maria participa na / (20) glória e no Reino de Jesus tal como tomou parte nas suas dores... *Ecce mater tua* (Jo 19,27). João representava de uma maneira especialíssima os sacerdotes aos pés da cruz. Maria é nossa mãe, devemos amá-la como uma mãe. *Ecce filius tuus* (Jo 19,26). Que amor para conosco essas palavras devem ter acendido no seu coração! Todos lhe devemos alguma graça de eleição. Ela é o canal e a mediadora de todas as graças (S. Bern., S. Alfonso de Liguori, S. Cirilo<sup>131</sup> de Éfeso). *Como Deus quis*, diz Bossuet, *dar-nos por ela a fonte de todas as graças, o Salvador, é de crer que Ele nos queira comunicar por ela todos os seus benefícios*. Nós precisamos da sua mediação para reparar as nossas faltas passadas, para o nosso ministério, nos perigos, especialmente na morte... Vivamos em união com o seu coração para estarmos mais unidos ao de Jesus. Tudo a Jesus por Maria. Tudo a Maria por Jesus. Tudo a Deus e só a Deus por toda a eternidade. - Maria, rainha dos mártires, sofreu no seu coração todas as dores do seu Filho. O seu coração era rasgado pelos espinhos que ensanguentavam / (21) a face de Jesus, trespassado pelos cravos que O prendiam à cruz, e oprimido pelo abandono que Jesus expressava dizendo a seu Pai: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?* (Mt. 27,46). Mas ela ouvia também Jesus dizer aos homens: *Tudo está consumado pela vossa salvação* (cf. Jo 19,30); e a seu Pai: *Nas vossas mãos entrego o Meu espírito* (cf. Lc 23,46). E com Jesus ela se oferecia para ser obediente até à morte. Como Jesus, Maria não tem vontade própria: “*Scriptum est de me ut faciam... voluntatem tuam*” (Hb. 10,7).

*Maria na ressurreição:* 15 de Abril. “*Qui diligit me diligetur a Patre meo et manifestabo ei meipsum*” (Jo 14,21). Jesus manifesta-se pela sua graça aos que o amam e que observam os seus mandamentos. Ele consola os que sofrem por Ele. É portanto provável que Ele tenha aparecido a Maria depois da sua ressurreição e que Se tenha entretido num divino colóquio em que Maria Lhe testemunhou o seu amor, a sua

---

<sup>131</sup> S. Cirilo, patriarca de Alexandria e doutor da Igreja teve um grande papel no assunto da heresia nestoriana, da qual ele provocou a condenação no Concílio de Éfeso (430).

aceitação, a sua alegria e gratidão que todos os homens Lhe deviam. Maria, por modéstia, não nos deu conhecimento desta aparição, porque ela não tinha / (22) como os apóstolos, a missão de ser uma testemunha da ressurreição.”

*Maria na Ascensão e depois da Ascensão: 29-30 de Maio.* “Maria assistiu também à Ascensão de Jesus e foi para ela uma morte contínua, que ela aceitou para a glória de Deus, ter de ficar separada de Jesus. Aceitemos esta separação tanto quanto agradar a Deus e trabalhemos para expandir o seu reino como Maria fez dirigindo os apóstolos. Maria, após à Ascensão de Jesus, estava com os apóstolos como seu guia e conselheiro. Já cheia de graça desde a sua Conceição, ela recebera um aumento maravilhoso de graça nos principais mistérios da vida e da morte do Salvador. O Espírito Santo seu esposo acabou de adorná-la e de enriquecê-la dos seus dons no Cenáculo no dia de Pentecostes. Ele irradia dela, como da sua fornalha, sobre os apóstolos. Por ela, também nós alcançaremos os dons e as luzes do Espírito Santo.”

*Nossa Senhora Auxiliadora: 3 de Fevereiro, 24 de Maio.* “Maria é nossa mãe, tenhamos nela uma confiança filial. Nas tentações, recorramos a ela e chamemo-la em nosso / (23) auxílio, como a criança chama a sua mãe em todos os perigos. Ela é poderosa e derrubará o demónio que nos tenta. Ela velará a todas as nossas necessidades com uma providência maternal. Ela é a nossa advogada; se nos acontecer de cair, recorramos a ela. - Maria é o auxílio dos cristãos. Ela é poderosa junto de Jesus. Ele foi-lhe submisso durante trinta anos em todas as suas acções, no trabalho, na oração, nas relações exteriores. Ele mostrou em Caná que, para ela, o seu tempo tinha sempre chegado.

#### *ESTUDOS E LEITURAS.*

As minhas leituras espirituais nesse ano eram os opúsculos tão inflamados, tão cheios de amor de S. Agostinho, as orações e os exercícios de S. Gertrudes, a vida do P. Liberman. Estas leituras eram conformes aos meus gostos sempre mais acentuados de vida interior e de amor a Nosso Senhor. Eu amava o meu quartinho e a vida pacífica do seminário. Às vezes perguntava-me se não estaria feito para a vida contemplativa. Copiava nas minhas notas estas palavras do P. Liberman: “Viver e morrer / (24) numa

solidão profunda, desconhecido dos homens, amado, abençoado, consolado só por Deus: *in nidulo meo moriar* (Vida, pelo Card. Pitra, p. 323).<sup>132</sup>

Contudo sentia que devia esperar as indicações da Providência para a minha vocação. Copiava também esta regra lembrada por Mons Pie: “*Divisiones vero gratiarum sunt... et divisiones ministeriorum sunt... et divisiones operationum sunt*” (1 Cor 12, 4-6). Deus permite muitas vezes que o índice dos destinos diferentes se encontre não somente nas diversidades das atracções, dos gastos e das aptidões, mas na necessidade material ou moral das situações.”<sup>133</sup>

Eu lia com gosto algumas belas páginas dos contemporâneos. Na oração fúnebre dos Zuavos pontíficos<sup>134</sup>, Mons. Dupanloup citava Bossuet: “Não é necessário que as grandes almas tenham descoberto, aos raios de uma luz divina, um gosto imortal na honestidade e na virtude, para irem expor-se, não digo sem medo, mas com alegria, a fadigas imensas, a dores incriveis, e / (25) às vezes a uma morte certa, por aquilo que elas amam, pela pátria, pela religião, pelos altares.” – Mons. Dupanloup acrescentava: “Por eles as almas oprimidas sob as vergonhas<sup>135</sup> contemporâneas respiram; por eles, o sentimento do dever tão estranhamente rebaixado, eleva-se nas consciências; por eles, apesar das tristezas mais amargas dos nossos tempos infelizes, a inspiração, o sopro sagrado da dedicação consola e refresca os corações.”

Algumas perguntas ocupavam frequentemente o meu espírito: o ensino, a pregação, as obras sociais. Eram ideias mestras que pressagiavam os ministérios a que eu me entregaria mais tarde.

Sobre o ensino, eu escrevia estas notas: “O ensino que exclui a religião não é um ensino indiferente, mas praticamente ateu. Pretende deixar livres todas as religiões e exclui-as todas. De facto o ensino é inseparável da educação e da religião. O ensino não pode limitar-se a palavras: ele propõe e / (26) impõe ideias. Isso seria, ao máximo, aplicável a aulas de gramática e de línguas em externatos, separando a educação da instrução, o que é sempre moralmente impossível na prática. Uma universidade que, sem excluir radicalmente a religião e a educação, diminui a sua justa influência e autoridade, é uma escola pública de indiferentismo, de irreligião, de imoralidade, de baixezas de

---

<sup>132</sup> Excerpta, p. 17.

<sup>133</sup> Excerpta, p. 18

<sup>134</sup> Excerpta, p. 16. O texto transcrito é intitulado “Castelfidardo”. A oração fúnebre celebra os Zuavos pontíficos caídos na batalha de Castelfidardo a 18 de Agosto de 1860. As tropas piemontesas comandadas pelo general Cialdini derrotaram os batalhões pontíficos comandados pelo general Lamoricière.

alma e de carácter. É um mal social imenso. O Estado sem “religião de Estado”, não deve ensinar, mas deixar ensinar todas as sociedades religiosas, excluindo só aquelas que não reconhecessem nem mesmo as primeiras verdades sociais. Uma sociedade católica pode e deve favorecer o ensino sob a direcção da Igreja.”<sup>136</sup>

Sobre a retórica sagrada, eu anotava estes pensamentos que são fundamentais: “Instruir, agradar e comover, formam os três elementos que a análise fez os retóricos descobrirem no poder da eloquência sobre as almas: *Veritas pateat, veritas placeat, veritas moveat* (S. Ag.).<sup>137</sup> / (27) O elemento lógico que instrui; o elemento político (Aristóteles) que capta a benevolência e faz saborear a verdade; o elemento estético ou patético que agita as paixões e arrasta a vontade<sup>138</sup> - “Os nossos dois grandes oradores, Bourdaloue e Bossuet, aliás tão perfeitos, um na instrução e na solidez, o outro na sublimidade e na grandeza de vistas, deixam muito a desejar no aspecto do patético. Massillon, um pouco mais feliz, quase nunca falava num assunto de sentimento sem fazer verter lágrimas a todo o seu auditório. É sobretudo na antiguidade que se encontram esses grandes efeitos da arte de comover, em S. Agostinho, S. João Crisóstomo, Demóstenes.”<sup>139</sup> - “Bossuet deixa muitas vezes a desejar quanto à unidade do discurso. Muitos trechos, em muitos sermões seus, poderiam suprimir-se sem que o discurso ficasse incompleto.”<sup>140</sup>

Sobre a questão social e política, anotei um pensamento que estudos posteriores confirmaram claramente: o falhanço da restauração religiosa em França é devido à imperícia e má vontade do governo de Luís XVIII. / (28) Havia com certeza, na administração tanto da corte como das províncias, algumas personalidades católicas. Mas o espírito de Voltaire tinha entrado na corte; o galicanismo e o liberalismo enfraqueciam o clero e os notáveis católicos. (Ver Pitra, vida do P. Liberman, p. 483)<sup>141</sup>

Embora inimigo do liberalismo católico, eu saboreava as ideias de S. Agostinho sobre a prudência e a tolerância da Igreja. As sociedades que possuem a unidade religiosa podem ser severas contra erros isolados. Mas nas sociedades divididas, é preciso agir pela persuasão e apostolado. “Non aspere quantum existimo, non duriter,

---

<sup>135</sup> Spb o peso das vergonhas... (Excerpta, p. 28).

<sup>136</sup> Excerpta, p. 17-18.

<sup>137</sup> De Doctrina Christi, lib. 4, cap. 28

<sup>138</sup> Excerpta, p. 17

<sup>139</sup> Excerpta, p. 17

<sup>140</sup> Excerpta, p. 17

<sup>141</sup> Cf. Excerpta, p. 17

non modo imperioso errores multorum tollentur; magis docendo quam jubendo, magis monendo quam ninando; sic enim agendum est cum multitudine: severitas autem exercenda est in peccata paucorum” (Ver lib. III contra Parmen., C. 2, nº 13; et iterum epist. 22, nº 5).<sup>142</sup>

Eu também já gostava desta ideia, que desenvolvi depois frequentemente: “a Sagrada Escritura é um tesouro de belezas literárias”. Eu escrevia: “Ora / (29) é a eminência das ideias e a magnificência das imagens, como nessas descrições da majestade de Deus que nos deixaram Moisés e Job, Isaías e Baruc; ora é o patético e o violento, como nessas vivas repreensões que os profetas dirigem aos reis e aos povos; aqui é o terno, o doce e insinuante, como nas exortações de Moisés aos Israelitas antes da sua morte, ou a epístola de S. Paulo a Filémon.

#### *SÍNTESE DE ROMA*

Era o meu terceiro ano de Roma. Nos passeios, continuávamos a ir de santuário em santuário. Já não me prendiam a atracção da novidade, nem as seduções da arte. Gostava de Roma, da Roma cristã, a que fala à fé e à piedade. Aspirava os seus perfumes suaves e reconfortantes. Bebia nas suas fontes sagradas. Perfilhava o seu espírito que é o espírito da Igreja, isto é, o espírito de fé, de apostolado e de caridade. Os Gregos iam procurar inspiração poética nas fontes de Hipocrene. A proximidade dos jogos coríntios, onde se realizaram tantos torneios literários, podia realmente evocar muitas recordações / (30) poéticas e originar a inspiração. Roma tem nascentes mais puras e mais fecundas: são os seus santuários e os sepulcros sagrados.

A própria Terra Santa revive em Roma com as grandes relíquias do presépio e da Paixão. Uma virtude, uma graça especial brotava dos passos do Salvador. “Virtus exibat de illo” (cf. Lc. 6, 19). Mas até a sombra dos apóstolos curava os enfermos. E em Roma há mais do que a sombra dos apóstolos, há lá as suas relíquias sagradas, os seus sepulcros gloriosos. Nas nossas pias visitas, íamos de S. Pedro a S. Paulo, de S. Paulo a S. João, de S. João aos Santos Apóstolos; e a recordação dos trabalhos destes valentes fundadores da Igreja animava o nosso zelo e o nosso espírito de apostolado.

---

<sup>142</sup> Nt Não asperamente quanto julgo ser preciso, não duramente, não duma maneira imperiosa devem ser tratados os erros de muitos; mais ensinando que mandando; mais aconselhando que ameaçando; assim se deve agir com a multidão: mas a severidade deve ser usada contra os pecados de poucos”.

Também íamos rezar e meditar aos sepulcros dos mártires, em Santo Inácio, em S. Sebastião, em S. Lourenço, nas Catacumbas, no Panteão; e dessas ossadas sagradas, como do solo regado pelo seu sangue no Coliseu, saía uma graça de caridade ardente que / (31) nos fazia desejar dar a vida pelo amor do Salvador.

O amor da ciência sagrada parece brotar do túmulo dos doutores e Roma possui as relíquias veneradas de S. Leão, de S. Gregório Magno, de S. Jerónimo, de S. João Crisóstomo, de S. Gregório Nazianzeno.

Os corações facilmente se inflamam de zelo pela salvação das almas junto dos restos sagrados ou no lugar onde viveram S. Francisco de Assis, S. Domingos, Santo Inácio, S. Filipe de Néri e S. Paulo da Cruz.

Outros santuários inspiram a pureza e a inocência; são os sepulcros das santas virgens, Santa Cecília, Santa Inês, Santa Catarina de Sena, ou os quartos onde habitaram esses adolescentes que já na terra levaram vida angélica: S. Luís de Gonzaga, Santo Estanislau Kostka, S. João Berchmans.

Que cidade pode ser comparada a Roma pelas suas influências santificantes! Ela é verdadeiramente o portal do céu. / (32) Faz-nos bem viver nela e percebe-se a palavra do Salvador que dizia a Santa Brígida que em Roma ganha-se a salvação sumariamente.

Todas essas graças só se saboreiam bem numa permanência longa, numa permanência calma e recolhida em Roma. Cada santuário tem os seus belos dias, os seus dias de festa. Seguindo o trajecto da liturgia vai-se, em harmoniosa alternativa, dum apóstolo a um mártir, dum mártir a um confessor, dum confessor a uma virgem. É um jardim imenso que tem todas as suas flores e seus perfumes misturados.

Por isso, eu amava Roma. É o meu lugar de predilecção e se a terra fosse o nosso lugar de repouso, era lá que queria viver.

Roma, dizia o meu venerado mestre P. Dehaene, é um mar sem fundo. Descubrem-se sempre novos esplendores. Alcançam-se sempre novas graças.

#### *CORRESPONDÊNCIA*

Os meus antigos directores acompanhavam-me com solicitude sempre paterna. / (33) O Pe. Demiscelle, meu bom pároco de La Capelle, que foi depois Cónego de Soissons, o P. Dehaene e o P. Boute, meus antigos professores de Hazebrouck,



escreviam para me encorajar durante esse ano decisivo em que ia ser promovido às ordens sagradas. Confirmavam-me na minha confiança, na chamada divina.

“Segui-vos sempre com doce solícitude, escrevia-me Pe. Dehaene. Sempre me pareceu que Deus tinha desígnios particulares sobre vós. Eis-vos decididamente entrado no caminho luminoso e seguro. Só tendes que deixar-vos conduzir docilmente como pela mão: pois é a assim que a Providência vos conduz, mais que a qualquer outro... Desde há muito tempo eu vos recomendo a Deus com solícitude; quanto mais avançais para a época decisiva, mais estes meus votos são ardentes”.

O Sr. Demiselle escrevia-me em Dezembro: “É uma grande alegria para mim saber que ides receber o sub-diaconato. Porque não posso voar até Roma / (34) para estar no Sábado presente à ordenação. Vós sois feliz em poder fazer a Deus o sacrifício total de vós mesmo, para bem da sua Igreja num momento em que tudo parece conjurado contra esta Igreja e de fazê-lo nessa Roma contra a qual se desencadeiam sobretudo as portas do inferno, e quase sob os olhos dum Pontífice que será uma das glórias da Igreja. Vós sois feliz também por beber na nascente o espírito católico e eclesiástico mais puro, nessas fortes e luminosas doutrinas de que Roma detém o monopólio. Não vejo nada comparável ao ensino do colégio Romano. Dei uma vista de olhos aos tratados de Franzelin e fiquei admirado para além de tudo o que consigo dizer. Juntar-me-ei a vós durante o retiro preparatório da ordenação, para invocar sobre vós toda a abundância dos dons celestes, que vos façam saborear a graça de pertencer a Deus de corpo e alma e sem partilhas. A herança é bela e digna duma alma grande e dum coração delicado.” / (35)

O P: Boute mostrava-se particularmente paterno e afectuoso. Escrevia-me a 7 de Janeiro: “Recebei todas as minhas felicitações, pela vossa promoção ao sub-diaconado. Eis-vos portanto alistado irremediavelmente na santa milícia. Estou feliz por vós e por mim. Por vós, porque estou convencido que encontrareis nela plena e completa satisfação e que a vossa vocação é uma das marcadas com selo divino. Por mim, porque vos amo em Deus com todas as forças da minha alma... Vós sois chamado, meu caro amigo, a fazer muito bem, um bem considerável à Igreja com as vossas luzes e os vossos talentos. Porque não posso eu já ver-vos ao trabalho?! Mas vou ficando velho para experimentar essa felicidade. Foi por vós que começou a conversão do vosso pai, tão bom, tão leal, tão justo, e será por vós que se consumará a sua salvação eterna, como a

da vossa família. Sacerdote, vós exercereis sempre sobre ela uma grande e preciosa influência...”

E a 25 de Junho dizia-me: “Eis-vos / (36) então promovido ao diaconado. Quando a vocação é real, e a vossa foi rudemente provada, não há nenhum estado que ofereça mais satisfação e felicidade interior do que o estado eclesiástico. O que há de mais doce, de mais suave que a alegria do coração, a paz de alma daqueles que se deram a Deus completamente e para sempre! Não estou nada admirado de que o senhor vosso pai esteja já habituado à ideia de ter um sacerdote na família. Mais tarde, ele ficará orgulhoso disso! E depois, antes de mais nada, é preciso reconhecer aí o efeito da acção divina. Sacerdote, vós fareis um bem imenso à sua alma, e um bem igualmente considerável no seio da vossa família. Bendigamos, então juntos as disposições secretas da Providência, que vos chamou e vos fez chegar, apesar de tantos obstáculos à santa missão que Ela vos destina para o maior bem da Igreja e para o dos vossos.”

#### RETIRO

Não fora possível fazer o retiro em Outubro por causa da invasão garibaldina. Pudemos / (37) fazê-lo antes da Páscoa, de 6 a 9 de Abril. Foi o venerável superior dos Padres de Maria, de S. Laurent-sur-Sèvres, que o pregou. Era mesmo um homem de Deus. Era um belo velhote, cuja atitude modesta e recolhida valiam uma pregação. Pregou-nos um verdadeiro retiro de seminaristas, retiro calmo e devoto, próprio para nos conduzir à humildade, à devoção, ao amor do S. Coração e da nossa divina Mãe.

Eu gostava do seu primeiro texto: “*Dignos se (ipsa) circuit quaerens et in viis ostendit se illis hilariter, et in omni providentia occurrit illis*” (Sab. 6,17). Nosso Senhor nos procura para nos elevar até Ele. A sua providência é infinita e Ele tem para cada um de nós a mesma atenção como se fosse o único no mundo. A que perfeição Ele nos quer conduzir? O seu olhar, benevolente e amoroso, está voltado para nós; o seu olhar que arrasta Zaqueu a segui-Lo; o seu olhar que faz correr as lágrimas de Pedro, e que sustinha a esperança de Estevão no seu martírio...” / (38)

*Ensino sobre o pecado venial:* - “Motivos para tomar a firme resolução de evitar todo o pecado venial deliberado. 1º Motivos comuns com pecado mortal. É uma contradição à vontade clara de Deus e uma injúria feita a Deus. É uma ingratidão, nós recebemos tantos benefícios. É uma cobardia e uma infidelidade às promessas do nosso

batismo tantas vezes renovadas. É um esquecimento da Paixão do Senhor que sofreu também pelos nossos pecados veniais, sobretudo pelos das almas consagradas. -2º Motivos especiais: as penas do purgatório tão terríveis; a dificuldade de distinguir as faltas veniais das mortais (S. Agostinho); o perigo de cair pouco a pouco em faltas graves (*qui spernit modica...* Ecli. 19, 1); a necessidade de obter a graça de uma boa morte pelos nossos esforços e pela perfeição das nossas orações e das nossas obras; o amor de Nosso Senhor que tanto nos ama e que nos testemunha esse amor de mil maneiras. Depositemos esta resolução no Coração Imaculado de Maria”

*Instrução sobre a perfeição necessária aos padres: - “Estote perfecti sicut et Pater vester qui est in coelis perfectus est (Mt 5, 48). Nosso Senhor dirige estas palavras mesmo aos simples fiéis, que devem abster-se de todo o pecado e fazer o bem. Com muito mais razão elas dirigem-se aos padres que devem ser ainda mais santos do que os religiosos que, pelos seus votos, se comprometem somente a tender à perfeição. A santidade que o padre deve ter, é-nos indicada pela Escritura: Sancti estote, quia ego sanctus sum (Lev 11,44). E contudo, o sacerdócio da antiga lei era somente a sombra do da nova lei. / (157) S. Paulo descreve a Timóteo e a Tito a santidade dos bispos e dos padres: irreprehensibilem, sanctum... (1Tim 3,2; Tit 1,8). Os Padres exaltam-no até aos céus em mil passagens. A Igreja, sem nada exagerar, exige dos próprios clérigos uma grande perfeição: quis ascendet in montem Domini?... (Sal 23,3). Na verdade, o padre deve falar aos fiéis a palavra de Deus; ele trata com Nosso Senhor no altar com uma intimidade mais que fraterna; ele é o modelo do povo, luceant opera vestra Bona (cf. Mt 5,16) - Defeitos a evitar no caminho da santidade: a procura das consolações, consideremos a agonia de Nosso Senhor; o voltarmos sobre nós próprios, para considerar os nossos progressos, / (40) humilhemo-nos continuamente; o desânimo nas tentações, sufficit tibi gratia mea (2Cor 12,9); o desânimo depois das faltas, recomeçar sempre com coragem e perseverança: dixi, Nunc coepi (Sal 76,11).*

2º dia: Justiça e caridade: "Indicabo tibi, o homo, quid sit bonum et quid Deus requirat a te: utique facere iudicium et diligere misericordiam et sollicitum ambulare cum Deo tuo (Miq 6,8). Julgar-te honestamente, tendo o teu corpo por vil, rebelde e corrupto, tendo a tua alma por grande, feita à imagem de Deus, redimida com o sangue de Jesus Cristo, ungida pelo Espírito Santo; estimando no seu verdadeiro valor a vocação sublime e a responsabilidade que tens por ela diante de Deus e diante dos homens, coisa que te

obriga a uma santidade altíssima e a uma pureza angélica. - Praticar misericórdia para com o próximo nos teus pensamentos, nos teus juízos, nas tuas palavras e nas tuas acções. - Caminhar em união com Deus colocando n'Ele toda a tua força". Substantia mea... nihilum ante te (Sal 38,6)".

Instrução sobre a humildade. - "Discite a me quia mitis sum et humiles corde" (Mt. 11,29). A humildade é necessária como a graça para a salvação: sine me nihil / (41) potestis facere (Jo 15,5). - Superbis resistit, humilibus dat gratiam (Tgo 4,6). Ela é necessária como a oração; porque a verdadeira oração é uma humilhação: Oratio humiliantis se nubes penetrabit (Ecli. 35,21). - De profundis clamavi... (Sal 129,1). Ela é o fundamento de todas as virtudes que, sem ela, são somente exteriores e mesmo perigosas. Ela é necessária especialmente para os padres, porque orgulhar-se das graças e dons sobrenaturais de Deus é mais odioso ainda do que orgulhar-se dos dons e vaidades da natureza. - Para nos entranharmos de humildade, consideremos o que nós fomos, o que somos e o que poderíamos vir a ser. No passado, quantas misérias, quantas revoltas contra Deus! No presente, incertezas sobre o nosso estado, embora tenhamos de confiar sempre; nada de nós mesmos, corrupção da nossa natureza, como exprimiam os Santos quando eram inspirados a falar de si mesmos: nada mesmo com a graça de Deus que não é mais do que uma centelha do sol de justiça. No futuro, nós podemos cair muito baixo, sobretudo pelo amor-próprio e pelo orgulho. - Na prática, humilhar-se frequentemente diante de Deus, / (42) como S. Francisco de Borja. Em nós mesmos, afastar as tentações de amor-próprio, aproveitar ocasião disso para nos humilhar; diante dos homens, evitar primeiro a maledicência, fruto do amor-próprio, saber calar-se e duvidar de si mesmo... mas não se privar do bem por falsa humildade: videant opera vestra bona (Mt. 5,16). In omni Christi ministro, necessaria sunt duo: humilitas, qua se suo ministerio iudicet indignum; fiducia in Dei virtute, qua libere et audacter agat in Dei nomine et auctoritate" (1Tim 4,7)

*Instrução sobre a meditação:* - "*Exerce... teipsum ad pietatem*" (1Tim 4,7). A meditação é o principal exercício de piedade. Ela é quase tão necessária como a oração vocal, pois sem meditação não sabemos nem o que devemos pedir, nem como o devemos pedir (S: Afonso Maria de Ligório; Sta Teresa). Para os padres ela é a única nascente do espírito de fé e da união da caridade. Só ela pode tornar fecundo o seu

ministério. Ela alimenta a caridade. / (43) *“In meditatione... exardescit ignis”* (Sal 38,4). É inútil pretender que não se tem tempo. Deve-se ter o tempo para Deus e encontra-se-o abundantemente. - Se alguém diz que aí não se faz nada, ou isso é involuntário e então não há menor mérito; ou então é voluntário e não se deve abandonar a meditação mas corrigir-se... Que a nossa meditação seja sempre preparada. Não nos agarremos rigorosamente ao método que adoptámos, se o Espírito Santo nos comunicar as suas luzes sem nos pedir uma grande actividade”.

3º dia - *Confiança em Deus e desapego das criaturas*: - *“Deus cumulabit eos qui ambulant in innocentia sua: beati qui sperant in eo.”*<sup>143</sup> Embora os padres se percam facilmente, até a maior parte, segundo S. João Crisóstomo, Deus oferece-lhes um meio de salvação fácil e fecundo: desfazer-se de todas as inclinações da natureza corrompida, ou pelo menos esforçar-se por isso incessantemente e pôr n’Ele a sua esperança. Vivamos na Terra como nela vivia Nosso Senhor e unicamente para glória de Deus. A nossa pátria está no céu”.

*Instrução sobre o amor de Nosso Senhor*. - *Manete in dilectione mea* (Jo 15,9) *Diligamus Deum quia / (44) prior ipse dilexit nos* (cf.1Jo, 4,10). Meditemos a Paixão de Nosso Senhor, as suas ignomínias, a sua cruz: Ele foi elevado da terra para nos atraír a Ele. Consideremos o seu amor por nós no céu: *semper vivens ad interpellandum pro nobis* (Heb 7,25); e na Eucaristia... Amemo-Lo para repararmos o ódio dos Judeus, o esquecimento dos próprios cristãos e dos maus padres, e para reparar todo o esquecimento e a frieza da nossa vida passada. Amemo-Lo, Ele é a fonte de todo bem: *Se vós Me amardes, Meu Pai vos amará e vos abençoará e nós faremos em vós a nossa morada* (cf. Jo 14,21-23). Amemo-Lo observando os seus mandamentos, pensando n’Ele muitas vezes. A meditação da sua Paixão seja o nosso alimento. Amemo-Lo fazendo tudo para sua glória e sofrendo de boa mente por Ele. Amemo-Lo pelo seu próprio Coração que é o nosso; somente através do seu Coração poderemos louvar e amar o seu Pai. - Demos graças a Deus, pelo Coração de Jesus, pelos seus dons admiráveis.”

---

<sup>143</sup> “(Deus) non privabit bonis eos qui ambulant in innocentia. Domine virtutum, beatus homo qui sperat in te” (Sal 83,13).

*Instrução sobre a união com Maria:* - “*Ecce Mater tua*” (Jo 19,27). João representava de uma maneira especialíssima os sacerdotes aos pés da cruz. / (45) Maria é nossa mãe, devemos amá-la como se ama uma mãe. *Ecce filius tuus* (Jo 19,26): que amor para conosco essas palavras devem ter acendido no seu coração! Todos lhe devemos alguma graça de eleição. Ela é o canal e a mediadora de todas as graças (S. Bern., S. Alfonso de Liguori, S. Cirilo no Concílio de Éfeso)<sup>144</sup> “*Como Deus quis dar-nos por ela*, diz Bossuet, *a fonte de todas as graças, é de crer que Ele nos queira comunicar por ela todos os seus benefícios*”. Nós precisamos da sua mediação as nossas ordenações, para reparar as nossas faltas passadas, para o nosso ministério futuro, nos perigos, especialmente na morte. Ela nunca é invocada em vão. Sejam muito fervorosos na recitação do Terço, na pregação, na propagação da sua devoção; enfim, vivamos em união com o seu coração, para estarmos mais unidos ao Coração de Jesus. *Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus, tudo a Deus e só a Deus por toda a eternidade.* - Coloque no vosso Coração, ó Maria, as resoluções deste retiro, ofereci-as a Jesus e alcançai-me a graça de as pôr em prática. / (46)

Era mesmo um retiro do S. Coração, e o Senhor me fazia fazer o meu noviciado e preparava-me para a minha vocação especial.

#### *EXCURSÃO A SUBIACO*

Nas férias da Páscoa, fui com alguns piedoso condiscípulos fazer uma engraçada peregrinação a Sabina. Precisávamos de ar e de movimento. Duas coisas nos atraíam, Nossa Senhora de Vicovaro e as recordações de S. Bento em Subiaco. Eu conservava também os meus gostos de turista, porque via nas viagens uma fonte inesgotável estudo.

Passámos em Tívoli (Tibur), outrora residência dos grandes e dos poetas. O guia Joanne indica-nos bem as cascatas, os templos antigos de Hércules e da Sibila, com as grutas pitorescas das Sereias; mas ele esquece de nos lembrar o que é mais bonito do que isso tudo, o martírio corajoso de S. Sinforosa e seus filhos. Sinforosa, nobre romana, viúva do tribuno Gétulo, que já tinha sido mártir de Jesus Cristo, foi denunciada ao imperador Adriano. Este príncipe, cujo amor pela arte não o preservava da crueldade, queria / (47) obrigar Sinforosa a sacrificar a Hércules. E como ela lhe respondeu resoluta que antes queria morrer por Jesus Cristo do que sacrificar aos demónios, fê-la precipitar

---

<sup>144</sup> Cf. notas 1 e 2 Caderno VI, p. 21.

numa voragem cavada pelo Ânio<sup>145</sup>, depois de a ter mandado suspender pelos cabelos por cima do precipício para tentar abalar a sua firmeza. Mandou depois plantar sete estacas à volta do templo de Hércules e amarrar a elas os sete filhos de Sinforosa e abandonou-os aos carrascos. Sinforosa e os seus filhos são honrados na igreja principal de Tívoli e as suas preciosas relíquias são veneradas em Roma na Igreja de S. Ângelo-in-Pescheria. Estas piedosas lembranças comoveram-nos mais, em Tívoli, do que as tradições pagãs.

Mais acima no vale do Ânio, encontrávamos Vicovaro. É a antiga Vara<sup>146</sup>, com muros pelásgicos com os seus costumes de antanho: os homens com casacos azuis, jogando ao disco; as mulheres indo à fonte buscar água e trazendo-a à cabeça num elegante vaso de cobre. / (48) Não será Joanne que indicará em Vicovaro o santuário milagroso de Nossa Senhora. A devota imagem é daquelas que, em diversas ocasiões, moveram os olhos e anunciaram com sinais de tristeza flagelos públicos iminentes. A Igreja ratificou essas maravilhas instituindo a festa de Nossa Senhora dos Milagres. Tais factos renovavam-se em 1868. Creio ter visto também eu a maravilhosa Senhora levantar os olhos ao céu e baixá-los para nós. Fiquei vivamente impressionado, mas estes milagres não comprometem a fé cristã.

Subiaco! A Itália não oferece nada de mais interessante e de mais impressionante: esta garganta selvagem onde o Santo fundador dos monges do Ocidente fundara doze abadias<sup>147</sup>; esta gruta aberta no flanco dos rochedos onde o piedoso anacoreta se tinha primeiramente retirado a exemplo do Salvador, que tinha também procurado a solidão do monte da Quarentena!

Subiaco tem dois santuários: o mosteiro de Santa Escolástica, no / (49) estreito vale do Ânio, e mais acima no flanco dos rochedos as grutas do Sacro Speco.

Em Santa Escolástica, a igreja é do século XVII. As capelas laterais dedicadas a S. Bento, a S. Mauro e a S. Plácido, ocupam o lugar das celas desses Santos. Um pintor da escola de Overbeck representou-os aí com total inspiração cristã. Debaixo do transepto, uma cripta antiga possui o corpo do venerável Beda<sup>148</sup>. Ela é ornada com frescos da

---

<sup>145</sup> É o nome do antigo do rio *Aniene*, afluente do Tibre.

<sup>146</sup> Vária-antiquíssima cidade dos Equos, conquistada pelos Romanos.

<sup>147</sup> Dos treze mosteiros fundados por S. Bento na região de Subiaco, só fica o de Santa Escolástica.

<sup>148</sup> As relíquias de Beda, desde cerca do ano 1020, encontram-se quase certamente na catedral de Durham (Grã-Bretanha).

escola de Giotto. Um claustro do século XIII faz lembrar os de S. Paulo e de S. João de Latrão. As colunitas estão unidas duas a duas ou quatro a quatro, alternadamente.

O *Sacro Speco* lembrava-me o convento grego do Megaspilion<sup>149</sup>. É um conjunto de santuários irregulares, construídos desde o V até ao XIII século e como que pendurados nos flancos das montanhas. A igreja superior tem três intercolúnios do século XIII. Perto dela, um pátio onde os monges criam corvos, em lembrança daquele que alimentava o Santo anacoreta. Uma / (50) estátua do Santo está virada para os rochedos ameaçadores. O Santo parece estar a dizer estas palavras escritas no seu pedestal: “*Ferma, rupe, noli dannegiare ai figli miei*”<sup>150</sup>. A Igreja inferior é de estilo bizantino. Ela engloba o *Sacro Speco* propriamente dito. Aí viveu o santo. Está representado por uma bela estátua da escola de Bernini<sup>151</sup>. É jovem, bonito, na atitude da oração penitente. Um pouco mais abaixo S. Bento ensinava os pastores do vale. Uma moita de roseiras, num terraço recorda as mortificações heróicas com que S. Bento afastava o demónio. Estes santuários têm um encanto vigoroso. Sente-se aí a influência da graça. Provam-se aí as impressões do Tabor; dir-se-ia aqui com, gosto: *bonum est nos hic esse* (Mc 9,4).

Voltámos pelas serras, passando por Affile, Olevano e Gennazaro (Genazzano). Os caminhos por lá são pouco seguros e as populações fazem lembrar os primeiros companheiros de Rómulo. Essas aldeias são ninhos de águia / (51) alcandorados sobre rochedos. Visitei também Palestrina, a antiga Proeneste. As suas recordações mais comoventes são as de Santo Agapito, o jovem mártir de 15 anos, de nobre família, que responde audazmente ao imperador Aureliano e que suporta heroicamente os mais cruéis suplícios: o fogo, a água a ferver, os leões. As feras são-lhe mais clementes que os seus juizes. Estas recordações são mais interessantes que as ruínas do templo de Neptuno, perto do qual o jovem santo prestou o seu testemunho a Cristo. Este amável pequeno santo é honrado até no Norte da França como o protector das crianças.

---

<sup>149</sup> Megaspiléon, cf. NHV, III, pp. 39-41

<sup>150</sup> “Pára, rochedo, não faças mal aos meus filhos.” A estátua do séc. XIX, encontra-se no jardim dos corvos. O braço está estendido em direcção ao rochedo do monte Taleo, do qual está como que pendurado o santuário do *Sacro Speco*. (N. T. - Esta frase é uma mistura de latim e de italiano!... S. Bento falava ainda latim perfeito, embora evoluindo o latim de Cícero. Italiano não falava certamente)

<sup>151</sup> É a obra de António Raggi (1657).



## O MEU DIACONADO

De 29 de Maio a 6 de Junho, fiz o meu retiro de ordenação. Dias deliciosos; é ainda uma graça para mim renovar as suas recordações.

Notas de 29 de Maio: *“Causa Martyrem facit; ubi autem persecutionis causa non imminet, pia in seipsum crudelitas et desiderium patiendi, vicem, martyrii recompenset”*<sup>152</sup>(Pet. Bles.). Era esse o meu desejo. / (52)

Oração: Nosso Senhor convida-nos a receber dele uma nova graça, depois das graças da criação, da vocação ao cristianismo e ao estado eclesiástico. Não podemos nada para responder a tão grande dignidade: deixemos agir o Senhor, dando-Lhe sem reservas todo o nosso espírito e todo o nosso coração.

Nós devemos ter progredido cada dia, desde a recepção da tonsura, na renúncia e na abnegação, na estima da nossa vocação e na aquisição das virtudes. O desapego deve ter suprimido em nós todo o pensamento, toda a afeição, toda a acção que não seja animada pelo Espírito Santo. Nós somos chamados a sermos instrumentos de graça pela nossa vocação. Todos os meus actos devem santificar as almas, tanto *ex opere operato* nos sacramentos, como pela providência sobrenatural de Deus *ex congruo*, que nos destina a servir de mestres, de modelos e de instrumentos de mérito, e nos distribui as graças para esse efeito. - Preocupava-me o pensamento do futuro: estava eu destinado ao estudo ao à acção. Sobre estes assuntos anotei os pensamentos seguintes de Santo Agostinho e de S. Gregório Magno. / (53) *“Otium sanctum quaerit charitas veritatis; negotium justum suscipit necessitas charitatis. Quam sarcinam si nullus imponit, percipiendae atque instruendae vacandum est veritati; si autem imponitur, suscipienda est propter charitatis necessitatem (St<sup>o</sup>. Agostinho)*<sup>153</sup>. Felizes tempos, aqueles em que a Igreja rica em ministros, pode deixar um certo número deles entregar-se livremente ao estudo da verdade!

---

<sup>152</sup> Nt “O martírio faz o mártir, mas onde não há perigo iminente de perseguição, a piedosa crueldade para consigo mesmo e o desejo de sofrer, substituem o martírio.”

<sup>153</sup> (O amor da verdade procura o repouso santo; a necessidade da caridade aceita um trabalho justo. Se ninguém nos impõe esse encargo, devemos entregar-nos a perceber e a ensinar a verdade; e se nos é imposto, devemos aceitá-lo pela necessidade da caridade) *De Civitate Dei, livro 19, cap.19.*

*“Isaias qui mitti voluit, ante per altaris calculum se purgatum vidit, ne non purgatus adire quisque sacra ministeria audeat. Quia ergo valde difficile est purgatum se quemlibet posse cognoscere, praedicationis officium tutius declinatur”<sup>154</sup> (S.Greg.Past.).*

Outra oração - *“Suscitabo mihi sacerdotem fidelem iuxta cor meum”* (1Rs 2, 35). *Chamá-lo-ei*, diz o Senhor, *para Mim e segundo o meu Coração*. Já devemos ter mostrado esta fidelidade nas ordens menores. O espírito destas ordens deve permanecer em nós. Ele consiste em cuidarmos das coisas do Senhor e de todas as funções do seu culto, em ler e meditar a palavra de Deus, interpretada pela voz interior do Espírito Santo; / (54) em nos tornarmos triunfadores do demônio, especialmente mantendo-nos unidos a Deus, para não lhe darmos presa sobre nós; em oferecer-nos incessantemente a Deus como vítima que Lhe seja agradável e edificar o próximo pelo nosso exemplo e pelas nossas boas obras.

*30 de Maio*. Maria, após à Ascensão de Jesus, estava com os apóstolos como seu guia e conselheiro. Já cheia da graça do Espírito Santo desde a sua Conceição, ela recebera um aumento maravilhoso de graça em cada mistério da vida e da morte de Jesus. O Espírito Santo, seu esposo, acabou de adorná-la e de enriquecê-la com os seus dons no Cenáculo. Ele irradiou dela, como da sua fornalha, sobre os apóstolos. Por ela também nós alcançaremos os seus dons e as suas luzes”

*2ª Oração: - Tuli levitas de filiis Israel... et erunt levotae mei* (Nm. 3, 12). (escolhi levitas de entre os filhos de Israel, e serão os meus levitas) Deus escolheu-nos e elegeu-nos para Lhe pertencermos. Pelo sub-diaconado comprometemo-nos a servi-l’O com pureza de alma e de corpo. Manteremos esta pureza pela união com Deus, pelo desapego do mundo e pela oração. Pelo Sub-diaconado, também nos tornámos homens de oração; e para que a nossa oração seja verdadeira, recolhida, religiosa, é necessário que sejamos homens de oração e que nos estabeleçamos num estado habitual de união com Deus...

*3ª Oração: Considerate viros boni testimonii, plenos Spiritu Sancto et sapientia* (cf Act 6,3) (Escolhei homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria). Sejamos puros como convém àqueles que se aproximam do Santo dos Santos e que

---

<sup>154</sup> Nt Isaías, que quis ser enviado, viu-se primeiro ser santificado com uma brasa do altar, para que ninguém ouse apresentar-se aos ministérios não purificado. Portanto, sendo muito difícil que alguém possa saber se está purificado, é mais seguro renunciar ao ministério da pregação.

tratam familiarmente com Deus. *Estote nitidi, mundi, puri, casti*, sem sombras, totalmente iluminados por Deus, pela sua luz sobrenatural. Sejam vasos puros e cheios do Espírito Santo, purificados pelo fogo do amor divino e cheios pela graça, pelas virtudes e pelas obras”.

31 de Maio - *Emitte Spiritum tuum et creabuntur...* (Sal. 103,30). O Senhor tinha escolhido apóstolos pobres e ignorantes, e alguns até grandes pecadores. Durante três anos eles ouviram a sua doutrina e viram os seus exemplos, mas não O compreendiam. Porém, quando veio o momento pregar a sua ressurreição e de levar aos povos a palavra da salvação, Ele revestiu-os com a força do alto. Roguemos a Maria e aos apóstolos que peçam para nós essa nova criação das nossas almas, a força, a pureza, o zelo, a sabedoria e um ministério fecundo. - / (56) *Et coeperunt loqui*. Os apóstolos, os diáconos e os primeiros cristãos começaram a falar no Espírito Santo, conforme os deveres do seu estado, uns pela pregação, todos pelo bom exemplo. Regulemos todas as nossas palavras segundo o Espírito Santo; que elas sejam edificantes, caridosas e cheias de zelo. Eles começaram a praticar todas as virtudes sem fraqueza e sem relaxamento: imitemos a sua fé, a sua caridade, a sua humildade. E seguiram Jesus até à morte. - Quanto a nós, que uma piedosa mortificação e uma perfeita resignação à vontade de Deus substitua o martírio”.

1 de Junho - *Oportet diaconum ministrare ad altare, baptizare, praedicare* É preciso que o diácono se deixe penetrar pelo espírito do Senhor e se disponha a exercer as suas funções no mesmo espírito com que o Senhor cumpria os seus deveres para com o Pai e santificava as almas. São funções divinas: o estado habitadas nossas almas deve ser conforme a este espírito.

2ª Oração: *Quid est dignitas in indigno, nisi ornamentum in luto? - Elegit Deus in ipso ante constitutionem mundi, ut / (57) essemus sancti et immaculati.* (cf. Ef. 1,4). Deus elegeu-nos eternamente no seu Filho, pelos seus méritos, na sua Igreja, em união com os seus santos discípulos, para que sejamos santos: *erit sanctum Domino* (cf Lc. 2,23). Desde o nosso baptismo nós fomos marcados com este sinal, e Deus dignou-se perdoar-nos de ter violado o templo do Espírito Santo. Ele chama-nos à santidade n’Ele, na contemplação dos seus mistérios de amor, na união com Ele.

3ª Oração: *Obsecro igitur primum fieri obsecrationes, orationes, postulationes, gratiarum actiones pro omnibus hominibus* (cf. 1Tim 2,1). Sejam homens de oração como Nosso Senhor, representado pelo Sumo-sacerdote Onias que Judas Macabeu viu

em visão. *Jesus erat pernoctans in oratione (Lc. 6, 12)*. Ele continua no céu: *semper vivens ad interpellandum pro nobis (Heb. 7,25)*; e na Eucaristia. Acendamos o incenso das nossas orações no fogo seu amor.”

2 de Junho – “Nosso Senhor é o modelo perfeito da vida interior pela sua união perfeita com o Pai. Imitemo-lo com a união interior, fiel e doce, com o seu Coração e a sua vontade, e com a vontade do seu / (58) Pai. Esta união é a fonte da paz da alma e da caridade pura, discreta, generosa para com o próximo.

2ª Oração: *Rape ad amorem quos potes et dic eis: amemus et redamemus, meliorem invenire non possumus*. Contemplemos com amor a Nosso Senhore aos seus Santos: *Meliorum non invenimus*. Nada de melhor que as suas perfeições, as suas virtudes, as suas graças, o seu amor. Façamos de modo que seja amado, pelos nossos exemplos, pela nossa conversa edificante, pela nossa união com Ele que torna fecundas todas as nossas obras.

3ª Oração: A dignidade do sacerdote no santo Sacrifício é superior à dos Anjos, e a sua santidade deve ser proporcionada a ela. As suas mãos seguram familiarmente o próprio Senhor. Os seus lábios pronunciam palavras que têm uma virtude divina. Para nos preparar a essa dignidade, deixemos o Senhor viver em nós e renunciemos a qualquer vida própria”.

3 de Junho – “O padre é comparado a uma cidade construída sobre uma montanha, a uma luz posta no alto dum candelabro. Ele deve ser o exemplo e o modelo dos fiéis. / (59) *Esto exemplum fidelium – Adolescentiam tuam nemo contemnati* (cf. 1Tim 4,12) – *Esto bonus odor Christi Deo* (cf. 2Cor 2,15). As nossas forças não têm nenhuma proporção com as suas grandezas, mas Deus está connosco. Com a ajuda de Deus os apóstolos fundaram a Igreja; Agostinho arrancou a África à heresia; Carlos, Borromeu reformou e conservou a fé no Milanês; Francisco Xavier converteu 20 reinos; Francisco de Sales reconduziu à Igreja 70.000 hereges. Como eles deixemo-nos conduzir pelo Espírito Santo. Ele presentemente só pede que sejamos bons seminaristas.

3ª Oração: *Eripuit nos a potestate tenebrarum, transtulit nos in regnum Filii dilectionis suae* (cf. Col 1,13). O Senhor arrancou-nos ao pecado e à perdição à custa da sua Paixão, e adquiriu-nos um tesouro de misericórdia, ao qual nós tivemos de recorrer muitas vezes depois das nossas quedas. Ele oferece-nos novamente o perdão, contanto que o amemos”.

4 de Junho - “A união interior com o Senhor é o começo da vida do céu. Conservemo-nos nesta união do coração e da vontade com Ele. Alimentemo-la contemplando, muitas vezes, os seus actos interiores e os de Maria.

2ª Oração: *Quis stabit in loco sancto ejus? Innocens manibus et mundo corde* (Sal 23,3-4) – Como esta pureza é necessária para os que vivem ao serviço de Deus! Os que nesta vida amam somente o Cordeiro sem mancha, segui-lo-ão no céu por toda a parte onde Ele for. *O quam pulchra est casta generatio cum claritate* (Sab 4,1 ).

5 de Junho - *“Isti sunt ministri verbi, adjutores Dei, oraculum Spiritus Sancti”* (S. Próspero). Que dignidade admirável! - *Sicut misit me Pater, et ego mitto vos* (Jo 20,21). É a mesma missão, o mesmo sacrifício a oferecer, a mesma doutrina a pregar. E não foram anjos que Nosso Senhor escolheu para este ministério, mas homens fracos! Mas tenhamos confiança, Ele dar-nos-á a Sua força: *induamini virtute ex alto* (Lc 24,49). Foi Ele que nos chamou: *non vos elegitis me, sed ego elegi vos* (Jo.15, 16). Mostremo-nos dignos, com a sua graça, deste ministério mais que angélico. *Honorifico ministerium meum* (cf. Rm 11,13). Nós representamos o Senhor: que Ele viva em nós, que Ele pense, ame, reze, fale, opere em nós!

- *Santificamini, cras enim Dominus faciet / (61) mirabilia inter vos* (Jos 3,5 ). O Senhor dir-nos-á: *ascende superius* (Lc 14,10). Nós seremos de novo consagrados a Ele: *Qui consecrati sint, sancti sint, quia ego sanctus sum* (cf. Lev. 21,7-8). Deus escolheu-nos entre mil, arranca-nos ao nosso nada e eleva-nos a essas dignidades sobrenaturais. Para correspondermos nós temos a sua graça: *Confidite, ego vici mundum* (Jo 16,33), e a assistência do seu amor perseverante: *Pater mi, sanctifica eos in veritate* (Jo. 17, 17).

6 de Junho - É o grande dia da ordenação. Tomo a resolução de me ligar sempre mais a fazer a vontade de Deus, vivendo na sua presença e não tendo outro desejo senão a sua glória. - Não me procurar por nada a mim mesmo. - Fazer em tudo, o que der mais honra a Deus.

Para conformar-me à vontade de Deus, *unir-me-ei ao Coração Sagrado de Jesus*, seguindo doce, paciente e amorosamente a providência de Deus e a inspiração do Espírito Santo, como Nosso Senhor nos deu o exemplo mais sublime e perfeito na sua Paixão: *obediens usque ad mortem* (Fil. 2,8).

O ministério do diácono no altar é muito parecido com o de José em Nazaré. O diácono aproxima-se de Nosso Senhor, cobre e descobre o seu precioso sangue e

transporta-o nas suas mãos. Este ministério requer uma pureza angélica sobre a qual é preciso velar dedicadamente, e que é preciso defender com uma verdadeira mortificação.

Nosso Senhor urgia comigo cada vez mais para que me unisse ao seu Coração sagrado. É o resumo de todas as luzes deste ano. Eu formulava-o assim: “Unamo-nos sempre mais *praticamente* ao S. Coração de Jesus. Quanto está longe, o nosso espírito, da pureza, da dignidade, da santidade dos pensamentos, dos desejos, dos afectos de Nosso Senhor! Para deixá-Lo viver em nós, destruamos os obstáculos, o amor-próprio, e toda a concessão feita aos sentidos!”

#### *FIM DO ANO LECTIVO: CONCURSOS - EXAMES*

No dia 29 de Junho de 1868, festa de S. Pedro, um decreto do Sumo Pontífice convocava o Concílio para o dia 8 de Dezembro de 1869.

Particpei nos concursos e exames do fim do ano, e Deus abençoou o meu trabalho. Fiquei Bacharel em Teologia, ganhei o primeiro prémio de Teologia / (63) dogmática (curso da manhã), o 1º *accessit* de dogma para os cursos da tarde, e o 1º prémio da Academia de moral.

Passei as férias em religioso repouso em La Capelle, mas o Senhor preparava-me uma grande graça. Os meus pais iriam comigo a Roma para o começo das aulas, em Outubro, e assistiriam à minha ordenação sacerdotal que seria antecipada alguns meses. Em Outubro, fui rever os meus amigos de Flandres.

Foi na primavera desse ano 1868 que o pobre Pe. Jacinto pregou a Quaresma em Roma. Segui essa pregação. Os seus discursos eram muito literários, a sua dicção teatral. Não se augurava nada de bom da sua atitude pretensiosa. Pio IX chamava-lhe “Un predicatore alla moda”. O seu orgulho estragava todas as suas boas qualidades.

No mês de Março, Palustre tinha vivido em Roma. Escrevia o seu livro: “De Paris a Sybaris” em que as cartas me eram dedicadas. Tentei fazer-lhe modificar algumas reflexões dissonantes.

## IV Ano lectivo: Roma, 1868 - 1869

### Preparação do Concílio

#### VIAGEM

Partimos de La Capelle a 22 de Outubro, com os meus bons pais, para chegar a Roma só a 2 de Novembro. Devia fazer-lhes ver, pelo caminho, algumas cidades, e fazer com eles a peregrinação do Loreto.

Os elementos conspiravam contra nós: os rios tinham transbordado no nosso percurso e as pontes arrancadas. A nossa viagem foi interrompida três vezes. Na subida ao Monte Cenício tivemos de fazer uma longa caminhada a pé por causa da cheia do Arco e duma rotura na estrada. De Turim a Milão, foi preciso fazer um desvio para evitar as inundações do Ticino. De Pádua a Ferrara, também, o Pó saíra das margens e estragara a estrada e obrigou-nos a fazer 14 quilómetros em Patacho / (65) (= barçaça alfandegária). Todavia os nossos bons anjos conduziram-nos felizmente ao fim da viagem.

#### LIÃO

A nossa primeira paragem foi em Lião. Ru já visitara Lião com meu irmão e minha cunhada, na altura do seu casamento, fazendo uma viagem à Suíça, de que não falei nos cadernos precedentes. Voltaria muitas vezes a ver Lião, e sempre com alegria profunda por causa do seu belo santuário de Maria e das suas grandes recordações religiosas.

Lião ocupa um dos primeiros lugares entre as cidades francesas não só pela grande população, pela sua beleza, riqueza e aspecto pitoresco, mas especialmente pelo seu cunho cristão. É a cidade de Maria e dos grandes mártires Gauleses. Invoca, por padroeiros, Nossa Senhora de Fourvières (de “foro vetere”), a Virgem do velho forum<sup>155</sup>, e S. João Baptista, titular da Catedral, e os mártires: S. Potino, Santo Ireneu santa Blandina e seus companheiros. / (66)

---

<sup>155</sup> Nossa Senhora de Fourvières - a capela de Fourvières - ocupa o lugar do antigo foro de Trajano ( Forum vetus), que foi testemunha do martírio de S. Potino, bispo de Lião.

A nossa primeira visita foi para Fourvières. Aí a nossa Boa Mãe fala realmente ao coração e dá confiança. Ela salvou tantas vezes Lião das inundações, da cólera e de tantos outros perigos; ela dispensou tantos benefícios aos seus peregrinos. - Que lindo panorama também lá do alto, desde os montes de Auvergne até aos cimos nevados dos Alpes!

As igrejas de S. João, Santo Ireneu, S. Nazário, e Nossa senhora de Ainay lembram os primeiros séculos cristãos. A primacial de S. João, bela igreja do século XIII é inferior às nossas belas catedrais do Norte. Ela contém o coração de S. Vicente de Paulo e um tesouro de relíquias incomparáveis. Nela se realizou o Concílio Geral de 1274, para a reunião das Igrejas Latina e Grega.

A cripta de S. Nizário é o modesto santuário onde S. Potino celebrava os santos mistérios.

A cripta de Santo Ireneu é do século II. Encerra os sepulcros de Santo Ireneu, de santo Epípedo e de Santo Alexandre com as ossadas dos 19.000 mártires imolados em Lião por Septímio Severo, misturadas contudo com ossadas profanas pela infame Revolução.

Nossa Senhora de Ainay tomou o lugar do templo de Augusto e de Roma, do qual conservou algumas colunas. Na sua cripta foram aprisionados S. Potino e santa Blandina.

Lião tem uma jovem escola de arte religiosa que se gloria sobretudo com os nomes de Flandrin, Bossan, Fabisch, Bonassieux, Caillot. É na igreja de Ainay que se deve estudar Flandrin, o Beato Angélico do nosso século. Bossan é um dos raros arquitectos originais do século XIX. Tinha-se treinado desenhando vários altares; construiria a nova basílica de Fourvières. Várias igrejas de Lião têm esculturas de Fabisch e de Bonassieux. Caillot é o rei da ourivesaria religiosa. / (68)

Os paços do Concelho são um dos mais belos edifícios do século XVII. Meus pais visitaram nele com prazer os ricos apartamentos imperiais.

O museu interessou-nos vivamente. Devem-se ver os seus grandes mosaicos romanos que atestam o esplendor da antiga cidade gaulesa, e alguns quadros de primeira ordem. A obra-prima do museu é a Ascensão de Perugino, quadro que vem da catedral de Perúcia. Adivinham-se nele todas as grandes qualidades de Rafael, discípulo de Perugino. O S. Francisco de Assis, de Zurbarán, representa bem a austeridade e a



profundidade da escola espanhola. Os vendilhões expulsos do templo, de Jouvenet, faziam companhia a outros quadros do mesmo mestre, na abadia de S. Martinho dos Campos, em Paris. O “Dante guiado por Virgílio no inferno” é um dos mais belos quadros de Flandrin. Ele é anterior às suas belas composições de Ainay, S. Germain-des-Prés e de S. Vicente de Paulo.

#### *CHAMBÉRY*

A nossa segunda etapa foi Chambéry. / (69) A sua catedral do século XV carece de amplidão. É demasiado Italiana e demasiado variegada. Decididamente a pátria do mais puro estilo ogival é o centro da França. O castelo dos duques de Saboia é bem colocado sobre a ribeira. Foi modernizado demais. Deve-se usar a fantasia para lhe restituir o seu cunho antigo. A Santa-Capela conservou uma deliciosa ábside ornada com ricos vitrais.

#### *TURIM*

No dia seguinte, estávamos em Turim. A minha boa mãe aponta nas suas notas sobre Turim o palácio, a catedral, os museus e a pia obra de Maria Auxiliadora. É o que Turim oferece de mais interessante. De resto, Turim é uma cidade totalmente moderna. O que ela tem de mais antigo é o Castelo do século XV que tem uma certa classe, embora seja todo em tijolo.

Em Turim, tudo atesta a religiosidade da antiga casa de Sabóia. A cidade permaneceu devota e dedicada às boas obras. / (70)

O peregrino deve visitar a catedral, Nossa Senhora da Consolata, o santuário de Superga, Maria Auxiliadora, a Visitação, o hospício do Cottolengo e o Corpus-Domini.

A Sé possui o Santo Sudário de Nosso Senhor, uma relíquia maravilhosa, toda manchada do sangue redentor. É o sudário principal do Salvador. Besançon tem outro. Cadouin, no Perigord, tem o sudário da cabeça do Senhor. A capela do Santo Sudário é do estilo bizarro do P. Guarini, que construiu também a igreja de S. Lourenço e o palácio Carignan. Ela tem grandiosas colunas de mármore negro e uma cúpula toda perfurada.

Nossa Senhora da Consolata é o Santuário mais antigo de Turim. A cripta é do século XI. A própria SS. Virgem pediu este santuário e este culto em Turim, numa aparição ao conde Arduíno em 1015. É uma das peregrinações do Piemonte.

Nossa Senhora de Superga é um santuário votivo construído pelo rei Victor-Amadeu depois da libertação da cidade em 1706. / (71) Está colocado na colina mais alta de Turim, a.500 metros sobre a cidade. Desfruta-se de lá um panorama maravilhoso de todo o círculo dos Alpes. As criptas contêm os túmulos dos condes e reis de Sabóia; é o Saint-Denis do Piemonte. No dia 8 de Setembro de cada ano, o santuário e a cidade são iluminados em lembrança da vitória devida à Santíssima Virgem.

Maria Auxiliadora é um santuário moderno. Foi o Santo de Turim, Dom Bosco, que o tornou popular. A Santíssima Virgem manifesta nele todos os dias a sua magnificência. Eu admirei, com os meus pais, a obra de Dom Bosco.

As obras do Cottolengo são outra glória de Turim. Estes dois Santos não puderam fundar tais casas de caridade senão com a ajuda de uma cidade piedosa e caridosa.

A Visitação de Turim possui uma devota lembrança, a primeira imagem do Coração de Jesus desenhada pela B. Margarida Maria e venerada pelas suas noviças.

Finalmente a igreja do Corpus-Domini / (72) lembra o lindo milagre eucarístico de Turim de 1453. O seu rico sacrário foi construído para receber a Hóstia milagrosa que ficara suspensa sobre o altar.

O Palácio-Real de Turim oferece também mais de um interesse. Ele tem o seu museu egípcio, um dos mais ricos do mundo, com suas estátuas, estelas, manuscritos e 200 múmias. Turim tem o museu de armaduras históricas com algumas peças capitais: a armadura de Emanuel Filiberto, o vencedor de S. Quintino; a couraça e a espada do Príncipe Eugénio, um escudo com bom trabalho atribuído a Cellini, outro do rei de França Henrique IV, uma armadura trajada por um escudeiro de Francisco I em Pavia, uma sela de Carlos V, a espada que Napoleão usava em Marengo, etc.

Mas o que é impressionante no palácio de Turim é o salão ornado com os retratos dos santos da família Saboia. Os reis da Itália vão lá muitas vezes meditar a história dos seus antepassados? Bem precisariam disso! / (73)

O museu de pintura em Turim é um museu de estudo. Todas as escolas estão largamente presentes. Deve-se ver a Virgem do Véu de Rafael; a Virgem de Guercino, a

Madalena do Veronese, uma devota Madona de Cesare da Sesto, uma Sagrada Família demasiado flamenga de Rubens, e uma maravilhosa miniatura de Menling representando a Paixão.

E aí está, penso eu, todo o Turim. Mostrei aos meus bons pais o Lago Maior, Milão, Veneza, Pádua. Escrevi tudo isso noutra caderno. A 31 de Outubro chegámos a Loreto.

### *LORETO*

Loreto e Castelfidardo, que recordações comoventes! É a casa do Bom Mestre, e o campo de batalha dos seus mártires<sup>156</sup>. Passámos a festa de todos os Santos em Loreto. Que espectáculo comovente o de Loreto em dia de festa! Havia milhares de peregrinos. Esta boa gente segurava-se em filas pelos ombros, para chegar aos confessionários. / (74) Conseguimos entrar na casita santa e rezar um bom momento. Gostaria de fazer uma longa permanência em Loreto e meditar com sossego toda a vida da Sagrada Família. Não conheço no mundo santuário mais venerável. Os anjos trouxeram-na para aqui em 1294. Há quem se admira. Eu mais me admiraria que Nosso Senhor não subtraísse aos Sarracenos a casa da sua Mãe para oferecê-la à nossa devota veneração. Já são seis séculos que os peregrinos lá vão em multidões procurar um acréscimo de fé e de amor para com Jesus, e depositar os testemunhos da sua gratidão.

Os Papas porfiam em enriquecer este santuário de riquezas e de favores espirituais. Especialmente Júlio II e Paulo III rivalizaram em generosidade para construir a basílica e enriquecê-la com obras artísticas. A igreja é uma espécie de fortaleza pitoresca desenhada por Bramante. Era preciso que ela fosse capaz de resistir a algum ataque / (75) improvisado dos Mouros. A pequena casa é revestida do mais admirável manto de mármore, esculpido pelos principais artistas da Renascença, Sansovino, os Lombardi, Sangallo e Giacomo Della Porta.

O campo de batalha de Castelfidardo está ainda quase fumegando do sangue dos nossos modernos Macabeus. Cada traço de muro, cada árvore tinha a sua lembrança. A emboscada italiana datava de 1860. Aí morrera o bravo Pimadan. O Bom Deus é paciente, mas um dia a Itália expiará o seu crime.

---

<sup>156</sup> A batalha de Castelfidardo foi a 18 de Setembro de 1860 entre os Piemonteses do general Cialdini e os Zuavos pontifícios que, embora inferiores em número, lutaram valentemente sob as ordens do general Lamoricière. Vencidos, refugiaram-se em Ancona.

Chegámos a Roma no dia 3 de Novembro.

#### *ESTADIA DOS MEUS PAIS EM ROMA*

Os meus pais tomaram um apartamento perto do seminário, via dei Cestari. Foi preciso organizar um *modus vivendi*. Eu tinha de seguir as aulas e de observar a regra do Seminário. Tive licença de sair com os meus pais às quintas e aos domingos. Nos outros dias via-os na portaria. Eu traçava-lhes o programa dos seus dias. Seguiam as festas, as estações, as / (76) cerimónias de cada dia. Eles também saboreavam pouco a pouco o perfume de Roma. Um dos meus bons amigos, o Padre Desaire, capelão de S. Luís dos Franceses, acompanhava-os muitas vezes nas suas visitas. O seu carácter aberto e alegre agradava a meu pai.

Meu pai estava emocionado com a sua permanência em Roma. A sua fé firmava-se cada dia mais. Que testemunhos eloquentes dão à fé as basílicas, as catacumbas, os sepulcros dos mártires, os quartos onde viveram os santos! Precisaria ser de mármore para ficar insensível a tantas vozes que falam à alma.

Os meus pais tencionavam ficar em Roma até ao mês de Fevereiro, e eu seria padre no mês de Junho seguinte. O padre Freyd teve uma feliz ideia: se fosse possível antecipar a minha ordenação, o meu pai e a minha mãe estariam presentes! Comunicou a ideia aos meus pais. A minha mãe agarrou a proposta felicíssima. O meu pai, embora receando profundas emoções, aceitou-a.

Devíamos ter uma audiência / (77) pontifícia a 15 de Novembro. Preparei um pedido e vi o triunfo da graça divina: meu pai, que durante tanto tempo fora contrário à minha ordenação, entregou ele próprio uma petição ao Papa para que eu pudesse ser ordenado sacerdote antes de acabar a Teologia. Pio IX aceitou a súplica e disse-nos que a entregaria ao Cardeal Vigário. Assunto fechado!

#### *ORDENAÇÃO E PRIMEIRAS MISSAS*

São estes os melhores dias da minha vida. Eu preparei-me de todo o coração lendo Olier e Chaignon. Nosso Senhor quis preparar-me Ele mesmo, dando-me graças abundantes. Certamente Ele tinha em vista a minha missão actual. Vejo isso claramente, hoje. Ele dava-me tão generosamente esse espírito de amor e de reparação que é a característica da minha vocação. Porque não fui eu progredindo cada dia neste espírito?!

Quantos falhanços! Quantas fraquezas devo confessar e deplorar! Que recordações vivas, que impressões profundas me deixaram esses dois grandes dias de 19 e 20 de Dezembro de 1868! / (78)

Fizera o meu retiro em Santa Chiara com o Padre Freyd. Na manhã, do dia 19, estava em S. João de Latrão para a ordenação. O bom Padre Desaire fazia-me de assistente.

Este santuário de S. João de Latrão é realmente um cenário excepcional para as ordenações! Aí, sobre este pavimento, de Constantino para cá, milhares de bispos e centenas de milhares de padres receberam a unção santa, e a maior parte das vezes das mãos do próprio Sucessor de S. Pedro. Está aí verdadeiramente a fonte principal do Sacerdócio e do apostolado.

S. João de Latrão é chamada a cabeça e a mão de todas as Igrejas: *Caput et mater omnium ecclesiarum*. Eu gostaria de a chamar a cabeça e o coração da Igreja. As características divinas da Igreja Católica tocam-se aí com o dedo. A apostolicidade, a unidade, a catolicidade, a santidade da Igreja Romana resplandecem em S. João de Latrão. Ela é bem apostólica, essa igreja-mãe que possui as cabeças sagradas de S. Pedro e S. Paulo. Ela é bem una e universal, essa igreja onde os clérigos do mundo inteiro vêm procurar a unção / 79) santa. Ela é santa, esta igreja donde partiram os apóstolos, os missionários, os civilizadores da Europa e dos novos continentes.

Estávamos lá 200 ordenandos, religiosos e clérigos seculares, de todas as nações e de todos os costumes: filhos de S. Bento, de S. Francisco, de S. Domingos e de vinte outras famílias religiosas, clérigos italianos, franceses, alemães, espanhóis, missionários da Propaganda, destinados ao Oriente, à África, às Índias, à Oceania.

As cabeças veneradas de S. Pedro e S. Paulo presidem à ordenação. Os dois grandes apóstolos parecem dizer a todos estes jovens: “Ide como todas as gerações de apóstolos que vos precederam; ide para todas as praias pregar, baptizar, oferecer e o Corpo e o Sangue de Cristo e espalhar a sua graça. Ide por vossa vez alargar as fronteiras do Reino de Jesus Cristo. Ide libertar as almas retidas nos laços do pecado. Ide levar por toda a parte a verdade, a paz, a caridade, e mesmo as vantagens temporais da civilização cristã”. / (80)

Ao nosso lado, na nave lateral, encontrava-se a Mesa da Última Ceia. Foi sobre ela que Jesus ofereceu o primeiro sacrifício eucarístico. Foi junto dela que Jesus deu o

sacerdócio aos seus apóstolos. Foi ao pé dela que Ele deixou repousar sobre o seu Coração o discípulo amado.

Esta igreja privilegiada possui também tudo o que resta do apóstolo S. João sobre a terra: a mesa da ceia, as cadeiras e a caldeira do seu martírio.

O Bispo da ordenação era o Cardeal Patrizi, vigário do Sumo Pontífice, descendente desse João Patrício que teve a graça de fundar a basílica de Santa Maria Maior.

Os meus bons pais estavam atrás de mim vertendo lágrimas sem fim. O meu pai não foi capaz de comer nesse dia.

Não é possível exprimir as impressões da ordenação. Levantei-me sacerdote, possuído por Jesus, todo cheio dele, do seu amor ao Pai, do seu zelo pelas almas, do seu espírito de oração e de sacrifício.

Depois da ordenação, fui tirar os paramentos / (81) e, virando-me, vi a minha mãe, ajoelhada diante de mim para receber a minha primeira bênção. Era demais; solucei e voltei ao Seminário, conduzido pelos meus bons pais, mas esgotado pelas emoções.

Meu pai estava completamente conquistado; prometeu comungar no dia seguinte, na minha Primeira Missa e para se confessar foi ver o bom Mons. Leval, superior dos capelães de S. Luís dos Franceses, um santo sacerdote convertido do judaísmo. Nos anos seguintes o meu pai nunca falava de Mons. Leval sem uma profunda emoção e uma expressão de viva gratidão.

#### *AS MINHAS PRIMEIRAS MISSAS*

O dia 20 foi para mim ainda mais emocionante que o 19. A minha primeira missa era a missa cantada do Seminário. O Padre Freyd quis fazer-me de assistente: ele mostrava-me sempre uma bondade tão paternal. Os meus melhores amigos, o Padre Le Tallec, o Padre Dugas, o Sr. Popiel, o Sr. de Rivoyre solicitaram à porfia o favor de fazer de diácono, subdiácono, e acólitos. / (82) Os meus pais lá estavam. Alguns hóspedes do Seminário assistiram, entre outros vários teólogos do Concílio e o caro Padre Vicente de Paulo Bailly, que se tornou o valente apóstolo dos Congressos Católicos, das peregrinações e do jornal *“La Croix”*. A emoção era geral e quando o meu pai e a minha mãe se aproximaram para comungar, ninguém pôde reter as lágrimas. Quanto a mim,

estava doido de amor para com Nosso Senhor e cheio de desprezo pela minha pobre pessoa. Foi o melhor dia da minha vida.

No dia seguinte, celebrei a segunda missa, sobre o altar da Confissão de S. Pedro, sobre o corpo dos Santos Apóstolos. Assistiram o meu pai e a minha mãe, com o Padre Desaire e o Padre Le Tallec; a emoção foi a mesma.

Celebrei as missas seguintes no Cárcere Mamertino, em S. João de Latrão, no altar de S. Luís Gonzaga. Celebrei as três missas do Natal no Seminário, no altar da Santíssima Virgem. Durante um ano inteiro, não fui capaz de celebrar uma vez que fosse sem derramar lágrimas.

Não quis ouvir falar de honorário das missas. Repugnava-me unir a preocupação do dinheiro com uma acção tão santa. Era Nosso Senhor que me pedia essas missas celebradas só para Ele em espírito de amor e de reparação.

#### *NÁPOLES*

No dia seguinte ao Natal, parti com os meus bons pais para Nápoles. Eram umas feriazinhas de 8 dias. - Parámos a meio caminho em Caserta. É a Versalhes de Nápoles. A escadaria é única no mundo no seu esplendor. A capela é rica. Os reis, os príncipes e as abadias cobriram a Europa de palácios, no século XVIII. O excesso de riqueza conduz à decadência e à ruína. S. Luís construía esplêndidas catedrais e capelas encantadoras, mas tinha castelos modestos.

Hospedámo-nos no hotel de Genebra. Mostrei aos meus pais Nápoles e arredores.

/ (84)

No primeiro dia celebrei missa na pequena mas rica igreja de S. Francisco, perto do hotel. Havia nela o Lausperene. As impressões desta missa deixaram-me uma recordação sempre viva. Nos outros dias, celebrei na catedral, no sepulcro de S. Januário e em S. Paulo, que tem os corpos venerados de S. Caetano e de Santo André Avelino.

Nápoles oferece um grande interesse religioso, mas precisa-se de tempo e de calma para aproveitá-lo. Tem a sua catedral, cheia das recordações dos seus mártires e dos seus bispos, e teatro das grandes e persistentes demonstrações da sua fé sempre viva. Tem as suas grandes e ricas igrejas que mostram o desenvolvimento que nela

tiveram as ordens religiosas: os Franciscanos, em Santa Chiara, os Dominicanos em S.-Domenico, os Teatinos em S. Paulo e os Jesuítas na Trindade. Tem as suas “*Madonnas*” e os seus crucifixos venerados, as suas incomparáveis relíquias na / (85) Sé, os corpos de S. Caetano e de Santo André em São Paulo, o de S. Tarcísio em S. Domingos, o da venerável rainha, Maria de Saboia em Santa Chiara e outros ainda.

Cinco dias passaram depressa em Nápoles e arredores. Tivemos de ver o Vesúvio, Pompeia, Sorrento, Pozzuoli, Baía, as igrejas e os museus de Nápoles. Levei também os meus pais até Pagani, ao sepulcro de Santo Afonso de Liguori. Subimos ao Vesúvio, por Resina; a minha mãe ficou no observatório. O meu pai e eu subimos até à cratera. O tempo estava nebuloso; todavia essa excursão deixou-nos uma grande impressão. Essas povoações que reconstroem as suas casas nas encostas do Vesúvio, após cada erupção, revelam-nos bem o desmazelo dos homens que expõem cada dia a sua vida temporal e a sua vida eterna. Que recordações impressionantes revelam as torrentes de lava que no século I engoliram Pompeia, Herculano e Estábria! Uma erupção tinha-se / (86) dado um mês antes da nossa passagem, em Novembro de 1868, e a lava estava ainda ardente. A excursão até ao cimo é penosa. Tem de se aproveitar a ajuda do guia que nos puxa com uma correia. Do observatório, a vista sobre Nápoles, o seu golfo, a Campânia e os montes Flegreus é maravilhosa. Nada como um vulcão nos fala do poder de Deus e da nossa ignorância sobre a constituição do globo e sobre as forças da natureza.

### *POMPEIA*

Vimos e revimos Pompeia. Que coisa estranha, uma civilização velha de 2.000 anos e que saiu do túmulo quase vivente! Pompeia revela-nos toda a vida doméstica dos antigos. Podemos estudá-la até aos mínimos detalhes. A catástrofe que a cobriu com o seu lençol de cinzas é de 24 de Agosto do ano de 79. A grande cidade aí está, meio escavada. Eis as suas ruas longas e estreitas, calçadas com blocos de lava e sulcadas pelos trilhos das rodas. Ao canto das ruas, eis fontenários públicos, ornados com uma cabeça de divindade ou com uma máscara. / (87)

Eis aí anúncios pintados a vermelho e fazendo propaganda para a eleição dos vereadores. Aqui e além encontram-se falos para desfazer o mau-olhado ou cobras.



Estes símbolos são mesmo satânicos. Nas paredes de estuque, encontram-se muitos *graffiti*, garatujas e caricaturas.

Fora da cidade, há sepulcros e *villas*, fábricas de olaria, ginásios cobertos para os jogos, hospedarias, *termas* ou tabernas. Entre estas algumas tinham os seus terraços e as suas pérgulas com vista sobre o mar.

A porta da cidade tinha a sua vedação e o seu posto de guarda.

O *forum civile* era o centro da vida religiosa, civil e política. Tem os seus alpendres, as estátuas, dois arcos do triunfo, o templo patronal de Vénus, templos a Júpiter, Mercúrio, Augusto; a cúria, os tribunais, as cadeias, uma vasta basílica, a bolsa, as escolas.

A zona dos teatros inclui o grande teatro, o ódeon, a caserna pretoriana, / (88) os templos de Ísis, Neptuno e Esculápio.

No extremo da cidade, há o anfiteatro e o mercado do gado.

As casas têm muitas semelhanças com as do Oriente. Elas são todas interiores, sem aberturas para fora. Rodeiam-nas lojas alugadas. Um primeiro pátio é rodeado pelos apartamentos de recepção; um segundo pátio é só para a vida íntima.

Entra-se por um vestíbulo, *prothyrum*, onde se lê muitas vezes no mosaico do chão: *Salve* ou *Cave canem*. O primeiro pátio chama-se *atrium*. Uma lagoa no centro, *impluvium*, recebe as águas da chuva. À volta estão colocados os quartos, *cubicula*, um escritório contendo os arquivos e os retratos dos antepassados, *tablinum*. Os escravos tinham quartinhos ao lado ou por cima dos *cubicula*.

Um corredor, *fauces*, conduz ao segundo pátio, ao *peristylum*. Este pátio tem um jardim, um fontenário, uma pérgula, *xystos*, uma sala de jantar, *triclinium*, uma biblioteca, um / (89) oratório doméstico, *lararium*. - O apartamento das mulheres tem muitas vezes o seu pequeno pátio separado. As casas são todas ornadas com pinturas e mosaicos.

Muitas casas revelam, pela sua disposição, pelo mobiliário, pelas inscrições e pinturas, o carácter e a profissão dos seus moradores. Foram individuadas casas de decuriões, duûnviros, vereadores, vestais, sacerdotes augustais, médicos e pintores; oficinas e lojas de padeiros, cozinheiros e pasteleiros, farmacêuticos, ourives, pisoeiros, carnicheiros, estatuários, cambistas, vendedores de azeite, de vinho, sabão, fruta, carne, de pesos e medidas.

Os balneários luxuosos, os lupanares, as pinturas lascivas ou obscenas revelam os costumes dissolutos desta cidade dedicada a Vénus.

A filosofia, as letras, a poesia não eram excluídas dela. Séneca foi nela criado. Fedro escreveu / (90) aí as suas fábulas. Cícero tinha aí uma *villa*, onde escreveu o Tratado dos deveres<sup>157</sup>.

A civilização de Pompeia não ficava atrás da dos povos modernos. O mobiliário era rico e elegante; provas disso são esses inumeráveis objectos que se vêem tanto no museu de Nápoles, como no da mesma Pompeia: pedras preciosas, anéis, braceletes, brincos; papiros, tinteiros, estiletos; armaduras, arreios, restos de carros; instrumentos de música e de cirurgia; balanças, pesos e medidas; tripés, bacias, candelabros, cistros e címbalos; vasos decorados, copos para beber, vidros, vasos de terra, utensílios de bronze, baixela de bronze, de prata e de ouro; camas vestuários, assentos; fusos, pentes, agrafos, espelhos; lanternas, campainhas, caldeiras; serras, compassos, malho de carpinteiro, tesouras, camafeus e jóias. É a nossa vida privada ao completo.

As estátuas, pinturas e mosaicos são mais cópias do que obras originais. Como estátua foi assinalada uma Vénus, um Hermafrodita, um Fauno dançante, que estão em Nápoles. / (91) O mosaico mais bonito é o da batalha de Isso. As pinturas representam cenas da mitologia ou das tradições da idade heróica; às vezes, também paisagens e trabalhos domésticos. Vê-se frequentemente Júpiter, Marte e Vénus; Diana e Actião, Castor e Pólux, Aquiles que entrega Briseide, o sacrifício de Efigénia, Leda e Tíndaro, Perseu e Andrómeda, Medeia e seus filhos. - Vários destes assuntos são ainda hoje reproduzidos nos carros históricos da Sicília.

Não há nada de mais interessante do que ver e reviver assim uma civilização de 2.000 anos de idade?

A minha impressão era bem clara: recebia um acréscimo de fé e de gratidão para com Deus, comparando as nossas crenças tão elevadas, a pureza dos costumes cristãos e a vida social cristã tão empregnada de caridade e de liberdade, com as superstições do paganismo, / (92) os seus costumes corrompidos e a sua vida social fundada sobre a escravidão.

---

<sup>157</sup> Os três livros **De Officiis** saíram em 44 a.C.

CASTELLAMMARE - SORRENTO

A encantadora excursão de Castellammare e de Sorrento encantara os meus pais. Fizemo-la em carroça, mas como uma parte da estrada tinha sido levada pelas chuvas do Inverno, tivemos de tomar um barco para passar um ponto difícil e minha mãe ficou toda sobressaltada.

Nada tão delicioso como este cantinho do mundo. Aí a arte não reclama direitos, mas a natureza é toda amável e brilhante. Ao longo da estrada, o olhar descansa sobre as montanhas arborizadas e desfruta à direita duma série de panoramas admiráveis sobre Nápoles, o seu golfo azul, as suas costas variadas, as suas ilhas verdes, com brancas *villas* veladas por uns vapores luminosos.

Castellammare sucedeu a Estábia; tem as suas velhas muralhas e as suas torres construídas por Carlos de Anjú. As encostas são semeadas de *villas* e / (93) de mosteiros<sup>158</sup>.

Devem-se rodear os promontórios de Vico e de Meta para alcançar o vale de Sorrento, o *Piano di Sorrento*, sítio delicioso, onde os felizardos deste mundo vão procurar, numa multidão de hotéis e de *villas*, uma temperatura doce, um ar salubre e o perfume da laranjeira. - É a pátria de Tasso. Golfo privilegiado que teve Virgílio, Horácio, Fedro, Tasso e Dante. - Augusto adoptara Sorrento e cobrira-o com edifícios sumptuosos, palácios, templos e teatros. Restam só escombros. Mas o encanto de Sorrento são os seus pomares de laranjeiras e de limoeiros, as suas encostas cobertas de oliveiras e de murtas, os seus pequenos vales, os seus rochedos, a sua temperatura doce, a sua atmosfera perfumada e o panorama do golfo.

É um cantinho do paraíso terrestre.

POZZUOLI - CUMA - BÁIA

A outra margem do golfo proporciona uma excursão não menos encantadora. / (94) É Posíllipo, o lago de Agnano, as Solfataras, Pozzuoli, a gruta da Sibila, Cuma e Báia.

---

<sup>158</sup> Castellammare di Stabia. O nome vem dum castelo construído no século IX: castrum ad mare de Stabiis. Stabiae é uma antiga cidade dos Oscos que teria sido fundada, segundo a lenda, por Hércules. Foi várias vezes destruída e reconstruída. Carlos de Anjú munuiu-a de fortificações, mas ela sofreu ainda muitos estragos até ao fim do século XVIII.

O promontório de Posíllipo é um sítio delicioso que foi procurado por todas as glórias do mundo romano como lugar de descanso e de prazer. Passando, saúdo o túmulo do pio Virgílio e atravesso em carroça esse túnel de 700m construído na mais alta antiguidade e alargado por Augusto. Para lá do túnel começam os campos Flegreus, essa região vulcânica que tão bem se prestava às lendas homéricas e virgilianas relativas aos infernos.

Primeiro é o lago de Agnano com as suas estufas sulfurosas e a famosa gruta onde o gás ácido carbónico vai torturando os pobres cães que para lá são arrastados.

Minha mãe estava assustada durante este passeio, porque lhe tinham dito que as margens do lago estavam cheias de serpentes. / (95) Ela julgava vê-las saltar na erva e saltava como uma criança.

Mais longe é a Sulfatara. Um leito de enxofre cujas margens ainda produzem chamas e o fumo cobre uma cratera e os turistas mais ousados chegam-se até à borda batendo no chão que soa a oco.

Pozzuoli era o porto principal desta costa quando S. Paulo aí esteve sete dias. Há ruínas do molhe, do templo de Neptuno e dum edifício dedicado a Sérapis que inclui um templo redondo com um pórtico de mármore cipolino e quartos para banhos.

Cócero tinha ali uma villa que ele chamava a sua Academia. Foi aí que ele escreveu os seus Académicos.

Por cima de Pozzuoli, sobre a colina, há ruínas grandiosas de um anfiteatro que continha trinta mil espectadores. Nero deu nele festas. Mas o que mais me interessa em Pozzuoli é, junto com a lembrança de S. Paulo, a dos / (96) numerosos mártires do anfiteatro, e em particular a de S. Januário e seus companheiros. Uma capela não longe do anfiteatro marca o lugar onde S. Januário foi decepado. A catedral de Pozzuoli conservou os corpos de vários companheiros de S. Januário.

Para além de Pozzuoli, está o Monte Novo, colina vulcânica de 134 metros de altura que surgiu inesperadamente em 1538 enchendo uma parte do lago Lucrino.

Toda esta região mostra a instabilidade da crosta terrestre, sobre a qual nós vivemos com tanta despreocupação. Em Pozzuoli, por exemplo, o solo baixou depois subiu, depois baixou ainda. Vê-se pela acção das águas do mar sobre as colunas do templo de Sérapis.

O lago Lucrino célebre pela queda de Hércules, não é mais que um charco. / (97)

O lago Averne é pitoresco. É a cratera do vulcão extinto. Na antiguidade ele ainda tinha fumaceiras sulfurosas como o Solfatara. Daí esse aspecto fantástico que o fez considerar como a entrada dos infernos. Aníbal foi lá oferecer vítimas a Plutão. A fada Morgana, que a poesia medieval substituiu a Hécate e Prosérpina, acha ainda algum crédito nas superstições locais.

O lago tem algumas ruínas, em particular as dum templo de Apolo. O túnel de Agripa, chamado gruta da Sibila, conduz às ruínas de Cuma.

Cuma estava situada sobre uma colina isolada. Da sua acrópole, o olhar abraça um horizonte imenso. Restam ruínas do templo de Apolo em dórico primitivo, do de Júpiter e do de Diana em estilo coríntio. Um grutas por baixo da acrópole relembram a Sibila e os seus oráculos. Cuma foi a primeira colônia grega da Itália. Os gregos encontraram aí os Oscos e os Tirrenos. A necrópole de / (98) Cuma revelou a sucessão das raças que aí habitaram. Os túmulos mais antigos contêm vasos de tipo egípcio, com escaravinhos e colares. Por cima, estão os túmulos pelágicos, pequenos quartos contendo vasos pretos grosseiros. Os túmulos ítalo-gregos contêm vasos elegantes, jóias, fazendas bordadas.

A nossa excursão terminou nos banhos de Nero e Báia. Nos banhos de Nero encontram-se ainda nas galerias subterrâneas as nascentes quentes a 55° de temperatura. Que mistérios esconde esta região plutónica!

Báia, hoje está abandonada e insalubre. No tempo de Horácio ela vencida de longe todas as estâncias do golfo nas preferências dos amigos do prazer. "Nullus in orbe sinus Bais praelucet amoenis"<sup>159</sup>.

Propércio, Cícero, Séneca, Suctónio, denunciam a imoralidade de Báia. Cícero, Mário, Pompeu, César, Catão, / (99) Hortênsio, Augusto, Nero possuíam "villas" aí. Só restam escombros informes. Ai Virgílio leu à irmã de Augusto, Octávio, o trecho da Eneida contendo o elogio do seu filho: "Tu Marcellus eris..."<sup>160</sup>. Aí Nero, após uma fingida reconciliação com sua mãe Agripina, fê-la lançar ao mar, e como ela escapara à morte, ele mandou sicários para matá-la na sua vila do lago Lucrino. Mais longe no cabo

---

<sup>159</sup> Horácio, Cartas, livro I, I, 83. (Nenhum golfo brilha mais no mundo inteiro do que a amena Báia!)

<sup>160</sup> Virgílio, Eneida, VI, 884. – (Tu, Marcelo, serás...)

Miseno, a torre de Pátria indica o lugar do túmulo de Cipião o Africano. Lá viveu ele na simplicidade, amargurado pela ingratidão da sua pátria.

Após ter visitado conscienciosamente todas estas recordações clássicas, voltamos a Nápoles. A história da corrupção pagã, que revive nestas ruínas, é muito apta a fazer brilhar, por contraste, a santidade da vida cristã.

#### *PAGANI*

Bem diferente foi a excursão a Pagani. É uma cidade rural de 12.000 almas na estrada de Salerno. S. Afonso / (100) de Liguori escolheu esta vila como centro das suas missões por causa da rudeza dos seus habitantes e dos costumes ainda pagãos nesse tempo. Frederico II transportara para lá uma população de 20.000 árabes da Sicília. S. Afonso converteu e santificou toda essa terra. Construiu um belo mosteiro e uma vasta igreja duma nobre simplicidade.

A vila não tem hotéis. Tivemos de passar a noite numa hospedaria sem nome. A minha boa mãe referia-se muitas vezes a isso como a uma aventura da viagem. Mas eu fiquei consoladíssimo ao celebrar a santa missa no altar do Santo. O seu corpo venerável está à vista debaixo do altar. Na sacristia, vêm-se as suas vestes e paramentos sacerdotais. No mosteiro, a pobre celazinha com os seus livros, os seus instrumentos de penitência, a sua cama, o seu oratório. Passei aí óptimos momentos; tive sempre muita devoção para este caro santo e parece-me / (101) que ele sempre me protegeu duma maneira especial.

Os nossos hospedeiros só tinham de bom as suas laranjas, mas tão boas de ultrapassar todas as que eu vira noutras terras. Mas como aí elas eram coisa comum, hesitavam em no-las dar e ofereciam maçãs como fruta mais distinta.

#### *NÁPOLES*

Em Nápoles voltamos a ver as igrejas, S. Januário e o seu devoto tesouro, S. Domingos, S. Clara e os seus túmulos artísticos.

A Cartuxa especialmente impressionou-nos. Está tão bem colocada no topo de Nápoles, com uma das mais belas vistas do mundo! A sua igreja é uma obra-prima do século XVII. Em parte alguma vi tantas riquezas acumuladas sem excesso e sem mau-

gosto: mármore, bronzes, pinturas, esculturas, mosaicos, tudo concorre para adornar a casa de Deus. Era então o apogeu da escola de Nápoles. Guido, Lanfranco, o cavaleiro de Arpino<sup>161</sup>, Ribera, Corenzio, Stanzioni, Caravaggio e Giordano, rivalizaram / (102) para decorar a Cartuxa. Todos os mármore da Sicília contribuíram para ornar os pavimentos, os balaústres, as pilastras e os mosaicos. Esta igreja é uma jóia, mas infelizmente os conquistadores fizeram dela um frio museu<sup>162</sup>. Ainda havia alguns monges em 1868. Mas ainda eram demais. Afastaram-nos. E contudo, até mesmo do ponto de vista estético, esta igreja não reclama os seus monges brancos, rezando, cantando e oficiando? Fizeram dela um cadáver sem vida, um corpo sem alma.

A nossa última visita foi ao museu. É um mundo, tantas riquezas ele contém! Nenhum museu pode rivalizar com ele em antiguidades romanas. Não conta ele duas mil pinturas tiradas das ruínas de Pompeia, Cápua, Herculano, Pestum, Pozzuoli, Estábia, e uma infinidade de bronzes e de mosaicos, de estátuas, vasos, jóias?

Os frescos têm deliciosos arabescos. São simples pinturas decorativas, / (103) mas imitavam ou reproduziam as pinturas célebres dos maiores artistas de Atenas e das suas colónias. A maior parte são cenas da mitologia ou da história dos tempos heróicos. Os mosaicos também são frequentemente cópia de obras conhecidas.

Entre as estátuas, é conhecida a do Gladiador ferido - o torso de Psique ou de Vénus cuja cabeça é tida como uma das mais puras produções da arte grega - o torso de Baco, atribuído a Fídias - etc... A arte só pelas forças da natureza, sem a fé e a inspiração cristã, não podia elevar-se mais alto. Deve-se apontar também o grupo do Touro Farnese, obra-prima de Glicão de Atenas.

As jóias pompeianas, camafeus, pedras gravadas, objectos de arte e de prata, formam uma colecção maravilhosa.

Também não há nada tão curioso como os objectos de mobília das casas pompeianas. Neste campo, nós não inventámos nada. Todos os nossos utensílios aí se encontram e muitas vezes com formas mais graciosas e com mais / (104) arte no desenho.

---

<sup>161</sup> É o pintor Guiseppe Césari (1568-1640), criado cavaleiro pelo Papa Clemente VIII, depois de ter dirigido a decoração do transepto de S. João de Latrão (1597-1600).

<sup>162</sup> Após a conquista do Reino das duas Sicílias por Garibaldi e pelos Piemonteses, a cartuxa de S. Martinho, o mais belo monumento do barroco napolitano do século XVII, foi confiscado pelo Estado e, depois de 1866, convertido em museu para recolher as recordações da história napolitana.

Havia em Nápoles e noutras terras ainda um bom costume: de pôr num salão especial tudo o que pudesse ofender a modéstia por excesso de nudez. Pôr tudo agrupado, como se faz hoje, é por assim dizer excluir dos museus os padres, os jovens e todos os que são delicados neste ponto da modéstia.

Entre os quadros do museu<sup>163</sup>, notei: Rafael, com uma bela Sagrada Família (Madonna col divino amore), e um retracto de Leão X. - Corégio, e a sua deliciosa Madona do coelho, e o seu Casamento místico de Santa Catarina - Albert Durer, uma Natividade de 1512 - Palma o Velho, a Virgem e S. João Baptista - Andrea del Sarto, Bramante que apresenta um plano de arquitectura ao duque de Urbino - Schidone, la Carita - Ticiano, retratos de Paulo III e de Filipe II - Bassano, Ressurreição de Lázaro - Ribera, S. Jerónimo atónito pela trombeta do Juízo - / (105) Domeniquino, o Anjo da guarda - Júlio Romano, a Sagrada Família (Madonna della Gata) - Parmigian, Cristovão Colombo Ann. Carache, uma Poeta - Bellini, Transfiguração - Garófalo, o Cristo morto, as três Marias, S. João e Nicodemos - Sodoma, Ressurreição - Rubens, uma cabeça de monge.

No último dia, meu pai fez numerosas compras de bijutarias de coral e de lava nos armazéns do cais de Chiaia, para levar lembranças a toda família. Depois voltámos felizes por ter passado juntos uns belos dias.

## ROMA

Os meus pais ficaram ainda mais dr um mês em Roma. Eles seguiam as festas litúrgicas e visitavam as igrejas e os palácios, seguindo um programa que eu lhes traçava. Quintas e Domingos eu saía com eles.

## OS TEÓLOGOS DO CONCÍLIO

Entretanto em Roma ocupavam-se em preparar o Concílio. Teólogos de todas as nações tinham sido chamados para preparar os decretos<sup>164</sup>. Pela França, havia, se e bem / (106) me lembro, o padre Gay, de Poitiers; o Pe. Sauvé, de Laval; o Pe. Chesnel, de

<sup>163</sup> É o museu e a galeria nacional do palácio real de Capodimonte.

<sup>164</sup> Havia cinco comissões além da Congregação coordenadora, para a preparação do Concílio: 1) A comissão teológica; 2) A comissão para a disciplina eclesiástica; 3) A comissão para os religiosos; 4) Para as Igrejas orientais e as missões; 5) A comissão politico-eclesiástica. Foi acrescentada a comissão para o cerimonial. Além dos Cardeais e do Secretário-Geral, 102 eclesiásticos participaram nos trabalhos. Entre eles contavam-se 10 bispos. 69 Padres do clero secular e 23 do clero regular. Ver as obras de Cecconi e de Grandérath, para maiores detalhes.



Quimper; o Pe. Gilbert, de Moulins; o Pe. Jacquement, de Reims; o Pe. D'Alzon, de Nîmes<sup>165</sup>.

A maior parte alojava no Seminário Francês. Tive boas relações com eles e vários honraram-me com a sua amizade, em particular o Pe. d'Alzon, Mons. Jacquement que foi bispo de Amiens, e Mons. Gay que foi auxiliar do cardeal Pie. Todos tinham grande valor. Mons. Sauvé, um verdadeiro tomista, viria a fundar a Universidade Católica de Angers; Mons. Jacquement tinha escrito a história da diocese de Besançon; o Pe. Chesnel publicou os seus estudos sobre o direito social cristão. O Pe. d'Alzon já fundara os valentes religiosos da Assunção. Mons. Gay escreveu os seus livros incomparáveis sobre a devoção.

Mons. Freppel estava também em Roma<sup>166</sup> e nesse mesmo ano foi nomeado bispo de Angers.

#### OS ESTENÓGRAFOS

Para o Concílio, precisava-se de um / (107) grupo de estenógrafos. Foi aprontado. Um sacerdote de Turim, Virgínio Marchese, antigo estenógrafo do senado italiano, foi encarregado de formar os seus auxiliares. Foram escolhidos seminaristas de diversas nações para ter um secretariado familiarizado com todas as pronúncias. Eu fui desse número. Eis os nomes dos privilegiados, tal como aparecem nas Actas do Concílio.

Alexandre Marchese, Turim, mestre dos Estenógrafos.

António Cani, Ímola (Bolonha).

---

<sup>165</sup> Charles Gay, cónego de Poitiers, foi nomeado a 28 de Novembro 1867. Foi designado a 9 de Fevereiro de 1868 para a Comissão política-eclesiástica. A 22 de Março, a seu pedido, foi transferido para a Comissão teológica onde realizou um trabalho valioso. Henri Sauvé, cónego teólogo de Laval, foi nomeado a 16 de Julho de 1868, e a 22 de Novembro foi destinado à Comissão para a disciplina eclesiástica; François Chesnel, Vigário Geral honorário de Quimper, antigo professor de teologia no Seminário Maior, foi nomeado a 6 de Fevereiro de 1869 e no dia 9 destinado à Comissão para a disciplina, depois transferido para a Comissão político-eclesiástica. Ambroise Gibert, Vigário Geral de Moulins, nomeado a 30 de Julho de 1868 foi destinado a 23 de Novembro à Comissão político-eclesiástica; Jacques Jacquement, antigo professor de teologia em Besançon, pároco de Santiago em Reims, nomeado a 28 de Novembro de 1867 e destinado à Comissão teológica a 9 de Fevereiro de 1868. Emmanuel d'Alzon, fundador dos Agostinhos da Assunção, não participou nos trabalhos das Comissões. Veio para Roma a 6 de Novembro de 1869 como teólogo de Mons. Plantier, bispo de Nîmes: Quando este se ausentou por motivos de saúde, ele ficou seu substituto, como também de Mons. Doney, bispo de Montauban (respectivamente a 16 de Abril e a 20 de Maio). A actividade do Pe. D'Alzon foi intensa por fora das sessões do Concílio às quais ele não participou. Foi ele que organizou um ofício de imprensa oficiosa e que serviu como elo de ligação da maioria. Há 400 cartas dele, do tempo do Concílio. (cf. S. Vailhé, Vie du P. Emmanuel d'Alzon, Paris, 1934, pp.515-567. Ver também a obra publicada "pro manuscripto": O Pe. d'Alzon e os dois concílios do Vaticano. Roma, 1960 (Cúria Geral).,

<sup>166</sup> Francisco Freppel, deão de Santa Genevieva, professor de eloquência na Sarbona, foi destinado a 14 de Fevereiro de 1869 à Comissão dos religiosos, e a 23 de Março à dos assuntos político-eclesiásticos.

Paulo Leva, Roma, do Pont. Sem. Rom.

Júlio Tonti, Romano.

Alexandre Orsini, Todi (Úmbria).

Alexandre Volpini, Faliscodunensis do Pontifício Sem. Pio.

Pedro Cappani, Áscoli Piceno.

Carlos Zei, Florentino, do Colégio Caprânica.

João Zonghi, de Fabriano.

Henrique Bougouin, de Poitiers.

Gustavo de Dartein, de Argentina, do Colégio Francês.

Leão Dehon, de Soissons

José Dugas, de Lião

Samuel Allen, de Chester.

Tiago Guiron, Westminster, do Col. Inglês.

João Baptista Huber, de Munique.

Paulo Gierich, Bratislava

Dionísio Delama, Trento do Col. Germânico.

Domingos Hengesch, Luxemburgo.

Patrício Tynan, Dublino, do col. Irlandês.

Miguel Hyggins, Cloynensis.

Teodoro Metcalf, Bóston, do Col. Amer. Sept.

Pedro Geyer, Cincinnati.

Eneias Mac Forlane, ex-vigário apostólico da Escócia Ocid., do Col. Dos Escoceses.

Todos os dias tínhamos uma hora de treino e em breve fomos capazes de praticar esta nova arte nas aulas de teologia.

Encontrei neste grupinho agradáveis relações; algumas perduraram.

Vários destes jovens não tiveram vida longa. Em poucos anos morreram quatro.

Huber, um dos mais distintos morreu tísico em Munique.

Também Zei, que era piedoso, amável e modesto, morreu vigário geral em Florença. Ia ser nomeado bispo.

Dugas entrou na Casa de Jesus. / (109) Estava em Paray-le-Monial em 1873 e escreveu num belo livro a narração das grandes peregrinações desse ano privilegiado. Morreu na Argélia duma tuberculose na laringe.

Geyer morreu nos E.U.A tentando salvar uma pessoa que afogava.

Entre os italianos, o Pe. Cani tornou-se reitor do Seminário do Vaticano; Leva é padre espiritual na Propaganda; Zonghi é arquivista da Secretaria do Estado; Volpini é secretário das cartas latinas.

O nosso sistema de estenografia era bastante complicado<sup>167</sup>. Baseava-se sobre a ortografia e não sobre os sons; Escrevíamos dois a dois, alternando uma frase cada um. Tínhamos que dar-nos a palavra final, para recomeçar. Escrevíamos só as consoantes; daí um quebra-cabeças chinês para reencontrar as palavras e reconstruir as frases. Em conclusão, era um sistema bastante defeituoso e que deu, / (110) com instrumentos inteligentes e dedicados, medíocres resultados<sup>168</sup>.

Mas esta multidão de sinais<sup>169</sup> era exagerada. Ela carregava a memória e trazia confusão.

Era a invenção do nosso bom mestre Marchese, que era dedicadíssimo ao trabalho e que foi recompensado com um bom arceprelado no Piemonte<sup>170</sup>.

Quando chegaram as festas do jubileu sacerdotal de Pio IX, no mês de Abril, oferecemos-lhe algumas páginas da nossa mais bonita estenografia, com esta dedicatória:

Pio IX

Pontifici Optima Maxima

Sacri Solemnia post annos L iteranti

---

<sup>167</sup> Marchese aplicou ao Latim o sistema Taylor, utilizando a adaptação italiana feita por F. Delpino (sinais geométricos para as consoantes, omitindo as vogais). São dele porém algumas originalidades, que consistem em abreviações correntes na língua latina. Cf. Giulietti Taquigrafia, em Enc. Catt., XI, 1962.

<sup>168</sup> Os estenógrafos eram mais ou menos hábeis. Por isso, foram agrupados de modo a unir um mais forte e um mais fraco. A estenografia de L. Dehon foi qualificada de “leggerissima, quasi evanescente”. Cf. Carbone, Diário del Conc. Vat. I (Léon Dehon).

<sup>169</sup> NE - Há exemplos dos sinais usados mas que não se encontram nesta edição.

una cum Urbe et Orbe / (112)  
Pontificii Notarii excipiendis  
oratorum Concilii Vaticani verbis  
diem faustissimam recolentes  
Principum gloriosíssimo  
Legislatorum sapientíssimo  
Patri amantíssimo  
Vota gaudia  
Specimen artis suae.

*A Pio IX, que repetiu durante 50 anos os solenes Ritos juntamente com a Urbe e o Orbe, os Estenógrafos Pontifícios encarregados de escrever as palavras dos oradores do Concílio Vaticano, celebrando este dia faustíssimo, ao mais glorioso dos Príncipes, ao mais sábio dos Legisladores, ao Pai muito amado Votos e alegrias, Uma amostra da sua arte.*

Pio IX quis receber-nos várias vezes em audiência. Testemunhou-nos uma bondade toda paterna.

#### O DIREITO CANÓNICO

Além das aulas no Colégio Romano, eu tinha neste ano aulas de Direito Canónico no Seminário do Apolinário. Preparei aí a minha licenciatura. Os meus professores eram os dois cónegos, De Angelis e De Sanctis. Ambos possuíam admiravelmente a matéria, os Institutos, o Código, as Decretais e o resto, mas o seu método era bem diferente. O primeiro falava uma língua ciceroniana. Ele divertia-se ensinando; modernizava o seu ensino, interessava, cativava às vezes, elevava-se a uma verdadeira eloquência. O segundo era compassado, metódico, / (113) ditava, exigia resumos. Ele instruía, mas sem ter o talento de tornar interessante o seu ensino.

---

<sup>170</sup> Virgínio Marchese, foi nomeado cónego proposto da colegial de Cardé (Cuneo, Piemonte).

### *O JUBILEU SACERDOTAL DE PIO IX*

No mês de Abril celebrou-se o 50º aniversário da ordenação sacerdotal de Pio IX. Que festas! Que entusiasmo! Foi feita a exposição dos dons oferecidos ao S. Padre. Que profusão de objectos de arte, livros preciosos, álbuns, objectos de toda a espécie. Os dons dos reis estavam ao lado das flores e frutos vindos dos habitantes do campo. Todas as nações estavam representadas. Era toda a habilidade humana prestando homenagem ao representante de Deus na Terra.

Pio IX celebrou a sua missa jubilar no dia 11 de Abril, em S. Pedro, diante de uma assistência imensa e profundamente emocionada.

Pio IX tinha dado as primícias do seu sacerdócio a uma obra de crianças órfãs. Celebrara a sua 1ª missa em 1819 no hospício Tata Giovanni. Algumas / (114) crianças do hospício de 1819 encontravam-se presentes, já anciãos, na missa jubilar de 1869. Tinham um lugar de honra reservado para eles.

Tive a devoção de celebrar a missa na mesma hora em S. Pedro, no altar de S. Leão, meu glorioso padroeiro, cuja festa se celebrava nesse dia. Eu unia as minhas orações às de Pio IX. Esta missa deixou-me uma profunda impressão.

### *O PROJECTO DUMA OBRA DE ESTUDO.*

A presença do P. d'Alzon durante esse ano, acordou todas as minhas preocupações relativas aos estudos eclesiásticos. Era claro para todos os bons espíritos que estes estudos reclamavam um novo impulso. O clero de França em especial reconstituíra os seus quadros, da Revolução para cá. Tinha preenchido as necessidades do ministério. Chegara o dia de consagrar a sua elite aos estudos. Era urgente. Todos os erros filosóficos e sociais ganhavam terreno. A Igreja não estava pronta para a luta. Eu conversara várias vezes sobre isso / (115) com o P. Gratry. Ele falara-me de La Chesmaye, e de outros grupos de estudos fundados em Paris por Mons. Gay e Mons. Segur. Esperava muito do Oratório. Estas questões foram argumento frequente dos meus encontros com o P. d'Alzon. Eu ia com ele falar disso a Mons. Mermillod, ao Card. Simeoni. Muitas vezes, também falei ao Pe. Sauvé. Começava a fazer-se luz. Dois meios pareciam-nos adequados para conduzir a obra ao fim: a restauração de Universidades Católicas em França e a reabilitação dos estudos nas Ordens religiosas.

O Pe. d'Alzon publicava a sua *Revue* do ensino cristão. Animado pelas nossas conversas quotidianas, ele impulsionava vigorosamente à reivindicação da liberdade do ensino superior em França. *L'Univers* fazia-lhe eco. A ideia avançava. Seria realizada depois da guerra.

O Pe. d'Alzon pensava que a sua / (116) Congregação teria um papel activo neste despertar dos estudos e que uma universidade livre começaria em Nîmes sob os seus auspícios. Eu concordava com ele plenamente. Pensava dar-lhe o meu concurso, com o meu amigo Pe. Désaire. Andávamos enganados. A Congregação da Assunção tinha outra missão providencial, a propaganda quotidiana, o jornalismo, as peregrinações. Eles são semeadores de ideias; não devem atrasar-se nos trabalhos práticos.

Tudo o que eu desejara para este movimento de estudos, foi feito sem mim. Temos agora as Universidades livres. Eu não fiz mais do que encorajar o Pe. d'Alzon na sua propaganda e Mons. Hauteaux na sua fundação. Não tive outra missão.

Leão XIII veio dar um impulso prodigioso a este movimento. As suas encíclicas renovaram o ensino filosófico e teológico, / (117) restituindo-lhe como base o grande método escolástico. Ele criou esse movimento de estudos que eu achava necessário nas Ordens religiosas. Ele rejuvenesceu ou ressuscitou em Roma as grandes escolas teológicas de S. Tomás, de S. Boaventura e de Santo Anselmo.

O movimento propaga-se. A Universidade de Lováina fortifica-se. As de Friburgo e Nova York foram criadas. Os congressos científicos dos católicos foram organizados por Mons. d'Hulst. Pode-se dizer que a obra dos estudos está feita.

Durante dez anos eu fui atraído por esta obra, que eu tomava por uma vocação.

Eu tomava notas sobre as fontes a estudar, sobre os motivos desta renovação dos estudos, sobre os trabalhos a fazer.

Eis a lista de uma série de leituras que me entretinham nesse pensamento:

- Thomassin: *Anc. et nouv. discipline*, t.2, 1.3, c. 83.
- S. Gregório de Naziano: *Discours* 12 e 27.
- S. Crisóstomo: *De Sacerdotio*, 1.4-5.
- S. Ambrósio: *De Officiis*, c. 22.
- S. Agostinho: *De doctrina christiana*, 1.4 etc.

- S. Jerónimo: *Ep. ad Magnum*, etc.
- Os Provérbios: 15, 2.16.24
- S. Tomás: 2a 2ae, q. 188, art. 5 e 6
- P. Gratry: *Les sources*; id.: *Discours sur la mission de L'Oratoire*.
- Dupanloup: *De la haute éducation intellectuelle*.
- Lacordaire: *sur Lamennais*<sup>171</sup>
- Ezequiel: cap. 3.
- Au Brév: 3ª lição de S. Bonav. - 1º noct. des Doct.
- Franzelin: *De Traditione*, últimas páginas.
- Marin de Boylesve: *Plan d'études*.
- Mabillon: *Traité des études monastiques*.
- As Actas do Conc. de Poitiers, 1868
- Mgr Garbet: vol. 2 Ch. de la Papauté
- Ch. De la tradition <sup>172</sup>
- Carta de Pio IX aos bispos de França, Junho 1867.
- Crétineau-Joly: *L'Eglise romaine face de la Révolution*.

Estas ideias apareceriam em 1870 nos artigos da *Civiltá*<sup>173</sup> sobre a filosofia e os males presentes na sociedade...<sup>174</sup> Em vários Breves de Pio IX: um a Luís Veuillot (Maio de 1870);<sup>175</sup> outro / (119) a um escritor napolitano, Coppola, por ocasião duma brochura: "*Sul diritto della Chiesa in ordine al pubblico insegnamento*" (ver *Civiltá – Maio de 1870*)<sup>176</sup>. E numa circular do arcebispo de Cambrai ao seu clero (Maio de 1870)<sup>177</sup>.

---

<sup>171</sup> Em 1834, o aparecimento das "palavras de um crente" de Lamennais, convenceu Lacordaire a escrever as "considerações sobre o sistema filosófico do senhor Lamennais"

<sup>172</sup> Mons. Gerbret (Filipe-Olímpio) tinha publicado em 1843-1850 os dois volumes "Esquisse de Rome chrétienne"

<sup>173</sup> É a revista dos jesuítas italianos "La Civiltá Católica"

<sup>174</sup> São os artigos "La filosofia anticattolica e i mali presenti della società" publicados em 1870, pp. 139-151; 275-285; 525-535; na *Civiltá Católica*.

<sup>175</sup> *La Civiltá Católica*, 1870 pp. 750-751

<sup>176</sup> Há uma breve recensão do livrinho de Mons. Rafael Cópola, na *Civiltá Católica*, 1870, II, pp. 745.

<sup>177</sup> Cf. *La civiltá católica*, 1870, pp. 745.

Eu notava também os motivos que militavam em favor deste desenvolvimento dos estudos:

- A nossa época tem os seus erros próprios, heresias novas, o naturalismo, o liberalismo, o galicanismo, que crescem continuamente, por não serem suficientemente combatidos.

-Chegou o tempo do clero se dedicar mais à ciência. A Igreja da França refez os seus quadros. Depois da era dos mártires deve vir a era dos doutores.

- Estas obras de estudos devem ser fundadas e enraizadas em Roma. Há obras que não têm esta base, como o Oratório de França e os Capelães de St<sup>a</sup> Genoveva. Vê-se o resultado desses estudos separados de Roma: o Pe. Jacinto, Mons. Maret, o Pe. Gratry, etc..., frutos maus ou pelo menos incompletos.

- Seria necessária toda uma organização / (120) de trabalhos sérios, para responder aos dos incrédulos sobre a história, as ciências, a exegese, a economia cristã e política. (Como isso tudo foi realizado desde então, sob o impulso de Leão XIII e com o concurso das Universidades católicas!).

- Deve-se trabalhar para a criação de universidades livres frente às universidades do Estado que estão impregnadas de erros liberais (A Providência tratou disso) <sup>178</sup>

- Mons. Dupanloup escrevera ao senhor Bougand: “Quantas vezes tenho eu desejado ver surgir entre nós uma grande escola de hagiografia, uma associação de escritores católicos, seja religiosos, seja leigos, escrevendo finalmente as vidas de Santos como elas devem ser escritas, dando realmente a conhecer e amar essas grandes almas e resplandecer a santidade!”.

- Não podendo agir pelo Estado e pela Universidade temos de agir fora deles.

- Deve-se acabar o mal pela cabeça. O bem desce mais facilmente do que sobe.

- Lacordaire nas suas *Considérations* sobre Lamennais dissera: “Hoje, embora os vazios não estejam ainda todos preenchidos, a Igreja da França já não está oprimida por uma necessidade tão absoluta; a superabundância do clero aparece aqui e além...; uma coisa que faltava a todos, nasceu para muitos, o tempo. - Desde que uma Igreja tem tempo, sente-se forçada por isso mesmo a pensar na restauração das ciências religiosas sob pena de faltar ao seu dever e, se ela não fizer isso, expõe-se aos maiores perigos



que uma Igreja possa correr. Introduz-se no seu seio uma multidão flutuante de espíritos que não sabem orientar os seus tempos livres e a sua actividade: inábeis no santo ministério, porque Deus lhes inspirou outra vocação, eles procuram em vão o lar onde o seu ardor seria mantido, purificado, posto em acção por meio de trabalhos normais no caminho católico. Eles definham ou se exaltam isolados; eles sentem-se perecer sem proveito para Deus. - Estas / (122) reflexões foram feitas por todos os homens que se preocupam seriamente com o futuro do Catolicismo em França. Várias tentativas foram feitas para o renascimento dos estudos eclesiásticos. Mons. Frayssinous, bispo de Hérópolis, durante o seu ministério, tinha tentado criar um vasto estabelecimento destinado ao desenvolvimento das ciências sagradas. Mons. de Quelen, arcebispo de Paris preparou, até que a sua riqueza lhe permitiu, as bases dum estabelecimento análogo. O defunto Card. de Rohan, arcebispo de Besançon, deixou por testamento os fundos destinados para esse nobre fim. Mas há um obstáculo que impedia alguma obra parecida de obter um verdadeiro sucesso na Igreja de França. Os espíritos estavam profundamente divididos sobre questões da mais alta importância e em especial sobre o ensino da filosofia. - Há na Igreja um defeito de fecundidade científica e em que momento! mesmo na altura em que a Igreja de França passa da mocidade para a virilidade; no momento mais crítico dos seus / (123) novos destinos, na idade em que a força precisa de se expandir e em que ainda não está regulada por uma razão que tenha um valor igual... Quem dirá o que todos nós sofremos? A nossa vontade flutuante entre os nossos bispos imóveis nos seus assentos e os homens que nos arrastavam pela magia do seu poder privado; a nossa necessidade de fortes estudos e o nosso desespero por não poder satisfazê-la; o nosso desejo ilimitado duma *união* conturbada em suas bases; a consciência do bem a fazer e a nossa impossibilidade de o fazer; a desconfiança, as suspeitas, os desânimos, depois o mundo crescendo ao nosso lado, ora cheio de ameaças, ora levado para Deus por esperanças formidáveis, e nós, em lugar de instruí-lo, infelizes prescritos de véspera, nós prestando-nos a discussões de que não sabíamos do que admirar mais, o seu encanto ou a sua infelicidade!"

-É em Roma que os estudos devem ter a sua fonte e o seu centro. É a prerrogativa de Pedro / (124) de ensinar e de confirmar os outros.

---

<sup>178</sup> Por efeito da lei da liberdade do ensino superior de 12 de Julho de 1875 puderam fundar-se as Universidades Católicas em Paris, Lila, Angers e Tolosa

-S. Leão Magno dizia aos Romanos: “Vos tamen preecipue inter caeteros populos decet meritis pietatis excellere quos in ipsa apostolicae arce fundatos beatus apostolus Petrus prae omnibus erudit” (*Serm. 3 In anniversario assumptionis suae*). E noutro passo “Si S. Petrus pietatis suae curam omni populo Dei, sicut credendum est, ubique praetendit, quanto magis nobis alumnis suis opem suam dignabitur impendere, apud quos in sacro beatae dormitionis toro eadem qua praesedit carne requiescit” (*sermo 4, de Natali ipsius*).

“Roma, diz Mons. Pie, é eminentemente a pátria da ciência eclesiástica...; este ensino especial de Pedro não se perdeu e sentem-se ainda os seus efeitos, ou melhor, Pedro continuou a fazer escola na sua cidade, de onde se espalham as suas lições por todo o universo. Os grandes génios desabrocham em todos os climas e Deus nunca deixou de acender fachos magníficos / (125) em todos os pontos da Sua Igreja. Mas, em igualdade de circunstâncias, em nenhuma outra parte se encontra como em Roma esta segurança de tradição que vem em ajuda do génio, que frequentemente o substitui com vantagem e que o preserva sempre dos desvios a que está exposto. Acrescentemos que a assistência divina prometida ao Vigário de Cristo, se propaga da sua pessoa sobre toda a Igreja particular de Roma, inseparavelmente associada à sua missão e em especial encarregada de ajudá-la nos seus trabalhos. É aí especialmente que o perfume da graça celeste desce da cabeça de Aarão até à orla mais afastada do seu manto” (*Oeuvres*, vol. 2 p. 508).

Eu chegava mesmo a tomar nota dos trabalhos a fazer. Muitos desses trabalhos foram feitos depois por sábios cristãos. Eis alguns dos argumentos que eu indicava:

- Concordância de cosmogonia mosaica com as ciências naturais.
- Concordância da Bíblia com as descobertas / (126) históricas do Egipto e da Assíria.
- Comparação das sociedades naturais e das sociedades cristãs.
- Vantagens temporais que o Estado pode obter da sua submissão à Igreja.
- Da arte profana e da arte cristã;
- As instituições de caridade em Roma, suas características: estabilidade, universalidade, oportunidade;
- O Ensino e o papel que a Igreja nele deve ter;

- Tratado *De Regimine Ecclesiae*. A Igreja tem os três títulos de Cristo: Rei, sacerdote, profeta (v. Sanguinetti);

- A liberdade de imprensa frente ao direito natural e divino.

- Onde está a verdadeira liberdade?

- Tese histórica: vantagens para a Igreja e para a salvação das almas, da protecção das poderes públicos, por imperfeita que ela tenha sido.

- O progresso do dogma nas verdades ligadas à filosofia. Vantagens que a filosofia tirará das reflexões de sistemas que agitaram a Europa desde há dois séculos. / (127) Muitas verdades serão esclarecidas pelas definições e ensinamentos da Igreja.

- Mesmo estudo para a ciência política.

- Idem para a ciência social e doméstica;

- As verdades políticas e sociais que estão a ser contestadas e discutidas no nosso tempo serão iluminadas pelos ensinamentos da Igreja;

- Até que ponto o estado da sociedade actual permite a tolerância religiosa dos governos? É essa a base das concordatas. O estado de protecção à religião pelo poder é o estado de perfeição para a sociedade civil. O Estado tem sempre o dever de proteger pelo menos a liberdade da verdade (Lacordaire, *Conf. sur le pouvoir coercitif*).

- Santificação pela Igreja do direito e das relações naturais (v. De Camillis, I, pp. 291 ss.).

- As impiedades do direito moderno - as imoralidades organizadas: casamento civil, jogos de bolsa; casas de tolerância, etc.

- As virtudes escondidas: Lacordaire, *Conf. de Toulouse*: humildade, castidade, caridade. / (128) Item: S. Gregório *Homilia 32ª in Evangelium* (doçura). Conc. Araus. II, can. 17: "Fortitudinem gentilium mundana cupiditas, fortitudinem christianorum Dei caritas facit..."<sup>179</sup>. Stº. Agostinho, Fulgêncio, Próspero citados por Palmieri: *De gratia*, p. 108. De Camillis, pp. 157 ss., vol. II.

- Estudar o nosso século nas bulas dos cinco últimos papas.

---

<sup>179</sup> O Concílio de Orange (Concilium arausicanum) começou em de Julho de 529 Nt (A cobiça material faz a força dos gentios; a caridade faz a força dos cristãos )

- Estudar nos concílios provinciais da Idade Média, nos concílios ecuménicos, nos Actas pontifícias, a acção da Igreja sobre a sociedade civil e a sua benéfica influência. Estudá-la também na vida dos santos reis.

- Sobre o prejuízo causado às produções do génio pelos erros que dominaram desde há 3 séculos. (De Maistre, *Soirées*, t. II, p. 153).

- Economia geral da Igreja: organização, ordens religiosas, associações, etc.

- A França católica - a Itália católica, etc. Guia do peregrino: história, hagiografia, relíquias, arte, etc.

- Etc. etc. / (129)

Todos estes trabalhos serão feitos e serão úteis à Igreja. O Espírito Santo inspirará um ou outro. A nossa pequena família religiosa também se entregará a este género de apostolado, quando ela tiver saído do período das dificuldades próprias de todos os inícios.

#### ESTUDOS E LEITURAS

Li pouco este ano para além dos meus estudos teológicos e canónicos. Não tinha vagar. Fazia a minha leitura espiritual dos *Entretiens* de S. Francisco de Sales. Achava a sua doutrina tão consoladora e encorajadora! Li também *La vie du P. Ratisbonne* e *Le récit d'une soeur* da senhora Craven<sup>180</sup>. Que sentimentos nobres e delicados nessas exposições! Umas cartas, algumas notas revelam-nos nessas páginas os sentimentos íntimos das almas mais nobres, mais cavalheirescas: as mais cristãs deste século! O senhor Alberto de Mun, parente dos Ferronnays, herdou estas nobres tradições.

Oh! Se a nossa velha aristocracia tivesse conservado assim a sua herança de verdadeira nobreza pela influência do exemplo / (130) e da educação, ela teria conservado facilmente a sua parte legítima de acção na nossa vida social.

Eu lia também alguns discursos e artigos de revistas e demorava-me especialmente naquilo que correspondia aos meus gostos e projectos.

---

<sup>180</sup> Paulina de la Ferronnays casou em 1834 com o diplomata inglês Augusto Craven que ela converteu ao catolicismo. Em 1868 a senhora Craven publicou "*Le récit d'une soeur*" que alcançou um sucesso retumbante e onde ela conta a história verídica e comovente do grande amor e do casamento de Alberto de la Ferronnays (irmão de Paulona) com Alexandrina de Alopeus, sueca luterana regressado ao catolicismo e que, após a morte de Alberto, levou uma vida toda de oração. A obra foi premiada pela academia francesa. "Para os corações religiosos" disse Berbey d'Aurevilly, é uma obra de emoção e de edificação incomparável".

As linhas seguintes que copiei de Mons. Dupanloup (*Lettre aux contemporaines*), prognosticavam as obras e os estudos a que eu me entregaria mais tarde. -“Se eu tivesse que dar um conselho aos cristãos dos nossos dias e a todos os padres, seria o de não ficarem alheios, como demasiadas vezes o fazem, aos problemas sociais, de se misturarem com a vida dos camponeses e dos operários, de se ocuparem do seu alojamento, da sua alimentação, dos seus salários, dos seus filhos, dos seus velhinhos, dos seus socorros mútuos, das suas leituras, dos seus tempos livres. Porquê? Oh!, meu Deus, para tudo aliviar, tudo esclarecer, tudo melhorar? Deveria ser essa a nossa paixão dominante, fora de qualquer política, de qualquer ambição, de qualquer recriminação”. / (131)

Nos discursos académicos do P. Gratry e do Sr. Vitet, eu notava os dois trechos seguintes que apreciavam os méritos respectivos das duas formas de vida sacerdotal: o ministério e o estúdio.

- O P. Gratry exprimia um escrúpulo: “Os flagelos que envolvem o mundo, a vista dos sofrimentos dos homens e de tantas almas trespassadas de dores, tudo isso nos inquieta, nos solicita continuamente o coração no meio do nosso trabalho e parece dizer-nos: que fazes tu? Porque és sacerdote? Para que essas subtis pesquisas que não interessam os que sofrem nem muito menos os que morrem?”

O Sr. Vitet respondia: “Este grande esforço em proveito da razão, esta guerra ao erro tão calorosamente mantida, que finalidade têm? Queríeis satisfazer uma necessidade de amor próprio, de curiosidade? Vós éreis atormentados por uma ambição mais alta, pela santa esperança de acordar nas almas o gosto da luz divina. O vosso fim era todo prático, todo religioso.” / (132)

Encontrei bem expresso no P. Ratisbonne um dos melhores argumentos da apologética, o das virtudes reservadas. Vou copiá-lo. “Lá onde falta a eucaristia, já não há grandeza divina nas almas. Podem-se reconhecer nos protestantes como nos judeus, as virtudes naturais e patriarcais. Há neles, aceitamos isso com alegria, moralidade, generosidade, qualidades amáveis; mas as virtudes sobrenaturais são-lhes desconhecidas. Eles não compreendem nem a humildade, nem a castidade evangélica, nem a obediência religiosa, nem a renúncia completa à vida terrena, nem os actos heróicos que ultrapassam a força da natureza humana”.

Em Mgr Darboy, notei um juízo, que permanecerá, sobre um dos grandes males do nosso século, o amolecimento do carácter. - “Há um vício, diz ele, que deve tornar-se visível quando considerais a sociedade actual, é a falta de energia, a ausência de carácter, o enfraquecimento das vontades. A maior parte / (133) dos homens apoiam-se sobre as suas fantasias, obedecem às sugestões dos sentidos, à volubilidade da imaginação, a todo o pensamento que lhes entre no espírito ou no coração. São arrastados pela primeira impressão e dão assim uma lastimável ideia de si mesmos. Vítimas do seu próprio capricho, tornam-se presa do capricho dos que os rodeiam.... Quando já não se tem a força dos princípios, só se tem a força dos princípios, só se tem as fraquezas de todos os maus instintos e de todas as paixões...Eu gostaria que a juventude soubesse que as coisas humanas se apresentam sempre pior do que se deseja, e que raramente o homem é perfeitamente servido pelas circunstâncias. Porque, sejam quais forem as contradições e as adversidades que os esperam, os vossos filhos vencê-las-ão se tiverem carácter, energia, decisão. E se a prosperidade lhes sorrir, mesmo assim eles precisarão de carácter; porque a prosperidade corrompe, como a adversidade abate.”

No “ *Récit d’une soeur*” eu notava as impressões sobre Roma que / (134) me pareciam luminosas e que eu partilhava. “Como é possível, dizia o Conde de la Ferronnays<sup>181</sup>, vir a Roma só para ver pedras? E sobretudo, como é possível, no meio de tantos testemunhos que atestam Deus e o seu poder, a religião católica e a sua verdade, como é possível que se possa procurar para criticar só alguns abusos e a singularidade de certos costumes e cerimónias religiosas das quais os nossos espíritos mesquinhos e vãos não conhecem nem o sentido nem o valor? Para uma alma católica Roma é somente Roma católica; a terra das recordações católicas, dos milagres católicos, das meditações, das inspirações, das esperanças católicas”.

Eugenio de Guérin escrevia por sua vez: “E agora estou em Roma! Não sou capaz de dizer como isso é para mim uma satisfação de cada instante. Estar aqui com a disposição em que estou, com todos os meios para ver, compreender e apreciar tudo, na única verdadeira maneira, eis um regozijo de que nunca me canso... Até agora só revi / (135) S. Pedro, e bem senti nele a verdade do que diz o P. Gerbet, no seu livro (*Esquisse de Rome chrétienne*): essa impressão de *triumfo* ao entrar na admirável igreja! Enquanto nas igrejas góticas a impressão é de se ajoelhar, de juntar as mãos num sentimento de

---

<sup>181</sup> O pai de Paulina de la Ferronnays (sra. Craven). Cf. nota 2, p.232.

humilde oração, em S. Pedro, pelo contrário, o movimento involuntário seria de abrir os braços em sinal de alegria, de levantar a cabeça cheios de felicidade e de serenidade. O sentimento vivo do perdão pela ressurreição enche sozinho o coração...Podes imaginar o que será rever as igrejas, as catacumbas, etc... etc..., com o padre Gerbet, que continua a estar admiravelmente inspirado em todos esses lugares Santos, e com Teodoro de Bussières, que entra numa multidão de detalhes encantadores, por causa dum livro que ele escreveu sobre as sete basílicas de Roma...”

### *DOENÇA*

Este ano lectivo pôs à prova, e muito, a minha saúde. As emoções da ordenação e das primeiras missas tinham-me causado febre. As explicações de estenografia / (136) somadas cada dia às aulas normais, levaram-me a um verdadeiro esgotamento cerebral. No início de Junho tive de parar e ficar de cama. Eu tossia, não tinha forças, tinha todos os sintomas de tuberculose. O bom padre Bricet receava uma catástrofe. Ele traía-se, percebia eu. Ele só tinha um desejo, o de ver chegar alguns dias de moratória na doença para me despachar, o mais rapidamente possível, para além dos Alpes. Eu rezava à SS. Virgem e a S. José. Eles vieram em meu socorro e deram-me um sinalzinho providencial da sua intervenção.

Chegou-me pelo correio uma encomendazinha. Era um frasco de água de Lurdes e um cordão de S. José com uma informação sobre a devoção das sete alegrias e das sete dores de S. José. Nunca soube donde aquilo me vinha. Mas o que sei é que a convalescença começou desde que tomei água de Lurdes, e poucos dias depois estava pronto para partir.

Depois de passar o Mont-Cenis, / (137) parei umas horas em Chambéry para visitar de passagem o meu caro amigo padre Perreau, que definhava também ele e que se preparava para morrer uns meses mais tarde com a morte dos Santos.

A 19 de Junho, escrevia-me para La Capelle: “Meu caro amigo, suspiro por notícias tuas. Deixei-te bastante doente. O ar natal restituiu-te algum vigor? Esta doença chegou mesmo em mau momento, a julgar segundo o mundo; mas bendigamos os desígnios de Deus. Eles são misteriosos e misericordiosos. Gosto de me lembrar de vez em quando que o padre que sofre parece-se mais com Nosso Senhor. Entre a sensualidade do mundo e a justiça de Deus, são necessários alguns intercessores que

sofram. Oh! se soubéssemos aproveitar! Caro amigo, escreve-me para me dar coragem! Estou em baixo de alma, materializo-me demais. A minha imaginação preocupada com os cuidados materiais persegue-me nos momentos em que isso é inútil. Reza muito por mim. Acho-me um pouco melhor do que na altura da tua passagem e / (138) conto partir a 25 ou 26 para os banhos do mar. Pararei um pouco em Paris e procurarei assistir à festa patronal do Círculo de Luxemburgo, no dia de S. Pedro; isso far-me-á renovar deliciosas recordações. Se não estiveres cansado demais para me escrever umas palavras, poderias prestar-me um serviço, o de me dar a direcção de um hotel em que eu possa hospedar-me em Paris. Adeus, querido amigo, trata de ti, essa é com certeza a vontade do bom Deus; temos que aceitá-lo com alegria. Esquece todo o trabalho e todo o cuidado. Deixa-te mimar pela tua boa mãe”.

A carta do meu amigo revela a impressão que produzira nele o meu estado de saúde em Chambéry. Também em La Capelle, assistindo às minhas primeiras missas, certa boa gente dizia: “Este pobre senhor não celebrará muitas”. Todavia a Santíssima Virgem ia fazendo pouco a pouco o seu trabalho. As minhas forças voltaram lentamente e fui bastante saudável durante 10 anos. / (139)

### *PRIMÍCIAS*

Os meus bons pais prepararam para 19 de julho a festa que é feita a todo o neo-sacerdote que vem celebrar a primeira missa no meio da família. Tenho uma simpatia especial pelo dia 19 do mês. É o da minha ordenação, das minhas primícias; é o dia de S. José, S. Vicente de Paulo<sup>182</sup>; é o dia em que minha mãe deixou a terra. Escolhi este dia para todas as devoções de confrarias que se fazem uma vez por mês.

A festa foi bem bonita e comovente. Houve uma grande reunião de família e ofertas, que eram todos obras de biblioteca: Bossuet, Chateaubriand, Mons. Dupanloup, Mons. Pie, Ravignan, Lacordaire, P. Félix, etc...

Cantei a missa e as vésperas e preguei duas vezes, de manhã sobre o Santo Sacrifício e de tarde sobre a Santíssima Virgem.

As emoções de um dia como esse não podem descrever-se. A minha família, o povo da minha terra de La Capelle / (140) estavam tão impressionados como eu. Todos

---

<sup>182</sup> Nt S. Vicente de Paulo agora é a 26 de Setembro.



choraram e esse dia deixou nas almas, penso eu, um incremento de fé que terá contribuído para a salvação de muitos.

Eu não era adorador, e ainda não o sou, embora tenha hoje mais facilidade, mas as circunstâncias falavam por si mesmas.

Os estudos escolásticos fornecem uma doutrina segura a uma lógica cerrada. Colocam-nos nos antípodas da retórica. Esta, pressupõe leituras, treinos que não se tem tempo de fazer no seminário e habilidades que lá não se aprendem.

Eu terminara cedo demais as minhas humanidades, aos 16 anos! O direito, a filosofia escolástica, a teologia tinham dado ao meu espírito hábitos de exactidão, de ordem e de clareza que eram preciosos. Mas faltava-me a literatura. Repugnava-me todos os escritos modernos, que geralmente carecem / (141) de fundo, de lógica, de doutrina e que são unicamente frases, arte pela arte, diletantismo, o *cymbalum tinniens* de S. Paulo. Só foi muito mais tarde que eu retomei um pouco de gosto pela literatura, compreendendo, mas tarde demais, que com um pouco mais de preparação eu teria dado muitas vezes mais eficácia à minha palavra.

Nesse dia portanto, comecei pelo exórdio de circunstância. Resumia bem as minhas impressões, copio-as.

“Há santuários, dizia eu, onde o cristão gosta de rezar, onde o padre é feliz por oferecer o santo Sacrifício da missa. Há também lugares de peregrinação, onde a livre escolha de Deus e a intercessão dos Santos dispensam graças em abundância. Há também santuários venerados de Roma e o sepulcro sagrado do Príncipe dos apóstolos onde os cristãos do mundo inteiro vão beber uma seiva vivificante, a fé dos tempos apostólicos, o espírito de oração e de caridade. Há também Lugares Santos/consagrados pela vida do Nosso Senhor, tão impressionantes na sua tristeza actual e na maldição que os castiga, porque as exigências da nossa salvação neles fizeram correr o sangue do Salvador. Mas há também um altar, menos santo do que esses, e desconhecido pelos peregrinos, mas que não é menos querido ao coração de cada um de nós: é o altar da nossa terra, da paróquia em que nascemos. Gostamos de rezar nele; o dever chama-nos a ele e alegrias e lágrimas aí nos esperam.

O dever chama-nos porque neste lugar cometemos faltas na nossa infância e é aí aos pés do altar que convém repará-las, oferecendo a Deus uma vítima de um preço infinito.

O dever chama-nos ainda, porque aí recebemos de Deus graças e benefícios: a fé, o nome de cristão e esse primeiro beijo de amor que Deus nos dá na Primeira Comunhão e que Ele renova depois com a ternura de mãe. Também dos homens nós recebemos benefícios, e temos de lhes agradecer / (143) invocando sobre eles a bênção de Deus.

Aqui esperam-nos alegrias, como as deste belo dia em que a vossa numerosa presença produz em mim a emoção de que todos sois testemunhas, alegrias cuja recordação jamais se apagará do meu coração e que me estará presente todos os dias da minha vida no altar; alegrias da união com os nossos irmãos na oração, no puro amor de Deus, na vontade de fazer o bem com a esperança de, juntos, virmos a ser coroados na morada dos santos.

Lágrimas também nos esperam no altar da nossa terra, a nós ministros do Senhor, porque recebemos com o Espírito Santo um pouco do amor divino pelas almas. Esta união, que faz a nossa alegria, gostaríamos que fosse unânime e eis que nesta concórdia aparente há vozes discordantes e eis que neste rebanho do divino Pastor há ovelhas tresmalhadas. É para obter que Deus faça cessar pela sua graça o motivo destas lágrimas, para que nos confirme nestas alegrias e para cumprir esses deveres de gratidão e de expiação que estamos / (144) reunidos, meus irmãos, ao pé do altar e que vamos oferecer juntos o Santo Sacrifício. Mas Deus só escuta as orações humildes e fervorosas e os sacrifícios generosos, e para nos prepararmos para Lhe oferecer juntos este sacrifício santo, vamos meditar por alguns instantes sobre a sua grandeza e sobre a sua eficácia.”

Após este exórdio, eu resumia o ensino dogmático do Cardeal Frauzelin sobre o sacrifício.

O sacrifício é a expressão do culto que o homem deve ao seu criador. Recordei os sacrifícios bem graciosos do Paraíso terrestre: era uma oração, um canto, ou uma oferenda de algum objecto cuja destruição representava a Onnipotência de Deus e o seu domínio soberano sobre as suas criaturas.

Depois do pecado, o sacrifício já não foi somente uma homenagem de amor, de gratidão, de devoção e de confiança. Foi preciso acrescentar a expressão da expiação e da submissão à justiça divina. Daí, a / (145) destruição de algum objecto usado pelo homem, e que o homem substituía a si próprio para indicar que ele merecera a morte.

Mas essa era uma reparação insuficiente. Que importava a Deus o sangue das vitelas e dos cordeiros? Deus precisava de uma vítima digna dele. Assim, o seu divino Filho, ofereceu-Se para morrer no nosso lugar.

Citei aqui uma bela página de Isaías do capítulo 63. Isaías é sempre tão lindo! Ele mostra-nos o nosso Deus irritado cobrindo-se de sangue na sua ira, pisando aos pés o homem pecador, como se pisa uva do lagar. Mas essa vítima, que Ele esmaga no lagar, é Ele mesmo, é o seu Filho que quis tomar sobre si os nossos pecados: *atritus est propter scerela nostra*. Há algo de mais comovente? Algo mais digno duma misericórdia infinita?

Mas não é tudo: o homem precisa dum culto perpétuo, / (146) dum sacrifício quotidiano, dum vítima para ser oferecida cada dia. O Senhor quis ser também esta vítima. Ele perpetua-se no sacerdote para se oferecer todos os dias na Eucaristia. E era esse o grande acto que eu ia realizar.

Nosso Senhor dissera aos Apóstolos: “Fazei isto em memória de mim.” E dera-lhes o poder de renovar o seu sacrifício eucarístico e confiara-lhes a missão de transmitir esse poder aos seus sucessores no sacerdócio. E desde há mil e oitocentos anos os bispos sucessores dos Apóstolos, transmitem este poder aos sacerdotes da nova lei. E, há alguns meses atrás, o bispo que é o Vigário do sucessor de S. Pedro, dizia-me a mim próprio: Recebe o poder de consagrar o Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. É este poder que eu venho exercer aqui no meio dos meus.”

Ao terminar, eu gritava: “Ó Vítima adorável! quando daqui a pouco / (147) vierdes para o nosso meio, apesar da nossa indignidade, quando estivermos prostrados a vossos pés com respeito, confiança e amor, falai Senhor, falai aos nossos corações, falai ao vosso Pai.

À vista das nossas faltas, da nossa tibieza, das nossas misérias, dissei a vosso Pai, como Lhe dizíeis sobre a Cruz: meu Pai, perdoai-lhes pois não sabem o que fazem.

Falai aos nossos corações. Mas eu ouço-vos dizer: Irmãos, quero-vos grandes, santos e virtuosos; quero-vos justos e generosos para com os vossos irmãos; quero-vos gratos e devotos para com o vosso Deus, dignos e puros para convosco mesmos!

Falai, Senhor, e que cada um de nós saia melhor desta solene reunião. Falai ainda ao vosso Pai e pedi-Lhe para abençoar este seu indigno ministro, para abençoar os seus familiares, os seus veneráveis mestres e pastores, os seus conterrâneos, os seus

amigos, a sua família. Pedi-Lhe que abençoe esta devota assembleia e que um dia nos reúna todos convosco na felicidade dos eleitos.”

Eram mesmo esses os sentimentos do / (148) meu coração.

À tarde falei da Santíssima Virgem, do seu reino tutelar, da sua maternidade e bondade.

Os meus bons mestres de Hazebrouck faltavam a esta festa. O P. Dehaene, meu antigo superior, escrevera-me a 13 de Julho: Meu caro padre, temos a distribuição de prémios a 5 de Agosto, portanto o trabalho aqui é enorme: mesmo um só dia de falta para o P. Boute e para mim, são dois dias; é demasiado! E mais ainda, nós chegaríamos aí ofegantes, para vos deixar a toda a pressa: seria estragar todo o prazer da festa!

“Permiti-nos que participemos somente com vivas simpatias na vossa deliciosa festa de família e que possamos ir ver-vos no mês de Setembro, e que façamos então convosco a peregrinação de Liesse? Sim, não é verdade? O P. Boute também acha que esta é o melhor acordo. Subi então solenemente ao altar no dia 19, no meio de um povo emocionado, de uma família enternecida, sob os olhos de um pai justamente orgulhoso e cheio / (149) de gratidão para com Deus e duma mãe piedosa, tão bem compensada hoje por toda a sua solicitude! Os nossos corações estão pertinho dos vossos...”

Esses belos dias passam rapidamente, mas deixam uma impressão profunda que os anos não apagam.

#### *NORMANDIA*

O meu santo amigo, O P. Perreau, estava em Tréport. Escrevia-me a 9 de Agosto: “Caríssimo amigo, à beira-mar, num dia de trovoada, no meio duma sala de jornais, numa casa de campo: eis onde eu estou hoje. Deus seja bendito em tudo o que Ele faz! Creio que Ele me restituirá a saúde. A estadia à beira mar ressuscitou-me. Estou aqui desde há um mês. Até agora só tomei duches com água do mar fria; vou agora acrescentar os verdadeiros banhos. A minha boa mãe acompanhou-me por causa do estado de grande em que me encontrava, mas agora deixou-me só e voltou a Chambéry. Quanto a mim, estou condenado a ficar aqui até ao fim de Setembro. O castigo não é assim tão triste, e eu aceito-o tanto mais que o primeiro mês teve / (150) um grande sucesso para a minha saúde. Por uma sorte toda providencial, encontrei cá Cadot e Thellier. Eles já se foram, mas Thellier voltará de 15 a 30. (Eram dois amigos comuns que conhecêramos em Paris

na escola de Direito. Cadot seria mais tarde deputado de Péronne, e Thellier de Valenciennes). “Tive notícias por meio do P. Freyd: tu estavas melhor; mas preciso de sabê-lo de ti mesmo. Tinhas grande necessidade de repouso; espero que o terás abundantemente feito. O Senhor não está sempre connosco? e não é um pensamento consolador saber que em todo o tempo, em qualquer situação, nós somos seus amigos e que nos é dado fazer a sua vontade? Se nós O amássemos, seríamos doces e calmos em toda a parte, seríamos felizes, seríamos como esses músicos que preludiam uma ária de festa: eles acedem-na tranquilamente por meio de harmonias que a reclamam. Preludemos aqui os cantos de alegria do / (151) céu. No céu estaremos no Tabor, subamos com coragem! Eu digo-te tudo isto, embora eu seja fraco, miserável, às vezes muito triste. Recomendo-me muito às tuas orações. Permaneçamos unidos no Coração daquele em quem sou teu amigo para sempre.” L. Perreau.

Ele sim, era mesmo doce e calmo, em toda a parte. Era um Luís de Gonzaga. Mas a sua pretensa ressurreição era uma ilusão de doente. Ele ia caminhando muito rapidamente para o céu.

Li a sua linda carta aos meus pais e veio-lhes a ideia de me enviar também uns dias a Tréport. Aceitei com prazer e parti depois da Assunção para lá ficar quinze dias.

É assim que se deveriam tomar os banhos de mar, em companhia de um santo amigo cujas conversas sobrenaturais, apagam as impressões demasiado mundanas de uma tal estância. Passei lá dias deliciosos. De manhã, ia celebrar na paróquia. Tomava um banho por dia. As nossas conversas reanimavam-me/ (152) o coração e reconfortavam-me. Thellier veio juntar-se a nós. Fiz com ele longos passeios. Conversávamos sobre apostolado. Por momentos ele pensou dedicar-se ao sacerdócio, mas Deus tinha outros planos sobre ele. Ele tornou-se um apóstolo na Câmara Municipal e nas obras do Norte. Tem uma família patriarcal de uma dúzia de filhos, e alguns, creio eu, vão consagrar-se a Deus.

Sempre fiel à minha atracção pela natureza e pelas belas-artes, fiz algumas excursões.

A Tréport não falta encanto. Parece ser o *Ulterior portus* de Júlio César. Está situado na foz do Bresle, diante de Mers. Já não tem nada da sua velha abadia fundada pelos condes de Eu. Tem a sua bela avenida (ao longo do mar) guarnecida de *villas*, a velha cidade de pescadores, para a qual se sobe por uma escadaria de 80 a 100

degraus, a velha igreja renascentista do século XV, mas rejuvenescida pela generosidade dos banhistas, e lá ao alto, ao longo / (153) da costa, a alta falésia recortada, donde se tem uma vista extensa e impressionante.

O principal agrado de Tréport é a proximidade da bela propriedade de Eu, que pertenceu aos príncipes de Orléans. Pode-se ir lá todos os dias, a pé, de burro, de carroça, em carro eléctrico. O castelo de Eu tem muitas recordações. Construído por Carlos Magno contra os Normandos, viu morrer sob as suas muralhas o duque de Rollon. Joana d' Arc esteve nas suas prisões. Henrique de Guise fê-lo reconstruir no século XVI e Le Nôtre desenhou o seu parque. Luís Filipe aí recebeu duas vezes a rainha Vitória. A capela tem vitrais preciosíssimos, fabricados em Sèvres com desenhos de Chenavard e Paulo Delaroche. As sombras escuras do Parque e sobretudo as suas grandes faias fazem dele uma das mais belas propriedades da França.

A igreja de S. Lourenço é uma das mais belas da Normandia. É ogival; data dos séculos XII e XIII. Restam duas torres românicas da velha igreja, na qual, Guilherme, o Conquistador, / (154) casou com a rainha Matilde.

Visitei também Dieppe e Arques. Aprendi a conhecer o estilo normando com as suas lanternas a modo de cúpulas, os seus púlpitos e grades de pedra, as suas chaves de abóbadas trabalhadas, as suas ricas consolas, as suas capelas do sepulcro para as quais se desce passando por uma representação do enterro de Cristo.

Dieppe é toda modernizada. É uma cidade para banhos de mar. Já não é o porto animado da Idade Média, que rivalizava em poder e riqueza com os primeiros portos da Europa. Foi em Dieppe e no castelo de Arques, cujas velhas torres estragadas fui ver, que Henrique IV começou a levar a melhor sobre a Liga.

Em Dieppe, nasceu um dos nossos mais valentes marinheiros, Duquesne. Ele venceu, sucessivamente, os Espanhóis, os Dinamarqueses, os Ingleses. Equipou e armou uma esquadra à sua custa. Desfez Ruyter em Messina, bateu em Quio a armada barbaresca, bombardeou Argel e obrigou o Dey a restituir / (155) todos os escravos cristãos. Bombardeou também Génova que ajudara o Dey de Argel e obrigou o Doge a vir humilhar-se aos pés do rei de França em 1664. É uma das glórias do reino de Luís XIV.

Voltei desta agradável viagem fortificado e repousado.

## MINISTÉRIO

Antes e depois dessa viagem fiz um pouco de apostolado em La Capelle e na pequena paróquia de Sommeron. Algumas pessoas pediram-me para confessá-las; preguei várias vezes. Dei também algumas lições de Latim a crianças que mais tarde se tornaram padres.

Não saberia dizer com que impressões fiquei quando dei as minhas primeiras absolvições. Estava emocionado como no dia da primeira Missa. Era a graça sensível em toda a sua intensidade. Parecia-me gerar essas almas para a graça, como diz S. Paulo: *“Fili quos genui, quos iterum parturio.”*

Para prestar serviço ao meu deão, / (156) ia ao Domingo a Sommeron, pregava com todo o meu ardor de jovem padre. A igreja enchia-se. Voltei a vê-la, mais tarde, triste e abandonada, em consequência da nefasta influência da política e da má imprensa.

No mês de Setembro, preguei em La Capelle o panegírico da nossa querida patrona, a amável mártir, Santa Grimónia ou Germana.

Esta cara santa era filha dum rei da Irlanda, como a ilustre Santa Beja, a padroeira da Noruega. Ambas tinham o pai pagão. Ambas fugiram para evitar o casamento, para guardar a sua virgindade e escapar à cólera do pai. Beja, guiada pelo bom anjo, encontrou à beira mar um navio que a levou para a Escócia. Seu pai perseguiu-a. Uma mata de lírios surgiu milagrosamente e escondeu-a dos olhos do pai. Ela fundou em Inglaterra o mosteiro de Hartepole onde morreu.

Beja vivia no século VI, Grimónia / (157) deve tê-la antecedido. A lenda não nos diz se Grimónia encontrou, como Beja, um barco guiado por um anjo ou se ela uniu a uns comerciantes. Ela não aportou na Escócia mas na França. Mergulhou na floresta de Thierarche, não longe do presídio romano de Duronum. Mas os enviados do pai encontraram a sua pista. Havia ainda no fundo da floresta um último refúgio do culto pagão. Os Druidas imolavam aí moças virgens num altar dedicado ao deus Odino. Os sicários do rei da Irlanda tinham ordem de impor à virgem a apostasia ou a morte. Ela escolheu a morte por Jesus Cristo. Entregaram-na aos sacerdotes de Odino; ela foi decapitada no dólmen da colina, por cima de uma nascente chamada a Fonte real e o seu corpo virginal foi lançado numa ravina, ainda hoje chamada a cova de Odino (deveríamos dizer a cova das vítimas de Odino).

Mais tarde uns bois escavaram o terreno e encontraram milagrosamente o / (158) corpo da mártir. Os milagres multiplicaram-se; foi construído um santuário. Daí veio o nome da aldeia, La Capelle (ou La Chapelle)<sup>183</sup> e as peregrinações que têm ainda os seus fervorosos visitantes.

Santa Beja encontrou um poeta, René Bazin, que cantou a sua lenda. Ele mostra-nos a partida da santa:

*“Meia-noite bate, Beja se levanta!  
-Adeus, diz ela, vou-me embora!  
E Frida saindo do seu sonho:  
-Para onde corres? -Procurar a paz  
-Mas sabes tu que em cada porta  
Vigiam soldados com arma na mão?  
-Se Deus quiser que eu saia,  
Eles não me impedirão! ...”  
“...No fundo do monte, a fugitiva  
descobre o matagal e o mar.  
Há vários barcos na margem.  
Mas Beja não sabe remar,  
Nem abrir ao vento as pesadas velas;  
até aí, girar o fuso,  
Tecer o pano dos véus,  
Bordá-lo com um desenho novo,  
Era bastante para a sua mão ligeira. / (159)  
Ai! O perigo é premente,  
Deve pôr entre ela e o seu pai  
O abismo das ondas saltitantes...  
Beja sem tremer, sem uma palavra,  
Puxa a âncora duma canoa,  
E ajoelha sobre as pranchas.  
Em tais ocasiões,  
As almas que são todas brancas,  
Têm dessas inspirações*

---

<sup>183</sup> N. T.- É característico da língua da Normandia o ter conservado o *Ca* em vez do *Cha* francês. Os exemplos explicam tudo: *campus* (latim) diz-se em francês *Champs*; *cantare* diz-se *chanter*, etc. Na Normandia, *canal* (*da Mancha*) é *Channel*, até em inglês. A terra do P. Dehon fica no extremo sudeste da Normandia e não admira que tenham aí as duas pronúncias: *La Chapelle* e *La Capelle*!



*que abalam a sabedoria humana,  
Mas fazem violência aos céus.  
A ideia era feliz: apenas  
A princesa levantou os olhos  
E juntou as mãos para rezar,  
A água se agitou ao longo da praia,  
O barco se afastou da terra,  
Corta a onda toma o balanço  
Para o alto mar luminoso,  
E as vagas profundas se aplanam  
Sob uma mão misteriosa! ...”*

Mais adiante, o poeta mostra-nos o rei em perseguição da sua filha e o milagre dos lírios:

*“Desembarca, ele guia o bando;  
Revista em vão o mar e a costa,  
E subindo a falésia árdua / (160)  
Ergue-se de pé no alto...  
Mas Deus velava sobre a eleita,  
E a salva, porque imediatamente  
Desabrocha toda uma moita  
De lírios brancos elevando-se do solo  
E cobrindo a virgem desmaiada...”*

O rei julga reconhecê-la na própria moita de lírios:

*“Mas não é ela que eu vejo  
Assim branca na erva verde?  
Sim, é ela, eu oiço a sua voz,  
E este perfume... Oh, corram depressa,  
Corram: ela era ainda pequenina,  
Eu entrava no seu quarto  
E achava-a em oração,  
E à volta da criança  
Havia este mesmo perfume de Primavera,  
É mesmo ela!” -Mas, segurando-o*

*O seu companheiro diz: “O que brilha  
Na campanha verde, Senhor,  
Não é Beja, vossa filha,  
É uma moita de lírios em flor.”*

Depois do Rei partir:

*“O maciço de lírios abriu-se,  
A virgem saiu cantando, / (161)  
passou a campina verde,  
E, chegada a treva, escutando  
Um murmúrio de vozes femininas,  
Que o vento ligeiro da noite  
Leva e trás ao ruído das ondas;  
Ela guia-se por este ruído;  
Avança tímida e descobre  
Torres que uma cruz domina:  
É um convento; a porta abre-se,  
E Beja, a filha dos reis,  
Esconde-se, humilde irmã, num claustro...”*

A nossa cara padroeira, Germana, mereceria também um canto lírico. Mas os anjos cantam-lho no céu.

Voltando ao meu panegírico, esforcei-me por fazer crescer no coração dos meus conterrâneos a confiança e o afecto para com a nossa querida padroeira.

“Em toda a parte e sempre, dizia-lhes eu, o sangue dos mártires foi semente fecunda de cristãos. Entrava nos planos de Deus preparar a conversão dos povos pela expiação e pelo sangue dos mártires ...<sup>184</sup> Vede Roma; Cristo levou três séculos para conquistá-la e cada passo que nela fez foi realizado / (162) com efusão de sangue. Roma devia ser o centro da Igreja e por este motivo, participar mais nas graças de Deus; era preciso que ela fosse teatro dos mais abundantes méritos... A nossa bela França que devia ser a filha primogénita da Igreja, devia ter, depois de Roma, a parte maior da cruz,

---

<sup>184</sup> O texto original dos “Sermons” é diferente: “Deus, antes de conceder as suas graças a um povo, quer que a expiação da cruz seja nele renovada e pregada pelo exemplo. Na sua infinita sabedoria, Ele fixou a medida desta expiação e parece que Ele quis que ela fosse mais longa e mais abundante lá onde queria derramar mais largamente as suas graças.”

para merecer a sua grande parte de coroas. Os mártires foram, nela, inumeráveis; e Lião, a grande cidade cristã conta-os aos milhares.

Na nossa terra, Santa Grimónia veio, com a efusão do seu sangue, destruir o culto de Odino, num dos seus últimos refúgios... Foi mesmo aqui que ela ofereceu a Deus, sob o olhar dos anjos, seus irmãos, o seu grande sacrifício de propiciação. Meu Deus, pensou ela, aceitai a minha vida com a do vosso Filho, aceitai a minha vida em expiação das minhas faltas, se cometi alguma, e das do meu povo. Aceitai a minha vida pela salvação do meu pai e dos meus. Perdoai aos meus algozes. Aceitai a minha vida pela salvação dos povos desta região que ainda não vos conhecem! .../ (163)

É dever nosso imitar a sua coragem. O martírio é de todos os dias da vida cristã. Cada dia, emissários do demónio ou do mundo vêm pedir-nos para renunciar a Deus e prometem-nos em troca as alegrias da terra. Eles vêm pedir-nos para desprezar as leis de Deus e da Igreja para consagrar toda a nossa vida aos interesses materiais... Ah! Venham pedir a uma rapariga lições de força, de coragem e de honra, para resistir a todas estas solicitações enganadoras... Finalmente, devemos rezar à nossa querida padroeira. Voltemos a honrar o seu culto. - Outrora, ó ilustre mártir, pela vossa intercessão os cegos viam, os coxos andavam, os surdos ouviam. Se a nossa fé já não é tão viva que mereça obter esses favores sensacionais, concedei-nos pelo menos, os vossos favores espirituais que são ainda mais preciosos, embora menos admirados pelos homens. Curai a cegueira do nosso espírito, fazei que nós ouçamos a voz de Deus e que caminhemos com firmeza pelo caminho da virtude...”

Enquanto eu faltava, o meu / (164) bom anjo fazia-me compreender que eu devia a santa Grimónia a coragem de ter quebrado a resistência do meu pai à minha vocação. Eu falara com emoção na firmeza da santa, frente às insistências paternas. Os meus ouvintes tiveram sem dúvida a mesma intuição, e a emoção era geral. A querida santa ganhou em afeição e estima; era tudo o que eu podia desejar.

#### *FIM DAS FÉRIAS*

Eu ia de manhã e de tarde à minha velha igreja e passava horas deliciosas no jardim rezando o meu breviário e o meu terço e fazendo boas leituras. Às vezes passeava à volta da latada, à sombra das aveleiras, das acácias, das tulipas, e cerejeiras; às vezes

sentava-me num banco rústico, ou numa cadeira de ferro, aos pés do velho freixo chorão. Tinha por companheiros os tentilhões e os pintassilgos. Fui uma vez visitar o Sr. Vitet e conversar com ele sobre Roma. Encontrava lá / (165) uma sociedade de escol: Francisco Lenormand, Aubry-Vitet, a Sr<sup>a</sup>. Duchatel. Conversava-se do Oriente e dos progressos da arqueologia. À noite mandavam tocar o corno-de-caça nos bosques, o vale repetia os ecos. Isso dava ao serão um arzinho de Idade Média.

Também fiz a peregrinação a Nossa Senhora de Liesse, em família. Todas as famílias cristãs devem fazer cada ano uma peregrinação à Santa Virgem.

O meu santo amigo Perreau continuava em Tréport. Escrevia-me a 20 de Setembro: “Eis-te no momento da partida! Que o bom Deus te acompanhe no ano novo. Que Ele te restitua o bem que me fizeste vindo aqui! Que Ele conserve e aumente em ti o amor, a simplicidade e a humildade! Eis o que este amigo te deseja. E isso é tudo; o resto é pó. Oh, quantas vezes nós dissemos isso de viva voz! Muito bem! Não haverá mal em no-lo escrever de novo, até que, verdadeira poeira nos nossos pobres corpos, as nossas almas fiquem unidas na/ (166) felicidade celeste. A doce esperança desse dia eterno será talvez a única que nos unirá ainda neste mundo. Começo a duvidar da minha viagem a Roma. Embora esteja melhor a minha saúde deixa muito a desejar, e eis-me no fim da minha estação de banhos. Reza para que me resigne. Preciso muito que tu me ampires, para que eu não dissipe os dias da doença. Se soubesses como sou diferente daquilo que pareço, rezarias muito por mim. Tivemos tempestades bem grandes. Os pobres marinheiros foram provados. No perigo, eles mostraram a sua fé. Ao voltar, uns mandam celebrar uma missa, outros, descalços, fazem uma qualquer peregrinação. No meio da tempestade, estamos tão aniquilados diante de Deus...” No dia seguinte, ele acrescentava: “A minha carta ainda está cá; vou acrescentar uma palavra. Será o mote do P. Poiblanç (um dos nossos bons amigos). Acabo de receber uma carta dele e ele repete-me: “Sejamos santos!” Oh que grande palavra! Pensar que nós podemos ser santos! Mas, / (167) é preciso esforçar-se na prática, esforço que o amor transforma. Parece-me que os santos punham os olhos mais sobre o modelo divino do que sobre as coisas que os rodeavam; mas sobretudo esqueciam-se de si mesmos. Se nos julgamos mais santos do que os outros, que desgraça! Tudo se perde. Sede santos e perfeitos, como o vosso pai celeste é perfeito: que horizonte! O divino Mestre vem a nós para nos conduzir a isso. Reza para que me possas encontrar na meta. Eu paro muitas vezes ao longo da estrada. Suspeito às vezes, querido amigo, que talvez seria mais fácil fazer as

coisas sem restrições, em vez de ser a meias. Muitas vezes, vemos à nossa frente duas estradas: a estrada banal e a estrada da perfeição. A estrada banal é larga, todos se deixam arrastar; ela não tem o ferrão do remorso, mas tem tantas tristezas. - *Sursum corda!* Desculpa a letra. Rezemos, porque morremos. Diz-se isso com tristeza quando se anda na estrada larga. Lembras-te de S. Francisco de Assis, ajoelhado, que está pendurado na escadaria do Seminário? / (168) Ele já morreu, ele!...”

Estas bonitas cartas vinham perfumar as minhas horas de solidão.

E a hora do regresso soou.

Já não receberia mais qualquer carta de Perreau. Alguns meses depois, foi a sua boa mãe que me escrevia para me anunciar a sua santa morte. “Agradeço-vos, dizia-me ela, por tudo o que fizestes por ele. Vós tornastes-lhe agradável a estadia em Tréport e lá, como em Roma, ele sentia-se feliz por vós! ...”

Como uma boa amizade é uma doce e santa coisa!

#### *REGRESSO A ROMA POR PARIS*

De passagem, quis rever em Paris algumas igrejas antigas e novas. Notre-Dame encontrou toda a sua juventude e frescura sob a mão de Viollet-le-Duc. Esta restauração é uma obra de génio. Este homem teve de retroceder seis séculos para reencontrar o espírito do século XIII e embeber-se dele. Ele deu um grande exemplo. Antes dele, restaurava-se o gótico de uma maneira lastimável. O imperador / (169) encorajava-o; isso vale-lhe uma boa apreciação.

Voltei a ver Nossa Senhora das Vitórias e fiquei encantado por aí encontrar como que um perfume de Roma. Os piedosos fiéis beijam com devoção o pé da estátua de S. Pedro. Eles fazem a genuflexão sem respeito humano. A própria igreja tem cunho romano. Os seus altares decorados com ricos mármore e com bronze, transportam-nos ao século XVII em Roma ou em Nápoles.

Em S. Sulpício, gosto da capela da Santa Virgem; deixa-nos uma impressão de grandeza, apesar das suas modestas dimensões. A altura da sua abóbada, as grandes telas de Van Loo. Os pilares de mármore têm grande classe. A arte do século XVII não tem, como a do século XII, o sentido da oração, mas tem o da majestade e da grandeza.

Não me agrada o estilo da igreja de Santo Agostinho; parece uma estação ou um casino. A sua abóbada em ferro demasiado baixa, as suas magras colunitas, a sua cúpula empolada, tudo isso tem falta de nobreza e de graça! / (170)

## APÊNDICE

### Um mártir

Cartas do senhor Bretenières:

Não saberíamos repetir demais aos que se destinam às missões, que o martírio que se vai procurar nelas é raramente o martírio do sangue, mas será sempre a bem ou a mal, isto é com o seu merecimento, o martírio de todas as suas inclinações, de seus gostos e de sua vontade; e além disso, uma forte dose de mortificação para o corpo, e outra muito mais considerável para o espírito e para o coração. É então isso que devemos amar nas missões e para isso é preciso treinar-se antecipadamente... O bom Deus vos envia sempre tribulações e amarguras; que alegria me dais quando vos ouço dizer *tanto melhor!* Oh, com certeza, tanto melhor, porque aí está o verdadeiro martírio, aquele que Nosso Senhor reserva para todos os que O amam. Vós lembrais-vos que desde os meus primeiros tempos no Seminário das Missões, vós passastes-me, para eu ler, a vida de Santa Teresa. Vós já a tínheis lido. Bem, vós sabeis que ela dizia incessantemente ao Senhor *“ou sofrer ou morrer”*, e que ela não teve outro martírio; mas há um martírio que não é menos desejável do que o do sangue, e esse é mesmo o que nós viemos procurar, e que temos a certeza de encontrar nas missões... Confesso-vos que não posso pedir uma graça particular, mas sempre a grande graça de amar a Nosso Senhor, porque se uma alma ama ao Senhor, por pouco que seja, logo esse bom Mestre Se compraz nela e vem habitar nela, e essa alma passa então muito rapidamente da pobreza à riqueza. Como vos desejo ardentemente este grande amor, meu querido irmão, como vos desejo que o vosso coração fique todo abrasado! Lembrais-vos ainda da boa vontade que Deus nos dava no Seminário, e do desejo de solidão que Ele nos inspirava para poder mais facilmente recolher-nos e aproximar-nos dele; quanto a mim asseguro-vos que, muitas vezes, esta recordação vale mais para meu bem, que a melhor das leituras espirituais... Muitas vezes, lendo o meu breviário, tenho debaixo dos olhos uma frase de S. João da Cruz, que o Padre xxx me escrevia numa santinha que me deixou à sua partida: “Uma hora de sofrimentos vale mais que um ano de delícias.” – Oh! como isto é dito para os missionários, como eu gostaria de compreender bem e de praticar essa frase, aceitando todas as penas com a paz e alegria dum filho de Jesus Crucificado! Como poderíamos assim, muito rapidamente expiar as nossas faltas e iniquidades passadas e adquirir preciosos méritos para o céu! ...

### Na missão

Eu vi também velhinhas com mais de 70 anos, fazer sessenta léguas e mais, para ter a felicidade de receberem a Sagrada Comunhão uma segunda vez no ano. Pobres almas que só vêm o missionário num só dia, por algumas horas no ano, e que têm tão grande sede da palavra de Deus! Como isso aflige o coração do missionário: ver a impossibilidade absoluta de ir partir-lhes mais vezes o Pão Sagrado e dar-lhes algumas dessas consolações de que aos nossos fiéis da Europa abundam sem saberem

reconhecê-las. Que acontecerá no juízo final, quando será feita a comparação entre as graças concedidas e os méritos adquiridos...

*Sr. Bretenières*

## Índice

Apresentação à edição portuguesa. _____	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Introdução _____	1
Cronologia da vida do Pe. Dehon _____	5
5º Período: Roma, 1865-1871 _____	7
A viagem _____	7
Reims _____	7
Soissons _____	8
De Paris a Dijon _____	8
Dijon _____	9
Dôle _____	10
Besançon _____	10
Salins _____	11
O Jura - O Lison _____	11
Alaise _____	12
Bourg _____	12
Chambery _____	13
O Monte Cenis _____	13
Turim _____	14
De Placência a Florença _____	16
De Florença a Cívita e Roma _____	16
I Ano: 1865 - 1866 _____	17
O Seminário _____	17
O retiro _____	17
Na primeira meditação: _____	18
Na segunda meditação: _____	18
Terceira meditação: _____	19
Quarta meditação _____	19
Quinta meditação _____	20
Sexta meditação _____	20
Sétima meditação: A MORTE _____	20
Oitava meditação: A Luta _____	21
Nona meditação: O pecado venial. _____	21
Décima meditação: O AMOR DE DEUS _____	22
Décima primeira meditação: A IMITAÇÃO DE JESUS CRISTO _____	22
Décima segunda meditação: O NASCIMENTO DO SENHOR _____	23
Décima terceira meditação: RESOLUÇÕES _____	23
Directores _____	24
Aulas e professores _____	25
Condiscípulos _____	26
Os estudos _____	28
Trabalhos Pessoais _____	33
Estado de alma - Direcção _____	43
Método e meios de santificação - 1866 _____	46
Estado de Oração _____	48
Roma e as suas festas _____	50
Exames _____	60



Férias	60
Roma - 2º Ano lectivo: 1866-67	61
Reabertura	61
Condiscípulos	62
Os Nossos Professores	63
A Teologia- O Dogma	64
Perrone e Franzelin	67
A teologia moral	69
A tonsura - A Ordem Terceira - As Ordens Menores	72
Estado de oração	74
Estudos e leituras	75
A arte em Roma	76
Museus e galerias	86
Amizades - Os Zuavos	89
A Obra de S. Catarina	89
O Centenário dos Santos Apóstolos	90
Os Concursos	91
O Regresso	91
As Férias	92
A Campanha de Garibaldi	92
O meu regresso	93
Roma depois de Mentana	93
As aulas	93
A Sagrada Escritura	94
O Direito Canónico	95
A História eclesiástica	96
O sub-diaconato - 21 de Dezembro 1867	98
O Breviário	100
União com Deus - União ao S. Coração de Jesus	101
Notas de Meditações - União com Deus	101
Sobre os mistérios da vida de nosso senhor	124
Sobre os Mistérios da vida da Santíssima Virgem	130
Estudos e leituras.	136
Síntese de Roma	139
Correspondência	140
Retiro	142
Excursão a Subiaco	146
O meu diaconado	149
Fim do ano lectivo: Concursos - exames	154
IV Ano lectivo: Roma, 1868 - 1869	155
Preparação do Concílio	155
Viagem	155
Lião	155
Chambéry	157
Turim	157
Loreto	159
Estadia dos meus pais em Roma	160
Ordenação e primeiras missas	160
As minhas primeiras Missas	162
Nápoles	163
Pompeia	164

Castellammare - Sorrento	167
Pozzuoli - Cuma - Báia	167
Pagani	170
Nápoles	170
Roma	172
Os Teólogos do Concílio	172
Os Estenógrafos	173
O Direito Canónico	176
O Jubileu sacerdotal de Pio IX	177
O projecto duma obra de estudo.	177
Estudos e leituras	184
Doença	187
Primícias	188
Normandia	192
Ministério	195
Fim das férias	199
Regresso a Roma por Paris	201
Apêndice	202
Cartas do senhor Bretenières:	202
Índice	204